

Dois Anos de Férias

Julio Verne

Júlio Verne
DOIS ANOS DE FÉRIAS

Título original: *Deux Ans de Vacances* (1888)

Tradução: José Fernandes Costa (1848-1920)

2013 © Centaur Editions

centaur.editions@gmail.com

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE — A ESCUNA PERDIDA

[CAPÍTULO I](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[CAPÍTULO IX](#)

[CAPÍTULO X](#)

[CAPÍTULO XI](#)

[CAPÍTULO XII](#)

[CAPÍTULO XIII](#)

[CAPÍTULO XIV](#)

[CAPÍTULO XV](#)

SEGUNDA PARTE — A COLÓNIA INFANTIL

[CAPÍTULO I](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[CAPÍTULO IX](#)

[CAPÍTULO X](#)

[CAPÍTULO XI](#)

[CAPÍTULO XII](#)

[CAPÍTULO XIII](#)

[CAPÍTULO XIV](#)

[CAPÍTULO XV](#)

PRIMEIRA PARTE — A ESCUNA PERDIDA

Capítulo I

Durante a noite de 9 de março de 1860, as nuvens, confundindo-se com o mar, limitavam a poucas braças o alcance de vista. Nesse mar agitado, cujas vagas rebentavam projetando clarões lívidos, corria quase que em mastreação seca um ligeiro barquito.

Era um iate de cem toneladas — uma escuna, nome que se dá às galeotas na Inglaterra e na América. Essa escuna chamava-se Sloughi, e debalde se tentaria ler tal nome nos alforges da popa, pois um acidente qualquer — golpe de mar ou algum abalroamento — tinha-o arrancado quase todo com parte das mesas reais.

Eram onze horas da noite. Debaixo dessa latitude, no começo do mês de março, as noites são ainda curtas. Os primeiros alvares do dia só deviam aparecer por volta das cinco horas da manhã. Mas os perigos que ameaçavam o Sloughi seriam menores quando o Sol iluminasse o espaço? A frágil embarcação não ficaria sempre à mercê das ondas? Com certeza; e a inquietação da mareta, a calmaria do vento eram as únicas coisas que a podiam salvar do mais horrível naufrágio — o que se dá em pleno oceano, longe de toda e qualquer praia sobre a qual os sobreviventes achariam a salvação!

Na ré do Sloughi, três rapazes, um deles de catorze anos e os outros dois de treze, e com eles um grumete que teria quando muito doze, preto, estavam postados na roda do leme. Aí, empregavam toda a força que tinham para obstar às guinadas que ameaçavam atravessar o iate. Dura tarefa, porque a roda, girando contra vontade deles, podia perfeitamente atirá-los por cima da borda. E mesmo, um pouco antes da meia-noite, caiu uma tal força de mar sobre o costado do iate, que foi puro milagre ele não perder o leme.

Os pequenos, que haviam sido derrubados com o choque, levantaram-se logo em seguida.

— Dá governo, Briant? — perguntou um deles.

— Dá, sim, Gordon — respondeu Briant, que tinha tomado novamente o seu lugar, sem perder um instante o sangue-frio. Depois, dirigindo-se ao terceiro: — Segura-te com força, Doniphan — acrescentou ele —, e não percas a coragem!... Não somos só nós, há mais gente a salvar!

Estas poucas frases tinham sido pronunciadas em inglês, embora em Briant a acentuação denotasse origem francesa.

Depois, este, voltando-se para o grumete:

— Não estás ferido, Moko? — perguntou ele.

— Não, Sr. Briant — respondeu o grumete. — O que é preciso, sobretudo, é conservar o iate apreado contra as vagas, quando não arriscamo-nos a ir a pique!

Nesse momento, uma das escotilhas, que conduzia à coberta da escuna, abriu-se com vivacidade. Apareceram ao nível da tolda duas cabecitas, e ao mesmo tempo que estas o focinho de um cão, cujos

ladridos se fizeram ouvir.

— Briant?... Briant? — perguntou uma criança de nove anos. — Que há de novo?

— Nada, Iverson, nada! — replicou Briant. — Vê lá se te metes já para dentro com Dole... e quanto antes

— É porque estamos com muito medo! — acrescentou o segundo pequeno, que era um pouco mais novo.

— E os outros?... — perguntou Doniphan.

— Os outros também! — respondeu Dole.

— Vá, metam-se todos para dentro, já disse! — ordenou Briant. — Agasalhem-se, metam-se debaixo dos lençóis, fechem os olhos, e verão que já não têm medo! Não há perigo nenhum!

— Cuidado!... Lá vem outra onda! — avisou Moko.

Sentiu-se um choque violento na proa do iate. Desta vez, o mar não embarcou — felizmente, porque, se a água tivesse penetrado no interior pela escotilha aberta, o iate, muito carregado com ela, não teria podido decerto galgar a onda.

— Vá tudo para dentro! — mandou Gordon. — Tudo para dentro... ou se não têm de se haver comigo!

— Vá lá, recolham-se, pequenos! — acrescentou Briant, falando-lhes em tom mais amigável.

As duas cabeças desapareceram no momento em que outro rapaz, que acabava de se mostrar, dizia:

— Não precisas de nós, Briant?

— Não, Baxter — respondeu Briant. — Cross, Webb, Service, Wilcox e tu fiquem com os pequenos!... Nós quatro cá nos arranjamos!

Baxter fechou a escotilha pelo lado de dentro.

— Os outros também têm medo! — tinha dito Dole.

Mas então não havia senão crianças a bordo daquela escuna, levada pela tempestade?

Sim, não havia lá senão crianças! E quantas estavam a bordo?

Quinze, contando Gordon, Briant, Doniphan e o grumete.

Em que circunstâncias tinham eles embarcado?

Saber-se-á dentro em pouco.

E nem um homem no iate! Nem um capitão para comandá-lo? Nem um marinheiro para ajudar à manobra? Nem um timoneiro para o governo no meio daquela tempestade?

Não!... Nem um!

Assim, ninguém a bordo poderia dizer qual era a posição exata do Sloughi sobre aquele oceano!... E que oceano? O mais vasto de todos! O Pacífico, que se dilata por duas mil léguas de largura, desde as terras da Austrália e da Nova Zelândia até ao litoral da América do Sul.

Que tinha sucedido? Tinha a equipagem da escuna desaparecido em qualquer catástrofe? Tinham-na levado os piratas da Malásia, não deixando a bordo senão passageiros crianças, entregues a si mesmos, e dos quais o mais velho contava catorze anos apenas? Um iate de cem toneladas exige, pelo menos, um

capitão, um mestre, cinco ou seis homens, e desse pessoal, indispensável para o manobrar, não restava senão o grumete?... Finalmente, de onde vinha aquela escuna, de que paragens, australianas, ou de que arquipélagos da Oceânia, e desde quanto tempo e para que destino? A estas perguntas, que todo o capitão teria feito se tivesse encontrado o Sloughi naqueles mares remotos, aquelas crianças teriam sem dúvida podido responder; mas não havia nenhum navio à vista, nem desses transatlânticos cujos itinerários se cruzam sobre os mares oceânicos, nem desses navios de comércio, a vapor ou à vela, que a Europa ou a América enviam às centenas para os portos do Pacífico. E, devemos dizê-lo, mesmo quando um desses navios, tão poderosos pela sua máquina ou pelo seu velame, se tivesse encontrado nessas paragens, inteiramente ocupado a lutar contra a tempestade, não teria podido socorrer o iate que o mar jogava como uma palhinha!

Entretanto, Briant e os seus camaradas cuidavam o melhor que podiam em que a escuna não guinasse a uma banda ou a outra.

— Que se há de fazer?... — disse então Doniphan.

— Tudo o que for possível para nos salvar, com a ajuda de Deus! — respondeu Briant.

Dizia isto, o pobre rapaz, e as circunstâncias eram tais que o homem mais enérgico em tal caso dificilmente poderia conservar a mínima esperança!

Efetivamente, a tempestade redobrava de violência. O vento soprava ponteiro, em rajadas tempestuosas e curtas, como raios.

Para mais risco ainda, havia já quarenta e oito horas que a escuna estava meio desamparada, com o mastro grande partido a quatro pés acima da carlinga; nem se lhe podia largar uma vela de capa, que permitiria governá-la com mais alguma segurança. O mastro de traquete, sem o seu mastaréu, resistia bem, mas devia prever-se o momento em que, abandonado das suas enxárcias, cairia sobre a tolda. Na proa, os farrapos da vela de estai estalavam com detonações comparáveis às de uma arma de fogo. Todo o velame se reduzia ao simples traquete ameaçando esfarrapar-se, pois os rapazitos não tinham sido capazes de rizá-lo para lhe diminuïrem a superfície. Se isso viesse a suceder, não seria possível manter-se a escuna mais tempo na linha do vento, as ondas apanhá-la-iam de costado, fazendo-a adernar e metendo-a a pique, desaparecendo os seus passageiros com ela no abismo.

E até então nem uma ilha se tinha assinalado ao largo, nem um continente havia aparecido a leste! Arribar à costa é uma eventualidade terrível, e, apesar disso, aquelas crianças não a teriam temido tanto como os furores desse mar interminável. Um litoral, qualquer que fosse, com os seus recifes, os seus baixos, os seus cachopos, o formidável marulho que o assalta, a ressaca com que as suas rochas são incessantemente batidas, esse litoral, supunham eles, teria sido a sua salvação, teria sido a terra firme, em vez daquele oceano, pronto sempre a entreabrir-se debaixo dos seus pés!

Por isso procuravam com ânsia ver se avistavam qualquer fogacho em direção ao qual aproassem... Nenhum clarão se divisava no meio daquela profunda noite!

De repente, pela uma hora da manhã, um horrível estrépito dominou o sibilar das rajadas.

— Quebrou-se o mastro de traquete!... — exclamou Doniphan.

— Não foi! — esclareceu o grumete. — Foi a vela que se arrancou da tralha!

— É preciso livrarmo-nos dela — disse Briant. — Gordon, fica ao leme com Doniphan, e tu, Moko, vem ajudar-me!

Se Moko, na sua qualidade de grumete, devia ter alguns conhecimentos náuticos, Briant não era absolutamente desprovido deles. Por já ter atravessado o Atlântico e o Pacífico, quando tinha ido da Europa para a Oceânia, havia-se familiarizado um pouco com as manobras de bordo. Isto explica porque os outros rapazitos, que disso nada entendiam, se julgaram na obrigação de confiar a Moko e a ele o encargo de dirigir a escuna.

Num instante, Briant e o grumete dirigiram-se afoitamente para a proa do iate. Para evitar que este adernasse, era preciso a todo o custo aliviá-lo imediatamente da ação do vento, arriando o traquete, que fazia fole na parte inferior e obrigava o navio a inclinar-se a ponto de ele correr o risco de soçobrar. Podia ainda ser preciso cortar o mastro de traquete pelo pé, depois de lhe ter partido os ovéns metálicos; e como é que umas crianças chegariam a consegui-lo?

Nestas condições, Briant e Moko deram mostras de uma destreza notável. Bem resolvidos a conservar o mais pano que lhes fosse possível, a fim de manterem o Sloughi de popa ao vento e ao mar enquanto durasse a borrasca, isto é, a fim de correrem com o tempo, conseguiram arriar a adriça da verga, a qual desceu até uns cinco ou seis pés acima da tolda. Os farrapos do traquete foram arrancados à face, os punhos inferiores, apanhados por dois amarrilhos, foram presos a cavilhas na amurada, não sem que os dois intrépidos rapazes tivessem estado por vinte vezes em risco de serem engolidos pelas ondas.

Com o velame assim extremamente reduzido, a escuna pôde manter-se na direção que seguia havia já tanto tempo. Bastava-lhe o casco para dar bastante presa ao vento e ela correr com a velocidade de um torpedeiro. O que importava, sobretudo, era furtar-se às vagas, fugindo mais rapidamente do que elas, a fim de não receber por cima da borda alguma onda que lhe varresse a tolda.

Feito isto, Briant e Moko voltaram para junto de Gordon e de Doniphan, para os ajudarem na manobra do leme.

Neste momento abriu-se pela segunda vez a escotilha. Saiu por ela uma cabecita de criança. Era Jaime, irmão de Briant, três anos mais novo do que este.

— Que queres tu, Jaime? — perguntou-lhe o irmão.

— Vem cá!... vem cá!... — respondeu Jaime. — A água chega à cobertura!

— Pode lá ser? — exclamou Briant.

E, precipitando-se para a escotilha, desceu a toda a pressa.

Estava a cobertura confusamente iluminada por uma lâmpada que o balanço agitava com violência. Ao clarão dela podiam ver-se umas dez crianças estendidas pelas bancadas ou deitadas nas macas do Sloughi. Os mais pequenos — havia-os de oito a nove anos —, apertados uns contra os outros, estavam verdadeiramente cheios de pavor.

— Não há perigo! — garantiu-lhes Briant, que pensou logo em serená-los. — Estamos nós aqui!... Não tenham medo!

Depois, percorrendo com um archote aceso o solho da coberta, verificou que uma certa quantidade de água corria de uma banda à outra do iate.

De onde provinha aquela água? Teria penetrado por alguma fenda no forro do casco?

Eis o que era preciso reconhecer.

Na coberta, para a banda da popa, havia a câmara do comandante, em seguida a esta o refeitório e depois o posto da equipagem.

Briant atravessou estes diversos compartimentos e observou que a água não penetrava nem por cima nem por baixo da linha de flutuação. Essa água, que corria toda à popa nas submersões desta, provinha apenas da que a escuna metia em si a cada focinhada da proa, e da qual, pela escotilha mal fechada, tinha corrido alguma para o interior. Portanto, nenhum perigo havia por esse lado.

Briant tranquilizou os camaradas quando de novo atravessou pelo meio deles e, um pouco menos inquieto, voltou a tomar o seu lugar ao leme. A escuna, solidamente construída, querenada de novo com um bom forro de cobre, não fazia água e devia estar em circunstâncias de resistir às pancadas do mar.

Era então uma hora da manhã. No meio da noite, mais escurecida ainda pela grossura das nuvens, desencadeava-se a tempestade furiosamente. O iate navegava como se todo ele fosse mergulhado num meio líquido. Rasgavam os ares os gritos agudos das procelárias. Poder-se-ia concluir da sua aparição que a terra estivesse próxima? Não, porque frequentemente se encontram a muitas centenas de léguas das costas. Demais, impotentes para lutarem contra a corrente aérea, essas aves das tempestades seguiam-na como o fazia a escuna, à qual nenhuma força humana seria capaz de quebrar a velocidade.

Uma hora depois, ouviu-se novo estrépito a bordo. Acabava de se fazer em bocados o resto do traquete que escapara e espalharam-se pelos ares pedaços de lona, semelhantes a gaiivotas enormes.

— Já não temos vela — exclamou Doniphan — e é impossível largar outra!

— Que importa! — respondeu Briant. — Podes ter a certeza de que não andaremos por isso menos depressa!

— Boa resposta! — replicou Doniphan. — Se é esse o teu modo de manobrar...

— Cuidado com o mar que temos pela popa! — recomendou Moko.

— É bom amarrarmo-nos com força, para não sermos levados por ele...

Ainda mal o grumete tinha acabado a sua advertência e já estavam emborcadas na escuna umas poucas de toneladas de água por cima da borda. Briant, Doniphan e Gordon foram atirados contra a amurada, à qual conseguiram agarrar-se. Mas o grumete tinha desaparecido no meio da onda que alagou o Sloughi de popa à proa e levou uma parte dos sobresselentes, os dois escaleres e canoa, embora tivesse havido o cuidado de os recolher no interior, muitos paus para a guindola, assim como a bitácula da agulha.

Todavia, como a força da água foi tanta que abriu os portalós, escoou-se ela facilmente e com

rapidez, o que salvou o iate do perigo de soçobrar debaixo daquela enorme sobrecarga.

— Moko!... Moko!... — tinha gritado Briant, logo que se viu em estado de falar.

— Talvez tenha sido arremessado ao mar!... — sugeriu Doniphan.

— Não!... Não se vê... não se ouve! — disse Gordon, que acabava de se debruçar na borda.

— É preciso salvá-lo... Atirar-lhe uma boia... um cabo! — gritou Briant.

E, com uma voz que ressoou com força durante alguns segundos de quietação, exclamou de novo:

— Moko!... Moko!...

— Acudam-me!... Acudam-me... — respondeu o grumete.

— Não está no mar — afirmou Gordon. — A voz dele vem do lado da proa!...

— Vou salvá-lo! — declarou com fogo Briant.

E ei-lo que principia a correr de rastos a tolda, evitando conforme lhe era possível o choque do polcame a balouçar-se dos cabos, garantindo-se das quedas que o balanço tornava quase Inevitáveis no chão escorregadio.

A voz do grumete atravessou ainda mais uma vez o espaço. Depois tudo se calou.

Entretanto, à custa dos maiores esforços, Briant tinha chegado a alcançar o gurupés.

Chamou...

Nenhuma resposta.

Moko teria sido arrebatado por algum novo golpe de mar depois de ter soltado o seu último grito? Nesse caso o infeliz rapaz devia estar longe, agora, bem longe, por que a mareta não podia transportá-lo com uma velocidade igual à da escuna.

E, então, estava perdido...

Não! Um grito mais fraco chegou até Briant, que se precipitou para avante da abita onde fica a trempe do gurupés. Aí, as suas mãos encontraram um corpo que se debatia...

Era o grumete, entalado no ângulo que formavam os patarrases do gurupés, no ponto em que amarram ao costado. Uma adriça, que os seus esforços tornavam de cada vez mais intensa, apertava-o pelo pescoço. Depois de ter sido amparado por essa adriça, no momento em que a onda enorme o ia tragar, iria agora morrer por estrangulamento?

Briant pegou na faca e a muito custo conseguiu cortar o cabo que estrangulava o grumete.

Moko foi desse modo salvo e, logo que recuperou forças para falar, agradeceu:

— Obrigado, Sr. Briant, obrigado!

Daí a pouco retomou o seu lugar ao leme, e todos quatro se amarraram, a fim de resistir às vagas enormes que se levantavam a barlavento do Sloughi.

Contrariamente ao que tinha suposto Briant, a velocidade do iate tinha diminuído um pouco com a desapareição do resto do traquete — o que constituía um perigo novo. Com efeito, as ondas, correndo mais depressa do que ele, podiam assaltá-lo pela popa e alagá-lo. Mas que fazer? Era totalmente impossível largar o mínimo bocado de vela.

No hemisfério austral, o mês de março corresponde ao mês de setembro do hemisfério boreal, e as noites têm apenas uma duração média. Ora, como eram proximamente quatro horas da manhã, o horizonte não devia tardar a branquejar-se a leste, isto é, por cima da parte do oceano para onde a tempestade impelia o Sloughi. Talvez com o nascer do dia a borrasca perdesse parte da sua violência! Talvez, também, a terra estivesse à vista, e talvez a sorte daquela equipagem de crianças estivesse para se decidir em alguns minutos! Ver-se-ia isso quando a alvorada tingisse os longes do céu.

Pelas quatro horas e meia, alguns clarões difusos se estenderam até ao zénite. Por infelicidade as brumas limitavam ainda o raio visual a menos de um quarto de milha. Via-se que as nuvens passavam com uma velocidade espantosa. O furacão não tinha perdido nada da sua força, e, ao largo, o mar desaparecia sob a espuma de uma rebentação. A escuna, ora levantada sobre a crista de uma vaga, ora precipitada no fundo de um abismo, teria soçobrado vinte vezes se de alguma se atravessasse.

Os quatro rapazes olhavam para esse caos de ondas desenfreadas. Percebiam bem que, se a borrasca tardasse a acalmar-se, a sua situação seria desesperada. Nunca o Sloughi resistiria vinte e quatro horas mais aos golpes de mar, que acabariam por desfazê-lo.

Foi então que Moko exclamou:

— Terra!... Terra!...

Por entre uma clareira das brumas, o grumete julgava ter distinguido os contornos de uma costa para leste. Não se enganava ele? Nada mais difícil de reconhecer do que esses vagos lineamentos que tão facilmente se confundem com volutas de nuvens.

— Terra?... — tinha perguntado Briant.

— Sim... — repetiu Moko. — Terra... a leste!

E indicava um ponto do horizonte agora oculto pela massa do nevoeiro.

— Estás certo disso?... — Insistiu Doniphan.

— Sim!... sim!... certíssimo!... — respondeu o grumete. — Se o nevoeiro tornar a abrir, olhem bem... para ali... um pouco à direita do mastro de traquete... Lá está!... Lá está!...

As brumas, que acabavam de entreabrir-se, principiavam a separar-se do mar para subirem para mais elevadas zonas. Alguns instantes depois, o oceano tornou a aparecer no espaço de muitas milhas pela frente do iate.

— Sim!... Terra!... É terra!... — exclamou Briant.

— E terra muito baixa! — acrescentou Gordon, que acabava de observar mais atentamente o litoral designado.

Desta vez, não havia que duvidar. Terra, continente ou ilha, se desenhava a cinco ou seis milhas num largo segmento do horizonte. Com a direção que seguia e de que o temporal lhe não permitia afastar-se, o Sloughi não podia deixar de ser arremessado sobre ela em menos de uma hora. Era para temer que ele fosse ali despedaçar-se, sobretudo encontrando recifes que o detivessem antes de alcançar a terra franca. Mas os rapazes nem nisso pensavam. Naquela terra, que se apresentava inopinadamente aos seus olhos,

não viam, não podiam ver senão a salvação.

Nesse instante, recomeçou o vento a soprar com mais furor.

O Sloughi, levado como uma pena, precipitou-se para a costa, que se recortava com a nitidez de um traço a tinta sobre o fundo esbranquiçado do céu. No segundo plano destacava-se uma penedia, cuja elevação não devia exceder cento e cinquenta a duzentos pés. Adiante estendia-se um areal amarelado, servindo-lhe de moldura, à direita, massas arredondadas que pareciam pertencer a uma floresta do interior.

Ah! se o Sloughi pudesse alcançar aquela praia areenta sem encontrar um banco de recifes, se a foz de um rio lhe oferecesse refúgio, talvez aqueles jovens passageiros escapassem sãos e salvos!

Enquanto Doniphan, Gordon e Moko se conservavam à roda do leme, Briant fora colocar-se à proa e olhava a terra, que se aproximava a olhos vistos, de tal modo era considerável a velocidade. Mas em vão procurava ele qualquer ponto onde o iate pudesse acostar em condições mais favoráveis. Não se via nem uma embocadura de rio ou de regato, nem mesmo uma tira de areia sobre a qual teria sido possível encalhar de um só impulso. Efetivamente, para aquém da praia estendia-se uma linha de recifes, cujos cabeços negros emergiam das ondulações da arrebentação, e que eram batidos incessantemente por uma ressaca monstruosa. Ali, aos primeiros choques, o Sloughi seria feito em pedaços.

Briant lembrou-se então de que mais valia ter todos os seus camaradas na tolda, no momento em que se desse o encalhe; e, abrindo a escotilha, gritou:

— Para cima, todos!

O primeiro a subir foi o cão, seguido logo por uns dez rapazes, que se dirigiram para a popa do iate. Os mais pequenos, à vista das ondas que o baixio tornava mais temíveis, soltaram gritos de espanto...

Um pouco antes das seis horas da manhã, o Sloughi tinha chegado à proximidade do banco.

— Segurem-se bem!... Segurem-se bem! — recomendou Briant.

E, tendo despido parte da sua roupa, pôs-se pronto para socorrer aqueles que a ressaca levasse, porque, com toda a probabilidade, o iate ia ser atirado para cima dos recifes.

De súbito, fez-se sentir um primeiro abalo. O Sloughi acabava de ser açoutado pela popa; mas, embora todo o casco gemesse, a água não conseguiu romper-lhe o costado.

Erguido por segunda vaga, esta atirou-o uns cinquenta metros para diante, sem mesmo o ter feito aflorar as rochas, cujas pontas se descobriam em mil partes. Depois, inclinado a bombordo, ficou imóvel no meio dos fervores da ressaca.

Se não estava já em pleno mar, estava ainda a um quarto de milha da praia.

Capítulo II

Neste momento, o espaço, desembaraçado da sua cortina de brumas, permitia que a vista se dilatasse por um vasto raio em torno da escuna. As nuvens corriam sempre com extrema rapidez, e a borrasca ainda nada havia perdido do seu furor. Contudo, talvez fossem esses os últimos golpes com que ela feria aquelas paragens desconhecidas do oceano Pacífico.

Era de esperar, porque a situação oferecia tantos perigos como durante a noite, em que o Sloughi se debatia contra as violências do mar largo. Reunidos uns perto dos outros, aqueles rapazitos deviam imaginar-se perdidos quando alguma vaga rebentava por cima das trincheiras e os cobria de espuma. Os choques eram rudes, sem a escuna lhes poder fugir. Contudo, se a cada embate estremecia até ao cavername, não parecia que se lhe tivesse desunido qualquer parte do forro ou do cintado, nem quando galgou o pontalete dos recifes, nem no momento em que, por assim dizer, se foi encaixar entre os cabeços das rochas. Briant e Gordon, depois de terem descido à coberta e ao porão, tinham verificado que a água não penetrava no Interior do barco por nenhum lado.

Tranquilizaram, pois, o melhor que puderam, os seus camaradas — principalmente os pequenos.

— Não tenham medo!... — repetiu muitas vezes Briant. — O iate é sólido!... A costa não está longe!...

É esperar mais algum tempo e havemos de alcançar a praia!

— E porque é preciso esperar?... — perguntou Doniphan.

— Sim... porquê?... — interrogou, por sua vez, outro rapaz, de uma dúzia de anos, chamado Wilcox.

— Doniphan tem razão... Porque é preciso esperar?

— Porque o mar está muito grosso ainda e atira-nos para cima das rochas! — explicou Briant.

— E se o iate se despedaçar? — insistiu outro rapaz, chamado Webb, que era aproximadamente da mesma idade que Wilcox.

— Não creio que haja a temer isso — respondeu Briant —, pelo menos enquanto a maré baixar. Quando ela se tiver afastado, tanto quanto o permitir o vento, trataremos de nos salvar!

Briant tinha razão. Ainda que as marés sejam relativamente pouco consideráveis no oceano Pacífico, podem contudo produzir uma diferença de nível bastante importante entre as preia-mares e as baixas-mares. Haveria, portanto, vantagens em esperar algumas horas, sobretudo se o vento viesse a abrandar. Talvez a vazante pusesse a seco uma parte do banco de recifes. Seria menos perigoso então deixar a escuna e mais fácil transpor o quarto de milha que a separava da praia.

No entanto, apesar de ser tão razoável o conselho, Doniphan e mais dois ou três não se mostravam dispostos a segui-lo. Formaram um grupo à proa e conversaram em voz baixa. O que se mostrava claramente já é que Doniphan, Wilcox, Webb e outro rapaz, chamado Cross, não mostravam boas disposições para se entenderem com Briant. Durante a longa travessia do Sloughi, se tinham consentido

em obedecer-lhe, era porque Briant, como dissemos, tinha alguma prática de navegação. Mas tinham conservado sempre o seu pensamento reservado de retomarem a liberdade de ação logo que se vissem em terra — principalmente Doniphan, que, quanto a instrução e inteligência, se julgava superior a Briant, bem como a todos os seus camaradas.

Demais, o ciúme de Doniphan para com Briant datava já de longe e, pelo facto mesmo de este ser francês, os moços ingleses deviam ser pouco propensos a suportarem a sua preponderância.

Era, pois, de recear que semelhantes disposições aumentassem a gravidade de uma situação tão inquietante.

Entretanto, Doniphan, Wilcox, Cross e Webb olhavam para aquela toalha de espuma, semeada de redemoinhos, cortada por correntes diversas, que parecia perigosíssima de atravessar. O mais hábil nadador não teria resistido à ressaca da maré vazante, que o vento batia de revés. Era, pois, mais que justificado o conselho de esperar algumas horas. Foi preciso que Doniphan e os seus camaradas se rendessem à evidência e, finalmente, voltaram para a popa, onde estavam os mais novos.

Briant estava então dizendo a Gordon e a alguns dos que o rodeavam:

— Sobretudo, não nos separemos!... Conservemo-nos juntos, ou estamos perdidos!...

— Tu queres dar-nos leis? — exclamou Doniphan, que acabava de ouvi-lo.

— Eu não quero nada — retorquiu-lhe Briant —, a não ser que trabalhemos unidos e de acordo para a salvação de todos!

— Briant tem razão! — afirmou Gordon, rapaz frio e sério, que nunca falava sem ter refletido bem.

— Sim!... sim!... — exclamaram dois ou três dos mais pequenos, a quem um instinto secreto aconselhava a aproximarem-se de Briant.

Doniphan não replicou; mas os seus camaradas e ele persistiram em se conservar afastados, enquanto esperavam a ocasião de se proceder ao salvamento.

E, agora, que terra era aquela? Pertencia a uma das ilhas do oceano Pacífico ou a qualquer continente? Essa questão não podia ser resolvida, visto o Sloughi estar muito perto do litoral, de modo que não era permitido observar este num perímetro suficiente. A sua concavidade, formando uma ampla baía, terminava por dois promontórios, um bastante elevado e cortado a pique do lado do norte, o outro aguçado em ponta para o sul. Mas, para além desses dois cabos, o mar arredondar-se-ia de maneira a banhar os contornos de uma ilha? Eis o que Briant tentou debalde reconhecer empregando um dos óculos de bordo.

Efetivamente, no caso em que aquela terra fosse uma ilha, como se conseguiria sair dela, se fosse impossível desencahar a escuna, que a maré alta não tardaria a despedaçar, arrastando-a para cima dos recifes? E se essa ilha fosse deserta — como há muitas nos mares do Pacífico — como é que essas crianças, reduzidas aos seus próprios recursos, não tendo para se sustentar senão as provisões que pudessem salvar do iate, haviam de ocorrer às necessidades da existência?

Num continente, pelo contrário, as possibilidades de salvação teriam aumentado de modo notável,

pois que esse continente não teria podido ser senão o da América do Sul. Aí, através dos territórios do Chile ou da Bolívia, achar-se-ia auxílio, senão imediatamente, pelo menos alguns dias depois de se ter posto pé em terra. É verdade que, neste litoral vizinho dos Pampas, havia a recear um grande número de maus encontros. Mas, nesse momento, do que se tratava era de alcançar a terra.

O tempo estava bastante claro e deixava-lhe ver todos os pormenores. Distinguia-se nitidamente o primeiro plano da praia, a penedia que a emoldurava pela retaguarda, assim como os maciços de árvores agrupadas na sua base. Briant assinalou mesmo a embocadura de um rio à direita da praia.

Em suma, se o aspeto dessa costa se não podia chamar bastante atraente, a cortina de verdura indicava uma certa fertilidade, comparável à das zonas de latitude média. Sem dúvida, para lá da terra escarpada, ao abrigo dos ventos do largo, a vegetação, encontrando um solo mais favorável, devia desenvolver-se com algum proveito.

Quanto a ser habitada, não parecia que essa parte da costa o fosse. Não se via ali sinal de casa ou de cabana, nem mesmo na foz do rio. Talvez que os indígenas, se lá os havia, residissem de preferência no interior do país, onde estavam menos expostos aos ataques brutais dos ventos de oeste.

— Não noto o mínimo fumo! — disse Briant, abaixando o óculo.

— E não há nem uma embarcação na praia! — fez observar Moko.

— Como era possível havê-la, se não há porto?... — replicou Doniphan.

— Não é preciso para isso haver porto — retorquiu Gordon. — Barcos de pesca podem encontrar refúgio na entrada de um rio, e seria possível que a tempestade os tivesse obrigado a recolherem-se para o interior.

A observação de Gordon era acertada. Como quer que fosse, ou por uma razão ou por outra, não se descobriu nenhuma embarcação, e, na realidade, essa parte do litoral parecia ser absolutamente desprovida de habitantes. Seria ela habitável, no caso em que os jovens náufragos aí tivessem de persistir algumas semanas? Eis aquilo de que eles tinham que se preocupar principalmente.

Entretanto, a maré retirava-se a pouco e pouco — muito lentamente, é verdade, porque o vento do largo lhe fazia obstáculo, embora começasse a abrandar, infletindo-se para noroeste. Importava, pois, estarem prontos para o momento em que o banco de recifes oferecesse uma passagem praticável.

Eram perto de sete horas. Cada um tratou de trazer para a tolda do iate os objetos de primeira necessidade, reservando-se o recolher os outros quando o mar os arrojasse à costa.

Tanto os mais pequenos como os maiores meteram ombros a esse trabalho. Havia a bordo uma grande provisão de conservas, bolacha, carnes salgadas e de fumeiro. Fizeram-se fardos com essas provisões, destinados a serem repartidos pelos maiores, aos quais incumbiria o cuidado de os transportar para terra.

Mas, para que esse transporte se pudesse efetuar, era preciso que o banco de recifes se pusesse a enxuto. Sucederia isso na maré baixa, e o refluxo bastaria para descobrir as rochas até à praia?

Briant e Gordon aplicaram-se a observar cuidadosamente o mar. Com a modificação na direção do vento, a calma fazia-se sentir e os fervores da ressaca principiavam a serenar. Tornava-se pois fácil notar

o decrescimento das águas ao longo das pontas emergentes. E, demais, a escuna ressentia os efeitos desse decrescimento, descaindo de modo mais acentuado para bombordo. Era mesmo para recear, se a sua inclinação aumentasse, que ela se deitasse de flanco, porque era muito fina de formas, tendo as cavernas aprumadas e uma grande altura de quilha, como os iates de grande andamento. Neste caso, se a água lhe invadissem o convés antes de o poderem abandonar, a situação seria extremamente grave.

Como todos lastimavam agora que os escaleres tivessem sido levados durante a tempestade! Com aquelas embarcações, capazes de os conter a todos, Briant e os seus camaradas teriam podido desde a escuna tentar alcançar a costa. Depois, que facilidade para estabelecer uma comunicação entre o litoral e a escuna, para transportar tantos objetos úteis que seria preciso momentaneamente deixar a bordo!

E, na noite próxima, se o Sloughi se despedaçasse, para que serviriam os seus restos, quando a ressaca os tivesse arrastado através dos recifes? Poder-se-ia utilizá-los ainda? Não estariam absolutamente avariadas as provisões que sobrassem? Os pobres náufragos não se veriam em breve reduzidos apenas aos recursos que aquela terra lhes fornecesse?

Era uma circunstância bem desagradável não haver uma embarcação para operar o salvamento!

De repente, soltaram-se exclamações à proa. Baxter acabava de fazer uma descoberta que tinha a sua importância.

A pequena canoa da escuna, que se julgava perdida, encontrava-se engasgada entre os cabrestos do gurupés. É verdade que essa canoa apenas podia levar cinco a seis pessoas; mas, como estava intacta — o que se verificou logo que conseguiram içá-la para a tolda —, não seria impossível utilizá-la no caso em que o mar não consentisse transpor os recifes a pé enxuto. Convinha, portanto, esperar que a maré estivesse em baixa-mar completa, e, contudo, levantou-se a este respeito uma viva discussão, na qual Briant e Doniphan mais uma vez se pegaram de razões.

Efetivamente, Doniphan, Wilcox, Webb e Cross, depois de terem agarrado a canoa, preparavam-se para arriá-la para o mar, quando Briant se lhes chegou.

— Que pretendem fazer?... — perguntou ele.

— O que é da nossa vontade!... — respondeu Wilcox.

— Embarcar na canoa?...

— Exatamente — replicou Doniphan —, e não há de ser tu quem nos há de Impedir disso!

— Pois hei de ser eu — volveu Briant —, eu e todos aqueles a quem pretendes abandonar!...

— Abandonar?... Onde vês tu isso? — retorquiu Doniphan, com altivez. — Eu não quero abandonar ninguém, entendes tu?... Uma vez na praia, um de nós voltará a trazer a canoa...

— E se ela não puder voltar — exclamou Briant, que dificilmente se continha —, e se ela se despedaçar sobre estas rochas...

— Embarquemos!... Embarquemos! — respondeu Webb, que acabava de empurrar Briant.

Depois, ajudado por Wilcox e por Cross, levantou a embarcação a fim de descê-la para o mar.

Briant agarrou-a por um dos extremos.

— Não hão de embarcar! — disse ele.

— Isso é o que havemos de ver! —olveu Doniphan.

— Não hão de embarcar! — repetiu Briant, bem decidido a resistir, no interesse comum. — A canoa deve ser reservada primeiro para os mais pequenos, se ficar água suficiente na baixa-mar para se poder alcançar a praia...

— Deixa-nos sossegados! — exclamou Doniphan, a quem a cólera arrebatava. — Repito-te, Briant, não és tu quem nos há de impedir de fazer o que quisermos!

— E eu repito-te — bradou Briant — que não to hei de deixar fazer, Doniphan.

Os dois rapazes estavam quase a atirar-se um ao outro. Nesta briga, Wilcox, Webb e Cross iam naturalmente tomar partido por Doniphan, ao passo que Baxter, Service e Garnett se poriam do lado de Briant. Podiam, pois, resultar consequências deploráveis, quando Gordon interveio.

Gordon, o de mais idade e também o mais senhor de si, compreendendo bem o que um tal precedente teria de lastimoso, teve o bom senso de se interpor a favor de Briant.

— Vamos! vamos! — disse ele —, um bocado de paciência, Doniphan! Bem vês que o mar está muito grosso ainda, e que nos arriscávamos a perder a canoa.

— Não quero — exclamou Doniphan — que Briant nos dê leis assim como se acostumou a fazê-lo há algum tempo para cá!

— Não!... Não!... — apoiaram Cross e Webb.

— Eu não pretendo dar leis a ninguém — respondeu Briant —, mas também não deixarei que outrem as dê, quando se tratar do interesse de todos!

— Temos tanto cuidado nos mais novos como tu! — respondeu Doniphan. — E agora, que estamos em terra...

— Ainda não, infelizmente — tornou Gordon. — Doniphan, não teimes, e esperemos um momento favorável para empregar a canoa!

Muito a propósito, Gordon acabava de desempenhar o papel de moderador entre Doniphan e Briant — o que lhe tinha sucedido mais de uma vez já — e os seus camaradas renderam-se à sua observação.

A maré tinha então baixado dois pés. Existiria algum canal entre os recifes? Era isso que seria muito útil reconhecer.

Briant, pensando que poderia pôr-se melhor ao facto da posição das rochas observando-as do mastro de traquete, dirigiu-se para a proa do iate, agarrou-se aos ovéns de estibordo e, à força de pulso, subiu até aos vaus.

Através do banco de recifes, desenhava-se uma passagem cuja direcção era marcada pelas pontas que emergiam de cada lado, e que conviria seguir se se tentasse alcançar a praia embarcando na canoa. Mas, a essa hora, havia ainda muitos redemoinhos e turbilhões à superfície dos cachopos e não era possível aproveitar a passagem com êxito. Sem nenhuma dúvida, teria sido arremessada para cima de alguma ponta e aí se faria em pedaços num Instante. Assim, mais valia esperar, para o caso em que o retraimento

do mar deixasse uma passagem praticável.

Do alto dos vaus sobre os quais ele se tinha escarranchado, Briant pôs-se a tomar um conhecimento mais exato do litoral. Percorreu com o seu óculo ao longo da praia e até ao pé da penedia. A costa parecia ser absolutamente desabitada entre os dois promontórios, que uma distância de oito a nove milhas separava.

Depois de ter estado meia hora em observação, Briant desceu outra vez e veio dar conta aos seus camaradas do que tinha visto.

Se Doniphan, Wilcox, Webb e Cross afetaram ouvi-lo sem nada dizer, não aconteceu o mesmo a Gordon, que lhe perguntou:

— Quando o Sloughi encalhou, Briant, não eram pouco mais ou menos seis horas da manhã?

— Eram.

— E quanto tempo é preciso para haver baixa-mar?

— Cinco horas, creio. Não é verdade, Moko?

— Sim... de cinco para seis horas — respondeu o grumete.

— Será então lá para as onze horas — replicou Gordon —, o momento mais favorável para tentarmos alcançar a costa?...

— Foi isso que eu calculei — explicou Briant.

— Pois bem — observou Gordon —, ponhamo-nos prontos para esse momento, e comecemos por tomar algum alimento. Se nos virmos obrigados a deitar-nos à água, ao menos só o faremos passadas algumas horas depois da comida.

Bom conselho, que devia provir naturalmente desse prudente rapaz.

Tratou-se logo do primeiro almoço, composto de conservas e de bolacha. Briant teve o cuidado de tratar particularmente dos mais pequenos. Jenkins, Iverson, Dole, Costar, com a imprevidência natural na sua idade, começaram a tranquilizar-se e teriam talvez comido sem nenhuma reserva, pois, por assim dizer, havia vinte e quatro horas que nada tomavam. Mas tudo correu bem, e algumas gotas de brandy, destemperadas com uma pouca de água, forneceram uma bebida reparadora.

Feito isto, Briant voltou para a proa da escuna e daí pôs-se de novo a observar os recifes.

Com que lentidão se efetuava a descida da maré! Era manifesto, entretanto, que o nível do mar baixava, pois que se acentuava a inclinação do iate. Moko, tendo lançado à água uma sonda, reconheceu que ainda havia pelo menos oito pés de água sobre o banco. Ora, poder-se-ia esperar que esta ainda descesse tanto que o deixasse enxuto?

Moko não o supunha e julgou devê-lo dizer a Briant, em segredo, para não assustar ninguém.

Briant foi então falar com Gordon a esse respeito.

Ambos compreendiam bem que o vento, apesar de ter voltado um pouco ao norte, Impedia que o mar baixasse tanto quanto o teria feito com tempo calmo.

— Que partido se há de tomar? — inquiriu Gordon.

— Não sei!... não sei!... — respondeu Briant. — E que infelicidade não saber e sermos apenas umas crianças, quando era preciso sermos homens!

— A necessidade nos há de ensinar! — replicou Gordon. — Não desesperemos, Briant, e procedamos com prudência!...

— Sim, façamos alguma coisa, Gordon! Se não tivermos abandonado o Sloughi antes de a maré começar a encher, se temos ainda de ficar uma noite a bordo, estamos perdidos...

— Isso é mais do que evidente, porque o iate será feito em bocados! Por isso devemos a essa hora tê-lo deixado a todo o custo...

— Sim, a todo o custo, Gordon!

— Não te parece que não seria fora de propósito construir uma espécie de jangada, ou um vaivém!

— Já tinha pensado nisso — respondeu Briant. — Por infelicidade, quase todos os sobresselentes foram levados pelo temporal. Para fazer a jangada são precisas tantas coisas, que já não há tempo! Resta, portanto, a canoa, da qual nos não podemos servir, porque o mar está muito forte! Não! O que se poderia tentar seria levar um cabo através do banco de recifes e amarrá-lo pelo extremo à ponta de uma rocha. Talvez então nos conseguíssemos alar até perto da praia.

— E quem irá levar esse cabo?

— Eu — respondeu Briant.

— Eu irei ajudar-te!... — disse Gordon.

— Não, eu vou só!... — replicou Briant.

— Serves-te da canoa?

— Isso seria arriscarmo-nos a perdê-la, Gordon, e mais vale conservá-la como último recurso!

Contudo, antes de pôr em execução esse perigoso projeto, Briant quis tomar uma precaução útil, a fim de prevenir todas as eventualidades.

Havia a bordo alguns cintos de salvação, com os quais ele obrigou os pequenos a munirem-se imediatamente. No caso em que tivessem de deixar o iate, quando a água fosse tão profunda ainda que não encontrassem pé, esses aparelhos sustê-los-iam, e os maiores haviam de procurar então impeli-los para a praia, alando-se eles mesmos pelo rabo.

Eram então dez horas e um quarto.

Antes de quarenta e cinco minutos, a maré teria atingido a sua mais baixa depressão; na roda da proa do Sloughi não se contavam já senão uns quatro a cinco pés de água, mas não parecia que o mar tivesse de descer dessa conta mais do que algumas polegadas. A umas sessenta jardas o fundo, em verdade, subia sensivelmente — o que se podia reconhecer pela cor denegrida da água e pelas numerosas pontas de rocha que emergiam ao longo da praia. A dificuldade estava, pois, em transpor as profundidades que o mar acusava à proa do iate.

Todavia, se Briant conseguisse passar um cabo nesta direção, e fixá-lo solidamente a uma das rochas, esse cabo, logo que fosse repuxado de bordo por meio do cabrestante, permitiria alcançar qualquer ponto

onde se tivesse pé. E, mais ainda, fazendo-os escorregar por esse cabo, os fardos contendo as provisões e os utensílios indispensáveis chegariam a terra sem dano.

Por muito perigosa que pudesse ser a sua tentativa, Briant não consentiria em deixar a ninguém o encargo de substituí-lo, e tomou as suas disposições nessa conformidade.

Havia a bordo alguns desses cabos, de uns cem pés de comprido, que se empregavam como espias para amarrações ou reboques. Briant escolheu um de grossura média, que lhe pareceu conveniente, e do qual amarrou a ponta à sua cintura, depois de se ter despido.

— Vamos, os outros todos — gritou Gordon —, fiquem aí para arriarem o cabo!... Venham para a proa!

Doniphan, Wilcox, Cross e Webb não podiam recusar o seu concurso a uma operação cuja importância compreendiam. Por isso, quaisquer que fossem as suas disposições, prepararam-se para desenrolar o cabo, que seria necessário ir cedendo e aliviando a pouco e pouco para poupar as forças de Briant.

No momento em que este descia para o mar, o irmão dele, aproximando-se, exclamou:

— Meu irmão!... meu irmão!...

— Não tenhas medo, Jaime, não tenhas medo por minha causa! — aconselhou Briant.

Um instante depois via-se este à superfície da água, nadando com vigor, enquanto o cabo se desenrolava atrás dele.

Ora, mesmo com o mar tranquilo, esta manobra teria sido difícil, porque a ressaca batia com violência ao longo do banco de rochedos. Correntes e contracorrentes impediam o arrojado rapaz de se manter em linha reta, e, quando o envolviam, sentia ele dificuldade extrema em desembaraçar-se.

Contudo, Briant ia ganhando a pouco e pouco a praia, enquanto os seus camaradas lhe iam largando o cabo à medida.

Mas era visível que as suas forças principiavam a esgotar-se, embora ele não estivesse ainda senão a uns cinquenta pés da escuna.

Diante dele cavava-se uma espécie de redemoinho, produzido pelo encontro de duas correntes contrárias. Se conseguisse torneá-lo, talvez atingisse o seu fim, porque para lá estava o mar mais quieto.

Tentou, portanto, dirigir-se para a esquerda por um violento esforço. Mas a sua tentativa tinha de ser infrutífera. Um nadador vigoroso, em toda a força da idade, não teria podido consegui-lo. Apanhado pelo encontro das águas, Briant foi irresistivelmente atraído para o centro do redemoinho.

— Socorro!... Alem!... Alem!... — teve ainda força para gritar, antes de desaparecer.

A bordo do iate não podia ser maior o pavor.

— Alem!... — ordenou friamente Gordon.

E os seus camaradas alaram o cabo para bordo com toda a pressa que puderam, a fim de trazerem Briant para o navio antes de ele ser asfixiado por uma imersão excessivamente longa.

Em menos de um minuto estava Briant sobre a tolda — é verdade que sem sentidos; mas voltou

prontamente a si nos braços de seu irmão.

Estava malograda, pois, a tentativa que tivera por fim estabelecer um cabo na superfície do banco de recifes.

Nenhum outro a poderia recomeçar de novo com esperança de êxito.

Esses infelizes rapazes estavam pois reduzidos a esperar... Esperar o quê?... Um socorro?... E de que lado, e por via de quem lhes poderia ele vir?

Era então mais de melodia. A maré já se fazia sentir, e a ressaca aumentava. E até mesmo, como era lua-nova, a onda devia ser mais forte que na véspera. Assim, por pouco que o vento recaísse da banda do largo, a escuna arriscava-se a ser levantada do seu leito de rochas... Depois, joguete das ondas, seria ali despedaçada na superfície do recife!...

Ninguém sobreviveria a esse desenlace do naufrágio! E não havia nada a fazer, absolutamente nada!

Na popa, todos, os mais pequenos rodeados pelos maiores, olhavam para o mar, que crescia, à medida que os cabeços das rochas desapareciam um após outro. Por infelicidade, o vento tinha voltado a oeste, e, como na noite precedente, batia com toda a fúria a terra.

Com a água mais profunda, as vagas mais altas cobriam o Sloughi com a sua espuma e não tardariam a rebentar de encontro a ele.

Só Deus podia vir em auxílio dos jovens náufragos. As suas preces misturavam-se com os seus gritos de terror.

Um pouco antes das duas horas, a escuna, endireitada pela maré, não tombava já para bombordo; mas, em consequência do balouço de popa a proa, esta batia contra o fundo, enquanto que na popa o cadaste se mantinha ainda pegado ao leito das rochas.

Em breve os choques de água sucederam-se sem descanso, e o Sloughi tombava de uma a outra banda, de modo que as crianças tiveram de se agarrar umas às outras ao serem violentamente arremessadas por cima da borda.

Nesse momento uma montanha de espuma, vinda do mar alto, ergueu-se a dois comprimentos de amarra do iate. Dir-se-ia a enorme vaga de um macaréu, cuja altura excedia vinte pés. Chegou com a fúria de uma torrente, cobriu completamente o banco de recifes, levantou o Sloughi, arrastou-o por cima das rochas, sem o casco sequer ao menos roçar por elas.

Em menos de um minuto, no meio dos fervores daquela massa de água, o Sloughi, levado até ao meio da praia, foi parar de encontro a uma elevação de areia, a duzentos pés na frente das primeiras árvores, apertadas de encontro umas às outras na falda da penedia.

E aí ficou imóvel — desta vez sobre a terra firme —, enquanto o mar, retirando-se, deixava a praia toda a Salvo.

Capítulo III

Nessa época o Colégio Chairman era um dos mais estimados da cidade de Auckland, capital da Nova Zelândia, importante colônia inglesa do Pacífico. Contavam-se nele uns cem alunos, pertencentes às melhores famílias do país. Os Maores, que são os indígenas daquele arquipélago, não podiam fazer admitir lá os seus filhos, para os quais, aliás, foram reservadas outras escolas. Não havia no Colégio Chairman senão alunos ingleses, franceses, americanos, alemães, filhos dos proprietários, rendeiros, negociantes ou funcionários do país. Recebiam estes ali uma educação muito completa, idêntica à que era dada nos estabelecimentos análogos do Reino Unido.

O arquipélago da Nova Zelândia compõe-se de duas ilhas principais: ao norte, Ika-Na-Mawi, ou ilha do Peixe, ao sul, Tawai-Ponamu, ou Terra das Esmeraldas. Separadas pelo estreito de Cook, ficam entre o trigésimo quarto e o quadragésimo quinto paralelo sul — posição equivalente à que ocupa, no hemisfério boreal, a parte da Europa que compreende a França e o Norte da África.

A ilha de Ika-Na-Mawi, muito recortada ao sul, forma uma espécie de trapézio irregular, que se prolonga para o noroeste, seguindo uma curva terminada pelo cabo Van-Diémen.

É proximamente no começo dessa curva, num ponto onde a península mede unicamente algumas milhas, que está edificada Auckland. A cidade está pois situada como o está Corinto, na Grécia — o que lhe valeu o nome de Corinto do Sul, Possui dois portos abertos, um a oeste, o outro a leste. Este último, no golfo Hauraki, é pouco profundo e foi preciso projetar alguns desses longos cais piers, à moda Inglesa, onde podem acostar os navios de tonelagem média. Entre outros alonga-se o cais do Comércio, “Commercial-pier”, ao qual vem dar a Rua da Rainha, “Queens-street”, uma das ruas principais da cidade.

Era pouco mais ou menos ao meio dessa rua que ficava o Colégio Chairman.

Ora, a 15 de fevereiro de 1860, passado o meio-dia, saíram do dito colégio de pensionistas uns cem rapazitos, acompanhados por seus pais ou parentes próximos, de ar satisfeito, de aspeto jovial — pássaros a quem acabava de ser aberta a gaiola.

Com efeito, era o começo das férias. Dois meses de independência, dois meses de liberdade. E, para um certo número desses alunos, havia também a perspectiva de uma viagem pelo mar, da qual se falava havia muito tempo no colégio Chairman. É inútil acrescentar o entusiasmo que excitava aqueles a quem a sua boa fortuna ia permitir o tomarem passagem a bordo do iate Sloughi, que se preparava para visitar as costas da Nova Zelândia numa viagem de circum-navegação.

Aquela bonita escuna, fretada pelos pais dos alunos, tinha sido preparada para um passeio de seis semanas. Pertencia o navio ao pai de um deles, Mr. William E. Garnett, antigo capitão de marinha mercante, em quem se podia ter toda a confiança. Uma subscrição, repartida pelas diversas famílias,

devia cobrir as despesas da viagem, a qual se efetuaria nas melhores condições de segurança e de conforto. Era, pois, uma alegria para aqueles rapazitos, e seria difícil empregar melhor algumas semanas de férias.

Nos colégios ingleses, a educação difere muito sensivelmente da que é dada nos colégios de França. Ali deixa-se aos alunos mais iniciativa e, por conseguinte, uma liberdade relativa, que influi com muita felicidade no futuro deles. Ficam menos tempo crianças. Numa palavra, a educação caminha ali de par com a instrução. Daí provém que, pela maior parte, os rapazes ingleses são polidos, atenciosos, cuidadosos no seu vestuário e — o que é digno de ser notado — pouco propensos a empregarem a dissimulação ou a mentira, mesmo quando se trata de se subtraírem a algum castigo justo. É preciso observar igualmente que, nesses estabelecimentos escolares, os rapazinhos são menos adstritos às regras da vida comum e às leis do silêncio que delas derivam. Geralmente, ocupam quartos separados, tomam aí algumas refeições, e, quando se sentam à mesa de um refeitório, podem conversar em completa liberdade.

Os discípulos são divididos em classes, segundo as idades. No Colégio Chairman havia cinco classes. Se na primeira e na segunda os pequenos ainda beijavam a cara aos pais, na terceira já substituíam o beijo filial pelo aperto de mão de homens feitos. Não havia prefeito para os vigiar, era permitida a leitura de romances e de jornais, os feriados eram frequentes, as horas de estudo muito restritas, exercícios de corpo muito úteis, ginástica, boxe e jogos de toda a espécie. Mas, como corretivo a esta independência da qual os discípulos não abusavam senão raras vezes, os castigos corporais eram usados, principalmente o açoite. Além disso, ser açoitado não é desonra para os jovens anglo-saxónicos e eles submetem-se a esse castigo sem protestar, quando reconhecem que o mereceram.

Os Ingleses, ninguém o ignora, respeitam as tradições, tanto na vida privada como na vida pública, e essas tradições não são menos respeitadas — mesmo quando são absurdas — nos estabelecimentos escolares, onde não se parecem nada com as usanças francesas. Se os antigos são encarregados de proteger os novos, é com a condição de estes lhes prestarem, em troca, alguns serviços domésticos, aos quais não podem subtrair-se. Esses serviços, que consistem em levar o almoço ao quarto, escovar o fato, engraxar os sapatos, fazer alguns recados, são conhecidos pelo nome de “fagismo”, e os rapazes que os desempenham chamam-se fags. São os mais pequenos, os das primeiras classes, que servem de fags aos discípulos das classes superiores, e, se recusassem obedecer, os outros tornar-lhes-iam a vida pouco agradável. Mas nenhum deles pensa tal, e isso habitua-os a submeterem-se a uma disciplina que não se encontra nos liceus franceses. Além disso, a tradição assim o exige, e, se há um país que a respeita verdadeiramente, é com certeza o Reino Unido, onde ela se impõe tanto ao mais ínfimo cokney da rua, como aos pares da Câmara dos Lordes.

Os discípulos que deviam tomar parte na excursão do Sloughi pertenciam às diversas classes do Colégio Chairman. Como já se pode ter notado, a bordo da escuna havia-os desde os oito anos até aos catorze. E estes quinze rapazes, contando com o grumete, iam ser envolvidos, para longe e por muito

tempo, em aventuras terríveis!

É necessário dar a conhecer os seus nomes, a idade, as suas aptidões, os seus caracteres, a situação das suas famílias e as relações que existiam entre eles no estabelecimento que acabavam de deixar na época habitual das férias.

À exceção de dois franceses, os irmãos Briant, e de Gordon, que é americano, os restantes são de procedência inglesa.

Doniphan e Cross pertencem a uma família de ricos proprietários que ocupam o primeiro lugar na sociedade da Nova Zelândia. Têm treze anos e alguns meses, são primos, e ambos fazem parte da quinta classe. Doniphan, elegante e vestido com esmero, é, sem contradição, o discípulo mais distinto. Inteligente e estudioso, conserva-se sempre no primeiro lugar, tanto por vontade de se instruir como pelo desejo de sobressair entre os seus camaradas. Um certo orgulho aristocrático fez com que lhe pusessem a alcunha de “Lord Doniphan”, e o seu carácter imperioso leva-o a querer dominar em toda a parte onde se acha. Provém daí, entre Briant e ele, a rivalidade que dura há muitos anos e que se acentuou desde que as circunstâncias aumentaram a influência de Briant sobre os seus camaradas. Quanto a Cross, é um discípulo muito medíocre, mas admirando perpetuamente tudo o que pensa, diz ou faz seu primo Doniphan.

Baxter, da mesma classe, rapaz de treze anos, frio, concentrado, trabalhador, muito engenhoso, com muita habilidade para tudo, é filho de um comerciante de fortuna bastante modesta.

Webb e Wilcox, de doze anos e meio, pertencem aos discípulos da quarta classe. De inteligência medíocre, muito obstinados e de génio bulhento, mostraram-se sempre exigentes na observação dos deveres do “fagismo”.

As suas famílias são ricas e ocupam um lugar elevado entre a magistratura do país.

Garnett, da terceira classe, assim como o seu amigo Service — ambos de doze anos — são filhos, um, de um capitão de marinha reformado, e o outro de um colono abastado, os quais habitam o North-Shore, na costa setentrional do porto de Waitemata. As duas famílias dão-se muito, e essa intimidade deu em resultado Garnett e Service tornarem-se inseparáveis. Têm bom coração, mas pouco amor ao trabalho, e, se lhes dessem liberdade completa, não deixariam de fazer uso dela. Garnett adora — paixão deplorável — o acordeão, tão estimado na marinha inglesa. Por isso, na sua qualidade de filho de marinheiro, toca nas horas vagas, e trouxe para bordo do Sloughi o seu instrumento predileto. Quanto a Service, é o mais alegre, o mais estouvado do rancho, o verdadeiro bobo do Colégio Chairman, não pensando, além disso, senão em aventuras de viagem, e sabendo de cor o Robinson Crusoe e o Robinson Suíço, que constituem a sua leitura favorita.

Devemos citar agora outros dois rapazes, de nove e nove anos e meio de idade. O primeiro, Jenkins, é filho do diretor da Sociedade de Ciências, a New Zealand Royal Society, o outro, Iverson, é filho do cura da igreja metropolitana de São Paulo. Apesar de estarem ainda na terceira e na segunda classe, contam-nos no número dos bons discípulos do colégio.

Há ainda mais duas crianças, Dole, oito anos e meio, e Costar, oito anos, ambos filhos de oficiais do exército anglo-zelandês, que habitam a pequena cidade de Ouchunga, a seis milhas de Auckland, sobre o litoral do porto de Manukau. Destes pequerruchos não há nada a dizer, a não ser que Dole é muito cabeçudo e Costar muito guloso. Se não brilham nada na primeira classe, não deixam por isso de se julgar muito adiantados pelo facto de saberem ler e escrever — o que na idade deles não é para admirar.

Como se vê, estas crianças pertencem todas a famílias respeitáveis, estabelecidas há muito tempo na Nova Zelândia.

Resta-nos falar dos outros três rapazes embarcados na escuna, o americano e os dois franceses.

O americano é Gordon, rapaz de catorze anos. A sua figura e o seu rosto apresentam já uma certa rudeza ianque. Apesar de ser um pouco desjeitoso e brusco, é evidentemente o mais ajuizado dos discípulos da quinta classe. Se não tem nada de brilhante, como o seu camarada Doniphan, possui um espírito justo, um bom senso prático, do qual muitas vezes tem dado provas. Gosta de coisas sérias, sendo de carácter observador, temperamento frio, metódico até à minuciosidade, tendo as Ideias em ordem no cérebro, como os objetos na sua secretária, onde tudo está alinhado, com rótulos e assente num caderno especial. Os seus camaradas estimam-no, reconhecem as suas qualidades, e, apesar de não ser inglês de nascença, sempre se têm dado bem com ele. Gordon é natural de Boston; não tem pai, nem mãe, nem outros parentes além do seu tutor, antigo agente consular, o qual, depois de ter enriquecido, se estabeleceu na Nova Zelândia, e já há alguns anos que habita uma das bonitas casas de campo espalhadas nas alturas, próximo da vila do Mount-Saint-John.

Os dois jovens franceses, Briant e Jaime, são filhos de um engenheiro distinto que viera — havia dois anos e meio — tomar a direção de grandes trabalhos de esgotamento nos pântanos do centro de Ika-Na-Mawi. O mais velho tem treze anos. Pouco trabalhador, apesar de muito inteligente, a maior parte das vezes é um dos últimos da quinta classe. Contudo, quando quer, com a sua facilidade de assimilação, a sua memória notável, eleva-se ao primeiro lugar, e é disso que Doniphan tem mais inveja. Briant e ele nunca puderam viver em boa harmonia no Colégio Chairman, e já se viram as consequências dessa desunião a bordo do Sloughi. E depois, Briant é audacioso, intrépido, ágil nos exercícios de coro, vivo e engraçado na réplica, e, de mais a mais, serviçal, bom rapaz, não tendo nada de orgulhoso, como Doniphan; é, porém, um pouco desleixado, devemos confessá-lo, no vestuário e nas maneiras — numa palavra, um francês, e, por isso mesmo, muito diferente dos seus camaradas de origem inglesa. Além disso, tem protegido muitas vezes os mais fracos contra os mais velhos que abusavam da sua força, e pela sua parte, nunca quis submeter-se às obrigações do “fagismo”. Daí resistências, lutas, batalhas, das quais, graças ao seu vigor e à sua grande coragem, saía vencedor, a maior parte das vezes. Assim, é geralmente estimado e, quando se tratou da direção do Sloughi, os seus camaradas, com poucas exceções, não hesitaram em obedecer-lhe — tanto mais que, como se sabe, Briant adquirira alguns conhecimentos náuticos durante a sua viagem da Europa à Nova Zelândia.

Quanto ao mais novo, Jaime, fora considerado até então o mais travesso da terceira classe — e

mesmo de todo o Colégio Chairman, sem excetuar Service —, inventando constantemente diabruras novas, fazendo partidas impossíveis aos seus camaradas, e sendo castigado mais do que o razoável. Mas, como se verá, o seu caráter modificara-se absolutamente desde a partida do iate, sem que ninguém soubesse o motivo.

Tais são os rapazes que a tempestade acaba de lançar para uma das terras do oceano Pacífico.

Durante este passeio de algumas semanas ao longo das costas da Nova Zelândia, o Sloughi devia ser comandado pelo seu proprietário, o pai de Garnett, um dos mais arrojados yachtmen das paragens da Austrália. Quantas vezes a escuna tinha aparecido sobre o litoral da Nova Caledónia, da Nova Holanda, desde o estreito de Torres até às pontas meridionais da Tasmânia, e até nos mares das Molucas, das Filipinas e das Celebes, tão funestos, às vezes, aos navios de maior tonelagem! Mas era um iate solidamente construído, muito marinheiro, e que aguentava o mar admiravelmente, mesmo com o mau tempo.

A tripulação compunha-se de um mestre, seis marinheiros, um cozinheiro e um grumete — Moko, um preto de doze anos, cuja família estava, havia muito tempo, ao serviço de um colono da Nova Zelândia. Deve-se mencionar também um bonito cão de caça, “Phann”, de raça americana, que pertencia a Gordon, e nunca se separava do dono.

O dia 15 de fevereiro fora indicado para a partida.

Entretanto, o Sloughi conservava-se amarrado pela ré na extremidade do “Commercial-pier”, e, por consequência, muito ao largo do porto.

A tripulação não estava a bordo quando, no dia 14 á noite, os moços passageiros embarcaram. O capitão Garnett não devia chegar senão no momento de aparelhar. Só o mestre e o grumete é que receberam Gordon e os seus camaradas — pois os homens tinham ido beber o último copo de whisky. E até, depois de todos estarem instalados e deitados, o mestre julgou poder ir reunir-se à tripulação em uma das tabernas do porto, cometendo a falta imperdoável de se demorar aí até horas adiantadas da noite. Quanto ao grumete, tinha-se acomodado no seu lugar para dormir.

Que se passou então? Provavelmente, nunca o saberiam. O certo é que a amarra do iate foi largada, por descuido ou por maldade... A bordo ninguém deu por isso.

Uma escuridão profunda envolvia o porto e o golfo Hauraki. O vento de terra fazia-se sentir com força e a escuna, tomada de revés por uma corrente de refluxo que avançava para o largo, pôs-se a navegar sem governo para o alto mar.

Quando o grumete acordou, o Sloughi arfava como se tivesse sido balouçado por um marulho que não se podia confundir com a ressaca habitual. Moko subiu para a ponte a toda a pressa... O iate perdera o governo!

Aos gritos do grumete, Gordon, Briant, Doniphan e alguns outros, atirando-se abaixo das suas macas, saíram pela escotilha da coberta para a tolda. Debalde chamaram em seu socorro! Não distinguiam já nem uma só das luzes da cidade ou do porto. A escuna encontrava-se em pleno golfo, a três milhas da

costa.

No começo, seguindo os conselhos de Briant, ao qual se juntou o grumete, os rapazitos diligenciaram largar uma vela, a fim de voltarem ao porto, por meio de uma bordada. Mas, pesada de mais para ser orientada convenientemente, essa vela não teve outro efeito senão de os arrastar para mais longe, dando pega ao vento de oeste. Sloughi dobrou o cabo Colville, transpôs o estreito que o separa da ilha da Grande Barreira e achou-se em breve a umas poucas de milhas da Nova Zelândia.

Compreende-se a gravidade de uma tal situação. Briant e os seus camaradas não podiam já esperar nenhum socorro de terra. No caso em que algum navio do porto saísse em sua procura, passar-se-iam muitas horas antes de ele os poder alcançar, admitindo mesmo que fosse possível encontrar a escuna no meio daquela escuridão profunda. E mesmo, vindo o dia, como se descobriria um navio tão pequeno, perdido no alto mar? Quanto a livrarem-se apenas pelos seus esforços, como é que as crianças o conseguiriam? Se o vento não mudasse, deveriam renunciar a voltar para a terra.

É verdade que restava ainda a alternativa de serem encontrados por um navio que se dirigisse para um dos portos da Nova Zelândia. Foi por isso que, apesar de ser fraca essa esperança, Moko se deu pressa em içar um farol no alto do mastro de traquete. Depois disto, só faltava esperar o amanhecer.

Quanto aos pequenos, como o tumulto os não tinha acordado, tinha parecido bom deixá-los dormir. O susto deles não teria feito outra coisa senão lançar a desordem a bordo.

Contudo, fizeram-se ainda muitas tentativas para meter o Sloughi na linha do vento. Mas ele descaía logo e esgarrava-se para leste com rapidez.

De repente, avistou-se um fogacho a duas ou três milhas. Era uma luz branca, no alto de um mastro — o que é sinal distintivo dos vapores em andamento. Em breve as duas luzes de posição, vermelha e verde, apareceram, e, como eram visíveis ao mesmo tempo, devia concluir-se que esse vapor se dirigia direito sobre o iate.

Os rapazitos debalde soltaram gritos de aflição. A bulha das vagas, o silvar do vapor que saía pelos tubos de descarga das caldeiras, o vento que se tornara mais violento ao largo, tudo se reunia para que as vozes deles se perdessem no espaço. Contudo, se não podiam ouvi-los, talvez ao menos os marinheiros de quarto distinguissem o farol do Sloughi? Era uma esperança ainda.

Por infelicidade,, porém, num dos balanços quebrou-se a adriça, o farol caiu ao mar, e nenhuma coisa indicou mais a presença do Sloughi, sobre o qual o vapor corria com uma velocidade de doze milhas por hora.

Em alguns segundos, o iate foi abalroado e teria soçobrado no mesmo instante se tivesse sido apanhado de través: mas a colisão produziu-se simplesmente à popa, e não demoliu senão os alforques de um dos lados e parte das mesas, sem ofender o casco.

O choque tinha sido tão fraco, em suma, que, deixando o Sloughi à mercê de um temporal muito próximo, o vapor continuou a sua marcha.

Muitas e muitas vezes, os capitães não se preocupam nada em prestar socorro ao navio que

abalroaram. Esse procedimento é muito criminoso, e dele há numerosos exemplos. Mas, no caso presente, era muito admissível que a bordo do vapor nada se tivesse percebido da colisão com aquele iate, o qual nem sequer tinha sido entrevisto na sombra.

Então, arrebatados pelo vento, os rapazitos julgaram-se perdidos de todo. Quando rompeu o dia, a imensidade estava deserta. Nessa região pouco frequentada do Pacífico os navios que vão da Austrália para a América, ou da América para a Austrália, seguem rumos mais meridionais ou mais setentrionais. Nem um passou à vista do iate. Chegou a noite, cada vez pior, e, se algumas vezes acalmou a rajada, não deixou o vento de soprar de oeste.

Quanto teria de durar essa travessia é o que nem Briant nem os camaradas podiam saber. Em vão pretenderam manobrar para reconduzir a escuna para as paragens neozelandesas! Faltava-lhes o saber para modificarem a sua andadura, assim como a força para instalarem as velas.

Foi nessas condições que Briant, desenvolvendo uma energia muito superior à sua idade, começou a tomar sobre os seus camaradas uma influência que o próprio Doniphan teve de suportar. Se, ajudado nisso por Moko, não conseguiu reconduzir o iate para as paragens do oeste, ao menos empregou o pouco que sabia em mantê-lo em condições de navegabilidade. Não se poupou, velou dia e noite, percorrendo obstinadamente o horizonte com os seus olhares, a fim de procurar aí uma esperança de salvação. Ao mesmo tempo, fez deitar ao mar algumas garrafas que encerravam um documento relativo ao Sloughi. Fraca esperança, mas que ele não quis desprezar.

Contudo, os ventos de oeste continuavam a impelir o iate através do Pacífico, sem que fosse possível deter-lhe a marcha ou sequer diminuir-lhe a velocidade.

Sabe-se o que se tinha passado. Alguns dias depois de a escuna ter sido arrastada para fora dos estreitos canais do golfo Hauraki, levantou-se uma tempestade, e durante duas semanas desencadeou-se com uma impetuosidade extraordinária.

Assaltado por vagas monstruosas, depois de ter estado cem vezes a ponto de ser despedaçado por enormes golpes de mar — o que teria sucedido se não fossem a sua construção sólida e as suas qualidades náuticas — o Sloughi acabou por dar à costa numa terra desconhecida do Pacífico.

E, agora, qual seria a sorte daquele colégio de naufragos arrastados para mil e oitocentas léguas da Nova Zelândia? De que lado lhes chegaria um socorro que eles não poderiam achar em si mesmos?...

Em todo o caso as suas famílias tinham sobejo motivo para os supor engolidos com a escuna.

Eis porquê...

Em Auckland, quando se deu pela desapareição do Sloughi na própria noite de 14 para 15 de fevereiro, preveniu-se o capitão Garnett e as famílias das infelizes crianças. É inútil insistir sobre o efeito que um tal acontecimento produziu na cidade, onde a consternação foi geral.

Mas, se a amarra tinha rebentado ou partido, talvez que a perda do governo não tivesse atirado a escuna para o largo do golfo. Talvez fosse possível encontrá-la, embora o vento de oeste, que estava tomando força, fosse de natureza a inspirar inquietações mortais.

Por isso, sem perder um instante, o diretor do porto tomou as suas disposições para socorrer o iate. Dois vaporzinhos foram empregados em pesquisas num espaço de muitas milhas para fora do golfo Hauraki. Durante toda a noite percorreram essas paragens onde o mar começava a tornar-se mais grosso. E chegado o dia, quando entraram de novo no porto, foi para tirar toda a esperança às famílias, feridas por essa espantosa catástrofe.

Com efeito, se não tinham encontrado o Sloughi, esses vapores tinham, pelo menos, achado alguns fragmentos dele. Eram os bocados de guarnição do casco que tinham caído ao mar depois do abalroamento com o vapor peruviano Quito — abalroamento de que este navio nem mesmo tivera conhecimento.

Sobre esses restos liam-se ainda três ou quatro letras do nome do Sloughi. Pareceu, portanto, certo que o iate tinha sido despedaçado por algum choque de água e que, em consequência desse acidente, se havia perdido totalmente a uma dúzia de milhas ao largo da Nova Zelândia.

Capítulo IV

A costa era deserta, como Briant tinha verificado quando estivera em observação nas barras do mastro de traquete. Havia uma hora que a escuna estava encahada na praia, na sua cama de areia, e nenhum indígena dera ainda sinal de si. Nem debaixo das árvores, que se agrupavam diante dos rochedos, nem nas margens do rio, cujas águas subiam, pois estava a maré a encher, se conseguia ver uma casa, uma cabana, uma choça. Nem mesmo se descobriam vestígios de pés humanos na superfície da areia, que os refluxos do mar cercavam de um longo cordão de algas. Na embocadura do rio não se via nenhuma embarcação de pesca. Finalmente, não aparecia nenhuma espiral de fumo, torcendo-se no ar, em todo o perímetro da baía compreendido entre os dois promontórios do sul e do norte.

A primeira ideia de Briant e de Gordon foi embrenharem-se através dos grupos de árvores, a fim de alcançarem os rochedos e treparem por eles, sendo possível.

— Estamos em terra, já não é mau! — observou Gordon. — Mas que terra será esta, que parece desabitada?...

— O principal é que não seja inabitável — respondeu Briant.

— Temos provisões e utensílios para algum tempo!... Falta-nos só um abrigo, e é preciso encontrá-lo... quando mais não seja senão para os pequenos... Eles primeiro que tudo!

— Sim... tens razão!... — concordou Gordon.

— Quanto a saber onde estamos — tornou Briant —, teremos tempo de pensar nisso, quando tivermos tratado do mais urgente! Se for um continente, talvez haja probabilidade de sermos socorridos! Se for uma ilha!... Uma ilha desabitada... Isso depois veremos! Anda, Gordon, vamos à exploração!

Alcançaram ambos rapidamente o limite das árvores que se desenvolvia obliquamente entre os rochedos e a margem direita do rio, trezentos ou quatrocentos passos para cima da embocadura.

Neste bosque não havia o mais ligeiro vestígio da passagem do homem, nem um atalho, nem uma abertura. Velhos troncos, abatidos pela idade, jaziam estendidos no solo, e Briant e Gordon enterravam-se até ao joelho no tapete de folhas secas. Contudo, os pássaros fugiam receosos, como se já tivessem aprendido a desconfiar dos seres humanos. Era, portanto, provável que a costa, no caso de não ser habitada, recebesse acidentalmente a visita dos indígenas de algum território próximo.

Em dez minutos, os dois rapazes tinham atravessado o bosque, cuja espessura aumentava nas proximidades da costa de rochedos, que se erguia a prumo, como uma muralha, sobre uma altura média de cento e oitenta pés. Se a parte da costa apresentasse alguma anfractuosidade na qual fosse possível encontrar abrigo, seria uma fortuna. Efetivamente, aí, uma caverna protegida contra o vento do largo pelo maciço de árvores, e fora do alcance do mar, proporcionaria um refúgio excelente. Os moços naufragos poderiam instalar-se ali provisoriamente, enquanto não faziam uma exploração mais séria, que lhes

permitisse dirigirem-se com segurança para o interior do país.

Infelizmente, naquela costa, tão direita como uma muralha de fortaleza, Briant e Gordon não descobriram nenhuma gruta, nem mesmo uma fenda pela qual pudessem subir até à parte mais elevada. Para alcançarem o interior do território era preciso, provavelmente, contornar aqueles rochedos, cuja disposição Briant reconhecera quando os observava das barras do Sloughi.

Durante meia hora, pouco mais ou menos, desceram ambos para o sul, ao longo da base dos rochedos. Chegaram então à margem direita do rio, que se dirigia sinuosamente para leste. Se esta margem era sombreada por árvores magníficas, a outra costeava uma região de aspeto muito diferente, sem verdura, sem acidentes de terreno. Parecia um vasto pântano que se estendia até ao horizonte do sul.

Com as esperanças perdidas, não tendo conseguido elevar-se ao cume dos rochedos, de onde, sem dúvida, lhes seria permitido observar o território muitas milhas em redor, Briant e Gordon voltaram para o Sloughi.

Doniphan e alguns outros passeavam nas rochas, enquanto Jenkins, Iverson, Dole e Costar se divertiam a apanhar conchas.

Numa conversa que tiveram com os mais velhos, Briant e Gordon deram a conhecer o resultado da sua exploração.

Enquanto não se levavam mais longe as investigações, pareceu, portanto, conveniente não abandonar a escuna. Esta, apesar de estar arrombada no fundo e de ter levado uma forte pancada a bombordo, podia servir de habitação provisória naquele mesmo lugar onde encalhara. Se o convés se entreabrir na frente, por cima do postilhão, o salão e as câmaras da ré apresentavam, ao menos, um abrigo razoável contra as grandes rajadas de vento. Quanto à cozinha, não sofrera nada com o encalhe nos recifes — com grande satisfação dos mais pequenos, a quem a questão da comida interessava particularmente.

Na verdade era uma fortuna que os rapazes não tivessem sido obrigados a transportar para a praia os objetos indispensáveis para a sua instalação. Admitindo que o conseguissem, a que dificuldades, a que fadigas não se teriam exposto? Se o Sloughi tivesse soçobrado nos primeiros rochedos, como teriam eles podido salvar o material? Não seria o iate destruído rapidamente pelo mar, e, dos objetos espalhados na areia, conservas, armas, munições, vestuário, roupas de cama, utensílios de toda a espécie, o que se teria salvo? Felizmente, o encontro de duas correntes lançara o Sloughi para além do banco de recifes. Se estava incapaz de navegar, ao menos era habitável, porque as suas cobertas tinham resistido em primeiro lugar à borrasca; em segundo ao choque, e nada poderia arrancá-lo daquela Camada de areia onde a quilha se enterrara. É verdade que, com os ataques sucessivos do sol e da chuva, acabaria por se deslocar, a sua borda cederia, o convés entreabrir-se-ia mais e o abrigo que se apresentava agora tornar-se-ia insuficiente. Mas, até lá, ou os moços náufragos teriam chegado a alguma cidade, a alguma aldeia, ou, se a tempestade os tivesse arremessado a uma ilha deserta, teriam descoberto alguma gruta nos rochedos do litoral.

Portanto, o melhor era ficar, provisoriamente, a bordo do Sloughi. Foi o que se fez nesse mesmo dia.

Uma escada de corda, colocada a estibordo, do lado onde o iate dera a pancada, permitiu, tanto aos maiores como aos pequenos, alcançar os anteparos do convés. Moko, que sabia alguma coisa de cozinha, na sua qualidade de grumete, e ajudado por Service, que gostava de fazer guisados, foi preparar uma refeição. Todos comeram com apetite, e Jenkins, Iverson, Dole e Costar chegaram a estar bastante alegres. Só Jaime Briant, outrora o revolucionário do colégio, continuava a conservar-se muito sério. Uma tal mudança no seu carácter, nos seus hábitos, era de causar admiração; mas Jaime, que se tornara muito taciturno, esquivava-se sempre às perguntas que os seus camaradas lhe faziam a esse respeito.

Afinal, muito fatigados depois de tantos dias e tantas noites passados no meio de mil perigos da tempestade, não pensaram senão em dormir. Os mais pequenos repartiram-se pelas câmaras do iate, onde os outros foram, em breve, fazer-lhes companhia. Contudo, Briant, Gordon e Doniphan quiseram ficar de vigia, cada um por sua vez. É certo que tinham motivo para temer a aparição de alguns animais ferozes ou de um bando de Indígenas, não menos temíveis.

Mas não houve nada. A noite passou-se toda sem novidade, e, quando o Sol tornou a aparecer, todos os rapazes, depois de fazerem oração, foram tratar dos trabalhos exigidos pelas circunstâncias.

Primeiro, foi necessário inventariar as provisões do iate, depois o material, compreendendo armas, instrumentos, utensílios, roupas, ferramentas, etc. A questão do alimento era a mais grave, em consequência de a costa parecer deserta. Os recursos limitar-se-iam aos produtos da pesca e da caça, se, por acaso, houvesse alguma. Até agora, Doniphan, que era um caçador muito hábil, ainda não distinguira senão bandos numerosos de voláteis à superfície dos recifes e dos rochedos da praia. Mas verem-se reduzidos a alimentar-se de aves aquáticas seria triste. Era necessário, portanto, saber quanto tempo podiam durar as provisões da escuna, governando-as cuidadosamente.

Ora, excetuando a bolacha, da qual havia uma porção considerável, conservas, presunto, pastéis de carne — feitos de farinha de primeira qualidade, carne de porco picada e pão-de-ló, *corn-beef*, peixe salgado, caixas de temperos, tudo isto não podia durar mais de dois meses, ainda que se economizasse muito. Assim, combinou-se logo recorrer às produções do território, a fim de se conservarem as provisões para o caso de ser necessário transpor algumas centenas de milhas para atingir os portos do litoral ou as cidades do interior.

— Deus queira que parte destas conservas não esteja estragada! — observou Baxter. — Se a água do mar penetrou no porão depois de encalharmos...

— É o que vamos ver, abrindo as caixas que parecerem avariadas... — respondeu Gordon. — Talvez que, tornando a cozer o seu conteúdo, pudesse servir?...

— Encarrego-me eu disso — declarou Moko.

— E não te demores com o trabalho — tornou Briant —, porque, durante os primeiros dias, seremos obrigados a viver das provisões do Sloughi.

— E por que razão — lembrou Wilcox — não se hão de visitar já hoje as rochas que se elevam no norte da baía, e apanhar ovos bons para se comerem?

— Sim!... Sim!... — apoiaram Costar e Dole.

— E por que não se há de pescar? — acrescentou Webb. — Pois não há linhas a bordo e peixe no mar? Quem quer vir à pesca?

— Eu!... Eu!... — gritaram os pequenos.

— Bom!... Bom!... — disse Briant. — Mas não se trata agora de brincar. Não damos linhas senão aos pescadores sérios!

— Está descansado, Briant! — disse Iverson. — Faremos isto como uma obrigação...

— Muito bem, mas começemos por inventariar o que contém o nosso iate — propôs Gordon. — Não se deve pensar só na comida...

— Podíamos ir sempre apanhando alguns moluscos para o almoço! — observou Service.

— Pois sim! — respondeu Gordon. — Vão três ou quatro dos pequenos! Moko, há de acompanhá-los.

— Sim, Sr. Gordon.

— E toma muito sentido neles! — recomendou Briant.

— Não tem dúvida, fique descansado!

O grumete, com quem se podia contar, rapaz muito serviçal, muito destro, muito corajoso, devia prestar grandes serviços aos moços náufragos.

Tinha uma dedicação particular por Briant, o qual, pela sua parte, não ocultava a simpatia que lhe inspirava Moko — simpatia de que os seus camaradas anglo-saxónicos decerto se envergonhariam.

— Partamos! — exclamou Jenkins.

— Não os acompanhas, Jaime? — perguntou Briant, dirigindo-se ao irmão.

Jaime respondeu negativamente.

Jenkins, Dole, Costar e Iverson partiram, conduzidos por Moko, e subiram ao longo dos recifes que o mar acabava de deixar a seco. Talvez nos interstícios das rochas pudessem apanhar uma boa provisão de moluscos, mexilhões, amêijoas, até ostras, e esses mariscos, cozidos ou crus, seriam uma parte valiosa do almoço. Iam saltando, alegres, vendo mais prazer do que utilidade nesta excursão. Era próprio da sua idade, e mal se recordavam dos perigos que tinham passado. Quanto aos do futuro, não pensavam neles.

Logo que o pequeno rancho se afastou, os mais velhos foram começar as investigações a bordo do iate. Doniphan, Cross, Wilcox e Webb, por um lado, fizeram o recenseamento das armas, das munições, da roupa de vestir e de cama, das ferramentas e dos utensílios de bordo, enquanto Briant, Garnett, Baxter e Service estabeleciam a conta das bebidas, vinhos, cerveja, brandy, whisky, gin, encerradas no fundo do porão em barris de dez a quarenta galões de capacidade cada um. À medida que cada objeto era inventariado, Gordon assentava-o no seu caderno de algibeira. Este caderno estava, além disso, cheio de notas relativas à ordem e à carga da escuna. O metódico americano — que fazia contas de nascença, pode-se dizer — possuía já um estado geral do material, e parecia que não era preciso mais do que verificá-lo.

Primeiro, verificou-se que havia um jogo completo de velas de reserva e de aprestos de toda a espécie, filaça, estopa, cabos, espias, etc. Se o iate estivesse ainda em estado de navegar, não lhe faltava nada para o aparelhar inteiramente. Mas, se essas velas de primeira qualidade, esses cabos novos, não deviam tornar a servir para o aparelho do iate? Utilizar-se-iam quando se tratasse da instalação. Alguns utensílios de pesca, redes de mão e linhas de deitar ou de arrastar figuravam também no inventário. Estes objetos eram preciosos, por pouco que o peixe abundasse naquelas paragens.

Pelo que respeita a armas, eis o que foi assente no caderno de Gordon: oito espingardas de caça, de percussão central, uma de reparo, de grande alcance, e uma dúzia de revólveres. Quanto a munições, contaram trezentos cartuchos de metal para as armas de carregar. pela culatra, dois tonéis de pólvora de vinte e cinco libras cada um e bastante quantidade de chumbo, granalha e balas. Estas munições, destinadas às caçadas durante as paragens do Sloughi nas costas da Nova Zelândia, empregar-se-iam mais utilmente nesta costa para prover à vida comum — e permitisse o Céu que não fosse para a defender! O paiol continha também uma certa quantidade de foguetes, destinados às comunicações noturnas, uns trinta cartuchos e projecteis para o municamento de dois pequenos canhões do iate, dos quais era de esperar que não se faria uso para repelir um ataque de indígenas.

Quanto aos objetos de toilette e utensílios de cozinha, eram suficientes para as necessidades dos jovens náufragos — mesmo no caso de prolongarem a sua residência ali. Apesar de uma parte da baixela se ter quebrado com o choque do Sloughi contra os recifes, ficara bastante para o serviço da mesa e da copa. Mesmo esses objetos não eram de necessidade absoluta. Seria melhor que a roupa de flanela, de pano, de algodão ou de linho fosse em quantidade suficiente para se poder mudar dela segundo as exigências dos climas. Com efeito, se aquela terra se achava na mesma latitude que a Nova Zelândia — o que era possível, porque, desde a sua partida de Auckland, a escuna fora sempre impelida pelo vento de oeste —, deviam-se esperar grandes frios durante o inverno. Felizmente, a bordo havia fartura de roupas, que são indispensáveis para uma excursão de muitas semanas, porque a roupa nunca é de mais no mar. Além disso, os cofres da tripulação forneceram calças, camisolas de lã, capotes de oleado, mantas espessas, que seria fácil adaptar ao corpo dos grandes e dos pequenos — o que lhes permitiria afrontar os rigores da estação invernal. É inútil dizer que, se as circunstâncias os obrigassem a abandonar a escuna, para irem instalar-se em um lugar mais seguro, cada um levaria a sua roupa de cama completa, pois os catres estavam bem fornecidos de cobertores, de lençóis, de almofadas, de cobertas, e, tendo cuidado neles, esses objetos podiam durar muito tempo...

Muito tempo!... Palavras que poderiam, talvez, dizer sempre!

Aqui está agora o que Gordon assentou no seu caderno no artigo dos instrumentos de bordo: dois barómetros aneroides, um termómetro centígrado de espírito de vinho, dois relógios marítimos, muitas dessas trombetas ou cornetas de cobre, que servem quando há nevoeiros, e que se fazem ouvir a grandes distâncias, três óculos de pequeno e de grande alcance, uma bússola de bitácula e outras duas de modelo reduzido, um *storm-glass* para indicar a aproximação das tempestades e, finalmente, uns poucos de

pavilhões do Reino Unido, sem falar em toda a série de pavilhões que permitem a comunicação, no mar, de um navio para o outro. Havia também um desses *halketts-boats*, canoazinhas de borracha que se dobram como uma mala e servem para atravessar um rio ou um lago.

Quanto às ferramentas, o cofre do serralheiro continha um bom sortimento delas, não contando os sacos de pregos, de parafusos e de roscas, ferragens de toda a espécie para os pequenos consertos do iate. Também não faltavam botões, linhas e agulhas, porque, prevendo rasgões frequentes, as mães das crianças tinham tomado as suas precauções. Não estavam em risco de se verem privados de lume: com uma farta provisão de fósforos, as iscas e as pederneiras seriam suficientes durante muito tempo; podiam estar descansados a este respeito.

A bordo havia também mapas em grande escala, mas eram relativos às costas do arquipélago neozelandês — inúteis, por consequência, nestas paragens desconhecidas.

Felizmente, Gordon trouxera um desses atlas gerais que compreendem a geografia do Antigo e do Novo Mundo, e precisamente o Atlas de Stieler, que parece ser o que a geografia moderna conta de mais perfeito neste género. Além disto, a biblioteca do iate possuía um certo número de obras de bons autores ingleses e franceses, principalmente narrações de viagens, e alguns livros de ciência, não esquecendo os dois famosos Robinsons que Service salvou, como outrora Camões salvou os seus Lusíadas — e como Garnett, pela sua parte, conservou o famoso acordeão, que escapou são e salvo dos choques do Sloughi. Finalmente, além do necessário para ler, havia também o necessário para escrever, penas, lápis, tinta, papel, e também um calendário do ano de 1860, ficando Baxter encarregado de acompanhar sucessivamente cada dia decorrido.

— Foi a 10 de março — disse ele — que o nosso pobre Sloughi foi arremessado à costa!... Risco, pois, este 10 de março, assim como todos os dias de 1860 que o precederam.

Deve-se mencionar também uma soma de quinhentas libras em ouro que foi encontrada no cofre forte do iate. Talvez esse dinheiro fosse de muita utilidade se os pequenos náufragos conseguissem chegar a algum porto, onde poderiam obter os meios de regressar à sua pátria.

Gordon tratou então de verificar minuciosamente a conta dos barris guardados no porão. Muitos desses barris, cheios de gin, de cerveja ou de vinhos, tinham-se arrombado durante o arrastar contra os recifes, e o seu conteúdo entornara-se pelas tábuas desconjuntadas. Era uma perda irreparável, e tornava-se necessário economizar o resto tanto quanto fosse possível.

Enfim, no porão da escuna havia ainda cem galões (*O galão inglês vale aproximadamente quatro litros e meio*) de Bordéus e de sherry, cinquenta galões de gin, de brandy e de whisky, e quarenta tonéis de cerveja, de vinte e cinco galões de capacidade cada um —, e mais uns trinta frascos de licores diversos, os quais, bem embrulhados na sua camisa de palha, tinham podido resistir ao choque dos recifes.

Assim, durante um certo tempo, pelo menos, os quinze náufragos do Sloughi podiam estar tranquilos pelo que dizia respeito à vida material. Restava ver se o território fornecia alguns recursos que lhes

permitted economizar as reservas. Realmente, se a tempestade os tinha lançado a uma ilha, não podiam esperar sair dela, a não ser que aparecesse algum navio naquelas paragens, e pudessem dar-lhe a conhecer a sua presença.

Consertar o iate, restabelecer o cavename estalado no fundo, fazer cintas novas, isso exigia um trabalho superior às forças deles e o emprego de ferramentas que não tinham à sua disposição. Quanto a construir uma embarcação nova com os destroços da antiga, não podiam pensar em tal, e, além disso, não estando ao facto das coisas de navegação, como poderiam atravessar o Pacífico a fim de alcançarem a Nova Zelândia?

Entretanto, com as embarcações da escuna, não seria possível chegar a algum outro continente, a alguma outra ilha, se os houvesse a pouca distância naquela parte do Pacífico? Mas as duas canoas tinham sido arrebatadas pelas ondas, e a bordo já não havia senão a mais pequena de todas, que podia servir, quando muito, para navegar ao longo da costa.

Perto do meio-dia, os pequenos, guiados por Moko, voltaram para o Sloughi. Tinham-se tornado verdadeiramente úteis, tomando o trabalho a sério. Por isso traziam uma boa provisão de mariscos, que o grumete tratou de arranjar. Quanto aos ovos, devia havê-los em grande quantidade, pois Moko verificara a presença de inumeráveis pombos bravos de espécie comestível, os quais tinham ninho nas altas cavidades dos rochedos.

— Sim? — disse Briant. — Pois, uma manhã destas, havemos de organizar uma caçada, que talvez seja muito proveitosa!

— Com certeza — respondeu Moko —, três ou quatro tiros de espingarda dar-nos-ão desses pombos às dúzias. A respeito dos ninhos, içando-nos por uma corda talvez não seja difícil apanhá-los.

— Está dito — disse Gordon. — Entretanto, se Doniphan quiser começar a caçada amanhã?

— Não quero outra coisa! — replicou Doniphan. — Webb, Cross e Wilcox vêm comigo, não é verdade?...

— Decerto — responderam os três rapazes, encantados por poderem atacar os milhares de voláteis.

— Mas — observou Briant — recomendo-lhes que não matem muitos pombos! Podemos recorrer a eles quando precisarmos. O que é importante é não desperdiçar inutilmente o chumbo e a pólvora.

— Bem!... Bem!... — respondeu Doniphan, que não suportava observações, sobretudo quando partiam de Briant. — Não é o primeiro tiro que damos, e dispensamos os conselhos!

Uma hora depois, veio Moko anunciar que o almoço estava pronto. Todos entraram apressadamente a bordo da escuna e tomaram lugar na sala de jantar. Em consequência da deformação do iate, a mesa inclinava-se sensivelmente para bombordo. Mas isso não era coisa que incomodasse rapazes acostumados aos balanços do navio. Os mariscos, principalmente os mexilhões, agradaram muito; todos os pequenos os acharam excelentes, posto que o tempero deixasse muito a desejar. Mas, naquela idade, não é o apetite o melhor condimento? Bolacha, uma boa porção de *corn-beef*, água fresca, tirada da embocadura do rio na ocasião da baixa-mar, a fim de não ter o gosto a sal, tudo isto, adicionado com

algumas gotas de brandy, constituiu uma refeição muito aceitável.

A tarde foi empregada em diversos trabalhos no porão e em separar os objetos que tinham sido inventariados. Durante esse tempo, Jenkins e os seus camaradas pequenos entretinham-se a pescar no rio, onde abundavam peixes de diferentes espécies. Em seguida, depois da ceia, foram todos descansar, à exceção de Baxter e de Wilcox, que deviam ficar de vigia até pela manhã.

Assim se passou a primeira noite naquela terra do oceano Pacífico.

Enfim, os quinze rapazes não estavam desprovidos dos recursos que muitas vezes faltam aos náufragos em paragens desertas! No estado em que eles se achavam, homens válidos e industriosos tinham muitas probabilidades de tornar a sua situação menos má. Mas eles, tendo o mais velho apenas catorze anos, se fossem condenados a ficar muitos anos nestas condições, conseguiriam prover às necessidades da sua existência?... Havia razão para duvidar!

Capítulo V

Ilha ou continente, eis a grande questão que preocupava sempre Briant, Gordon e Doniphan, cujos caracteres e inteligências os tornavam verdadeiramente chefes do rancho. Pensando no futuro, quando os mais novos não cuidavam senão do presente, conversavam muitas vezes a esse respeito. Em todo o caso, aquela terra, fosse insular ou continental, era evidente que não pertencia à zona dos trópicos. Conhecia-se isso pela vegetação, carvalhos, faias, bétulas, amieiros, pinheiros de diferentes espécies, mirtáceas ou saxífragas numerosas, que não são as árvores ou os arbustos espalhados nas regiões centrais do Pacífico. Parecia mesmo que aquele território devia estar um pouco mais alto em latitude que a Nova Zelândia, e, por consequência, mais próximo do pólo austral. Portanto, era de recear que os Invernos fossem ali muito rigorosos. Agora mesmo, já um espesso tapete de folhas secas cobria o solo no bosque que se estendia ao pé dos rochedos. Só os pinheiros tinham conservado os seus ramos, que se renovam todas as estações, sem se despojarem nunca.

— Eis o motivo — observou Gordon, no dia seguinte àquele em que o Sloughi tinha sido transformado em habitação sedentária — por que me parece prudente não nos instalarmos definitivamente nesta parte da costa.

— É também a minha opinião — respondeu Doniphan. — Se esperarmos pelo mau tempo, será demasiado tarde para atingirmos algum lugar habitado, por poucas centenas de milhas que tenhamos de percorrer!

— Paciência! — replicou Briant. — Estamos ainda em meados do mês de março!

— Pois sim — tornou Doniphan —, o bom tempo pode durar até ao fim de abril, e em seis semanas percorre-se muito caminho...

— Quando o há — replicou Briant.

— E porque não há de haver?

— Decerto! — respondeu Gordon. — Mas, havendo um, sabemos aonde ele nos conduz?

— Não sei senão uma coisa — replicou Doniphan — é que seria absurdo não deixar a escuna antes de chegar a estação do frio e da chuva, e para isso é preciso não ver dificuldades a cada passo!

— É melhor vê-las — tornou Briant — do que aventurarmo-nos como doidos através de um país que não conhecemos...

— És muito pronto — respondeu Doniphan, com azedume — em chamar doidos aos que não aprovam as tuas ideias!

A resposta de Doniphan ia, talvez, provocar algumas palavras desagradáveis do seu camarada e fazer degenerar a conversa em desordem, quando Gordon interveio.

— Não serve de nada questionar — afirmou ele — e para resolvermos as dificuldades é preciso

começar por nos entendermos. Doniphan tem razão em dizer que, se estamos perto de um país habitado, é necessário procurar chegar lá sem demora. Mas será isso possível? É a resposta de Briant, que também tem razão respondendo assim!

— Que diabo, Gordon! — replicou Doniphan. — Subindo para o norte, descendo para o sul, dirigindo-nos para leste, por força que havemos de chegar...

— Sim, se estivermos num continente — objetou Briant —, mas se estivermos numa ilha e se essa ilha for deserta?

— É por isso — respondeu Gordon — que convém reconhecer o que é. Quanto a abandonar o Sloughi, sem nos certificarmos se existe ou não um mar para leste...

— Se o não abandonarmos, seremos abandonados por ele! — exclamou Doniphan, sempre obstinado nas suas ideias. — Não poderá resistir ao mau tempo nesta praia!

— Tens razão — respondeu Gordon —; não obstante, antes de nos aventurarmos no interior, é indispensável saber aonde vamos!

Gordon tinha tanta razão no que dizia que Doniphan foi obrigado a calar-se, com vontade ou sem ela.

— Eu estou pronto a ir à descoberta — declarou Briant.

— Também eu — ajuntou Doniphan.

— Todos nós o estamos — acrescentou Gordon —, mas, como seria imprudente levar os pequenos para uma exploração que pode ser longa e penosa, basta que vão dois ou três dos maiores, creio eu.

— É pena — observou Briant — que não haja uma colina elevada, do alto da qual pudéssemos ver o território. Infelizmente, estamos numa terra baixa, e, de longe, não vi uma única montanha, mesmo no horizonte. Parece que não há elevações além dos rochedos que se erguem por trás da praia. Para lá decerto que há florestas, planícies, pântanos, pelo meio dos quais corre o rio cuja embocadura explorámos.

— Contudo, era útil reconhecer este território — ponderou Gordon —, antes de dar a volta em torno dos rochedos onde Briant e eu procurámos de balde uma caverna!

— Não podemos dirigir-nos para o norte da baía? — perguntou Briant. — Parece-me que, subindo ao cabo que a termina, se veria ao longe...

— Também estava pensando isso — respondeu Gordon.

— Sim! esse cabo, que pode ter duzentos e cinquenta a trezentos pés, deve dominar os rochedos.

— Ofereço-me para ir lá — disse Briant.

— Para quê? — respondeu Doniphan. — Que se pode ver lá de cima?

— O quê?... O que há! — replicou Briant.

Efetivamente, na extremidade da baía erguia-se um montão de rochas, uma espécie de outeiro, cortado a prumo, e que, do outro lado, parecia reunir-se aos rochedos. A distância entre o Sloughi e este promontório não excedia sete ou oito milhas, seguindo a curvatura da praia, e cinco, quando muito, a voo de abelha, como dizem os americanos. Ora Gordon não devia errar muito calculando em trezentos pés a

altura do promontório acima do nível do mar.

Esta altitude seria suficiente para a vista poder abranger bem o território? Não se apresentaria, para leste, algum obstáculo que impedisse o olhar de percorrer todo o país? Em todo o caso, sempre se veria o que havia para além do cabo, isto é, se a costa se prolongava indefinidamente para o norte, ou se era envolvida pelo oceano. Portanto, era conveniente ir até à extremidade da baía, e fazer esta ascensão. Por pouco território que se descobrisse para leste, a vista devia abranger uma extensão de muitas milhas.

Ficou decidido que o projeto seria posto em execução.

Posto que Doniphan não visse grande utilidade nele — sem dúvida por causa de ser uma ideia apresentada por Briant — os outros rapazes esperavam que desse resultados excelentes.

Ao mesmo tempo, resolveu-se seriamente não abandonar o Sloughi enquanto não se soubesse com certeza se estava ou não encalhado no litoral de um continente — o qual não podia pertencer senão ao continente americano.

Contudo, a excursão não pôde ser empreendida durante os cinco dias que se seguiram. O tempo estava outra vez brusco, e, de quando em quando, caía uma chuva miudinha. Se o vento não mostrasse tendências para aumentar, os vapores que obscureciam o horizonte tornariam inútil a excursão projetada.

Estes cinco dias não se passaram sem fazer nada. Foram empregados em trabalhos diversos. Briant tratava das crianças, vigiando-as continuamente, como se fosse uma necessidade da sua natureza prodigalizar essa afeição paternal. A sua preocupação constante era trazê-las tão bem tratadas quanto as circunstâncias o permitiam. Por isso, como a temperatura parecia querer baixar, obrigou-as a vestir um fato mais quente, arranjando para o corpo delas a roupa que estava nas caixas dos marinheiros. Foi um trabalho de alfaiate, em que a tesoura trabalhou mais do que a agulha, e para o qual Moko, que sabia coser, na sua qualidade de grumete para todo o serviço, mostrou muita habilidade.

Dizer que Costar, Dole, Jenkins e Iverson ficaram elegantemente vestidos com aquelas calças e aquelas camisolas muito largas, mas com as pernas e as mangas diminuídas em excesso, seria faltar à verdade. Pouco importava! Não sentiam frio, podiam mexer-se bem, e depressa se acostumaram ao seu vestuário.

Os pequenos também não estavam ociosos. Vigiados por Baxter ou por Garnett, iam todos os dias apanhar mariscos, ou pescar com redes ou linhas no leito do rio, o que era divertimento para eles e proveito para todos. Entretidos assim com um trabalho que lhes agradava, não pensavam na sua situação, cuja gravidade não poderiam compreender. É verdade que a lembrança da família os entristecia, como entristecia os seus camaradas. Mas a ideia de que nunca mais tornariam a vê-la talvez nunca lhes ocorresse!

Quanto a Gordon e a Briant, não deixavam quase nunca o Sloughi e faziam-lhe os consertos que podiam. Service também os acompanhava algumas vezes, e, sempre jovial, era ao mesmo tempo muito útil. Gostava de Briant e nunca pertencera ao grupo dos seus camaradas que faziam sociedade com Doniphan. Por isso, Briant era-lhe muito afeiçoado.

— Vamos, isto não vai mal! — repetia muitas vezes Service. — Realmente o nosso Sloughi foi deposto na praia muito a propósito por uma onda condescendente, que não o prejudicou muito!... Aqui está uma fortuna que nem o Robinson Crusoe nem o Robinson Suíço tiveram na sua ilha imaginária!

E Jaime Briant? Se ajudava seu irmão nos diversos trabalhos de bordo, Jaime mal respondia às perguntas que lhe faziam e apressava-se em desviar os olhos quando o fitavam.

Briant não deixava de se inquietar seriamente com esta mudança de Jaime. Como era mais velho do que ele quatro anos, exercera sempre no seu espírito uma Influência real. Ora, depois da partida da escuna, como já se tem notado, Jaime parecia uma criança cheia de remorsos. Teria cometido alguma falta grave — falta que não se atrevia a confessar, nem mesmo a seu irmão? O que é certo é que mais de uma vez os seus olhos vermelhos davam bem a conhecer que tinha chorado.

Briant chegou a reear que a saúde de Jaime estivesse alterada. Se o pobre pequeno adoecesse, como seria tratado? Que cuidados poderiam restituir-lhe a saúde? Isto inquietava-o muito e obrigava a interrogar seu irmão sobre o que sentia, mas este nunca respondia senão:

— Não tenho nada... Não. Não... não tenho nada!

E não era possível obter-lhe outra resposta.

Durante o tempo que decorreu entre 11 e 15 de março, Doniphan, Wilcox, Webb e Cross andaram caçando os pássaros que tinham ninhos nas rochas. Andavam sempre juntos e procuravam, visivelmente, fazer rancho à parte. Gordon não via isto sem inquietação. Logo que se apresentava ocasião, intervinha junto de uns e de outros, diligenciando fazer-lhes compreender que a união era necessária. Mas Doniphan, sobretudo, respondia com tanta aspereza aos seus conselhos que ele achava prudente não insistir.

Contudo, não perdia a esperança de destruir estes germes de dissidência, que podiam tornar-se tão funestos, e, além disso, talvez os factos trouxessem uma reconciliação que os seus conselhos não podiam obter.

Durante esses dias de nevoeiro, que impediram a excursão projetada ao norte da baía, as caçadas foram muito frutuosas. Doniphan, apaixonado pelos exercícios do desporto, era realmente muito hábil em manejar a espingarda. Extremamente orgulhoso com a sua habilidade — mesmo mais do que era suportável —, mostrava um desdém profundo pelos outros utensílios de caça, tais como laços ou redes, aos quais Wilcox dava a preferência. Assim, era provável que, nas circunstâncias em que se achavam os seus camaradas, este rapaz lhes prestasse maiores serviços do que ele. Webb atirava bem, mas sem pretender, de forma alguma, igualar Doniphan.

Quanto a Cross, não tinha o fogo sagrado e contentava-se com aplaudir as façanhas de seu primo. Deve-se igualmente mencionar o cão “Phann”, que se distinguia nessas caçadas e não hesitava em lançar-se no meio das ondas para trazer a caça que caía para além dos recifes.

É preciso confessar que, no número das peças mortas pelos pequenos caçadores, achavam-se muitas aves marinhas, das quais Moko não podia fazer nada: alcatrazes, gaivotas, guinchos, mergulhões.

Em compensação, era grande a abundância de pombos de rocha, de gansos e de patos, cuja carne foi muito apreciada. Estes gansos eram de uma espécie particular, e, pela direção que tomavam quando as detonações os faziam voar rapidamente, era de crer que habitassem o interior do país.

Doniphan matou também alguns desses ostreiros que vivem geralmente de moluscos, de que são muito gulosos, tais como lapas, mexilhões, etc. Enfim, havia por onde escolher; mas essa caça exigia quase sempre uma certa preparação a fim de perder o sabor oleoso, e, apesar da sua boa vontade, Moko nem sempre se saía dessa dificuldade com satisfação geral. Contudo, não se podia ser exigente, segundo repetia muitas vezes o previdente Gordon, e era preciso economizar as conservas do iate, gastando à vontade a bolacha, da qual havia uma provisão abundante.

Todos esperavam com impaciência que se fizesse a ascensão do cabo — ascensão que resolveria, talvez, a importante questão de ilha ou continente. Dessa questão dependia o futuro, e, por consequência, a instalação provisória ou definitiva naquela terra.

No dia 15 de março, o tempo pareceu tornar-se favorável à realização deste projeto. O céu libertara-se, durante a noite, dos espessos vapores que a calma dos dias precedentes tinha acumulado. O vento de terra tinha-os dissipado em algumas horas. Alguns raios de sol douraram a crista dos rochedos. Podia-se esperar que, à tarde, quando fosse iluminado obliquamente, o horizonte de leste aparecesse com a limpidez suficiente, e era esse horizonte que se tratava de observar. Se uma linha de água contínua se estendesse para esse lado, a terra era uma ilha, e não se podiam esperar socorros senão de algum navio que aparecesse naquelas paragens.

Como já se disse, a ideia da excursão ao norte da baía partira de Briant, e este tinha resolvido empreendê-la só. É certo que não lhe desagradava ir na companhia de Gordon. Mas abandonar os seus camaradas, sem deixar este junto deles para os vigiar, inquietá-lo-ia muito.

No dia 16, à noite, depois de se ter certificado de que o barómetro marcava bom tempo fixo, Briant preveniu Gordon de que partiria no dia seguinte, ao alvorecer.

Transpor uma distância de dez a onze milhas — compreendendo ida e volta — não era coisa que embaraçasse um rapaz vigoroso, que não olhava a fadigas. O dia inteiro bastar-lhe-ia, com certeza, para dar conta da sua exploração e Gordon podia esperar o seu regresso antes da noite.

No dia seguinte, de madrugada, Briant partiu, sem ter comunicado aos outros a sua resolução. Levava apenas um cajado e um revólver, para o caso de encontrar algum animal feroz, posto que os caçadores não tivessem achado vestígios deles nas suas excursões precedentes.

A estas armas defensivas juntara Briant um instrumento que devia facilitar-lhe o trabalho quando estivesse na ponta do promontório. Era um dos óculos do Sloughi — óculo de grande alcance e de uma clareza notável. Num saquinho preso à cintura, levava bolacha, um bocado de carne salgada, uma cabaça com algumas gotas de brandy, enfim, o suficiente para um almoço e, em caso de necessidade, para um jantar, se algum incidente retardasse o seu regresso à escuna.

Briant, caminhando a passos largos, seguiu primeiro o contorno da costa, cercado, no limite interior

dos recifes, por longo cordão de limos, ainda húmidos das águas do mar. Depois de curta marcha, tinha passado o ponto extremo atingido por Doniphan e pelos seus companheiros, quando iam caçar os pombos da rocha. Estes voláteis não tinham nada a recear de Briant naquele momento. Ele não queria perder tempo, a fim de chegar o mais depressa possível ao cabo. O tempo estava claro, o céu inteiramente limpo de nevoeiro, era necessário aproveitar. Se, para a tarde, os vapores se acumulassem para os lados de leste, o resultado da exploração seria nulo.

Durante a primeira hora, Briant pudera caminhar com bastante rapidez, e já tinha transposto metade do caminho. Se não se apresentasse algum obstáculo, contava chegar ao promontório antes das oito horas da manhã. Mas, à medida que os rochedos se aproximavam do banco de recifes, o solo da praia tornava-se mais áspero. A camada de areia diminuía tanto mais quanto os recifes ganhavam terreno. Em lugar do solo elástico e firme que se estendia entre o bosque e o mar, nas proximidades do rio, Briant foi obrigado a aventurar-se sobre rochas escorregadias, sargaças viscosas, no meio de charcos que era preciso atravessar, e de pedras vacilantes, que apresentavam ponto de apoio insuficiente. Isto deu em resultado uma marcha muito penosa e — o que era ainda pior — um atraso de duas horas.

— O principal é chegar ao cabo antes que a maré encha! — dizia Briant. — Esta parte da praia foi coberta pela última preia-mar, e a que vier agora cobri-la-á, decerto, até à base dos rochedos. Se for obrigado a retroceder ou a refugiar-me sobre alguma rocha, chegarei demasiado tarde! Vejamos, pois, se é possível passar, a todo o custo, antes que as ondas tenham invadido a praia!

E o corajoso rapaz, não querendo ceder à fadiga que começava a tolher-lhe os membros, procurou tomar o caminho mais curto. Em muitos sítios teve de descalçar as botas e as meias, a fim de atravessar grandes lagos com água até ao meio da perna; depois, quando se achava à superfície dos cachopos, aventurava-se a caminhar sobre eles, não sem se expor a algumas quedas, que não pôde evitar senão à força de destreza e de agilidade.

Como o nosso explorador teve ocasião de ver, era precisamente naquela parte da baía que havia mais abundância de caça aquática. Os pombos, os ostreiros e os patos eram aos milhares. Dois ou três casais de focas descansavam nas pontas dos recifes, sem darem mostras de susto e sem procurarem esconder-se debaixo da água: Podia-se concluir daqui que, se estes anfíbios não desconfiavam do homem, é porque julgavam nada ter a recear dele, e, portanto, havia muitos anos, pelo menos, que nenhum pescador vinha dar-lhes caça.

Entretanto, refletindo bem, Briant concluiu, da presença de focas, que a costa devia ser mais elevada em latitude do que ele pensara, mais meridional, por consequência, do que o arquipélago neozelandês. Portanto, a escuna devia ter inclinado notavelmente para o sueste durante a sua travessia do Pacífico. E isto pareceu confirmar-se ainda mais quando Briant, chegando finalmente ao promontório, distinguiu um bando de patos marinhos, hóspedes habituais dessas paragens antárticas. Esvoaçavam aos centos, agitando pesadamente as asas, que lhes servem mais para nadar do que para voar. Contudo, não podia fazer nada dele, porque a sua carne tem sabor a ranço e é oleosa.

Eram dez horas da manhã. Vê-se o tempo que Briant levou a percorrer as últimas milhas. Extenuado, cheio de fome, pareceu-lhe conveniente restaurar as forças antes de tentar a ascensão do promontório, cujo cimo se elevava a trezentos pés acima do nível do mar:

Briant sentou-se, pois, numa rocha, ao abrigo da maré, que já chegava ao banco dos recifes. Com certeza que uma hora mais tarde não teria podido passar entre os cachopos e a parte mais baixa dos rochedos, sem se arriscar a ser envolvido pelo fluxo. Mas isso agora já não o inquietava, e, à tarde, quando a vazante levasse toda essa água para o mar, acharia outra vez a passagem livre.

Um bom pedaço de carne, alguns golos de brandy, não era preciso mais para lhe saciar a fome e a sede, enquanto alguns momentos de descanso lhe restabeleciam as forças. Enquanto comia, ia refletindo. Só, longe dos seus camaradas, procurava encarar friamente a situação, decidido a prosseguir até ao fim a obra de salvação comum, tomando nela a maior parte. Se a atitude de Doniphan e de alguns outros, a seu respeito, não deixava de o preocupar, é porque via nisso o prenúncio de uma desunião muito desagradável. Estava resolvido, contudo, a opor uma resistência absoluta a qualquer ato que lhe parecesse dever arriscar os seus companheiros: Pensava também em seu irmão Jaime cujas maneiras lhe inspiravam sérios cuidados. Parecia-lhe que esta criança ocultava alguma falta que tinha cometido — provavelmente antes da partida — e prometia a si mesmo instar tanto com ele a este respeito que Jaime seria obrigado a responder-lhe.

Briant deixou-se estar a descansar durante uma hora, a fim de recuperar todas as suas forças. Levantou então o saco, atirou-o para os ombros e começou a trepar as primeiras rochas.

O promontório, situado mesmo na extremidade da baía e terminado por uma ponta aguda, apresentava uma formação geológica muito singular. Dir-se-ia uma cristalização de origem ígnea, que tivesse sido formada pela ação das forças plutónicas. Este cabeço, ao contrário do que parecia visto de longe, não estava ligado aos rochedos.

Além disso, diferia absolutamente deles pela sua natureza, pois era composto de rochas graníticas, em vez dessas estratificações calcárias, semelhantes às que cercam a Mancha, no oeste da Europa.

Isto foi o que Briant pôde observar, e notou também que o promontório era separado dos rochedos por um canal estreito. Adiante, para o lado do norte, a praia estendia-se a perder de vista. Mas, enfim, visto o cabeço dominar as alturas a uma centena de pés, pouco mais ou menos, a vista poderia abranger uma grande extensão de território. Era o mais importante.

A ascensão foi muito difícil. Era preciso içar-se de uma rocha para a outra — rochas tão altas, às vezes, que Briant não alcançava a borda superior senão com muita dificuldade. Contudo, como ele pertencia a essa categoria de crianças que se poderia classificar na ordem dos trepadores, como sempre mostrara, desde muito pequeno, uma predileção extraordinária pelas escaladas, como adquirira nelas uma audácia, uma agilidade e uma destreza pouco vulgares, conseguiu pôr os pés no cume, depois de ter evitado mais de uma queda que poderia ser mortal.

A primeira coisa que fez foi levar o óculo aos olhos e dirigir estes para leste.

A região era plana até onde a vista podia alcançar. Os rochedos constituíam a sua principal elevação e o seu planalto baixava ligeiramente para o interior. Para diante, o solo apresentava algumas tumescências, que não modificavam sensivelmente o aspeto do país. Nessa direção cobriam-no vastas florestas, ocultando debaixo dos seus maciços, amarelados pelo outono, o leito dos rios que deviam espriar-se para o litoral. Era uma superfície plana até ao horizonte, cuja distância podia ser calculada em uma dezena de milhas. Daquele lado, o território parecia não ser cercado pelo mar, e, para se saber com certeza se era um continente ou uma ilha, era preciso organizar uma excursão mais longa na direção de oeste.

Efetivamente, para o norte, Briant não distinguia a extremidade do litoral desenvolvido em uma linha reta de sete a oito milhas. Em seguida, para além de um novo cabo muito alongado, esse litoral tornava-se côncavo, formando uma imensa praia arenosa, que dava ideia de um vasto deserto.

Para o sul, atrás do outro cabo adelgado na extremidade da baía, a costa corria de nordeste para sudeste, limitando um vasto pântano, que contrastava com as praias desertas do norte.

Briant percorrera atentamente, com a objetiva do seu óculo, todos os pontos daquele grande perímetro. Estava numa ilha, estava num continente?... Não poderia dizê-lo. Em todo o caso, se era uma ilha, tinha uma grande extensão: eis tudo o que podia afirmar.

Voltou-se então para o lado de oeste. O mar resplandecia sob os raios oblíquos do Sol, que declinava lentamente para o horizonte.

De repente, Briant, levando o óculo aos olhos com vivacidade, dirigiu-o para a linha extrema do largo.

— Navios... — exclamou ele — navios que passam!

Efetivamente, na periferia das águas cintilantes apareciam três pontos negros, a uma distância que não poderia ser inferior a quinze milhas.

Que perturbação se apoderou de Briant! Seria vítima de uma ilusão? Estaria realmente vendo três navios?

Briant baixou o óculo, limpou-lhe a ocular, que o seu hálito embaciara, olhou novamente...

Na verdade, aqueles três pontos pareciam mesmo ser navios, dos quais se distinguissem apenas os cascos. Quanto à mastreação, não se via nenhuma, e não se distinguia fumo que indicasse serem *steamers* em movimento.

Briant pensou então que, se fossem navios, estavam tão distantes que os seus sinais não podiam ser distinguidos. Ora, como era muito admissível que os seus camaradas não tivessem visto aquelas embarcações, o melhor era voltar quanto antes para o Sloughi, a fim de acender uma grande fogueira na praia, e então... depois do sol-posto...

Sempre refletindo, Briant não deixava de observar os três pontos negros. Qual foi, porém, o seu desapontamento quando reconheceu que não mudavam de lugar!

Assestou novamente o óculo e durante cinco minutos conservou-se no campo da objetiva... Não

tardou em reconhecê-lo: eram três ilhotas pequenas, situadas a oeste do litoral, próximo das quais a escuna devia ter passado quando a tempestade a arrastava para a costa, mas que tinham ficado Invisíveis no meio do nevoeiro.

A decepção foi grande!

Eram duas horas. O mar começava a retirar-se, deixando a descoberto o cordão de recifes do lado dos rochedos. Briant, achando que era tempo de voltar para o Sloughi, preparou-se para descer do promontório.

Contudo, quis percorrer ainda uma vez o horizonte de leste. Em consequência da oposição oblíqua do Sol, talvez distinguisse algum outro ponto do território que não tivesse podido ver até àquele momento.

Dirigiu, pois, o olhar para esse lado com uma atenção minuciosa, e não teve de se arrepender desse cuidado.

Efetivamente, no ponto mais distante que a sua vista podia alcançar, para diante do último maciço de verdura, distinguiu perfeitamente uma linha azulada, que se prolongava do norte para o sul, em uma extensão de muitas milhas, e cujas extremidades se perdiam atrás da massa confusa do arvoredos.

— O que será? — disse ele.

Tornou a olhar com mais atenção ainda.

— O mar!... Sim! É o mar!

E quase que deixou cair o óculo das mãos.

Se o mar se estendia para leste, já não havia que duvidar!

Não era num continente que o Sloughi estava encalhado, era numa ilha, uma ilha isolada naquela imensidade do Pacífico, uma ilha da qual era impossível sair!...

E todos os perigos se apresentaram então como uma visão rápida ao espírito do moço náufrago. O seu coração oprimia-se, a ponto de não o sentir bater!... Mas, resistindo a essa fraqueza involuntária, compreendeu que não devia entregar-se ao desespero, por muito assustador que fosse o futuro!

Um quarto de hora depois, Briant estava na praia e, tomando o caminho que seguira pela manhã, antes das cinco horas chegava ao Sloughi, onde os seus camaradas esperavam com impaciência o seu regresso!

Capítulo VI

Nessa mesma noite, depois da ceia, Briant comunicou aos mais velhos o resultado da sua exploração. Esta resumia-se no seguinte: na direção de leste, para além da zona das florestas, distinguira visivelmente uma linha de água que se desenhava do norte ao sul. Era um horizonte de mar, não podia haver dúvida a esse respeito.

Portanto, era numa ilha e não num continente que o Sloughi encalhara com tanta infelicidade!

Gordon e os outros receberam com grande comoção as primeiras palavras do seu camarada. O quê! estavam numa ilha, e faltavam-lhes todos os meios para saírem dela! Era preciso, então, renunciar ao projeto que tinham formado de ir procurar, para leste, o caminho que os levasse a um continente! Estavam reduzidos a esperar a passagem de algum navio que se avistasse da costa! Era, então, certo ser essa a única probabilidade de salvação que lhes restava?...

— Mas talvez Briant se enganasse na sua observação — sugeriu Doniphan.

— Efetivamente, Briant — acrescentou Cross —, o que te pareceu mar não podia ser muito bem uma barra de nuvens?

— Não — respondeu Briant —, tenho a certeza de que não me enganei! O que eu vi a leste era uma linha de água que se arredondava no horizonte!

— A que distância?... — perguntou Webb.

— A seis milhas do cabo, pouco mais ou menos.

— E para diante — insistiu Webb —, não havia montanhas ou terras elevadas?

— Não!... não havia nada!

Briant falava com tanta certeza que não seria razoável conservar a mínima dúvida a este respeito.

Contudo, como sucedia sempre que discutia com Briant, Doniphan continuou com a sua ideia.

— E eu repito — teimou ele — que Briant pode ter-se enganado e, enquanto não tivermos visto com os nossos olhos...

— E o que havemos de fazer — respondeu Gordon —, porque não se pode ficar nesta incerteza.

— E eu acho que não temos um dia a perder — disse Baxter —, se quisermos partir antes do mau tempo, no caso de estarmos em um continente!

— Amanhã, se o tempo o permitir — replicou Gordon —, empreenderemos uma excursão, que durará, decerto, muitos dias. Isto é, se estiver bom tempo, porque aventurarmo-nos através dessas florestas espessas do interior com o tempo mau seria a maior loucura.

— Está dito, Gordon — concordou Briant —, e quando tivermos chegado ao litoral oposto da ilha...

— Se for uma ilha!... — exclamou ainda Doniphan, encolhendo os ombros.

— É, com certeza! — replicou Briant, com um gesto de impaciência. — Não estou enganado!...

Distingui perfeitamente o mar na direção de leste!... Doniphan gosta de me contradizer, segundo o seu costume...

— Olha que não és infalível, Briant!

— Não! Bem sei que não sou! Mas, desta vez, veremos se foi engano meu! Eu próprio irei reconhecer aquele mar, e, se Doniphan quiser acompanhar-me...

— Quero, já se vê!...

— E nós também! — exclamaram três ou quatro dos maiores.

— Bem!... Bem!... — interveio Gordon. — Moderemo-nos, camaradas! Apesar de sermos uns pequenos, tratemos de proceder como homens! A nossa situação é grave e uma imprudência pode torná-la mais grave ainda. Não! Não devemos arriscar-nos todos através dessas florestas. Em primeiro lugar, os mais pequenos não podiam seguir-nos, e havíamos de deixá-los sós no Sloughi? Doniphan e Briant vão tentar a excursão, acompanhados por outros dois...

— Eu! — disse Wilcox.

— E eu! — disse Service.

— Pois seja — anuiu Gordon. — Quatro, não é preciso mais. Se se demorarem muito, podem ir alguns ao seu encontro, enquanto os outros ficam na escuna. Não se esqueçam de que é aqui o nosso acampamento, a nossa casa, o nosso *home*, e não devemos abandoná-lo enquanto não tivermos a certeza de estarmos em um continente.

— Estamos numa ilha! — assegurou Briant. — Afirmo-lhes que é uma ilha!...

— Havemos de ver isso! — replicou Doniphan.

Os bons conselhos de Gordon puseram fim à desinteligência entre os dois rapazes. Evidentemente — e Briant era o primeiro a reconhecê-lo —, era necessário fazer uma diversão através das florestas do centro a fim de atingir a linha de água avistada por ele. Além disso, admitindo que fosse efetivamente um mar que se estendesse para leste, não podia dar-se o caso de, nessa mesma direção, haver outras ilhas, separadas unicamente por um canal que talvez se pudesse atravessar? Ora, se essas ilhas faziam parte de um arquipélago, se apareciam elevações no horizonte, não era isso o que se devia verificar antes de se tomar uma resolução da qual podia depender a salvação dos moços náufragos? O que era certo é que não havia nenhuma terra para oeste, desde aquela parte do Pacífico até às paragens da Nova Zelândia. Portanto, não podia haver probabilidade de chegar a um país habitado, senão procurando-o do lado onde o Sol nascia.

Entretanto, não era prudente tentar esta exploração não estando o tempo bom. Assim como Gordon tinha dito, não deviam raciocinar nem proceder como crianças, mas sim como homens. Nas circunstâncias em que se achavam, perante as eventualidades ameaçadoras do futuro, se a inteligência dos rapazinhos não se desenvolvesse prematuramente, se a irreflexão, a inconsequência própria da sua idade não fosse reprimida, se, além disso, a desunião lavrasse entre eles, comprometer-se-ia absolutamente uma situação já muito crítica.

Era por isso que Gordon estava resolvido a fazer tudo o que estivesse ao seu alcance a fim de manter a ordem entre os seus camaradas.

Contudo, apesar da pressa com que Briant e Doniphan tinham de começar a exploração, uma mudança de tempo obrigou-os a adiar a partida. Logo no dia seguinte, começou a cair, de quando em quando, uma chuva fria. O abaixamento contínuo do barómetro indicava um período de borrascas, cuja duração não se podia prever. Seria demasiado temerário aventurarem-se em tão más condições.

Afinal, era o caso para lastimar? Não, decerto. Que todos — não falando nos pequenos — tivessem pressa de saber se o mar os cercava por todos os lados, compreende-se. Mas, mesmo que tivessem a certeza de estar num continente, haviam de lançar-se no interior de um país que não conheciam, e isto quando o mau tempo ia chegar? Se o caminho que tinham a percorrer fosse de centenas de milhas, poderiam eles suportar as fadigas? O mais vigoroso de entre eles teria força para chegar ao fim? Não! Para ter bom resultado, essa empresa devia

ser adiada para a estação dos dias grandes, quando já não se receassem as intempéries do inverno. Por consequência, era preciso resignarem-se a passar a estação dos frios no acampamento do Sloughi.

Entretanto, Gordon procurava reconhecer em que parte do oceano naufragara a escuna. O Atlas de Stieler, que pertencia à biblioteca do iate, continha uma série de cartas do Pacífico. Ora, procurando fixar o caminho seguido desde Auckland até ao litoral da América, não se notava para o norte, para diante do grupo das Pomotu, senão a ilha da Páscoa e aquela ilha João Fernandes onde Selkirke — um Robinson verdadeiro — passara uma parte da existência. Ao sul, nem uma terra até aos espaços sem limites do oceano Antártico. Para leste, não havia senão os arquipélagos das ilhas Chiloe ou da Madre de Deus, espalhados nas margens da Patagónia, e, mais para baixo, os do estreito de Magalhães e da Terra de Fogo, contra os quais vão despedaçar-se os terríveis mares do cabo Horn.

Portanto, se a escuna tivesse sido arremessada a uma das ilhas desertas que confinam com os pampas patagónios, seria necessário percorrer centenas de milhas para chegar às províncias do Chile, da Prata ou da República Argentina.

E que socorro se podia esperar no meio dessas imensas solidões, onde o viajante é ameaçado por perigos de toda a espécie?

Em vista de tais eventualidades, convinha proceder com extrema prudência e não se arriscarem a morrer miseravelmente, aventurando-se através do desconhecido.

Era isto que pensava Gordon. Briant e Baxter eram da mesma opinião. Doniphan e os outros acabariam por se convencer.

O projeto de ir reconhecer o mar avistado a leste durava ainda. Mas, durante os quinze dias que se seguiram, foi impossível executá-lo. O tempo tornou-se abominável, dias chuvosos desde pela manhã até à noite, tempestades que se desencadeavam com uma violência assustadora. O caminho através das florestas devia estar impraticável. Foi, pois, necessário retardar a exploração, apesar de todos desejarem resolver essa importante questão.

Durante esses dias de tempestade, Gordon e os seus camaradas conservaram-se a bordo, mas não estiveram desocupados. Sem falar nos cuidados que exigia o material, era preciso estar a reparar incessantemente as avarias do iate, que sofria muito com estas intempéries. A borda começava a abrir-se no lado mais alto, e o convés já não estava impermeável. Em alguns sítios, a chuva passava por entre as costuras; a estopa desfiava-se a pouco e pouco, e era preciso calafetá-las sem cessar.

De modo que o mais urgente era procurar um abrigo menos incómodo. Admitindo que se pudesse subir para leste, não era possível fazê-lo antes de passarem cinco ou seis meses, e com certeza o Sloughi não durava até esse tempo. E, se fosse necessário abandoná-lo no meio do inverno, onde se encontraria um refúgio, visto que o lado de trás dos rochedos, exposto a oeste, não apresentava nem uma anfractuosidade que pudesse ser utilizada? Era, portanto, para a encosta contrária, ao abrigo do vento do largo, que convinha empreender novas pesquisas, e, em caso de necessidade, construir uma habitação onde coubesse o rancho todo.

Entretanto, a carga estava dividida em pacotes assentes, por sua ordem, na carteira de Gordon, a fim de, num caso urgente, serem transportados com mais rapidez para debaixo das árvores.

Quando o tempo abrandava durante algumas horas, Doniphan, Webb e Wilcox iam caçar os pombos bravos, que Moko tratava, com melhor ou pior êxito, de preparar de diferentes maneiras. Por outro lado, Garnett, Service e Cross, ajudados pelos mais pequenos, e às vezes por Jaime, quando o Irmão deste o exigia absolutamente, entregavam-se à pesca. Naquelas paragens piscosas, o que a baía dava com abundância, no meio dos limos agarrados aos primeiros recifes, era exemplares do género *notolhenia* e badejos de grandes dimensões. Entre as fileiras dos fucos gigantes, desses *kelps* que chegam a ter quatrocentos pés de comprimento, agitava-se um número prodigioso de peixinhos que se podiam apanhar à mão.

Os pequenos soltavam mil exclamações quando içavam as redes ou as linhas para a borda do banco de recifes.

— Cá vêm!... Cá vêm!... — exclamava Jenkins. — Como são grandes!

— E os meus... ainda são maiores do que os teus! — bradava Iverson, pedindo auxílio a Dole.

— Ai! que vão fugir! — gritava Costar.

E os outros corriam a ajudá-lo.

— Cuidado!... Cuidado!... — repetiam Garnett e Service, dirigindo-se aos pequenos — e, sobretudo, levantem as redes depressa!

— Mas é que não posso!... — repetia Costar, arrastado pelo peso do fardo.

E todos, reunindo os seus esforços, conseguiram trazer as redes para a praia.

Era tempo, porque, no meio das águas claras, havia bastante quantidade de *hyxines*, lampreias ferozes que devoravam facilmente o peixe preso nas malhas. Posto que deste modo se perdessem muitos, o resto era mais que suficiente para as necessidades da mesa. Os badejos, principalmente, forneciam uma carne excelente, quer se comessem frescos, quer se conservassem em sal.

Quanto à pesca na embocadura do rio, não dava senão espécimes medíocres de alaxias, espécie de ruivacos, dos quais Moko se via obrigado a fazer fritadas.

No dia 27 de março, uma captura mais importante ocasionou um incidente bastante cómico.

De tarde, tendo parado a chuva, os pequenos dirigiram-se para o rio com os utensílios de pesca.

De repente, ouviram-se gritos — gritos de alegria, é verdade — e, contudo, os rapazinhos pediam socorro.

Gordon, Briant, Service e Moko, que tinham ficado na escuna, largaram o trabalho e, lançando-se na direção de onde vinham os gritos, percorreram num momento os quinhentos ou seiscentos passos que os separavam do rio.

— Venham!... venham!... — exclamava Jenkins.

— Venham ver Costar e o seu corcel! — Dizia Iverson.

— Mais depressa, Briant, mais depressa, quando não ele foge-nos! — repetia Jenkins.

— Basta!... Basta!... Quero descer!... Tenho medo!... — gritava Costar, fazendo gestos de desespero.

— Upa!... Upa!... — gritava Dole, que tomara lugar atrás de Costar sobre uma massa em movimento.

Esta massa era uma tartaruga de grandes dimensões, um desses enormes quelónios que se encontram, a maior parte das vezes dormindo, à superfície do mar. Desta vez, surpreendida na praia, diligenciava alcançar o seu elemento natural.

Os pequenos, depois de lhe terem passado uma corda à roda do pescoço, que estava estendido fora da concha, esforçavam-se por conter o vigoroso animal. Este continuava a mover-se e, apesar de não caminhar com rapidez, avançava com uma força irresistível, arrastando consigo todo o bando. Por travessura, Jenkins tinha empoleirado Costar em cima da concha, e Dole, escarranchado atrás, amparava o rapazito, que não cessava de soltar gritos de terror, tanto mais agudos quanto mais a tartaruga se aproximava do mar.

— Agarra-te bem!... Agarra-te bem!... Costar — recomendou Gordon.

— E vê lá se o cavalo toma o freio nos dentes! — exclamou Service.

Briant não pôde deixar de rir, porque o pequeno não corria o menor perigo. Logo que Dole o largasse, não precisava mais do que deixar-se escorregar, e não sofreria senão o susto.

Mas o mais importante era capturar o animal. Era evidente que, mesmo que Briant e os outros juntassem os seus esforços aos dos pequenos, não conseguiriam detê-lo. Tratava-se, portanto, de achar o meio de lhe suspender a marcha, antes que desaparecesse debaixo das águas, onde estaria em segurança.

Os revólveres de que Gordon e Briant se tinham munido ao deixar a escuna não podiam servir-lhes, porque a concha das tartarugas é à prova de bala, e, se a atacassem a golpes de machado, ela encolhia a cabeça e as patas de modo que não pudessem fazer-lhe mal.

— Há apenas um meio — disse Gordon —: é deitá-la de costas!

— E de que maneira? — perguntou Service. — Este animal pesa pelo menos, trezentos quilos, e não poderemos nunca...

— Espeques!... Espeques!... — lembrou Briant.

E, seguido por Moko, correu â toda a pressa para o Sloughi.

Naquele momento, a tartaruga estava apenas a uns trinta passos do mar. Por isso, Gordon apressou-se em pôr no chão Costar e Dole, que estavam agarrados à concha. Em seguida, todos eles, apoderando-se da corda, puxaram-na o mais que puderam, sem conseguir deter a marcha do animal, que tinha força bastante para levar a reboque todo o Colégio Chairman.

Felizmente, Briant e Moko voltaram antes que a tartaruga tivesse atingido o mar.

Passaram-lhe então dois espeques por debaixo do esterno e, por meio dessas alavancas, conseguiram, não sem grandes esforços, virá-la de costas. Depois disto, estava definitivamente prisioneira, porque lhe era impossível tornar a pôr-se direita.

Além disso, no momento em que ia encolher a cabeça, Briant acertou-lhe com o machado tão bem que ela perdeu a vida quase no mesmo instante.

— Então, Costar, ainda tens medo deste enorme bicho? — perguntou Briant ao pequenito.

— Agora não!... Já está morto...

— Sim... — exclamou Service — mas aposto que não te atreves a comê-lo?

— Pois isto come-se?

— Come-se, sim!

— Nesse caso comerei, se for bom! — retorquiu Costar, lambendo já os beiços.

— É excelente — respondeu Moko, que não exagerava afirmando que a carne da tartaruga é muito delicada.

Como não era possível transportar aquela massa até ao iate, foi necessário cortá-la em pedaços mesmo ali. Era muito repugnante, mas os pequenos náufragos começavam a habituar-se às necessidades, por vezes muito desagradáveis, daquela vida de Robinsons. O mais difícil foi quebrar a couraça, cuja dureza metálica embotaria o fio de um machado. Sempre se conseguiu, introduzindo uma tesoura nos interstícios das chapas. Em seguida, a carne, cortada em bocados, foi transportada para o Sloughi. E nesse dia todos puderam convencer-se de que o caldo de tartaruga era delicioso, sem falar nas fatias grelhadas, que foram devoradas com sofreguidão, apesar de Service as ter deixado queimar um pouco sobre as brasas demasiado ardentes. O próprio Phann deu a conhecer, a seu modo, que os restos do animal não desagradavam nada à raça canina.

Esta tartaruga tinha fornecido mais de cinquenta arráteis de carne — o que ia permitir que economisassem as conservas do iate.

O mês de março passou-se nestas condições. Durante estas três semanas, depois do naufrágio do Sloughi, todos tinham trabalhado com afinco, prevendo uma prolongação de residência naquela parte da costa. Restava agora, antes que aparecesse o inverno, resolver definitivamente a importante questão do continente ou ilha.

No dia 1 de abril percebeu-se que o tempo não tardaria em modificar-se. O barómetro subia

lentamente e o vento mudava de direção, com uma certa tendência para abrandar.

Não podia haver engano com estes sintomas de calma próxima e talvez de longa duração. As circunstâncias prestavam-se, pois, a uma exploração no interior do país.

Nesse dia, os mais velhos conversaram a este respeito, e, depois de se discutir o que convinha resolver, fizeram-se os preparativos para uma expedição cuja importância ninguém ignorava.

— Parece-me — disse Doniphan — que coisa alguma nos impede de partir amanhã?

— Assim o espero — admitiu Briant —, e é necessário estarmos prontos para o romper do dia.

— Segundo escrevi na minha carteira — disse Gordon —, a linha de água que avistaste a leste achava-se a seis ou sete milhas do promontório.

— Sim — respondeu Briant —, mas, como a baía descreve uma curva muito profunda, é possível que essa distância seja menor a partir do nosso acampamento.

— E nesse caso — tornou Gordon — talvez não se demorem mais de vinte e quatro horas?

— Sim, Gordon, se pudermos caminhar diretamente para Leste. Mas, teremos a certeza de encontrar passagem através das florestas, quando tivermos dado a volta à roda dos rochedos?

— Oh! não é essa a dificuldade que nos há de deter! — observou Doniphan.

— Seja — concordou Briant —, mas o caminho pode ser impedido por outros obstáculos, um curso de água, um pântano, mil coisas, enfim. Parece-me, pois, conveniente ir-se prevenido de víveres, contando com uma viagem de alguns dias.

— E de munições — acrescentou Wilcox.

— Isso já se sabe — respondeu Briant —, e, ouve, Gordon, se não tivermos regressado dentro de quarenta e oito horas, não estejas inquieto...

— Inquieto, estou, mesmo que se demorem apenas meio dia — declarou Gordon. — Mas não é disso que se trata. Já que se decidiu esta expedição, é necessário fazê-la. E parece-me que ela não deve ter por fim, unicamente, atingir o mar avistado a leste. É importante, também, reconhecer o território para além dos rochedos.

Deste lado não achámos nenhuma caverna, e, quando abandonarmos o Sloughi, é para transportar o nosso acampamento para um sítio onde esteja ao abrigo do vento.

Passar o inverno nesta praia parece-me inaceitável.

— Tens razão, Gordon — aprovou Briant —, procuraremos um lugar conveniente onde seja possível instalarmo-nos...

— A não ser que se possa deixar definitivamente esta pretendida ilha! — observou Doniphan, que continuava agarrado à sua ideia.

— Já se sabe, apesar de a estação não se prestar a isso, por ir já muito adiantada! — respondeu Gordon. — Enfim, há de ser o que Deus quiser. E, está decidido, é amanhã a partida!

Os preparativos não levaram muito tempo a fazer-se. Víveres para quatro dias, guardados em sacos que seriam levados a tiracolo, quatro espingardas, quatro revólveres, dois machados de bordo, uma

bússola de algibeira, um óculo por meio do qual se podia observar o território a umas três ou quatro milhas em roda, coberturas de viagem e, além dos utensílios de algibeira, iscas, pederneiras, fósforos, tudo isto parecia suficiente para as necessidades de uma expedição curta, mas não sem perigo. Por isso, Briant e Doniphan, assim como Service e Wilcox que os acompanhavam, deviam ter muita prudência, não avançar senão com extrema circunspeção e nunca se separarem.

Gordon pensava, e com razão, que a sua presença não seria inútil entre Briant e Doniphan. Mas pareceu-lhe mais razoável ficar no Sloughi, para cuidar dos seus camaradas mais novos. Na véspera da partida, chamou Briant de parte, e obteve dele a promessa de evitar todos os motivos de desacordo ou de disputa.

Os prognósticos do barómetro haviam-se realizado. As últimas nuvens desapareceram para o ocidente, antes do pôr do Sol. A linha do mar arredondava-se a oeste, num horizonte puríssimo. As magníficas constelações do hemisfério austral cintilavam no firmamento, e, entre elas, o esplêndido Cruzeiro do Sul, que brilha no pólo antártico do Universo.

Gordon e os seus camaradas, na véspera da separação, sentiam o coração oprimido. Que iria suceder durante uma expedição sujeita a tantas eventualidades graves? Os pobres náufragos, dirigindo os olhos para o céu, pensavam em seus pais, nas suas famílias, no seu país, que talvez nunca mais tornassem a ver!...

Ajoelharam, então, defronte do Cruzeiro do Sul, como o teriam feito diante de uma capela! Não lhes dizia ele que dirigissem as suas preces ao Criador todo poderoso daquelas maravilhas celestes, e que tivessem esperança.

Capítulo VII

Briant, Doniphan, Wilcox e Service tinham deixado o acampamento do Sloughi às sete horas da manhã. O Sol, subindo num horizonte sem nuvens, anunciava um desses dias esplêndidos que o mês de outubro reserva às vezes, aos habitantes das zonas temperadas, no hemisfério boreal. Não havia que recear o calor nem o frio. Se algum obstáculo atrasasse ou impedisse a marcha, seria devido unicamente à natureza do solo.

Os pequenos exploradores dirigiram-se, primeiro, em sentido oblíquo, através da praia, de maneira que atingissem a base dos rochedos. Gordon aconselhara-lhes que levassem Phann, cujo instinto podia ser-lhes muito útil, e eis o motivo por que o inteligente animal fazia parte da expedição.

Um quarto de hora depois da partida, os quatro rapazes tinham desaparecido debaixo do copado bosque, que foi transposto rapidamente. Por baixo das árvores esvoaçava alguma caça miúda. Mas, como não se tratava de perder tempo a persegui-la, Doniphan, resistindo aos seus instintos, teve a prudência necessária para se abster disso. O próprio Phann acabou por compreender que as suas idas e vindas eram inúteis, e conservou-se perto dos donos, sem se afastar mais do que convinha ao papel de explorador.

O plano consistia em ladear a parte inferior dos rochedos até ao cabo situado ao norte da baía, se, antes de chegar à extremidade, tivesse sido impossível transpô-la. Dirigir-se-iam então para a linha de água indicada por Briant.

Este itinerário, apesar de não ser o mais curto, tinha a vantagem de ser o mais seguro. Quanto a percorrer uma ou duas milhas, não era isso coisa que assustasse rapazes vigorosos e ágeis.

Quando chegaram aos rochedos, Briant reconheceu o lugar onde Gordon e ele tinham parado durante a sua primeira exploração. Como naquela porção de muralha calcária não havia passagem alguma descendo para o sul, era para o norte que se devia procurar um caminho praticável, ainda que se subisse até ao cabo. Para isso era preciso, decerto, um dia inteiro; mas não se podia proceder de outro modo, no caso de ser impossível transpor os rochedos, na parte ocidental.

Foi o que Briant explicou aos seus camaradas, e Doniphan, depois de ter diligenciado, inutilmente, trepar por um dos declives do talude, não pôs nenhuma objeção. Todos quatro seguiram então a base dos rochedos orlada pela última fila de árvores.

Caminharam durante uma hora, pouco mais ou menos, e, como era necessário, decerto, ir até ao promontório, Briant estava ansioso por saber se a passagem seria livre. Não estaria a praia já coberta pela maré? Nesse caso era quase meio dia perdido, à espera de que a vazante deixasse o banco de recifes a descoberto.

— Aviamo-nos — disse ele, depois de ter explicado o interesse que havia em preceder a chegada do fluxo.

— Ora! — respondeu Wilcox — o mais que nos pode suceder é molharmos os calcanhares!

— Os calcanhares, e depois o peito, e depois as orelhas! — replicou Briant. — O mar sobe cinco a seis pés, pelo menos. Realmente, parece-me que teríamos feito melhor dirigindo-nos diretamente ao promontório.

— Devias tê-lo proposto — resmungou Doniphan. — És tu, Briant, que nos serves de guia, e, se estamos atrasados, tu é que tens a culpa!...

— Pois seja assim! Em todo o caso, não percamos um instante. Onde está Service?

E chamou:

— Service?... Service?...

O rapazinho já não estava ali. Depois de se ter afastado com o seu amigo Phann, acabava de desaparecer por detrás de um ângulo dos rochedos, a uns cem passos á direita.

Mas, quase em seguida, ouviram-se gritos e os latidos do cão.

Achar-se-ia Service em frente de algum perigo?

Briant, Doniphan e Wilcox correram a reunir-se ao seu camarada, que estava parado defronte de um desmoronamento parcial de rochedos — desmoronamento de antiga data. Em consequência de infiltrações, ou simplesmente das intempéries, que tinham desagregado a massa calcária, desde o alto da parede até ao chão formara-se uma espécie de meio funil. Na parede a pique, abria-se uma garganta troncocónica, cujas paredes interiores não apresentavam declives de mais de quarenta a cinquenta graus. Além disso, as suas irregularidades apresentavam uma espécie de pontos de apoio, pelos quais era fácil trepar. Rapazes, ágeis e robustos, deviam poder, sem muito custo, atingir a aresta superior, se não provocassem algum novo desmoronamento.

Doniphan foi o primeiro a lançar-se para o montão de pedras acumuladas na base.

— Espera!... Espera!... — gritou Briant. — É inútil fazer uma imprudência!

Mas Doniphan não lhe deu ouvidos, e, como o amor-próprio o fazia desejar adiantar-se aos seus camaradas — a Briant, principalmente —, depressa chegou à metade da altura do funil.

Os outros rapazes tinham-no imitado, evitando colocarem-se diretamente por baixo dele, a fim de não lhes caírem em cima os destroços que se separavam do maciço e rolavam até ao chão.

Tudo se passou bem, e Doniphan teve a satisfação de pôr os pés na crista dos rochedos antes dos outros, que chegaram pouco depois.

Doniphan já tirara o óculo do estojo e percorria com ele a superfície das florestas, que se estendiam a perder de vista na direção do leste.

Era o mesmo panorama de verdura e de céu que Briant observara do alto do cabo — um pouco menos profundo, porque o cabo era mais alto do que os rochedos talvez uns cem pés...

— E então? — perguntou Wilcox. — Não vês nada?...

— Absolutamente nada! — respondeu Doniphan.

— Deixa-me ver se eu descubro alguma coisa — pediu Wilcox.

Doniphan entregou o óculo ao seu camarada, com ar de satisfação e de triunfo.

— Não distingo a mínima linha de água! — declarou Wilcox, passados alguns instantes.

— Provavelmente — respondeu Doniphan —, a razão disso é não haver nenhuma. Podes ver, Briant, e hás de confessar que te enganaste...

— Inútil! —olveu Briant. — Tenho a certeza de que não me enganei!

— Isso agora é de mais!... Pois se não vemos nada...

— Não admira, porque os rochedos são menos elevados do que o promontório — o que diminui o alcance da vista. Se estivéssemos na altura em que eu estava colocado, a linha azul havia de aparecer a uma distância de seis a sete milhas. Veriam então que é certo ela estar onde eu indiquei e que é impossível confundi-la com uma barra de nuvens!

— É fácil de dizer!... — observou Wilcox.

— E não menos de verificar — respondeu Briant. — Passemos o planalto dos rochedos, atravessemos as florestas, e andemos para a frente até chegarmos...

— Ora! — protestou Doniphan. — Isso pode levar-nos longe, e não sei se realmente vale a pena.

— Fica, Doniphan — aconselhou Briant, que, fiel aos conselhos de Gordon, se continha, apesar da má vontade do seu camarada. — Fica... Irei eu com Service...

— Nós vamos! — afirmou Wilcox. — Vá, Doniphan, a caminho!

— Antes do almoço é que não! — declarou Service.

Efetivamente, era preciso renovar as forças antes de partir. Em meia hora comeram e descansaram o suficiente; em seguida, puseram-se de novo a caminho.

A primeira milha foi percorrida rapidamente. O solo, herboso, não apresentava dificuldades. Aqui e ali viam-se pequenas tumescências pedregosas, cobertas de musgo e de líquenes. De espaço a espaço, agrupavam-se alguns arbustos — aqui fetos arborescentes ou licopódios; ali, urzes, espins, ramos de acrifólio de folhas picantes, ou maciços desses bérberis de folhas coriáceas, que se multiplicam mesmo nas latitudes mais altas.

Não foi sem custo que Briant e os seus companheiros, depois de terem transposto o planalto superior, conseguiram descer o lado oposto dos rochedos, quase tão elevado e tão direito como do lado da baía. Sem o leito quase seco de uma torrente, cujas sinuosidades compensavam a escabrosidade dos declives, teriam sido obrigados a voltar para trás até o promontório.

Chegados à floresta, a marcha tornou-se mais difícil sobre um solo cheio de plantas vigorosas, coberto de ervas elevadas. Árvores derrubadas obstruíam, frequentes vezes, o caminho, e o mato era tão espesso que se tornava necessário abrir uma passagem. Os rapazes manejavam então o machado, como os sapadores que se arriscam através das florestas do Novo Mundo. A cada movimento era preciso fazer paragens, durante as quais os braços se fatigavam mais do que as pernas. Isto causava grande perda de tempo e o caminho percorrido desde pela manhã até à noite não excederia três a quatro milhas.

Realmente, parecia que nunca seres humanos tinham penetrado no interior daqueles bosques. Pelo

menos, não se notava o menor vestígio deles. A mais estreita vereda seria suficiente para testemunhar a sua passagem, mas não existia nenhuma. Aquelas árvores tinham sido derrubadas pelo tempo ou por alguma borrasca, e não pelas mãos dos homens. As ervas, pisadas em alguns sítios, indicavam apenas a passagem recente de animais de tamanho médio, alguns dos quais foram vistos, mas fugiram sem se reconhecer a que espécie pertenciam. Em todo o caso, deviam ser pouco temíveis, visto que se afastavam tão rapidamente.

O impaciente Doniphan estava morto por pegar na espingarda e fazer fogo sobre aqueles tímidos quadrúpedes! Mas conseguiu dominar-se, e Briant não teve de intervir para impedir o companheiro de cometer uma imprudência, revelando a sua presença por meio de um tiro.

Entretanto, se Doniphan não tivesse compreendido que devia impor silêncio à sua arma favorita, as ocasiões de fazer uso dela teriam sido frequentes. A cada passo voavam bandos de perdizes da espécie dos tinamus, que têm um sabor muito delicado, ou outras da espécie das endromies, mais conhecidas pelo nome de gaivões; havia também tardos, gansos bravos, grou, sem contar grande número de voláteis que seria fácil matar aos centos. Enfim no caso de virem residir para esta região, a caça podia fornecer alimento com abundância. Foi o que Doniphan se limitou a verificar desde o começo da exploração, consolando-se com a ideia de se compensar mais tarde da reserva que as circunstâncias lhe impunham.

Estas florestas compunham-se mais particularmente de diversas variedades de bétulas e de faias, que desenvolviam os seus ramos, de um verde suave, até a cem pés acima do solo. Entre as outras árvores figuravam ciprestes bem medrados, mirtáceas de tronco avermelhado e muito denso, e grupos magníficos desses vegetais chamados *winters*, cuja casca exala um aroma que se assemelha ao da canela.

Eram duas horas quando se fez uma segunda paragem, no meio de uma pequena clareira atravessada por um rio pouco profundo — o que na América do Norte se chama um *creek*. As águas deste *creek*, perfeitamente límpidas, corriam mansamente sobre um leito de rochas denegridas. O seu curso tranquilo e pouco profundo, que não era ainda embaraçado por madeira seca nem ervas vogando ao sabor da corrente, fazia crer que a sua origem não devia estar longe. Quanto a atravessá-lo, não havia nada mais fácil, passando por cima das pedras que o salpicavam. Havia até um sítio em que estavam pedras lisas justapostas com bastante simetria para atrair a atenção.

— É singular, isto é! — notou Doniphan.

Efetivamente era como que uma espécie de estrada, estabelecida de uma margem para a outra.

— Parece uma ponte! — exclamou Service, dispondo-se a atravessá-la.

— Espera!... Espera!... — advertiu Briant. — É preciso examinar a disposição destas pedras!

— Não é natural — acrescentou Wilcox — que fossem elas que se colocassem assim!

— Não — concordou Briant — quis estabelecer uma passagem neste ponto do rio... Vejamos mais de perto.

Examinaram então cuidadosamente cada pedra daquela ponte estreita, que emergia apenas algumas polegadas, e devia ser inundada durante a estação da chuva.

Como se podia saber se era a mão do homem que tinha disposto aquelas pedras através do rio? Não era melhor supor que a violência da corrente na época das cheias as tivesse amontoado a pouco e pouco, formando uma ponte natural?

Era mesmo a maneira mais simples de explicar a existência daquela ponte, e foi a que Briant e os seus companheiros adotaram, depois de um exame minucioso.

Deve-se acrescentar que nem a margem direita nem a esquerda apresentavam outros indícios e que coisa alguma provava que pés humanos tivessem pisado o solo da clareira.

Quanto ao *creek*, o seu curso dirigia-se para o nordeste, em sentido oposto à baía. Lançar-se-ia no mar que Briant afirmava ter distinguido do alto do cabo?

— A não ser — sugeriu Doniphan — que este rio seja afluente de outro mais importante que se dirija para poente.

— Teremos ocasião de ver isso — respondeu Briant, que achou inútil recomeçar uma discussão a esse respeito. — Contudo, enquanto ele correr para leste, parece-me que faremos bem em segui-lo, se não der muitas voltas.

Os quatro rapazes puseram-se a caminho, tendo tido o cuidado de atravessar o *creek* por cima da ponte de pedras — a fim de não serem obrigados a atravessá-lo contra a corrente e talvez em condições menos favoráveis.

Foi muito fácil seguir a margem, exceto em alguns pontos onde grupos de árvores mergulhavam as raízes nas águas vivas, enquanto que os ramos se reuniam de um lado do rio ao outro. Posto que o *creek* formasse, às vezes, um ângulo brusco, a sua direção geral, regulada pela bússola, era sempre para leste. Quanto à embocadura, devia estar ainda longe, porque a corrente não aumentava em velocidade, nem o leito em largura.

Perto das cinco horas e meia, Briant e Doniphan tiveram de reconhecer, não sem pesar, que o curso do *creek* se dirigia francamente para o norte. Isto podia levá-los muito longe, se continuassem a segui-lo como um fio condutor, e numa direção que, evidentemente, os afastava do seu fim. Concordaram, portanto, em abandonar a margem e tomar novo caminho, para leste, no ponto em que as bétulas e as faias eram mais espessas.

A marcha era extremamente penosa! No meio das ervas, que às vezes lhes passavam para cima das cabeças, eram obrigados a chamar-se uns aos outros para não se perderem totalmente de vista.

Como, depois de um dia de marcha, não havia nada que indicasse a proximidade de uma corrente de água.

Briant começava a estar inquieto. Teria sido vítima de uma ilusão quando observara o horizonte de cima do cabo?...

— Não!... Não!... — repetia ele consigo mesmo. — Não me enganei!... Não pode ser!

Como quer que fosse, às sete horas da tarde ainda não tinham atingido o limite da floresta, e a escuridão, já bastante profunda, não permitia que continuassem a andar. Briant e Doniphan resolveram

fazer alto e passar a noite ao abrigo das árvores. Com um bom pedaço de carne fria, não sentiriam fome. Cobertos com boas mantas, não sentiriam frio. Além disso, poderiam acender uma fogueira de ramos secos, se essa precaução, excelente contra os animais, não fosse perigosa no caso de algum indígena se aproximar durante a noite.

— É melhor não nos arriscarmos a ser vistos — observou Doniphan.

Todos foram da mesma opinião, e não se tratou de mais nada senão da ceia. Não era o apetite que lhes faltava. Depois de terem devorado uma boa parte das provisões de viagem, dispunham-se a estender-se debaixo de uma bétula enorme, quando Service mostrou, a alguns passos dali, uma mata espessa.

Dessa mata — segundo o que se podia distinguir na escuridão — saía uma árvore de altura medíocre, cujos ramos inferiores se dobravam até ao chão. Foi aí que todos quatro se deitaram, sobre um montão de folhas secas, depois de se terem embrulhado nas mantas. Na idade deles, o sono não se faz esperar. Por isso, adormeceram profundamente, e Phann, apesar de estar encarregado de ficar de sentinela, imitou os donos.

Contudo, o cão fez ouvir, uma ou duas vezes, um rosar prolongado. Era evidente que alguns animais ferozes, ou de qualquer espécie, andavam em roda da floresta; mas não se aproximavam do acampamento.

Eram perto de sete horas quando Briant e os outros acordaram. Os raios oblíquos do Sol iluminavam, ainda vagamente, o lugar onde eles tinham passado a noite.

Service foi o primeiro a sair da mata e, então, ouviram-se os seus gritos ou, antes, exclamações de surpresa.

— Briant!... Doniphan!... Wilcox!... Venham!... Venham depressa!

— Que há de novo? — perguntou Briant.

— Sim, o que há? — perguntou Wilcox. — Service mete-nos cada susto com a sua mania de gritar!...

— Bem.. bem! — respondeu Service. — Ora venham ver onde nós dormimos!

Não era uma mata, era uma cabana de folhagens, uma dessas grutas a que os índios chamam “ajupas” e que são feitas de ramos entrelaçados. Esta choça devia ser de construção antiga, porque o teto e as paredes não se sustentavam de pé senão graças à árvore a que se encostavam, a qual cobria com os seus ramos a gruta, semelhante às que costumam construir os indígenas na América do Sul.

— Há então habitantes?... — inquiriu Doniphan, olhando rapidamente em torno de si.

— Ou, pelo menos, já os houve — respondeu Briant —, porque esta cabana foi construída por alguém!

— Isto explica a existência da ponte de pedras que atravessa o *creek*! — observou Wilcox.

— Pois ainda bem! — exclamou Service. — Se há habitantes, são boas pessoas, visto que edificaram esta cabana expressamente para aqui passarmos a noite!

Mas não era nada certo que os indígenas daquele país fossem boas pessoas, como afirmava Service.

O que era evidente era alguns indígenas frequentarem ou terem frequentado aquela parte da floresta numa época mais ou menos afastada. Ora esses indígenas não podiam ser senão índios, se aquele território pertencesse ao Novo Continente, ou polinésios e até canibais, se estivessem numa Ilha que fizesse parte de um dos grupos da Oceânia!...

Esta última eventualidade apresentava muitos perigos, e tornava-se urgente resolver a questão.

Doniphan dispunha-se a partir quando Briant propôs que visitassem minuciosamente a cabana, que parecia ter sido abandonada havia muito tempo.

Efetivamente, talvez encontrassem um objeto qualquer, um utensílio, um instrumento, uma ferramenta, cuja origem fosse possível reconhecer..

A cama de folhas secas, estendida no chão da cabana, foi virada cuidadosamente, e Service apanhou a um canto um fragmento de barro, que devia pertencer a uma tigela ou a uma bilha... Novo indício de trabalho humano, mas que não adiantava nada. Portanto, o que restava era porem-se a caminho.

Eram sete horas e meia quando os quatro rapazes, de bússola na mão, se dirigiram francamente para leste, sobre um solo ligeiramente inclinado. Caminharam assim durante duas horas, devagar, muito devagar, no meio de ervas emaranhadas e de arbustos, e, por duas ou três vezes, tiveram de abrir passagem a machado.

Finalmente, um pouco antes das dez horas, um novo horizonte substituiu a interminável cortina de árvores. Para além da floresta estendia-se uma vasta planície, semeada de lentiscos, de tomilho e de urzes. A meia milha para leste, era cercada por uma barra de areia, a qual era mansamente batida pela ressaca do mar avistado por Briant, e que se espraiava até aos limites do horizonte.

Doniphan conservava-se calado. Era com pesar que este vaidoso rapaz reconhecia que o seu camarada não se tinha enganado.

Ao norte, a costa, iluminada pelos raios do Sol, curvava-se um pouco para a esquerda.

Ao sul, o mesmo aspeto, havendo só a diferença de o litoral formar uma curva mais pronunciada:

Agora já não havia que duvidar! Não era num continente, era numa ilha que os moços náufragos estavam prisioneiros, e não podiam ter a mais leve esperança de sair dela se não lhes viessem socorros de alguma parte.

Mas não se avistava outra terra ao longe. Aquela ilha parecia estar isolada e como que perdida no meio das Imensidades do Pacífico!

Entretanto, Briant, Doniphan, Wilcox e Service, depois de atravessarem a planície, que se estendia até à praia, tinham descansado ao pé de um montículo de areia. A sua intenção era voltarem outra vez pela floresta, depois de terem almoçado. Talvez, andando depressa, não lhes fosse impossível chegar ao Sloughi antes do anoitecer.

Durante a refeição, que foi muito triste, trocaram apenas algumas palavras.

— Partamos.

E, depois de terem contemplado aquele mar mais uma vez, dispunham-se a atravessar a planície,

quando Phann deitou a correr para o lado da praia.

— Phann!... Já aqui, Phann! — gritou Service.

Mas o cão continuou em larga correria, farejando a areia húmida. Depois, lançando-se, de um pulo, no meio das pequenas ondas da ressaca, principiou a beber com excessiva vontade.

— Está a beber!... Está a beber!... — exclamou Doniphan.

E, atravessando a praia, levou aos beiços algumas gotas da água que Phann bebia com tanta sofreguidão... Era água doce!

Era um lago que se estendia até ao horizonte, a leste... Não era um mar.

Capítulo VIII

Assim, a importante questão, da qual dependia a salvação dos moços náufragos, não estava definitivamente resolvida. Que aquele suposto mar era um lago, não havia dúvidas a este respeito. Mas não podia ser que esse lago pertencesse a uma ilha? Prolongando a exploração para diante, não se descobriria um verdadeiro mar — um mar que não pudesse atravessar-se de modo nenhum?

Contudo, aquele lago mostrava ser de dimensões bastante consideráveis, visto que sobre três quartas partes do seu perímetro — observou Doniphan — se desenhava um horizonte de céu. Era muito admissível, portanto, que estivessem em um continente, e não em uma ilha.

— Nesse caso naufragámos no continente americano! — disse Briant.

— A minha ideia foi sempre essa — respondeu Doniphan —, e parece que não me enganava!

— Em todo o caso — tornou Briant —, o que eu tinha distinguido a leste sempre era uma linha de água...

— Pois sim, mas não é um mar!

Esta resposta era dada por Doniphan com um prazer que indicava mais vaidade do que bom coração. Briant não insistiu. Para o interesse comum, melhor era que ele se tivesse enganado. Entretanto, era necessário esperar uma época mais favorável para empreender uma viagem para leste. As dificuldades experimentadas só para vir do acampamento ao lago, percorrendo-se apenas algumas milhas, seriam muito maiores quando se tratasse de caminhar por muito tempo, com o rancho completo.

Estava-se já no princípio de abril, e o inverno austral é mais precoce do que o da zona boreal. Não se podia pensar em partir antes de voltar o bom tempo.

Contudo, naquela baía do oeste, batida incessantemente pelo vento do largo, a situação não podia ser durável. Antes do fim do mês seria necessário abandonar a escuna.

Por isso, já que Briant e Gordon não tinham podido descobrir uma caverna na base ocidental dos rochedos, era preciso verificar se poderiam estabelecer-se em melhores condições para a banda do lago. Convinha, portanto, ir examinar cuidadosamente aqueles sítios. Esta exploração era indispensável, ainda que fosse necessário demorarem-se mais um ou dois dias. É verdade que isso ia causar vivas inquietações a Gordon; mas Briant e Doniphan não hesitaram. As suas provisões podiam durar ainda quarenta e oito horas, e nada fazia prever uma mudança de tempo; resolveu-se, portanto, descer para o sul, seguindo a margem do lago.

Havia ainda outro motivo que obrigava a levar mais longe as investigações.

Era incontestável que aquela parte do território tinha sido habitada ou, pelo menos, frequentada pelos indígenas. A ponte que atravessava o *creek*, a choça, cuja construção traía a presença do homem numa época mais ou menos recente, eram outras tantas provas que deviam ser completadas antes de se

proceder a nova instalação para o inverno. Talvez aparecessem outros indícios mais importantes do que estes. A falta de indígenas, não era possível que algum náufrago tivesse vivido ali até poder chegar a uma das cidades daquele continente?

Em todo o caso, não se perdia nada em prolongar a exploração pelas proximidades do lago.

A questão era esta: Briant e Doniphan deviam dirigir-se para o sul ou para o norte? Como, descendo para o sul, se aproximavam do Sloughi, resolveram tomar esta direção. Mais tarde ver-se-ia se seria conveniente tornar a subir para a extremidade do lago.

Às oito horas e meia puseram-se todos quatro a caminho, costeando as dunas cheias de erva que salpicavam a planície, limitada a oeste por maciços de verdura.

Phann ia adiante, farejando, e fazia levantar voo a bandos de tinamus, que iam pôr-se ao abrigo dos ramos de lentiscos ou de fetos. Havia também maciços de uma espécie de arandano encarnado e branco, e plantas de aipo bravo, das quais se podia fazer um uso muito higiénico. Mas as espingardas não se deviam ouvir, porque era possível que os arredores do lago fossem visitados por tribos indígenas.

Seguindo a margem, ora ao longo das dunas, ora pela cinta de areia, os quatro rapazes puderam percorrer umas dez milhas durante aquele dia, sem se fatigarem muito. Não tinham achado vestígio algum de indígenas. Não aparecia fumo por cima dos maciços de árvores. Não se viam nenhuns sinais de passos na areia, molhada pelas ondulações daquela massa de água, da qual não se descobriam os limites. Apenas a margem esquerda parecia desviar-se para o sul, como para se fechar nessa direção. Além disso, estava absolutamente deserta. Não aparecia uma vela no horizonte, nem uma piroga à superfície da água. Se aquele território tinha sido habitado, agora já não o era, segundo parecia.

A respeito dos animais ferozes ou ruminantes, não apareceu nenhum. À tarde, por duas ou três vezes apareceram alguns voláteis à entrada da floresta, mas não foi possível aproximarem-se deles. O que não impediu Service de exclamar:

— São avestruzes!

— Avestruzes muito pequenos, nesse caso — observou Doniphan —, porque são de estatura medíocre!

— Se são avestruzes — replicou Briant — e se estamos num continente...

— Pois ainda duvidas? — replicou ironicamente Doniphan.

— Deve ser o continente americano, onde se encontra grande número desses animais — respondeu Briant. — Era isto simplesmente que queria dizer!

Pelas sete horas da noite fez-se alto. O dia seguinte, no caso de não haver obstáculos imprevistos, seria empregado em voltar para Sloughi-bay (*baía Sloughi*) — nome que deram à parte do litoral onde se perdera a escuna.

Além disso, naquela noite não teria sido possível ir mais longe na direção do sul. Naquele sítio corria um dos rios pelos quais se espalhavam as águas do lago, e que seria preciso atravessar a nado. Demais, a escuridão não deixava observar a disposição dos lugares, e a margem direita daquele curso de

água parecia ser cercada de rochedos.

Briant, Doniphan, Wilcox e Service, depois de terem ceado, não pensaram senão em descansar — desta vez ao ar livre, à falta de cabana. Mas eram tão cintilantes as estrelas que brilhavam no firmamento, enquanto a Lua ia desaparecendo no poente do Pacífico!

No lago e na praia tudo estava tranquilo. Os quatro rapazes, aninhados entre as raízes enormes de uma faia, adormeceram tão rapidamente que o ruído do trovão não os teria despertado. Nem eles nem Phann ouviram uns latidos muito próximos, que deviam ser de chacal, nem uns uivos mais afastados, que deviam ser uivos de animais ferozes. Nestas regiões, onde os avestruzes viviam em estado selvagem, podia-se temer a aproximação de jaguares ou de cuguardos, que são o tigre e o leão da América meridional. Mas a noite passou-se sem incidentes. Contudo, pelas quatro horas da manhã, antes que a aurora começasse a aclarar o horizonte por cima do lago, Phann deu sinais de agitação, rosnando surdamente e farejando o solo como se quisesse pôr-se em busca.

Eram perto de sete horas quando Briant acordou os seus camaradas, que se conservavam enovelados dentro das mantas.

Todos se puseram em pé imediatamente, e, enquanto Service trincava um bocado de biscoito, os outros três foram observar a região para além do rio.

— Realmente — exclamou Wilcox — fizemos muito bem em não tentarmos atravessar este rio! Teríamos caído no meio de um pântano!

— Efetivamente — confirmou Briant —, é um pântano que se estende para o sul, e não lhe vejo o fim!

— Olhem! — exclamou Doniphan. — Olhem para os bandos de patos, de cercetas e de narcejas que voam à superfície dele! Se pudéssemos instalar-nos aqui para o inverno, teríamos a certeza de não nos faltar a caça!

— Talvez seja possível — admitiu Briant, que se dirigiu para a margem direita do rio.

Para trás erguiam-se uns rochedos altos, terminados por um contraforte cortado a pique.

Estes rochedos seriam os mesmos que cercavam Sloughi-bay, prolongando-se para nordeste. Era o que não se ia saber antes de se ter feito uma exploração mais completa.

Quanto ao rio, se a margem direita, da largura de uns vinte pés, corria ao longo da base das alturas próximas, a margem esquerda, muito baixa, distinguia-se a custo dos entalhes, das escavações, das cortaduras da planície pantanosa que se estendia a perder de vista para o sul.

Para determinar a direção do rio, era necessário trepar aos rochedos, e Briant tencionava fazê-lo antes de tomar o caminho de Sloughi-bay.

Em primeiro lugar tratava-se de examinar o rio no ponto em que as águas do lago se derramavam no seu leito. Aí media apenas uns quarenta pés de largo, mas devia aumentar, tanto em largura como em profundidade, à medida que se aproximava da embocadura, em consequência de algum afluente que recebesse, quer do pântano, quer dos planaltos superiores.

— Vejam, vejam! — exclamou Wilcox, no momento em que acabava de chegar à parte inferior do

contraforte.

O que lhe atraiu a atenção era um monte de pedras, formando uma espécie de dique — disposição análoga à que já se tinha observado na floresta.

— Desta vez não há que duvidar! — disse Briant.

— Não, com certeza! — respondeu Doniphan, mostrando uns destroços de madeira na extremidade do dique.

Esses destroços eram, decerto, os de uma canoa; entre outros, havia uma peça de madeira, meio podre e coberta de musgo, que, pela curva, mostrava ser um pedaço de roda de proa, e à qual estava ainda presa uma argola de ferro, coberta de ferrugem.

— Uma argola!... uma argola!... — exclamou Service.

E olhavam, imóveis, para todos os lados, como se o homem que se servira daquela embarcação, que construíra aquele dique, lhes fosse aparecer de repente!

Não!... Não apareceu ninguém, decerto, decorridos muitos anos depois que aquela canoa fora abandonada na margem do rio. O homem que tinha vivido ali, ou tornara a ver os seus semelhantes, ou terminara a sua existência miserável naquela terra, sem ter podido deixá-la.

Compreende-se a comoção dos jovens náufragos à vista daquelas provas de uma intervenção humana que já não era possível contestar!

Foi então que notaram os movimentos singulares do cão. Phann tinha descoberto uma pista, com certeza. Endireitava as orelhas, agitava a cauda, farejava o solo, metendo-se por entre ervas.

— Reparem em Phann! — disse Service.

— Descobriu o quer que seja! — afirmou Doniphan, dirigindo-se para o cão.

Phann tinha parado, com uma pata no ar e o focinho estendido. Depois arremessou-se bruscamente para um maciço de árvores que se agrupavam no sopé dos rochedos, do lado do lago.

Briant e os seus companheiros seguiram-no. Alguns momentos depois, detinham-se em frente de uma velha faia, em cujo tronco estavam gravadas duas letras e uma data, dispostas da seguinte maneira: F B 1807.

Briant, Doniphan, Wilcox e Service teriam ficado durante muito tempo imóveis defronte desta inscrição se Phann, retrocedendo, não tivesse desaparecido no ângulo do contraforte.

— Aqui, Phann, aqui!... — gritou Briant.

O cão não voltou, mas fez-se ouvir ladrando com precipitação.

— Cautela! — disse Briant. — Não nos separemos e tenhamos muito cuidado!

Efetivamente, toda a circunspeção era pouca. Talvez algum bando de indígenas estivesse ali perto, e a sua presença era mais para temer do que para desejar se fossem desses índios ferozes que infestam os pampas da América do Sul.

As espingardas foram armadas, os revólveres empunhados, prontos para a defesa.

Os quatro rapazes dirigiram-se para a frente, depois de passarem o contraforte, deixaram-se

escorregar ao longo da estreita margem do rio. Ainda não tinham dado vinte passos quando Doniphan se curvou para apanhar um objeto que estava no chão.

Era uma enxada, com o cabo meio apodrecido — uma enxada de origem americana ou europeia, e não uma dessas ferramentas toscas fabricadas por selvagens da Polinésia. Estava profundamente oxidada, como a argola da embarcação, e parecia ter sido abandonada naquele lugar havia muitos anos.

Na parte inferior dos rochedos, viam-se também vestígios de cultura, alguns regos traçados irregularmente, um quadrado de inhames que se tinham tornado bravos à falta de cuidados.

De repente, um latido lúgubre atravessou os ares. Logo em seguida, Phann reapareceu, num estado de agitação ainda mais inexplicável. Corria ao encontro dos donos, olhava para eles, chamava-os, parecia dizer-lhes que o seguissem...

— Há, por força, o quer que seja de extraordinário! — disse Briant, que diligenciava, debalde, sossegar o cão.

— Vamos ver aonde ele nos leva! — decidiu Doniphan, fazendo sinal a Wilcox e a Service para o seguirem.

A dez passos dali, Phann parou defronte de um maciço de arbustos e de sarças, cujos ramos se entrelaçavam mesmo na base dos rochedos.

Briant adiantou-se, para ver se aquele maciço ocultava o cadáver de algum animal, ou mesmo de um homem, cuja pista Phann tivesse descoberto... E, ao afastar os ramos, dá com uma abertura estreita.

— Há uma caverna aqui! — exclamou ele, recuando alguns passos.

— É provável — admitiu Doniphan. — Mas o que há nessa caverna?

— Sabê-lo-emos! — disse Briant.

E, com a sua enxada, pôs-se a deitar abaixo os ramos que obstruíam o orifício. Escutaram em silêncio, mas não ouviram nenhum ruído suspeito.

Service já se dispunha a deixar-se escorregar pela abertura, quando Briant lhe disse:

— Vejamos primeiro o que faz o cão.

Phann continuava a soltar latidos surdos, que não eram nada tranquilizadores.

Contudo, se na caverna estivesse oculto algum ser vivo, já teria saído dela!

Era necessário averiguar o caso. Como a atmosfera podia estar viciada no interior da caverna, Briant atirou pela abertura um punhado de ervas secas que acabava de acender. Estas ervas, espalhando-se pelo solo, arderam vivamente, prova de que o ar era respirável.

— Entramos?... — perguntou Wilcox.

— Entramos, sim — respondeu Doniphan.

— Esperem! É preciso não andar às escuras — recomendou Briant.

E, depois de ter cortado um ramo resinoso a um dos pinheiros que cresciam à borda do rio, acendeu-o; a seguir, imitado pelos seus companheiros, deixou-se escorregar por entre os ramos.

À entrada, o orifício media cinco pés de altura sobre dois de largura, mas alargava-se bruscamente,

formando uma escavação de uns dez pés de altura com o dobro de largura, e o solo era formado por uma areia muito seca e muito fina.

Wilcox, que ia adiante, esbarrou com um banco de madeira, colocado ao pé de uma mesa, sobre a qual estavam alguns utensílios domésticos, um cântaro de loiça, grandes conchas, que deviam ter servido de pratos, uma faca de lâmina ferrugenta, dois ou três anzóis, uma tigela de folha de Flandres, vazia como o cântaro. Arrumada à parede oposta, estava uma espécie de arca, feita de tábuas toscamente unidas, e que continha restos de vestuário em farrapos.

Portanto, era certo aquela escavação ter sido habitada. Mas em que época, e por quem? O ser humano que vivera ali estaria prostrado a algum canto?

Ao fundo havia uma enxerga miserável, coberta com uma manta esfarrapada. À cabeceira, em cima de um banco, estava outra tigela e um candeeiro de pau, em cujo bocal estava um resto de torcida carbonizada.

Os quatro rapazes recuaram, lembrando-se de que aquela manta podia ocultar algum cadáver.

Briant, vencendo a repugnância, levantou-a...

A enxerga estava vazia.

Um momento depois, muito impressionados, tinham-se reunido a Phann, que, tendo ficado de fora, continuava os seus latidos lúgubres.

Desceram então a margem do rio, e, tendo dado uns vinte passos, pararam bruscamente. Um sentimento de horror conservou-os imóveis durante alguns instantes!

Ali, entre as raízes de uma faia, estavam os restos de um esqueleto, espalhados pelo solo.

Morrera ali o desgraçado que tinha vivido naquele continente, durante muitos anos, decerto, e a caverna que lhe servia de morada não lhe pudera servir de túmulo!

Capítulo IX

Briant, Doniphan, Wilcox e Service conservavam-se silenciosos. Quem era o homem que tinha vindo morrer ali? Era um náufrago a quem faltaram socorros até ao último instante de vida? A que nação pertencia? Chegara ainda moço àquele continente? Tinha morrido já velho? Como pudera prover às suas necessidades? Se fora um naufrágio que o lançara àquele território, os seus companheiros tinham sobrevivido à catástrofe? Ficara ele só depois da morte dos seus companheiros de infortúnio? Os objetos achados na caverna vinham na sua embarcação, ou fora ele próprio que os fabricara?

Entre estas questões, que talvez nunca se pudessem resolver, a mais grave era a seguinte: se aquele homem tinha achado refúgio num continente, porque não alcançara alguma cidade do interior, algum porto do litoral? A recondução à pátria apresentava tantas dificuldades, tantos obstáculos, que não pudera vencê-los? A distância que precisaria percorrer era tão grande que tivera de renunciar a transpô-la? A verdade é que aquele desgraçado caíra, enfraquecido pela doença ou pela idade, não tivera forças para voltar para a caverna, e morrera ao pé daquela árvore!... E, se ele não conseguira ir buscar a salvação ao norte ou a leste daquele território, conseguiram os pequenos náufragos do Sloughi?

Fosse como fosse, era necessário examinar a caverna com o maior cuidado. Quem sabe se encontrariam um documento que desse alguns esclarecimentos acerca daquele homem, da sua origem, do tempo que durou a sua residência naquele lugar!...

Por outro lado, era conveniente verificar se poderiam instalar-se ali durante o inverno, depois de abandonar o iate.

— Venham! — disse Briant.

E, seguidos por Phann, deixaram-se escorregar pelo orifício, iluminados por outro ramo resinoso.

Um dos primeiros objetos que distinguiram, em cima de uma prateleira pregada na parede da direita, foi um pacote de velas, feitas de sebo, e um cordão de estopa. Service acendeu uma destas velas, que colocou no candeeiro de madeira, e as pesquisas começaram.

Primeiro que tudo, era conveniente examinar a disposição da caverna, visto já não haver dúvidas a respeito da sua habitabilidade. Era uma grande cavidade, que devia datar da época das formações geológicas. Não apresentava vestígio algum de humidade, apesar de não receber ar senão pelo orifício aberto na margem do rio. As paredes estavam tão secas como se fossem de granito, sem nenhum vestígio dessas infiltrações cristalizadas, desses rosários de gotas que, em algumas grutas de pórfiro ou de basalto, formam estalactites. Além disso, a sua orientação colocava-a ao abrigo do vento do mar. É certo que a claridade penetrava ali a muito custo; mas, fazendo uma ou duas aberturas na parede, seria fácil remediar esse inconveniente. e fazer entrar o ar suficiente para quinze pessoas.

Quanto às dimensões — vinte pés de largura e trinta de comprimento —, aquela caverna era decerto

insuficiente para servir, ao mesmo tempo, de dormitório, de refeitório, de armazém e de cozinha. Enfim, tratava-se de passar ali apenas cinco ou seis meses de inverno — depois do que se dirigiriam para nordeste a fim de chegarem a alguma cidade da Bolívia ou da República Argentina. Evidentemente, no caso de ser necessário instalarem-se de maneira definitiva, procurar-se-ia ficar mais à vontade cavando o maciço, que era um calcário muito brando. Mas tinham de contentar-se com aquela escavação tal como era, até voltar a estação do estio.

Briant fez um inventário rigoroso dos objetos que ela continha. Realmente eram bem poucos! Aquele desgraçado devia ter chegado ali desprovido das coisas mais necessárias. Que lhe restara do naufrágio? Nada, a não ser objetos disformes, mastros partidos, fragmentos de cintas do navio, que lhe tinham servido para fabricar aquela mesa, a arca, o banco, os escabelos — única mobília da sua habitação miserável. Menos favorecido do que os sobreviventes do Sloughi, não tivera um material completo à sua disposição. Algumas ferramentas, uma enxada, um machado, dois ou três utensílios de cozinha, um barril pequeno que devia ter contido aguardente, um martelo, dois escopros e uma serra — foi tudo o que se achou primeiro. Estes utensílios haviam sido salvos, decerto, na embarcação cujos destroços se achavam espalhados junto ao dique do rio.

Era nisto que Briant pensava, e explicava-o aos seus companheiros. E então, depois do sentimento de horror que tinham sentido ao ver o esqueleto, lembrando-se de que talvez estivessem destinados a morrer no mesmo abandono, ocorreu-lhes a ideia de que não lhes faltava coisa alguma do que faltara àquele desventurado, e sentiram-se mais dispostos a ter confiança no futuro.

Mas quem era aquele homem? Que origem era a sua? De que época datava o seu naufrágio? Com certeza que tinham decorrido muitos anos depois que ele sucumbira. O estado dos ossos achados junto da árvore provava-o claramente! E, depois, o ferro da enxada e a argola da embarcação, cheios de ferrugem, a espessura do mato que obstruía a entrada da caverna não demonstravam que a morte do náufrago datava de longe?

Além disto, não apareceria algum indício que permitisse mudar esta hipótese em certeza!

Continuaram as pesquisas, e acharam mais alguns objetos — outra faca, com a lâmina partida em vários sítios, um compasso, uma panela, uma cavilha de ferro e um passador, espécie de ferramenta de marinheiros. Mas não havia nenhum instrumento de marinha, nem óculos, nem bússola, nem uma arma para caçar, para se defender dos animais ou dos indígenas!

Aquele homem devia ter sido obrigado a armar laços, para poder viver. Esta questão foi esclarecida quando Wilcox gritou:

— Que é isto?

— Isto? — disse Service.

— É um jogo de bolas — explicou Wilcox.

— Um jogo de bolas! — exclamou Briant, muito surpreendido.

Mas reconheceu imediatamente para que serviam as duas pedras redondas que Wilcox acabava de

apanhar. Era uma dessas armadilhas, chamadas “bolas”, que se compõem de duas bolas ligadas uma à outra por uma corda, e muito usadas pelos índios da América do Sul. Essas bolas, lançadas por mão hábil, enrolam-se em volta das pernas do animal, cujos movimentos são paralisados, o que o põe facilmente à disposição do caçador.

Era evidente que fora o habitante da caverna o fabricante daquela armadilha, e também de um lazzo, correia de couro comprida que se maneja como as bolas, mas a menor distância.

Tal foi o inventário dos objetos achados na caverna, e, a este respeito, Briant e os seus camaradas estavam incomparavelmente mais ricos. É verdade que eram ainda umas crianças, e o outro era um homem.

Este homem era um simples marinheiro, ou um oficial que pudera aproveitar a inteligência previamente desenvolvida pelo estudo? Isto teria sido difícil de resolver sem uma descoberta que os fez avançar com mais segurança no caminho das certezas.

À cabeceira do leito, debaixo de uma prega da manta levantada por Briant, descobriu Wilcox um relógio suspenso de um prego que estava fixado na parede.

Este relógio, menos vulgar do que os relógios de marinheiro, era de fabricação muito fina e compunha-se de uma caixa de prata dupla, da qual pendia uma chave segura por uma cadeia do mesmo metal.

— A hora!... Vejamos a hora! — exclamou Service.

— A hora não adianta nada — observou Briant. — Provavelmente este relógio parou muitos dias antes da morte daquele desgraçado!

Briant abriu a caixa, não sem custo, porque as juntas estavam oxidadas, e pôde ver que os ponteiros marcavam três horas e vinte e sete minutos.

— Mas — fez notar Doniphan — este relógio tem um nome... Assim podemos saber...

— Tens razão — concordou Briant.

E, examinando o interior da caixa, conseguiu ler estas palavras, gravadas na chapa:

“Delpeuch, Saint-Malo” — o nome e morada do fabricante.

— Era um francês, um compatriota meu! — exclamou Briant, comovido.

Já não havia que duvidar: naquela caverna vivera um francês, até à hora em que a morte viera pôr termo às suas misérias!

A esta prova veio juntar-se outra, não menos decisiva. Doniphan, que tinha arredado o leito, apanhou no chão um caderno cujas páginas amarelecidas estavam cobertas de linhas traçadas a lápis.

Por infelicidade, a maior parte dessas linhas era quase ilegível. Contudo, puderam decifrar-se algumas palavras, e, entre outras, as seguintes: Francisco Baudoin.

Dois nomes, e eram deles as iniciais que o náufrago tinha gravado na árvore! Aquele caderno era o jornal quotidiano da sua vida desde o dia em que fora parar àquele território! E em fragmentos de frases que o tempo não apagara completamente Briant pôde distinguir mais estas palavras: Duguay Trouin —

evidentemente o nome do navio que se perdera naquelas paragens longínquas do Pacífico.

No começo, tinha uma data: 1807 — a mesma que estava inscrita por baixo das iniciais, e, decerto, a do naufrágio!

Havia, portanto, cinquenta e três anos que Francisco Baudoin abordara àquele litoral, e durante cinquenta e três anos não recebera nenhum socorro!

Ora, se Francisco Baudoin não tinha podido transportar-se para qualquer outro ponto do continente, tê-lo-iam impedido obstáculos insuperáveis?

Os pequenos náufragos pensaram, mais do que nunca, na gravidade da sua situação. Como fariam eles o que um homem, um marinheiro acostumado a trabalhos rudes e a grandes fadigas, não tinha podido fazer?...

Além disso, um último achado ia mostrar-lhes que era inútil qualquer tentativa para abandonarem aquela terra.

Folheando o caderno, Doniphan descobriu um papel dobrado entre as páginas. Era um mapa, traçado com uma espécie de tinta, feita provavelmente de água e fuligem.

— Um mapa! — exclamou ele.

— Provavelmente desenhado pelo próprio Francisco Baudoin! — lembrou Briant.

— Parece, então, que esse homem não era um simples marinheiro — observou Wilcox —, mas sim um dos oficiais do Duguay Trouin, visto que sabia traçar um mapa...

— Será por acaso?... — exclamou Doniphan.

Sim! Era o mapa daquele território! Logo à primeira vista se reconhecia Sloughi-bay, o banco de recifes, a praia onde se estabelecera o acampamento, o lago a cuja margem ocidental Briant e os seus companheiros acabavam de descer, as três ilhotas situadas ao largo, a penedia que descrevia uma curva até à borda do rio, as florestas que cobriam toda a região central!

Para além da margem oposta do rio, eram mais florestas, que se estendiam até à extremidade de um outro litoral, e esse litoral... era banhado pelo mar em todo o seu perímetro...

Assim caíam por terra os projetos de ir procurar a salvação para leste! Briant tivera razão contra Doniphan! O mar cercava por todos os lados aquele pretendido continente... Era uma ilha, e eis a razão por que Francisco Baudoin não pudera sair dali.

Era fácil ver naquele mapa que os contornos gerais da ilha tinham sido reproduzidos com muita exatidão. Decerto que as distâncias tinham sido calculadas pelo tempo gasto em percorrê-las e não por medidas de triangulação; mas, a julgar pelo que Briant e Doniphan conheciam já da parte compreendida entre Sloughi-bay e o lago, os erros não deviam ser importantes.

Estava demonstrado, além disso, que o náufrago percorrera toda a sua ilha, porque notara os principais pormenores geográficos, e tanto a choça como a ponte do *creek* deviam ser obra sua.

Eis as disposições que apresentava a ilha tal como Francisco Baudoin a desenhara:

Era de forma oblonga e assemelhava-se a uma grande borboleta com as asas abertas. Estreitando na

parte central, entre Sloughi-bay e uma outra baía cavada a leste, apresentava ainda outra, muito mais larga na parte meridional. No meio de vastas florestas estendia-se o lago, que tinha dezoito milhas de comprimento, pouco mais ou menos, e cinco de largura — dimensões demasiado consideráveis para não serem distinguidas por Briant, Doniphan, Service e Wilcox das margens do norte, do sul e do leste.

Isto explicava o motivo por que, à primeira vista, o haviam tomado por um mar. Deste lago saíam uns poucos de rios, o mais importante dos quais era o que corria em frente da caverna e ia banhar Sloughi-bay, muito próximo do acampamento.

A única elevação importante da ilha parecia ser os rochedos, dispostos obliquamente desde o promontório, ao norte da baía, até à margem direita do rio. Quanto à região setentrional, estava indicada no mapa como árida e arenosa, enquanto que para além do rio se estendia um pântano imenso, que se alongava para o sul, formando um cabo agudo. A nordeste e a sudeste estendiam-se grandes filas de dunas, que davam àquela parte do litoral um aspeto muito diferente do que apresentava Sloughi-bay.

Finalmente, a julgar pela escala traçada na parte inferior do mapa, a ilha devia ter cinquenta milhas de comprimento, do norte ao sul, e vinte e cinco de largura, de oeste para leste.

Metendo em conta as irregularidades da sua configuração, era um desenvolvimento de cento e cinquenta milhas de circunferência.

Quanto a saber a que grupo da Polinésia pertencia a ilha, se se achava ou não isolada no meio do Pacífico, era impossível formular conjeturas sérias a este respeito.

Fosse como fosse, era uma instalação definitiva, e não provisória, que se impunha aos náufragos do Sloughi.

E, visto que a caverna apresentava um refúgio magnífico, era conveniente transportar para lá o material, antes que os primeiros temporais do inverno acabassem de demolir a escuna.

Tratava-se agora de voltar ao acampamento e sem demora. Gordon devia estar muito inquieto — tinham decorrido três dias depois da partida de Briant e dos seus camaradas — e podia recear que lhes tivesse sucedido alguma desgraça.

Por conselho de Briant, decidiu-se efetuar a partida nesse mesmo dia, às onze horas da manhã. Era inútil subir os rochedos, porque o mapa indicava que o mais simples era seguir a margem direita do rio que corria de leste para oeste... Até à baía eram, quanto muito, sete milhas, que podiam ser percorridas em algumas horas.

Mas, antes de partir, os quatro rapazes quiseram prestar as últimas homenagens ao náufrago francês. A enxada serviu para cavar uma sepultura mesmo ao pé da árvore onde Francisco Baudoin tinha gravado as letras do seu nome, e nesse lugar colocou-se uma cruz de madeira.

Terminada esta cerimónia piedosa, voltaram todos quatro para a caverna e taparam-lhe a entrada, para os animais não poderem penetrar lá. em seguida, depois de terem acabado o resto das provisões, desceram a margem direita do rio, costeando a base dos rochedos. Uma hora depois chegavam ao ponto onde o maciço se desviava, tomando uma direção oblíqua para o nordeste.

Enquanto seguiram o curso do rio, a marcha foi bastante rápida, porque a praia estava quase nua de árvores, de arbustos e de ervas.

À medida que caminhavam, calculando que o rio servia de comunicação entre o lago e Sloughi-bay, Briant não cessava de examiná-lo com atenção. Pareceu-lhe que, pelo menos na parte superior do curso, uma embarcação qualquer, ou uma jangada, podia ser alada a cabo ou impelida a croque — o que facilitava o transporte do material, com a condição de se utilizar a maré, cuja ação se fazia sentir até ao lago. O mais importante era que o curso não se transformasse em catadupas, e que a falta de profundidade ou de largura não o tornasse impraticável. Não era assim, felizmente, e, em um espaço de três milhas, desde a saída do lago, o rio pareceu estar em excelentes condições de navegabilidade. Contudo, pelas quatro horas da tarde, o caminho da praia teve de ser abandonado. A margem direita era cortada por um grande pântano, sobre o qual não podiam aventurar-se sem risco. Por isso o mais prudente foi dirigirem-se para o meio da floresta.

Briant, de bússola na mão, dirigiu-se para o nordeste a fim de chegar a Sloughi-bay pelo caminho mais curto. Houve então demoras consideráveis, porque as ervas, muito altas, formavam montões inextricáveis à superfície do solo. Além disso, sob a abóbada espessa de bétulas, de pinheiros e de faias, a escuridão sucedeu logo ao pôr do Sol.

Foram percorridas duas milhas nestas condições fatigantes. Depois de ter contornado o pântano, que se estendia profundamente para o norte, o melhor, decerto, era tornar a seguir o curso do rio, visto que este, segundo as indicações do mapa, ia precipitar-se em Sloughi-bay. Mas a volta era tão grande que Briant e Doniphan não quiseram perder tempo a tomar novamente a sua direção. Continuaram a caminhar através do bosque, e, pelas sete horas da noite, obtiveram a certeza de que se tinham perdido.

Ver-se-iam então obrigados a passar a noite debaixo das árvores? E ainda o mal não seria grande se as provisões não se tivessem acabado, no momento em que a fome se fazia sentir vivamente.

— Vamos sempre andando — disse Briant. — Caminhando do lado de oeste, havemos de chegar por força ao acampamento...

— A não ser que o mapa nos desse indicações falsas — sugeriu Doniphan — e que este rio não seja o que vai desaguar na baía?

— Porque havia de estar errado esse mapa, Doniphan?

— E porque não havia de ser assim, Briant?

Evidentemente, Doniphan, que não se conformara com o seu engano, obstinava-se em não ter grande confiança no mapa do naufrago.

No entanto, não tinha razão, porque, na parte da ilha já reconhecida, o trabalho de Francisco Baudoin tinha sido feito com exatidão rigorosa.

Briant achou inútil discutir sobre o caso, e puseram-se resolutamente a caminho.

Às oito horas era impossível distinguir coisa alguma, tão profunda era a escuridão. E o limite daquela interminável floresta não se avistava!

De repente, por uma abertura das árvores apareceu um vivo clarão que se propagava através do espaço.

— Que é isto?... — perguntou Service.

— Uma estrela cadente, decerto! — respondeu Wilcox.

— Não, é um foguete de pólvora!... — explicou Briant. — Um foguete que foi deitado do Sloughi.

— E, por consequência, é um sinal!... — exclamou Doniphan, que respondeu com um tiro de espingarda ao sinal de Gordon.

No momento em que um segundo foguete subia nas trevas, Briant e os seus camaradas tomaram para ponto de referência uma estrela e, dirigindo-se por ela, três quartos de hora depois chegavam ao acampamento do Sloughi.

Fora Gordon, efetivamente, que, receando que eles se tivessem perdido, se lembrara de atirar alguns foguetes a fim de lhes indicar a posição da escuna.

Excelente ideia, sem a qual, nessa noite, Briant, Doniphan, Wilcox e Service não teriam podido descansar das suas fadigas nas camas do iate.

Capítulo X

É fácil imaginar como Briant e os seus três companheiros foram recebidos no Sloughi. Gordon, Cross, Baxter, Garnett e Webb abriram-lhes os braços, enquanto os mais pequenos lhes saltavam ao pescoço. Foi uma troca de gritos de alegria e de apertos de mão afetuosos. Phann tomou parte nesta receção cordial e juntou os seus latidos aos hurras das crianças. A ausência parecera tão grande!

— Perder-se-iam... Cairiam nas mãos dos indígenas?... Seriam atacados por alguns carnívoros?... — eis os pensamentos dos que tinham ficado no acampamento do Sloughi.

Mas Briant, Doniphan, Wilcox e Service haviam regressado, e já não se tratava de saber os incidentes da expedição.

Contudo, como estavam muito fatigados por um dia inteiro de marcha, adiou-se a narração para o dia seguinte.

— Estamos numa ilha!

Foi tudo o que Briant pôde dizer, e era o suficiente para o futuro aparecer com todas as suas eventualidades inquietadoras. Gordon, contudo, recebeu a notícia sem mostrar grande desânimo.

— Já o esperava — parecia dizer — e não é coisa que me embarace muito!

No dia seguinte — 5 de abril —, ao amanhecer, Gordon, Briant, Doniphan, Baxter, Cross, Wilcox, Service, Webb, Garnett — e Moko também, que era bom conselheiro — reuniram-se na proa do iate, enquanto os outros dormiam ainda. Briant e Doniphan tomaram a palavra, cada um por sua vez, e puseram os camaradas ao facto do que se passara. Disseram como uma ponte de pedra que atravessava um regato e os restos de uma choça oculta sob um arvoredado espesso lhes tinham feito crer que o território era ou tinha sido habitado. Explicaram que a vasta porção de água, que primeiro haviam tomado por um mar, era apenas um lago, e como novos indícios os tinham conduzido à caverna, próximo do sítio em que o rio saía do lago; como os restos de Francisco Baudoin, francês de origem, tinham sido descobertos, e finalmente, como o mapa, desenhado pelo náufrago, indicava que o território onde o Sloughi se perdera era uma ilha.

Esta narração foi feita minuciosamente, pois Briant e Doniphan não esqueceram o mínimo pormenor. E todos, agora, contemplando aquele mapa, compreendiam bem que a salvação não podia vir-lhes senão de fora!

Contudo, posto que o futuro se apresentasse com as cores mais sombrias e os moços náufragos já não pudessem ter esperança senão em Deus, quem se assustou menos — convém insistir neste ponto — foi Gordon. O moço americano não tinha família que o esperasse na Nova Zelândia.

Por isso, com o seu espírito prático, metódico, organizador, o trabalho de fundar, por assim dizer, uma pequena colónia não tinha nada de assustador para ele. Via nisso uma ocasião de exercer os seus

gostos naturais, e não hesitou em animar os seus camaradas, prometendo-lhes uma existência suportável se quisessem auxiliá-lo.

E, em primeiro lugar, visto que a ilha apresentava dimensões bastante consideráveis, parecia impossível que não estivesse indicada no mapa do Pacífico, nas proximidades do continente sul-americano. Contudo, depois de o examinar, reconheceu-se que o Atlas de Stieler não indicava nenhuma ilha de alguma importância fora dos arquipélagos, os quais compreendem as terras fueguianas ou magalhânicas, as da Desolação, da Rainha Adelaide, de Clarence, etc. Ora, se a ilha fizesse parte desses arquipélagos, que não são separados do continente senão por canais estreitos, Francisco Baudoin tê-lo-ia decerto indicado no mapa — o que ele não fizera. Portanto, era uma ilha isolada, e devia concluir-se daí que se achava mais ao norte ou mais ao sul daquelas paragens. Mas, sem os dados suficientes, sem os instrumentos necessários, era impossível determinar-lhe a situação no Pacífico.

Por consequência, não havia coisa alguma mais a fazer senão instalarem-se ali definitivamente, antes que o mau tempo o impedisse.

— O melhor é escolhermos para morada a caverna que descobrimos nas margens do lago — propôs Briant. — É um abrigo excelente.

— Tem o tamanho suficiente para nos alojar a todos? — perguntou Baxter.

— Não, com certeza — respondeu Doniphan —, mas creio que será possível fazê-la maior, abrindo outra cavidade no maciço! Temos ferramentas...

— Primeiro, aceitemo-la assim como está — replicou Gordon —, mesmo que fiquemos apertados...

— E, sobretudo — acrescentou Briant —, tratemos de transportar tudo para lá o mais depressa possível!

Era urgente.

A escuna, segundo observou Gordon, tornava-se menos habitável de dia para dia. As últimas chuvas, às quais devia suceder um calor fortíssimo, tinham aberto as costuras do casco e da coberta. As velas esfarrapadas deixavam penetrar o ar e a água no interior. Além disso, no porão formavam-se algumas escavações, através da areia da praia corriam infiltrações, e o costado do iate acentuava-se, ao mesmo tempo que se enterrava visivelmente no solo, que se tornara muito móvel. Se uma tempestade como as que se produzem no período do equinócio, o qual ainda durava, se desencadeasse naquela costa, o Sloughi estava arriscado a ser feito em pedaços em poucas horas.

Tratava-se, portanto, não só de o abandonar sem demora, mas também de o demolir metodicamente, de maneira que se pudesse tirar dele tudo o que fosse útil, traves, pranchas, ferro, cobre, para a instalação em French-Den (Gruta Francesa) — nome que deram à caverna como recordação do naufrago francês.

— E enquanto não pudermos ir para lá — perguntou Doniphan — onde viveremos?

— Debaixo de uma tenda — respondeu Gordon —, uma tenda que havemos de erguer na margem direita do rio, entre as árvores.

— É o melhor que há a fazer — aprovou Briant —, e sem perda de uma hora!

Efetivamente, a demolição do iate, a descarregação do material e das provisões, a construção de uma jangada para transportar a carga, tudo isto exigia um mês de trabalho, pelo menos, e, antes de se abandonar Sloughi-bay, chegariam os primeiros dias de maio, que correspondem aos primeiros dias de novembro no hemisfério boreal, isto é, ao princípio do inverno.

Gordon tivera razão em escolher a margem direita do rio para estabelecer o novo acampamento, porque assim o transporte devia efetuar-se por mar. Não havia outro caminho mais direito nem mais cómodo. Acarretar através da floresta ou pela praia tudo o que ficasse do iate depois da demolição era uma tarefa quase irrealizável.

Pelo contrário, aproveitando, durante umas poucas de marés, o fluxo que se fazia sentir até ao lago, far-se-ia chegar uma jangada ao seu destino, sem muito custo.

Como se sabe, o rio não apresentava obstáculo algum no seu curso superior, nem catadupas, nem barreiras. Fez-se com a canoa nova exploração, com o fim de reconhecer o curso inferior desde o pântano até à embocadura. Briant e Moko puderam certificar-se de que esse curso era igualmente navegável. Portanto, estava indicado o meio de comunicação entre Sloughi-bay e French-Den.

Os dias seguintes foram empregados em dispor o acampamento na margem do rio. Os ramos inferiores de duas faias, ligados por grandes varas aos ramos de uma outra, serviram de apoio à grande vela sobresselente do iate, deixando-a cair dos lados até ao chão. Foi para debaixo desta tenda, presa solidamente por amarras, que se transportaram as camas, os utensílios de mais necessidade, as armas, as munições e os pacotes de provisões. Como a jangada devia ser construída com os destroços do iate, era preciso esperar que a demolição estivesse concluída.

O tempo auxiliou os náufragos, conservando-se seco.

Quando havia algum vento, era de terra, e o trabalho pôde fazer-se em boas condições.

No dia 15 de abril já não estava nada a bordo da escuna, a não ser os objetos muito pesados, que não se podiam retirar senão depois da demolição — entre outros, as barras de chumbo que serviam de lastro, os tanques de água introduzidos no porão, o cabrestante e a cozinha, muito pesados para serem removidos sem um aparelho. Quanto ao aparelho do navio, mastro de traquete, vergas, ovéns e brandais de ferro, cadeias, âncoras, cordames, amarras, cabos e outros objetos, dos quais havia uma provisão considerável, tudo fora transportado para as proximidades da tenda.

É inútil dizer que, embora o trabalho fosse urgente, não se esqueciam de prover às necessidades diárias. Doniphan, Webb e Wilcox consagravam algumas horas à caça dos pombos bravos e dos outros voláteis que vinham do pântano.

Os pequenos entretinham-se a apanhar moluscos, logo que a maré deixava o banco de recifes a descoberto. Jenkins, Iverson, Dole e Costar corriam e mexiam-se como uma ninhada de pintos pelo meio das poças de água. Às vezes molhavam-se até à cintura — pelo que eram repreendidos pelo severo Gordon, enquanto que Briant os desculpava o melhor que podia.

Jaime também trabalhava com os seus camaradas, mas sem tomar parte nas suas gargalhadas.

Tudo corria bem, e com um método onde se sentia a intervenção de Gordon, cujo bom senso prático não errava nunca.

Doniphan admitia-lhe o que não admitiria a Briant nem a nenhum dos outros. Enfim, a união reinava entre os pequenos náufragos: era o principal.

Entretanto era necessário apressarem-se. A segunda quinzena de abril foi menos agradável. A temperatura baixou sensivelmente e muitas vezes, pela manhã, a coluna termométrica desceu a zero. O inverno aproximava-se, e com ele o seu cortejo de granizo, de neve, de rajadas de vento, tão temíveis nas paragens altas do Pacífico.

Por precaução, vestiram-se todos mais confortavelmente, com as meias fortes, as calças de pano grosso e as camisolas de lã, arranjadas para um inverno rigoroso.

Não foi preciso mais do que consultar a carteira de Gordon para se saber onde estavam os vestuários, classificados segundo a qualidade e o tamanho.

Com os mais novos, sobretudo, é que Briant se preocupava. Evitava, sempre que podia, que eles tivessem os pés frios ou se expusessem ao ar quando estavam banhados em suor. A mais leve constipação, obrigava-os a deitarem-se ao lado de um braseiro que estava aceso de dia e de noite.

Dole e Costar estiveram encerrados, por várias vezes, na tenda, à falta de quarto, e Moko não poupou as tisanas, cujos ingredientes eram fornecidos pela farmácia de bordo.

Logo que se tirou do iate tudo o que ele continha, atacou-se o casco, que já estalava por todos os lados.

As folhas do forro de cobre foram tiradas com cuidado a fim de servirem para a instalação em French-Den. Em seguida, as tenazes, as pinças e o martelo fizeram o seu ofício para arrancarem as cintas que os pregos e as cavilhas prendiam ao cavername. Foi um trabalho rude para aquelas mãos inexperientes e para aqueles braços ainda pouco vigorosos. Por isso a demolição fazia-se lentamente, quando, a 25 de Abril, sobreveio uma borrasca que auxiliou os trabalhadores.

Durante a noite, apesar de já ter chegado a estação fria, desencadeou-se uma tempestade muito violenta, que tinha sido anunciada pela perturbação do *storm-glass*. Os raios abrasaram o espaço, o estampido dos trovões não cessou desde a meia-noite até ao romper do dia — com grande susto dos mais pequenos. Não choveu, felizmente, mas foi necessário, por duas ou três vezes, defender a tenda das fúrias do vento.

Contudo, se ela resistiu, graças às árvores entre as quais estava amarrada, não sucedeu o mesmo ao iate, exposto diretamente ao vento do largo e açoutado pelas ondas embravecidas.

A demolição foi completa.

As cintas do casco foram arrancadas, as cavernas deslocadas, a quilha despedaçada por algumas pancadas violentas do leme.

Não houve nada a lastimar, porque as ondas, ao retirarem-se, não arrastavam senão uma parte destes

objetos, e esses mesmos foram detidos pelos recifes. Quanto às ferragens, não era difícil achá-las debaixo da areia.

Foi a esse trabalho que se entregaram nos dias seguintes.

Os barrotes, as pranchas, as barras do porão, os objetos que não se tinham podido arrancar estavam espalhados na praia. Tratava-se apenas de transportá-los para a margem direita do rio, a alguns passos da tenda.

Trabalho penoso, é verdade; mas com o tempo e muita fadiga, conseguiu-se terminá-lo.

Era curioso vê-los todos agarrados a uma peça de madeira, alando ao mesmo tempo, e animando-se uns aos outros com mil gritos. Serviram-se de espeques, que faziam as vezes de alavancas e de bocados de madeira redondos, que facilitavam o rodar das peças maiores e mais pesadas.

O pior foi conduzir ao seu destino o cabrestante, o forno da cozinha e os tanques de folha de ferro para água, cujo peso era bastante considerável.

Se aquelas crianças fossem guiadas por um homem prático! Se tivessem ao seu lado o pai de Briant e o de Garnett, o engenheiro e o capitão, teriam evitado muitos erros que elas cometeram e que deviam ainda cometer.

Contudo, Baxter, que era muito inteligente para tudo o que dizia respeito à mecânica, auxiliou os outros com a sua habilidade. Foi ele quem, aconselhado por Moko, fixou poleames em estacas enterradas na areia — o que duplicou as forças àquela equipagem de rapazes e lhes permitiu que acabassem o trabalho.

No dia 28, à noite, tudo o que restava do Sloughi tinha sido levado para o lugar do embarque. E o mais difícil estava feito, porque o rio é que ia encarregar-se de transportar todo o material para French-Den.

— Amanhã — disse Gordon — começamos a tratar da construção da nossa jangada...

— Sim — apoiou Baxter —, e para não termos o trabalho de deitá-la à água, é melhor construí-la à superfície do rio...

— Não deve ser cómodo! — observou Doniphan.

— Não tem dúvida, experimenta-se! —olveu Gordon.

— Dá-nos mais trabalho a construir, mas em compensação não temos de pensar em deitá-la à água.

Efetivamente, era o melhor que tinham a fazer, e eis como no dia seguinte se começou a construção da jangada, a qual devia ter as dimensões suficientes para receber uma carga pesada e volumosa.

As traves arrancadas à escuna, a quilha partida em dois bocados, o mastro de traquete, o resto do mastro grande, quebrado três pés acima da coberta, as barras pequenas e a viga mestra, o mastro da proa, a verga de traquete, a retranca da mezena, a carangueja, tudo foi transportado para um ponto da praia que não era coberto pelo mar senão à hora da maré cheia.

Esperou-se esse momento e, quando o fluxo ergueu estas peças, foram lançadas para a superfície do rio. Aí, as mais compridas, reunidas umas às outras pelas mais pequenas atravessadas por cima, foram

amarradas solidamente.

Obteve-se assim uma embarcação sólida, com perto de trinta pés de comprimento e quinze de largura. Trabalhou-se sem descanso durante todo o dia, e quando veio a noite estava a embarcação concluída.

Briant teve o cuidado de amarrá-la às árvores da praia, a fim de que a maré, ao encher, não pudesse arrastá-la para cima, para o lado de French-Den, nem a vazante, para baixo, para o lado do mar. , Exaustos, depois de um dia tão trabalhoso, cearam com um apetite formidável e dormiram profundamente até pela manhã.

No dia seguinte, 30, ao amanhecer, todos voltaram ao trabalho. , Tratava-se agora de construir a plataforma da jangada. Para isso serviram as pranchas da coberta e as cintas do costado do Sloughi.

Alguns pregos, enterrados a martelo, e cordas, ligadas debaixo das traves, formaram amarras sólidas que fortaleceram o todo.

Empregaram-se três dias neste trabalho, apesar de todos se apressarem, porque não havia uma hora a perder.

Já apareciam algumas cristalizações à superfície dos charcos, entre os recifes e nas margens do rio. O abrigo da tenda começava a ser insuficiente, apesar do calor do braseiro.

Gordon e os seus companheiros chegavam-se uns para os outros e embrulhavam-se nas mantas, a fim de combaterem o abaixamento da temperatura, o que já era difícil.

Portanto, era necessário ativar a tarefa para começar a instalação definitiva em French-Den. Aí talvez fosse possível afrontar os rigores do inverno, tão rude naquelas latitudes.

É inútil dizer que a plataforma fora construída o melhor possível, para não se desmanchar no caminho — o que faria perder o material no leito do rio. Assim, para evitar essa catástrofe, antes demorar a partida vinte e quatro horas.

— Contudo — observou Briant —, é conveniente não esperar mais do que até 6 de maio.

— Porquê? — perguntou Gordon.

— Porque depois de amanhã é lua-nova — explicou Briant — e as marés vão crescer durante alguns dias. Ora, sendo elas mais fortes, ajudar-nos-ão melhor a subir o curso do rio. Ora pensa bem, Gordon! Se fôssemos obrigados a alar a jangada a cabo ou a empurrá-la a croque, nunca chegaríamos a vencer a corrente!...

— Tens razão — concordou Gordon —, é necessário partir daqui a três dias, o mais tardar!

Todos concordaram em não descansar antes de concluir a tarefa.

No dia 3 de maio tratou-se da carregação, que era necessário arrumar com cuidado, a fim de que a jangada fosse equilibrada convenientemente.

Todos se empregaram nesse trabalho, cada um segundo as suas forças.

Jenkins, Iverson, Dole e Costar foram encarregados de transportar os objetos miúdos, utensílios, ferramentas, instrumentos, para a plataforma, onde Briant e Baxter os dispunham metodicamente segundo as indicações de Gordon.

Quanto aos objetos de peso mais considerável, o fogão, os tanques da água, o cabrestante, as ferragens, as cintas do forro e, depois, o resto dos fragmentos do Sloughi, as cavernas, as cintas do casco, as barras da coberta — foi aos mais velhos que pertenceu o trabalho de embarcar tudo isto, assim como os pacotes de provisões, os barris de vinho, de cerveja e de aguardente, não esquecendo muitas sacas de sal, que tinha sido apanhado entre as rochas da baía.

Para facilitar o embarque, Baxter ergueu dois espeques, sustentados por quatro cordas. Na extremidade desta espécie de cabrilha, ajustou-se uma roldana, devidamente gornida por um cabo, o qual ia passar numa polé, pertencente a um pequeno sarilho do iate — sendo assim os objetos levantados do chão e colocados sem choque na plataforma.

Todos trabalharam com tanta prudência e tanto zelo que no dia 5 de maio, à tarde, cada objeto estava no lugar que lhe pertencia. Faltava só largar as amarras da jangada. Isso far-se-ia no dia seguinte de manhã, pelas oito horas, logo que a maré cheia se manifestasse na embocadura do rio.

Os pequenos náufragos imaginavam que, estando o trabalho terminado, iam gozar até à noite um descanso bem merecido. Mas não foi assim: uma proposta de Gordon deu-lhes ainda ocupação para o resto do dia.

— Meus amigos — disse ele —, como vamos para longe da baía, não podemos observar tão bem o mar, e, se aparecesse algum navio deste lado da ilha, não podíamos fazer-lhe sinais. Parece-me, pois, conveniente colocar um mastro na penedia, e içar aí um dos nossos pavilhões.

É bastante para atrair a atenção dos navios que passarem ao largo.

Todos aceitaram a proposta, e o mastro da gávea da escuna, que não tinha sido empregado na construção da jangada, foi arrastado para junto da penedia, cujo talude, próximo da margem do rio, apresentava um declive muito praticável. Contudo, tiveram de empregar os maiores esforços para transpor o cerro tortuoso que ia ter ao cume.

Quando chegaram lá, enterraram o mastro no chão, solidamente. Em seguida, Baxter içou o pavilhão inglês, por meio de uma driça, no momento em que Doniphan o saudava com um tiro de espingarda.

— Olha — disse Gordon a Briant —, Doniphan acaba de tomar posse da ilha, em nome da Inglaterra!

— Se ela não lhe pertencesse já é que seria para admirar! — respondeu Briant.

Gordon não pôde deixar de fazer um gesto de aborrecimento, porque, pelo modo como ele falava às vezes da “sua ilha”, parecia que já a considerava americana.

No dia seguinte, ao nascer do Sol, todos estavam de pé. Tratou-se de desmanchar a tenda e de transportar as camas para a jangada, onde se estenderam velas para as protegerem até ao seu destino. Do tempo não parecia haver nada a recear. Contudo, uma mudança na direção do vento podia trazer para a ilha os vapores do largo.

Às sete horas estava tudo concluído.

Os objetos tinham sido colocados na plataforma, de maneira que os pequenos náufragos pudessem instalar-se aí por dois ou três dias, sendo necessário.

Quanto às provisões de boca, Moko pusera de parte o suficiente para a travessia, sem que fosse preciso lume.

Às oito horas e meia todos entraram para a jangada. Os mais velhos iam na proa, armados de croques e de espeques — único meio que tinham de dirigi-la porque um leme não teria ação na corrente.

Um pouco antes das nove horas, quando a maré começava a encher, sentiu-se um estalido no madeiramento da jangada, cujas peças balouçavam dentro das amarras. Mas, depois deste primeiro esforço, não houve mais nada a recear.

— Atenção! — gritou Briant.

— Atenção! — repetiu Baxter.

Estavam ambos pegando nas amarras que seguravam a jangada pela proa e pela ré.

— Estamos prontos! — gritou Doniphan, que estava ao lado de Wilcox na parte anterior da plataforma.

Em seguida, depois de ter verificado que a jangada derivava sob a ação da maré:

— Larga! — ordenou Briant.

A ordem foi executada imediatamente, e o aparelho, depois de livre, subiu lentamente entre as duas margens, arrastando a canoa que levava a reboque.

Foi uma alegria geral quando todos viram a pesada máquina em movimento.

Se tivessem construído um navio de alto bordo, não estavam mais satisfeitos! Perdoe-se-lhes este pequeno sentimento de vaidade!

Como se sabe, a margem direita, orlada de árvores, era muito mais elevada do que a margem esquerda, a qual não era mais do que uma passagem estreita que se estendia ao longo do pântano próximo. Briant, Baxter, Doniphan, Wilcox e Moko empregaram todos os seus esforços para afastarem dela a jangada — porque a profundidade da água permitia que seguissem a margem oposta do rio.

A jangada conservou-se, portanto, tanto quanto foi possível, junto da margem direita, ao longo da qual a corrente do fluxo corria mais diretamente, e que podia apresentar um ponto de apoio aos croques.

Duas horas depois da partida, o caminho percorrido podia calcular-se em uma milha, pouco mais ou menos. Não tinha havido o mínimo choque, e, nestas condições, a embarcação devia chegar sem dano a French-den.

Todavia, segundo o cálculo feito anteriormente por Briant, como, por um lado, aquele curso de água devia medir seis milhas desde o lago até à sua embocadura em Sloughi-bay, e, por outro, a jangada não podia percorrer senão duas milhas enquanto durava a maré cheia, ser-lhes-iam precisas umas poucas de marés para chegarem ao seu destino.

Efetivamente, pelas onze horas, a vazante começou a levar as águas para baixo, e tratou-se imediatamente de amarrar a jangada, a fim de não a deixar derivar para o mar. Poderiam continuar a avançar quando a maré da noite começasse a encher; mas seria aventurarem-se no meio da escuridão.

— Isso parece-me muito importante — observou Gordon —, porque a jangada expor-se-ia a choques

que podiam demoli-la. Na minha opinião, é melhor esperarmos até amanhã, para se aproveitar a maré do dia!

Esta proposta não podia deixar de merecer a aprovação geral.

Mesmo que se precisasse de mais vinte e quatro horas, essa demora era preferível ao risco de comprometer a segurança da preciosa carregaçãõ entregue à corrente do rio.

Portanto, era necessário passarem o resto do dia e a noite toda naquele lugar. Por isso Doniphan e os seus companheiros de caça habituais, acompanhados por Phann, desembarcaram na margem direita, prometendo que voltariam antes da noite.

Gordon recomendara-lhes que não se afastassem muito, o que eles prometeram. Quando voltaram, traziam dois casais de abetardas bem gordas e uma enfiada de tinamus magníficos.

Por conselho de Moko, guardou-se esta caça para a primeira refeição, almoço, jantar ou ceia, que houvesse no refeitório de French-den.

Doniphan não descobrira, durante a sua excursão, indício algum que revelasse a presença, antiga ou recente, de seres humanos naquela parte da floresta. A respeito de animais, tinha avistado alguns voláteis de grande estatura que fugiam por entre o arvoredõ, mas não pudera reconhecer a que espécie pertenciam.

Passou o dia, e durante a noite Baxter, Webb e Cross estiveram de vigia, prontos, conforme o caso, ou a apertar as amarras da jangada, ou a alargá-las um pouco, no momento da transposição da maré. Tudo correu bem. No dia seguinte, pelas nove horas e três quartos, logo que a maré começou a encher, a navegação continuou nas mesmas condições da véspera. A noite estivera fria. O dia esteve do mesmo modo.

Já era tempo de chegarem ao seu destino. O que seria feito da jangada se as águas do rio gelassem, se alguns pedaços de gelo, vindos do lago, se dirigissem para Sloughi-bay?

Era isto um motivo de inquietação, de que não podiam ver-se livres senão depois da chegada a French-den.

E, entretanto, era impossível ir mais depressa do que o fluxo; também era impossível vencer a corrente quando a maré começava a descer; por consequência não se podia transpor mais de uma milha em cada hora e meia, e foi o que se percorreu naquele dia.

Pela uma hora da tarde pararam à altura do barranco que Briant contornara para regressar a Sloughi-bay. Aproveitou-se a ocasião para explorar a parte marginal desse barranco.

Durante milha e meia, a canoa, onde iam Moko, Doniphan e Wilcox, dirigiu-se para o norte, e não parou senão no momento em que lhe faltou a água. O barranco era como que um prolongamento do pântano que se estendia para além da margem esquerda, e parecia ter caça aquática em abundância.

Doniphan matou algumas narcejas, que foram juntar-se às abetardas e aos tinamus na despensa de bordo.

A noite foi tranquila, mas glacial, com uma brisa áspera, que soprava através do vale. Formaram-se até alguns pedaços de gelo flutuantes, que se quebravam ou dissolviam ao mínimo choque.

Apesar de todas as precauções, e de cada um se agachar debaixo das velas, não se estava bem na jangada. Alguns dos mais pequenos, Jenkins e Iverson, principalmente, não puderam vencer o mau humor, e lastimaram-se por terem deixado o acampamento do Sloughi. Foi preciso Briant incutir-lhes coragem com palavras animadoras.

Finalmente, no dia seguinte, de tarde, com o auxílio da maré, que durou até às três horas e meia da noite, a jangada chegou ao lago e atracou junto da praia, em frente da porta de French-den.

Capítulo XI

O desembarque fez-se no meio dos gritos de alegria dos mais pequenos, para quem todas as mudanças na vida ordinária equivaliam a um brinquedo novo. Dole saltava na praia como um cabrito, Iverson e Jenkins corriam ao lado do lago, enquanto Costar, chamando Moko de parte, dizia:

— Olha que nos prometeste um bom jantar, grumete!

— Pois há de passar sem ele, Sr. Costar — respondeu Moko.

— Porquê?

— Porque hoje não tenho tempo para lhes dar de jantar!

— O quê, não se janta?...

— Não, mas ceia-se, e as abetardas não são piores à ceia!

E Moko ria, mostrando os dentes brancos e polidos.

O pequeno, depois de lhe ter dado um empurrão de amizade, foi juntar-se aos camaradas. Briant ordenara-lhes que não se afastassem, a fim de poder tomar sentido neles.

— Não vais também?... — perguntou ele a seu irmão.

— Não! Gosto mais de ficar aqui! — respondeu Jaime.

— Era melhor que fizesses algum exercício — tornou Briant. — Não estou satisfeito contigo, Jaime!... Escondes-me seja o que for... Ou então estás doente?

— Não, não tenho nada!

Sempre a mesma resposta, que não podia satisfazer Briant, muito resolvido a esclarecer aquele caso — ainda que fosse à custa de uma cena com o pequeno obstinado.

Entretanto, se quisessem passar aquela noite em French-den, não havia uma hora a perder.

Primeiro, tratava-se de mostrar a caverna aos que ainda não a conheciam. Por isso, logo que a jangada foi amarrada solidamente à praia, no meio de um redemoinho, fora da corrente do rio, Briant pediu aos camaradas que o acompanhassem. O grumete levava na mão um farol de bordo, cuja chama, aumentada pelo poder das lentes, dava uma luz muito viva.

Tratou-se, primeiro, de destapar o orifício. Os ramos estavam exatamente como Briant e Doniphan os tinham colocado. Portanto, nenhum ser humano, nenhum animal tentara penetrar em French-den.

Depois de terem afastado os ramos, deixaram-se escorregar pela abertura. A luz do farol dava muito mais claridade à caverna do que poderia dar a luz dos ramos resinosos ou a das velas toscas do naufrago.

— Olá! Vamos ficar muito apertados aqui! — observou Webb, que acabava de medir a profundidade da caverna.

— Ora adeus! — exclamou Garnett. — Pondo as camas umas por cima das outras, como num beliche...

— Para quê? — replicou Wilcox. — É bastante colocá-las no chão, em fila...

— Pois sim! E resignarmo-nos a não andar para cá e para lá; e pronto! — observou Briant. — Tens alguma coisa melhor para nos oferecer, Webb?

— Não, mas...

— Mas — interrompeu Service — o principal é ter um abrigo razoável! Creio que não esperavas achar aqui uns aposentos completos, com salão, casa de jantar, quarto de cama, vestíbulo, gabinete de fumo, sala de banho...

— Não — disse Cross. — Mas é preciso que haja um lugar onde se possa cozinhar...

— Cozinha-se lá fora — sugeriu Moko.

— Isso é muito incómodo quando houver temporal — observou Briant. — Parece-me que devemos trazer para aqui, hoje mesmo, o fogão do Sloughi.

— O fogão... na cavidade onde comemos e onde dormimos! — objetou Doniphan, com ar de repugnância.

— Ora essa! Respira saís, lord Doniphan! — exclamou Service, dando uma gargalhada.

— Se isso me convier, bicho da cozinha! — replicou o orgulhoso rapaz, franzindo as sobrancelhas.

— Bem!... bem!... — acudiu Gordon, para acabar a questão. — Quer seja agradável, quer não seja, é preciso que nos resignemos a principiarmos assim! Além disso, o fogão, ao mesmo tempo que serve para cozinhar, deve aquecer o interior da caverna. Quanto a abrir outros quartos no maciço para ficarmos mais à vontade, temos todo o inverno para esse trabalho, se for possível fazê-lo. Mas, primeiro, aceitemos French-den assim como está, e instalemo-nos o melhor possível.

Antes do jantar, as camas foram transportadas e postas em linha na areia. Ficaram unidas umas às outras, mas os pequenos, acostumados aos beliches estreitos da escuna, não se importaram com isso.

Este trabalho durou até ao fim do dia. A mesa grande do iate foi colocada no meio da caverna, e Garnett, ajudado pelos mais pequenos, que lhe traziam os diferentes utensílios de bordo, encarregou-se de pôr a mesa para a ceia.

Moko, ajudado por Service, também se tornara muito útil. Alimentou uma fogueira, disposta entre duas grandes pedras, ao pé do contraforte da penedia, com ramos secos que Webb e Wilcox tinham ido apanhar debaixo das árvores da praia. Pelas seis horas, a carne seca — que era suficiente submeter a uma ebulição de alguns minutos — fumegava, espalhando um aroma delicioso. Ao mesmo tempo, uma dúzia de tinamus enfiados num espeto, depois de convenientemente depenados, assavam-se defronte de um lume crepitante, por cima de um molho onde Costar desejava muito ensopar os dedos. E enquanto Dole e Iverson desempenhavam conscienciosamente o ofício de ajudantes de cozinheiro, Phann seguia-lhes todos os movimentos com um interesse muito significativo.

Antes das sete horas estavam todos reunidos na única sala de French-den — refeitório e dormitório, ao mesmo tempo. Os escabelos, os bancos de dobrar e as cadeiras de vime do Sloughi tinham sido transportados, assim como os bancos da tripulação.

Os pequenos convivas, servidos pelo grumete e por eles mesmos, comeram com apetite uma ceia substancial. Sopa fervida, um pedaço de carne salgada, o assado de tinamus, bolacha em lugar de pão, água fresca com algumas gotas de brandy, um bocado de Chester e alguns copos de sherry à sobremesa compensaram-nos das refeições medíocres dos últimos dias. Apesar da gravidade da situação, os mais pequenos entregaram-se à alegria da sua idade, e Briant, longe de os reprimir, alegrou-se com as suas gargalhadas.

O dia tinha sido trabalhoso. Depois da fome satisfeita, ninguém pensava senão em ir descansar. Mas, antes disso, Gordon, guiado por um sentimento religioso, propôs aos seus camaradas irem fazer uma visita à sepultura de Francisco Baudoin, cuja morada ocupavam agora.

A noite sombreava o horizonte do lago, e as águas já não refletiam os últimos raios do dia. Os pequenos náufragos, depois de terem passado o contraforte, pararam junto de uma pequena elevação do solo, sobre a qual se erguia uma cruz de madeira. Então, os mais novos de joelhos e os outros curvados diante daquela sepultura, dirigiram a Deus uma prece por alma do náufrago.

Às nove horas já as camas estavam ocupadas, e todos, apenas se embrulharam nas cobertas, adormeceram profundamente. Wilcox e Doniphan, a quem pertencia ficar de guarda, acenderam, à entrada da caverna, uma grande fogueira, que devia servir para afastar os visitantes perigosos, ao mesmo tempo que aquecia o interior.

No dia seguinte, 9 de maio, e durante os três que se seguiram, a descarregação da jangada exigiu todos os braços. Os vapores, já persistiam em acumular-se com o vento de oeste, anunciando um período de chuva ou mesmo de neve. Efetivamente, a temperatura não excedia o zero do termómetro, e as zonas elevadas deviam ter arrefecido muito. Portanto, era necessário levar tudo o que pudesse estragar-se, munições, provisões sólidas ou líquidas, para o interior de French-den.

Durante estes dias, como o trabalho era urgente, os caçadores não se afastaram. Mas, como a caça aquática era em abundância, quer à superfície do lago, quer por cima do pântano, na margem esquerda do rio, Moko nunca deixou de ter que fazer. Narcejas, patos e cercetas deram ocasião a Doniphan de se servir bastantes vezes da espingarda.

Contudo, Gordon não podia ver sem pesar gastar tanto chumbo e tanta pólvora com a caça — mesmo quando esta era produtiva. Desejava, sobretudo, poupar as munições, cujas quantidades exatas estavam assentes na sua carteira. Por isso recomendou muito a Doniphan que economizasse os tiros.

— É preciso pensar no futuro — advertiu ele.

— De acordo — respondeu Doniphan —, mas é preciso também não gastar as conservas todas! Arrepende-nos-íamos de o ter feito, se aparecesse algum meio de deixarmos a ilha...

— Deixar a ilha?... — estranhou Gordon. — Pois nós somos capazes de construir uma embarcação que possa aguentar o mar?...

— Porque não, Gordon, se perto daqui houver algum continente?... Em todo o caso, eu não desejo morrer aqui, como o compatriota do Briant!...

— Pois sim — respondeu Gordon —, mas, antes de pensar em partir, acostumemo-nos à ideia de sermos, talvez, obrigados a viver neste território anos e anos.

— Isso é mesmo de Gordon! — exclamou Doniphan. — Tenho a certeza de que estás encantado com a ideia de fundar uma colónia...

— Decerto, se não puder fazer outra coisa!

— Pois não me parece que arranjes muitos partidários da tua mania — nem mesmo o teu amigo Briant!

— Temos tempo para discutir isso — volveu Gordon. — E, a propósito de Briant, devo dizer-te que és injusto para com ele, Doniphan. É um bom camarada, que nos tem dado provas de dedicação...

— Ora essa, Gordon! — replicou Doniphan, com o ar de desdém que lhe era natural —, Briant tem todas as qualidades! É um herói...

— Não, Doniphan, também tem defeitos, como nós. Mas os teus sentimentos a seu respeito podem ser a causa de uma desunião que tornaria a nossa situação ainda mais penosa! Briant é estimado por todos...

— Oh! por todos!

— Ou, pelo menos, pela maior parte dos seus camaradas. Não sei por que razão Wilcox, Cross, Webb e tu não querem ouvir falar nele! Digo-te isto de passagem, Doniphan, e tenho a certeza de que hás de refletir...

— Já refleti, Gordon!

Gordon viu bem que o orgulhoso rapaz estava pouco disposto a fazer caso dos seus conselhos — o que o inquietava, porque previa questões sérias para o futuro.

Como se disse, a descarga completa da jangada levava três dias. Faltava apenas demolir o madeiramento e a plataforma, cujas pranchas podiam ser empregadas no interior de French-den.

Infelizmente o material não coubera todo na caverna, e, se não se conseguisse tornar esta maior, seria necessário construir um alpendre, debaixo do qual os pacotes estariam ao abrigo do mau tempo.

Entretanto, por conselho de Gordon, os objetos amontoaram-se no ângulo do contraforte, cobertos com lonas alcatroadas; que serviam para proteger as claraboias e os anteparos do iate.

No dia 18, Baxter, Briant e Moko procederam à instalação do fogão, que foi preciso arrastar sobre cilindros até ao interior de French-den. Aí encostaram-no à parede da direita, perto da entrada, de maneira que a tiragem pudesse fazer-se em melhores condições. Quanto ao tubo que devia conduzir para fora os produtos da combustão, a sua colocação promoveu algumas dificuldades. Contudo, como o calcário do maciço era mole, Baxter conseguiu fazer um buraco, através do qual passou o tubo, saindo assim o fumo para o exterior. De tarde, quando o grumete acendeu o fogão, teve o prazer de verificar que funcionava convenientemente. Portanto, mesmo com o mau tempo, a cocção dos alimentos estava certa.

Durante a semana seguinte, Doniphan, Webb, Wilcox e Cross, aos quais se juntaram Garnett e Service, puderam satisfazer os seus gostos de caçadores. Um dia, embrenharam-se na floresta de bétulas e de faias, a meia milha de French-den, do lado do lago. Em alguns pontos apareceram indícios muito

visíveis do trabalho do homem. Eram covas, feitas no solo, cobertas de ramos, e bastante profundas para que os animais que caíssem nelas não pudessem sair de lá. Mas o estado dessas covas indicava que datavam de muitos anos, e uma delas continha ainda os restos de um animal, cuja espécie não se podia reconhecer.

— Esses ossos são de um animal de grande estatura! — observou Wilcox, que se deixara logo escorregar até ao fundo da cova e tirara de lá as ossadas, já muito embranquecidas pelo tempo.

— E era um quadrúpede; aqui estão os ossos das suas quatro patas — acrescentou Webb.

— A não ser que haja aqui animais de cinco patas — gracejou Service —, e então este não podia ser senão um carneiro ou um veado fenómeno!

— Sempre gracejos, Service! — disse Cross.

— Não é proibido rir! — replicou Garnett.

— O que é certo — tornou Doniphan — é que este animal devia ser muito vigoroso. Vejam o tamanho da cabeça e da mandíbula, ainda armada de presas! Service que brinque, se isso o diverte, com os seus carneiros de arlequim e os veados de feira! Mas se este quadrúpede ressuscitasse, parece-me que ninguém teria vontade de rir ao pé dele!

— Bem respondido! — exclamou Cross, sempre disposto a achar excelentes as réplicas de seu primo.

— Julgas então — perguntou Webb a Doniphan — que esses restos pertencem a um carnívoro?

— Sim, tenho a certeza...

— Um leão?... Um tigre?... — perguntou Cross, que não parecia estar muito satisfeito.

— Sim — respondeu Doniphan —, ou, pelo menos, a um jaguar ou a um cugardo!

— É preciso estarmos de prevenção!... — advertiu Webb.

— E não nos afastarmos para muito longe! — acrescentou Cross.

— Ouves, Phann — disse Service, voltando-se para o cão —, há animais ferozes por aqui!

Phann respondeu com um latido alegre que não mostrava inquietação.

Os pequenos caçadores dispuseram-se então a voltar para French-den.

— Uma ideia — disse Wilcox. — Se nós cobríssemos esta cova com outros ramos?... Talvez algum animal se deixasse apanhar.

— Como quiseres, Wilcox — respondeu Doniphan. — Mas eu prefiro matar a caça em liberdade a assassiná-la no fundo de uma cova!

Era o *sportsman* que falava assim; mas, afinal, Wilcox, com o seu gosto natural, mostrava-se mais prático do que Doniphan.

Por isso, apressou-se em executar a sua ideia. Os seus camaradas ajudaram-no a cortar ramos nas árvores próximas; em seguida, colocaram os mais compridos em cima da cova, e a sua folhagem dissimulou completamente a abertura. Laço muito rudimentar, é certo, mas empregado muitas vezes, com êxito, pelos caçadores dos Pampas.

Wilcox deu alguns cortes nos troncos das árvores até à entrada da floresta, a fim de se reconhecer o lugar onde estava a cova, e voltaram todos para French-den.

Estas caçadas, em todo o caso, não deixavam de ser produtivas. A caça de pena abundava. Sem falar nas abetardas e nos tinamus, via-se grande número de gaivotas, cujas penas, salpicadas de branco, faziam lembrar as das galinhas-da-índia, de pombos dos bosques, que voavam aos bandos, de patos antárticos, que são muito bons para comer, depois de despojados, pela cocção, do seu sabor oleoso. Quanto à caça de pelo, era representada por tuco-tucos, espécie de roedores que podem substituir vantajosamente o coelho nos fricassés, marás, lebres de um pardo-arruivado, com um crescente preto na cauda, tendo todas as qualidades comestíveis da cutia, pichis, do género tatu, mamíferos de concha escamosa, cuja carne é excelente, pecaris, que são javalis pequenos, e guaçulis, semelhantes aos veados e tão desembaraçados como eles.

Doniphan pôde matar alguns destes animais; mas, como eles dificilmente se aproximavam, os resultados obtidos não correspondiam ao consumo da pólvora e do chumbo, com grande pesar do moço caçador. Isto deu causa a algumas observações da parte de Gordon — observações que os partidários de Doniphan não receberam melhor do que ele.

Foi também durante uma destas excursões que se fez boa colheita das duas plantas preciosas descobertas por Briant no dia da primeira expedição ao lago. Era aipo bravo, que crescia em abundância nos terrenos húmidos, e agrião, cujos rebentos formam um antiescorbútico excelente, quando começam a sair da terra. Estes vegetais entraram em todas as refeições, por precaução higiénica.

Além disso, como o frio ainda não congelara a superfície do lago e do rio, apanharam-se algumas trutas ao anzol, assim como uma espécie de lúcio, muito saboroso, mas que era preciso comer com cuidado, por causa da grande quantidade de espinhas. Finalmente, um dia Iverson regressou à caverna mostrando com orgulho um salmão de bom tamanho, com o qual lutara durante muito tempo, com risco de partir a linha. Portanto se na época em que estes peixes subiam a embocadura do rio se conseguisse arranjar uma boa provisão deles, seria uma reserva preciosa para o inverno.

Entretanto, faziam-se frequentes visitas à cova preparada por Wilcox; mas nenhum animal se deixara apanhar, apesar de um grande pedaço de carne, que podia atrair algum carnívoro.

Contudo, no dia 17 de maio, sobreveio um incidente.

Nesse dia, Briant e alguns dos outros tinham ido à floresta, para os lados da penedia. Tratava-se de indagar se, nas proximidades de French-den, se acharia alguma outra cavidade natural que servisse de armazém para alojar o resto do material.

Então, ao aproximarem-se da cova, ouviram gritos roucos que saíam de lá.

Briant dirigiu-se para aquele lado e foi logo seguido por Doniphan, que não queria ficar para trás. Os outros seguiram-nos a alguns passos de distância, com as espingardas ao ombro, e Phann caminhava ao lado deles, com as orelhas fitas e a cauda retesada.

Estavam a uns vinte passos da cova quando os gritos redobraram. No meio dos ramos apareceu então

uma grande abertura, que devia ter sido produzida pela queda de algum animal.

De que espécie era esse animal ninguém podia dizê-lo. Em todo o caso, deviam avançar com prudência.

— Vai, Phann, vai!... — gritou Doniphan.

O Cão deitou a correr imediatamente, ladrando, mas sem mostrar inquietação.

Briant e Doniphan correram para a cova e, logo que olharam para dentro:

— Venham!... Venham! — gritaram eles.

— Não é um jaguar?... — perguntou Webb.

— Nem um cuguardo?... — acrescentou Cross.

— Não — respondeu Doniphan. — É um animal de dois pés, um avestruz!

Efetivamente, era um avestruz, e era uma felicidade que esses animais andassem pelas florestas do interior, porque a carne deles é excelente — sobretudo na parte gorda que lhes garante o peito.

Contudo, se era decerto um avestruz, o seu tamanho medíocre, a cabeça semelhante à dos patos, as penas curtas que lhe envolviam o corpo todo, de uma cor parda-esbranquiçada, faziam-no entrar na espécie dos nandus, tão numerosos no meio dos Pampas da América do Sul. Posto que o nandu não possa ser comparado com o avestruz africano, não deixava de dar honra à fauna do país.

— É preciso apanhá-lo vivo! — recomendou Wilcox.

— Já se vê! — exclamou Service.

— Não deve ser fácil! — respondeu Cross.

— Experimentemos! — disse Briant.

Se o vigoroso animal não pudera livrar-se, é porque as asas não o deixavam elevar-se até ao nível do solo, e os pés não tinham apoio nas paredes verticais. Wilcox foi, portanto, obrigado a deixar-se escorregar para o fundo da cova, com risco de receber algumas bicadas que podiam feri-lo gravemente. Contudo, como conseguiu atirar a camisola à cabeça do avestruz, envolvendo-a nela, reduziu-o assim à mais completa imobilidade. Foi, então, fácil ligar-lhe os pés com dois ou três lenços atados uns aos outros, e todos os pequenos, reunindo os seus esforços, uns em baixo, outros em cima, conseguiram tirá-lo da cova.

— Até que enfim, é nosso! — exclamou Webb.

— Que faremos dele?... — perguntou Cross.

— É muito simples! — replicou Service, que nunca tinha dúvidas. — Conduzimo-lo a French-den, domesticamo-lo, e serve-nos para montar! Eu me encarrego disso tudo, como o meu amigo Jack, do Robinson Suíço.

Era muito contestável poder utilizar-se o avestruz desta maneira, apesar do precedente invocado por Service. Em todo o caso, como não havia inconveniente em conduzi-lo a French-den, foi o que se fez.

Quando Gordon viu aparecer o nandu, assustou-se um pouco por ter mais uma boca a sustentar. Mas, lembrando-se de que erva e folhas eram o suficiente para a sua alimentação, fez-lhe bom acolhimento.

Quanto aos mais pequenos, foi uma alegria para eles admirarem aquele animal, aproximaram-se dele — não muito, ainda assim —, depois de o verem preso com uma corda comprida. E, quando souberam que Service tencionava domá-lo, para o poder montar, obrigaram-no a prometer-lhes que os levaria na garupa.

— Pois sim, sim, se tiverem juízo, bebés! — prometeu Service, que os pequenos consideravam já como um herói.

— Havemos de ter! — exclamou Cross.

— Pois tu, Costar, também te atreves a montar neste animal?... — Perguntou Service.

— Atrás de ti... e agarrando-te bem... atrevo-me!

— Lembra-te do susto que apanhaste quando estavas nas costas da tartaruga!

— Não é a mesma coisa — volveu Costar. — Este animal, ao menos, não vai para dentro de água!...

— Não, mas pode ir para os ares! — Preveniu Dole.

Os dois pequenos calaram-se e ficaram pensativos ouvindo estas palavras.

Depois da instalação definitiva em French-den, Gordon e os seus camaradas tinham organizado a vida quotidiana de um modo regular. Quando a instalação estivesse completa, Gordon tencionava dirigir o melhor possível as ocupações de cada um, e, sobretudo, não deixar os mais novos entregues a si mesmos. É verdade que eles gostavam de se aplicar ao trabalho comum na proporção das suas forças; mas, porque não se continuariam as lições começadas no Colégio Chairman?

— Temos livros com os quais poderemos continuar os nossos estudos — lembrou Gordon —, o que nós aprendemos, e o que havemos de aprender, é justo que o ensinemos aos nossos camaradas pequenos.

— Sim — aprovou Briant —, tratemos de não perder o nosso tempo; talvez um dia se possa deixar esta ilha, e tornemos a ver as nossas famílias!

Combinou-se redigir um programa; depois, quando o tivessem submetido à aprovação geral, tratar-se-ia de o aplicar escrupulosamente.

Efetivamente, quando viesse o inverno, devia haver muitos dias durante os quais nem os mais velhos nem os pequenos poderiam sair da caverna, e era necessário que esses dias não decorressem sem proveito. Entretanto, o que, sobretudo, incomodava os hóspedes de French-den era a exiguidade da sala única onde todos estavam acumulados. Por consequência, era preciso tratar, sem demora, dos meios de dar à caverna dimensões suficientes.

Capítulo XII

Durante as últimas excursões, os pequenos caçadores tinham examinado, várias vezes, a penedia, com a esperança de acharem outra escavação. Se a descobrissem, transformá-la-iam em armazém geral e meter-lhe-iam dentro o resto do material que tinha ficado fora. Ora, como as pesquisas tinham sido inúteis, voltou-se novamente ao projeto de aumentar a morada atual, abrindo um ou mais quartos contíguos à caverna de Francisco Baudoin.

No granito, este trabalho seria impraticável; mas naquele calcário, que a picareta ou a enxada encetariam facilmente, não devia sê-lo. O tempo que duraria pouco importava. Teriam com que se entreter nos compridos dias de inverno, e podiam concluí-lo antes de voltar o bom tempo, se não houvesse desmoronamento nem infiltração — o que era para recear.

Além disso, não era necessário empregar a mina. As ferramentas deviam servir, porque tinham sido suficientes quando se tratara de furar a parede para deixar passar o tubo do fogão. Baxter já conseguira, não sem custo, alargar a abertura de French-den, de maneira a poder adaptar-lhe, com as suas ferragens, uma das portas do Sloughi. Além disso, à direita e à esquerda da entrada, tinham-se aberto na parede duas janelas estreitas, ou, antes, duas espécies de seteiras — o que permitia que a luz e o ar circulassem mais livremente no interior.

O mau tempo fizera a sua aparição havia uma semana. Desencadeavam-se tempestades violentas sobre a ilha; mas, graças à sua orientação ao sul e ao leste, French-den não era atacada diretamente. As bátegas de chuva e de neve passavam estrondosamente, rente ao cume da penedia. Os caçadores já não perseguiam a caça senão nas proximidades do lago: patos bravos, narcejas, pavões, francolins, galinholas e alguns desses bicos-em-bainha, mais conhecidos pelo nome de pombos brancos nas paragens do Sul do Pacífico. Se o lago e o rio não estavam ainda gelados, bastava uma noite para gelarem com os primeiros frios secos que deviam suceder às tempestades.

Encarcerados a maior parte das vezes, os moços náufragos podiam empreender o trabalho de alargamento, e meteram mãos à obra no dia 27 de maio.

A parede da direita foi a primeira a ser atacada.

— Cavando em direção oblíqua — observara Briant —, talvez se vá desembocar do lado do lago e se arranje assim outra entrada para French-den. Isso permitiria que vigiássemos melhor as proximidades, e, se o mau tempo nos impedisse de sair por um lado, podíamos sair pelo outro.

Era, como se vê, uma disposição muito vantajosa para as necessidades da vida comum, e não parecia impossível que tivesse bom resultado.

Efetivamente, no interior, quarenta ou cinquenta pés, quando muito, separavam a caverna da contracosta oriental. Era bastante, pois, abrir uma galeria nesta direção, depois de a ter marcado com a

bússola. Durante este trabalho devia haver cuidado, sobretudo em não provocar algum desmoronamento. Além disso, antes de dar à nova escavação a altura que devia ter mais tarde, Baxter propôs que se abrisse uma passagem estreita, que se faria mais larga quando a sua profundidade parecesse suficiente. Os dois quartos de French-den seriam então reunidos por um corredor, que poderia fechar-se nas extremidades, e no qual se abriria lateralmente uma ou duas adegas escuras.

Este plano era, evidentemente, o melhor, e, entre outras vantagens, tinha a de se poder sondar prudentemente o maciço, e abandonar o trabalho a tempo, se se produzisse alguma infiltração repentina.

Durante três dias, de 27 a 30 de maio, o trabalho fez-se em condições muito favoráveis. Aquela massa calcária abria-se, por assim dizer, à faca. Por isso foi necessário consolidá-la com um forro de madeira interior — o que não deixou de ser muito difícil. Os desaterros eram transportados para fora imediatamente, para não estorvarem. Apesar de não se poderem empregar todos os braços nesta tarefa, por falta de espaço, nenhum deles estava sem fazer nada. Quando a chuva e a neve deixaram de cair, Gordon e os outros tratavam de desmanchar a jangada, a fim de que as peças da plataforma e do vigamento pudessem ser empregadas na nova instalação.

Também vigiavam os objetos amontoados no ângulo do contraforte, porque os oleados não os garantiam bem contra as rajadas.

O trabalho avançava a pouco e pouco, não sem grandes esforços, e a passagem tinha já um comprimento de quatro a cinco pés, quando sobreveio um incidente muito inesperado na tarde do dia 30.

Briant, agachado ao fundo, como um mineiro que abre uma galeria de mina, julgou ouvir uma espécie de ruído surdo no interior do maciço.

Suspendeu o trabalho a fim de escutar mais atentamente... O ruído chegou-lhe, de novo, aos ouvidos.

Sair do corredor, ir ter com Gordon e com Baxter, que estavam na abertura, dar-lhes parte do incidente, foi tudo obra de alguns momentos.

— Ilusão! — respondeu Gordon. — Julgaste ouvir...

— Vai para o meu lugar, Gordon — recomendou então Briant —, encosta o ouvido à parede, e escuta!

Gordon introduziu-se na passagem estreita, e tornou a aparecer alguns instantes depois.

— Não te enganaste!... — disse ele. — Ouvi uma espécie de bramidos, ao longe!

Baxter foi também ouvir, e saiu, perguntando:

— Que será isto?

— Não posso imaginá-lo! — respondeu Gordon. — É necessário prevenir Doniphan e os outros...

— Os pequenos, não! — acrescentou Briant. — Podiam assustar-se!

Neste momento entravam todos para jantar, e os pequenos souberam o que se passava. Isto não deixou de lhes causar algum susto.

Doniphan, Wilcox, Webb e Garnett foram, sucessivamente, escutar ao corredor. Mas o ruído cessara, porque não ouviram nada, o que lhes fez crer que os outros se tinham enganado.

Em todo o caso, decidiu-se que o trabalho não fosse interrompido, e, depois do jantar, deitaram

novamente mãos à obra.

Ora, durante parte da noite não se ouviu nenhum ruído, mas pelas nove horas distinguiram-se perfeitamente os mesmos bramidos através da parede.

Neste momento, Phann, que corraera para a abertura, saiu de lá com o pelo eriçado, dando sinais incontestáveis de irritação e ladrando furiosamente, como se quisesse responder aos bramidos que vinham do interior do maciço.

E então, o que, nos pequenos, não passara de um susto e alguma admiração, tornou-se em verdadeiro terror. A imaginação das crianças inglesas é constantemente alimentada com lendas comuns aos países do Norte, e nas quais os gnomos, os duendes, as valquírias, os silfos, as ondinas, os génios de toda a espécie vagueiam à roda dos berços. Por isso Dole e Costar, até Jenkins e Iverson, não puderam ocultar que estavam mortos de medo. Depois de tentar, em vão, sossegá-los, Briant obrigou-os a meterem-se na cama, onde acabaram por adormecer. Mas, ainda assim, sonharam com fantasmas, espectros, seres sobrenaturais que habitavam o interior da penedia — enfim, todas as angústias do pesadelo.

Gordon e os outros continuaram a conversar em voz baixa acerca daquele fenómeno extraordinário. Puderam verificar, por umas poucas de vezes, que não deixava de se produzir, e que Phann continuava a mostrar uma irritação realmente singular.

Afinal, sentindo-se fatigados, foram todos deitar-se, excetuando Briant e Moko. Depois, até amanhecer, reinou silêncio profundo em French-den.

No dia seguinte todos se levantaram cedo. Baxter e Doniphan foram, de rastos, até ao fundo da abertura... Não ouviram ruído algum. U cão andava de cá para lá sem mostrar inquietação e já não tentava lançar-se contra a parede como tinha feito na véspera.

— Continuemos o trabalho — disse Briant.

— Sim — respondeu Baxter. — Sempre é tempo de parar, se se ouvir algum ruído suspeito.

— Não seria possível — observou então Doniphan — que aquele barulho fosse o de alguma fonte que passasse em borbotões através do maciço?...

— Nesse caso, ouvi-la-íamos — observou Wilcox —, e já não se ouve nada!

— É justo — afirmou Gordon —, eu estou mais disposto a crer que o vento se introduz por alguma fenda no cume da penedia...

— Subamos ao planalto — propôs Service —, talvez lá se descubra...

A proposta foi aceite.

A uns cinquenta passos, descendo a praia, havia um atalho sinuoso, pelo qual se podia chegar à aresta superior do maciço. Baxter e dois ou três dos outros subiram esse atalho em alguns momentos e chegaram mesmo acima de French-den. Este trabalho foi inútil. Não acharam naquela superfície, revestida de uma erva curta e espessa, nenhuma fenda por onde se pudesse introduzir uma corrente de ar ou um fio de água.

Quando desceram não sabiam nada acerca daquele fenómeno estranho, que os mais pequenos explicavam ingenuamente pelo sobrenatural.

Entretanto, o trabalho de perfuração continuou-se até ao fim do dia. Não se ouviram os bramidos da véspera, posto que, segundo observou Baxter, a parede, cujo som tinha sido cheio até àquele dia, começasse a soar oco. Haveria, naquela direção, alguma cavidade natural onde a passagem fosse desembocar? E não seria nessa cavidade que se produzia o fenómeno? A hipótese de outra escavação não tinha nada de inadmissível, e era para desejar que assim fosse, porque poupava muito trabalho na obra de alargamento.

Todos empregaram um ardor extraordinário, e aquele dia foi um dos mais fatigantes que tinham suportado até então. Contudo, passou-se sem incidente algum notável, a não ser à noite, quando Gordon reparou que o cão tinha desaparecido.

Phann, à hora das refeições, ia sempre sentar-se ao pé do banco do dono, e naquela noite o seu lugar estava vazio.

Chamaram-no... Phann não respondeu.

Gordon foi à entrada da caverna. Tornou a chamar... Silêncio completo.

Doniphan e Wilcox correram, um para a margem do rio, e o outro para as proximidades do lago... Não havia vestígios do cão.

Procuraram, debalde, até algumas centenas de passos de French-den!... Não foi possível achar Phann.

Era evidente que o cão não podia ouvi-los, porque nesse caso teria respondido à voz de Gordon. Ter-se-ia perdido?... Era inadmissível. Teria caído em poder de algum carnívoro?... Isso podia ser, e era o que explicava melhor a sua desapareição.

Eram nove horas da noite. O lago e a penedia estavam envolvidos numa escuridão profunda. Tiveram de resolver-se a abandonar as pesquisas para voltarem a French-den.

Entraram todos muito inquietos — e não só inquietos, mas também tristes, lembrando-se de que o inteligente animal tinha desaparecido, talvez para sempre!

Uns foram estender-se em cima das camas, outros sentaram-se à roda da mesa, não pensando, sequer, em dormir. Parecia-lhes que estavam mais sós, mais abandonados, mais afastados ainda do seu país e das suas famílias!

De repente, no meio do silêncio, ouviram-se novos bramidos. Desta vez eram uivos, seguidos de gritos de dor, que se prolongaram durante perto de um minuto.

— É dali... É dali que vêm! — exclamou Briant, correndo para a abertura.

Todos se tinham levantado, como se esperassem alguma aparição. Os mais novos, cheios de terror, escondiam a cabeça debaixo das coberturas...

Quando Briant voltou:

— Por força que há ali — disse ele —, uma cavidade cuja entrada deve ser na parte inferior da penedia...

— E na qual é provável que se refugiem alguns animais durante a noite! — acrescentou Gordon.

— Deve ser isso — admitiu Doniphan. — Portanto, amanhã iremos ver...

Neste momento, ouviu-se um latido, que vinha, como os uivos, do interior do maciço.

— Phann estará ali — exclamou Wilcox —, lutando com algum animal?...

Briant, que tornara a entrar na abertura, escutava, com o ouvido encostado à parede do fundo... Não ouviu mais nada!... Mas, ou Phann estivesse ali ou não estivesse, era certo existir outra escavação, a qual devia comunicar com o exterior, provavelmente por algum buraco perdido no meio das brenhas enredadas na base da penedia.

Passou-se a noite sem que os bramidos e os uivos se tornassem a ouvir.

Ao romper do dia, as pesquisas feitas, tanto nas proximidades do rio como nas do lago, não deram mais resultado do que na véspera, no cume do maciço.

Phann, apesar de o terem procurado e chamado pelos arredores de French-den, não aparecera ainda.

Briant e Baxter voltaram de novo ao trabalho. A enxada e a picareta não tiveram descanso. Naquela manhã a abertura aumentou quase dois pés em profundidade. De quando em quando paravam, escutavam atentamente... Não ouviam nada.

O trabalho, interrompido pelo almoço do meio-dia, recomeçou uma hora depois. Tinham-se tomado todas as precauções para o caso de uma enxadada, ao abrir a parede, dar passagem a algum animal. Os pequenos tinham sido levados para o lado da praia. Doniphan, Wilcox e Webb, de espingardas e revólveres na mão, estavam prontos para qualquer eventualidade.

Perto das duas horas da tarde, Briant soltou uma exclamação. A picareta acabava de atravessar o calcário, que se desmoronara, deixando ver uma grande abertura.

Briant foi logo ter com os camaradas, que não sabiam o que haviam de pensar...

Mas, antes que ele tivesse tempo de abrir a boca, sentiu-se um roçar rápido nas paredes da abertura, e um animal arremessou-se, de um pulo, na caverna...

Sim, Phann, que se precipitou logo para um balde cheio de água, pondo-se a beber avidamente. Em seguida, agitando a cauda e sem mostrar nenhuma irritação, começou a saltar à roda de Gordon.

Era evidente que não havia nada a recear.

Briant pegou numa lanterna e introduziu-se na abertura. Gordon, Doniphan, Wilcox, Baxter e Moko seguiram-no. Um momento depois transpunham o orifício produzido pelo desmoronamento e achavam-se no meio de uma escavação sombria onde não penetrava um raio de luz do exterior.

Era outra caverna, tendo em altura e largura as mesmas dimensões que French-den, mas muito mais profunda e com o solo coberto de areia fina numa superfície de cinquenta jardas quadradas.

Como esta cavidade parecia não ter comunicação alguma com o exterior, temia-se que o ar fosse impróprio para a respiração. Mas se a lanterna ardia a toda a luz é porque o ar se introduzia ali por uma abertura qualquer. Não sendo assim, como podia Phann ter entrado nela?

De repente, Wilcox deu com o pé num corpo inerte e frio, o que percebeu apalpando-o com a mão.

Briant aproximou a lanterna.

— É o corpo de um chacal! — declarou Baxter.

— É!... Um chacal que o nosso valente Phann estrangulou! — respondeu Briant.

— Aqui está a explicação do que não podíamos compreender! — acrescentou Gordon.

Mas, se um ou muitos chacais tinham feito daquela caverna o seu covil habitual, por onde entravam eles? Era preciso absolutamente esclarecer este caso.

Por isso, depois de ter saído de French-den, Briant foi costear a penedia, do lado do lago. Ao mesmo tempo dava gritos, aos quais responderam, afinal, outros gritos do interior. Foi desta maneira que descobriu entre as brenhas e rente ao solo uma abertura estreita, por onde passavam os chacais. Mas, depois que Phann os seguira, houvera um desmoronamento parcial que fechara a abertura, como em breve se reconheceu.

Portanto, tudo se explicava: os bramidos dos chacais e os latidos do cão que, durante vinte e quatro horas, estivera impossibilitado de sair dali.

Que alegria para os náufragos! Além de recuperarem Phann, quanto trabalho poupavam com aquela descoberta! Tinham ali “já feita”, como disse Dole, uma vasta cavidade, de cuja existência o náufrago Baudoin nunca suspeitara. Alargando-se o orifício, obtinha-se outra porta aberta do lado do lago, o que facilitava muito o serviço interior. Assim, os seis rapazes, reunidos na segunda caverna, deram hurras, acompanhados pelo ladrar alegre de Phann.

Com que ardor se continuou o trabalho a fim de transformar a abertura num corredor praticável! A segunda escavação, à qual deram o nome de hall, justificava-o pelas suas dimensões. Enquanto não se dispunham as adegas laterais, o material foi transportado para este hall. Devia servir também de dormitório e de casa de trabalho, e a primeira caverna seria reservada para cozinha, despensa e refeitório. Mas, como da segunda se tencionava fazer também armazém geral, Gordon propôs que se chamasse *Store-room*, o que foi adotado.

Em primeiro lugar, tratou-se de transportar as camas, que foram dispostas simetricamente sobre a areia do hall, onde não havia falta de espaço. Em seguida, transportou-se a mobília do Sloughi, os divãs, as poltronas, as mesas, as estantes, etc., e — o que era importante — os fogões do quarto e o do salão do iate, que foram instalados de modo que pudessem aquecer a caverna. Ao mesmo tempo, arranjou-se a entrada do lado do lago, a fim de lhe adaptar uma das portas da escuna — trabalho que Baxter conseguiu fazer, não sem algum custo. Além disso tendo-se aberto duas janelas de cada lado da porta, entrava bastante luz no hall, que, à noite, era iluminado por uma lanterna suspensa da abóbada. Estes arranjos levaram uns quinze dias. Era tempo de estarem concluídos, porque, depois de um intervalo de sossego, o tempo tornara a modificar-se. O frio não era extremo, mas as rajadas tornaram-se tão violentas que era impossível sair de French-den.

Efetivamente, a força do vento era tal que, apesar do abrigo da penedia, agitava as águas do lago como se fosse um mar. As ondas batiam na praia com estrondo, e decerto que uma embarcação qualquer, chalupa de pesca ou piroga de selvagem, ter-se-ia perdido ali. A canoa fora puxada para terra, porque corria o risco de ser arrebatada. De vez em quando, as águas do rio, repelidas em sentido contrário à

corrente, cobriam a praia e ameaçavam galgar até ao contraforte. Felizmente, nem *Store-room* nem o *hall* estavam expostos diretamente aos ataques da borrasca, porque o vento soprava de oeste. De modo que os fogões da sala e o da cozinha, alimentados com ramos secos, de que havia grande provisão, funcionaram convenientemente.

Era uma felicidade ter-se achado um abrigo seguro para tudo o que se salvara do Sloughi. As provisões já não tinham nada a recear da inclemência do tempo. Gordon e os seus camaradas, obrigados, pelo mau tempo, a estar encarcerados, tiveram ocasião de se instalar mais confortavelmente. Alargaram o corredor e cavaram dois subterrâneos profundos, um dos quais, fechado por uma porta, foi destinado para as munições, de maneira a evitar qualquer perigo de explosão. Finalmente, posto que os caçadores não pudessem aventurar-se pelos arredores de French-den, o alimento estava certo com as aves aquáticas, preparadas por Moko, que nem sempre conseguia tirar-lhes o sabor pantanoso — o que provocava protestos e caretas. É inútil dizer que se tinha reservado um lugar para o nandu num canto de *Store-room*, enquanto não se lhe construía um recinto fora da caverna.

Gordon teve então a ideia de redigir um programa, ao qual todos deviam submeter-se quando o tivessem aprovado. Depois da vida material, era necessário pensar na vida espiritual. Sabia-se, por acaso, o tempo que se devia estar na ilha? E, se viessem a deixá-la, que satisfação seria terem aproveitado bem o tempo! Com alguns livros fornecidos pela biblioteca da escuna, os mais velhos podiam aumentar a soma dos seus conhecimentos, dedicando-se, ao mesmo tempo, à instrução dos pequenos. Trabalho excelente, que devia entreter útil e agradavelmente as compridas horas do inverno! Contudo, antes de se redigir esse programa, tomou-se outra medida nas circunstâncias seguintes.

Na noite de 10 de Junho, depois da ceia, estando todos reunidos em torno dos fogões, lembraram-se alguns de dar nomes às principais disposições geográficas da ilha.

— É muito útil e muito prático — disse Briant.

— Sim, nomes... — exclamou Iverson — e que sejam bonitos!

— É o que os Robinsons reais ou imaginários têm feito sempre! — replicou Webb.

— E, realmente — disse Gordon —, nós não somos outra coisa...

— Um colégio de Robinsons! — exclamou Service.

— Além disso — tornou Gordon —, dando nome à baía, aos rios, às florestas, ao lago, à penedia, aos pântanos e aos promontórios, teremos mais facilidade em os reconhecer!

A proposta foi adotada, e tratava-se apenas de puxar pela imaginação para achar nomes convenientes.

— Já temos Sloughi-bay, onde o nosso iate veio encalhar — disse Doniphan —, e parece-me conveniente conservar-lhe este nome, ao qual já estamos acostumados!

— Decerto! — respondeu Cross.

— Do mesmo modo que conservaremos o nome de French-den à nossa morada — acrescentou Briant —, em memória do naufrago que viemos substituir!

Ninguém se opôs a isto, nem mesmo Doniphan, apesar de a observação ser feita por Briant.

— E agora — disse Wilcox — como se há de chamar o rio que banha Sloughi-bay?

— O rio Zealand — propôs Baxter. — Este nome faz-nos recordar o do nosso país!

— Adotado!... Adotado!... — exclamaram todos.

— E o lago?... — perguntou Garnett.

— Já que o rio tem o nome da nossa Zelândia — disse Doniphan —, dêmos ao lago um nome que nos recorde as nossas famílias: chamemos-lhe Family-lake (*lago da Família*)!

Foi admitido por aclamação.

Como se vê, todos estavam de acordo, e foi debaixo da influência dos mesmos sentimentos que se deu à penedia o nome de Auckland-hill (*colina de Auckland*). Quanto ao cabo que a terminava — esse cabo onde Briant subira e do alto do qual julgava ver um mar, a leste — propôs Briant que lhe chamassem False-Sea-point (*cabo do Mar Falso*).

Os outros nomes, que foram adotados sucessivamente, foram os seguintes:

Denominou-se Traps-woods (*bosques das Armadilhas*) a parte da floresta onde se tinham descoberto as covas — Bog-woods (*bosque do Barranco*), a outra parte, situada entre Sloughi-bay e a penedia-, South-moor (*pântano do Sul*), o pântano que cobria toda a parte meridional da ilha —, Dike-creek (*regato da Calçada*), o regato atravessado pela calçada de pedra —, Wreck-coast (*costa da Tempestade*), a costa da ilha onde o iate encalhou —, finalmente, Sport-terrace (*terraço do Desporto*), o lugar limitado pelas margens do rio e do lago, formando em frente do hall uma espécie de prado que seria destinado aos exercícios indicados no programa.

Pelo que dizia respeito aos outros pontos da ilha, nomear-se-iam à medida que fossem reconhecidos e segundo os incidentes de que fossem teatro.

Entretanto, pareceu conveniente dar ainda um nome aos promontórios principais marcados no mapa de Francisco Baudoin. Assim denominou-se North-cape o cabo que ficava ao norte da ilha, South-cape, o do sul. Finalmente, todos concordaram em dar aos três cabos que se projetavam a oeste sobre o Pacífico as denominações de French-cape, British-cape e American-cape, em honra das três nações, francesa, inglesa e americana, representadas na pequena colónia.

Colónia! Sim! Adotou-se esta palavra a fim de recordar a todos que a instalação já não tinha carácter provisório. E isto foi devido, principalmente, à iniciativa de Gordon, sempre mais preocupado com a ideia de organizar a vida naquele novo domínio do que com a de procurar sair dele. Aqueles rapazes já não eram os náufragos do Sloughi, eram os colonos da ilha...

Mas de que ilha? Era preciso batizá-la também.

— Olhem!... Eu bem sei que nome devíamos pôr-lhe!... — exclamou Costar.

— Sabes isso... tu? — volveu Doniphan.

— Está muito adiantado, o Costarzinho! — exclamou Garnett.

— Com certeza que vai chamar-lhe a ilha Bebê! — gracejou Service.

— Vamos! Não envergonhem Costar — interveio Briant —, e vejamos a sua ideia!

O pequeno, muito confuso, calava-se.

— Fala, Costar — tornou Briant, animando-o com o gesto. — Tenho a certeza de que a tua ideia é boa!...

— Pois então — disse Costar —, visto que somos alunos do Colégio Chairman, chamemos-lhe a ilha Chairman!

Efetivamente, a ideia não podia ser melhor. O nome foi logo adotado no meio dos aplausos gerais, que encheram Costar de orgulho.

A ilha Chairman! Realmente, este nome tinha um certo ar geográfico e podia figurar convenientemente nos atlas do futuro.

Terminada a cerimónia — com satisfação geral —, chegara o momento de descansar, quando Briant pediu a palavra.

— Camaradas — lembrou ele —, agora, já que demos um nome à nossa ilha, não seria conveniente escolher um chefe para a governar?

— Um chefe!?!... — exclamou vivamente Doniphan.

— Sim, parece-me que tudo iria melhor — tornou Briant — se um de nós tivesse autoridade para governar os outros! O que se faz em todos os países não deve fazer-se também na ilha Chairman?

— Sim!... um chefe... Nomeemos um chefe! — exclamaram todos ao mesmo tempo.

— Nomeemos um chefe — admitiu então Doniphan —, mas com a condição de ser por um tempo determinado... Um ano, por exemplo!...

— E de poder ser reeleito — acrescentou Briant.

— De acordo!... Quem há de ser nomeado? — perguntou Doniphan, com ar ansioso.

O invejoso rapaz parecia não rezear senão uma coisa: era que, a não ser ele, os seus camaradas escolhessem Briant. Foi logo desenganado a esse respeito.

— Quem?... — respondeu Briant. — O mais ajuizado de todos... o nosso camarada Gordon!

— Sim!... Sim!... Hurra por Gordon!

Ao princípio, Gordon queria recusar a honra que lhe concediam, gostando mais de organizar que de comandar. Contudo, lembrando-se de que as paixões, quase tão ardentes naqueles rapazes como se fossem homens, podiam causar grandes desarmonias no futuro, pensou que a sua autoridade não seria inútil!

E eis como Gordon foi proclamado chefe da pequena colónia da ilha Chairman.

Capítulo XIII

A partir do mês de maio, o período invernosu estabelecera-se definitivamente nas paragens da ilha Chairman. Quanto tempo duraria? Cinco meses, pelo menos, se a ilha se achasse mais alta em latitude do que a Nova Zelândia. Por isso Gordon ia tomar todas as precauções a fim de se prevenir contra as eventualidades temíveis de um inverno extenso e rigoroso.

Eis o que o moço americano notara já entre as suas observações meteorológicas: o inverno começara com o mês de maio, isto é, dois meses antes do julho da zona austral, que corresponde a janeiro na zona boreal. Podia-se, portanto, calcular que acabaria dois meses depois, isto é, por meados de setembro. Todavia, além deste período, era preciso contar com as tempestades, que são tão frequentes durante o equinócio. Por consequência, era provável que os moços colonos estivessem encerrados em French-den até aos primeiros dias de outubro, sem poderem empreender nenhuma excursão através ou em torno da ilha Chairman.

Assim, para organizar a vida interior nas melhores condições, Gordon tratou de elaborar um programa de ocupações diárias.

É inútil dizer que os costumes do “fagismo”, de que já se tratou a propósito do Colégio Chairman, não foram adotados na Ilha deste nome. Todos os esforços de Gordon tinham por fim acostumar aqueles rapazes à ideia de que eram quase homens, a fim de procederem como homens. Portanto, não haveria fags em French-den, isto é, os mais novos não seriam obrigados a servir os mais velhos. Mas, a não ser isto, respeitar-se-iam as tradições — essas tradições que são, como notou o autor da Vida de colégio em Inglaterra, “a maior razão das escolas inglesas”.

Neste programa houve a parte dos pequenos e a parte dos mais velhos, que não podiam deixar de ser muito desiguais. Como a biblioteca de French-den continha apenas um certo número de livros de ciência, além dos de viagens, os mais velhos não podiam continuar os seus estudos senão em certos limites. É verdade que as dificuldades da existência, a luta que era preciso sustentar para prover a todas as necessidades, a obrigação de exercitar o pulso ou a imaginação na presença de eventualidades de toda a espécie ensinar-lhes-iam seriamente a viver. Por consequência, indicados naturalmente para educadores dos seus pequenos camaradas, era para eles um dever instruí-los enquanto estivessem ali.

Contudo, longe de sobrecarregar os pequenos com um trabalho excessivo para a sua idade, aproveitar-se-iam todas as ocasiões de lhes exercitar o corpo, tanto como a inteligência. Quando o tempo o permitisse, e com a condição de estarem bem agasalhados, fá-los-iam sair, correr ao ar livre, e até trabalhar manualmente, no limite das suas forças.

O programa foi redigido segundo estes princípios, que são a base da educação anglo-saxónica:

“Sempre que uma coisa vos assustar, fazei-a.”

“Não percais nunca a ocasião de fazer um esforço possível”.

“Não desprezeis fadiga alguma, porque não há nenhuma inútil.”

“Pondo estes preceitos em prática, o corpo torna-se sólido e a alma também.”

Eis o que ficou resolvido, depois de receber a aprovação da pequena colónia:

Duas horas pela manhã e duas à noite, haveria trabalho em comum no hall. Briant, Doniphan, Cross e Baxter, da quinta classe, Wilcox e Webb, da quarta, dariam lição, cada um por sua vez, aos seus camaradas da terceira, segunda e primeira classe. Ensinar-lhes-iam matemática, geografia, história, com o auxílio de algumas obras da biblioteca e dos seus conhecimentos anteriores. Era também a maneira de não se esquecerem do que já sabiam. Além disso, haveria uma conferência duas vezes por semana, ao domingo e à quinta-feira, isto é, seria dado para ordem do dia um assunto de ciência, de história, ou mesmo de atualidade, relacionado com os factos quotidianos. Os mais velhos inscrever-se-iam a favor ou contra, e discutiriam, tanto para se instruírem como para distração geral.

Gordon, na qualidade de chefe da colónia, devia fazer com que o programa fosse observado à risca, e não consentir modificações senão no caso de novas eventualidades.

Primeiro tomou-se uma medida que dizia respeito ao tempo. Havia o calendário do Sloughi, mas era preciso apagar regularmente cada dia que decorresse. Havia também os relógios de bordo, mas era necessário dar-lhes corda regularmente, a fim de indicarem a hora exata.

Dois dos mais velhos foram encarregados desse serviço, Wilcox para os relógios, Baxter para o calendário, e podia-se contar com o cuidado de ambos. Quanto ao barómetro e ao termómetro, foi Webb quem se incumbiu de anotar as suas indicações diárias.

Decidiu-se também fazer um jornal com tudo o que se passara e o que viria a passar-se durante a residência na Ilha Chairman. Baxter ofereceu-se para esse trabalho, e, graças a ele, o «Jornal de French-den» ia ser feito com uma exatidão minuciosa.

Um trabalho não menos importante, e que devia ser feito sem demora, era a lavagem de roupa branca, para a qual, felizmente, não faltava sabão, e Deus sabe se, apesar das recomendações de Gordon, os pequenos se sujavam, quando iam brincar para Sport-terrace ou pescar para a borda do rio. Por isso, quantas vezes tinham sido repreendidos e ameaçados de castigo! Moko entendia-se perfeitamente com o trabalho da lavagem — mas ele só não podia fazê-lo todo, e os mais velhos, apesar do seu pouco gosto pela barrela, foram obrigados a ajudá-lo, a fim de conservarem a roupa branca de French-den em bom estado.

O dia seguinte era exatamente um domingo, e todos sabem com que rigor se observam os domingos na Inglaterra e na América. A vida é como que suspensa, nas cidades, vilas e aldeias. Nesse dia, todas as tradições, todos os divertimentos são proibidos pelo uso. Toda a gente deve, não só estar aborrecida, como também parecer que o está, e este preceito é imposto tão estritamente às pessoas crescidas como às crianças. As tradições! Sempre as famosas tradições.

Contudo, na ilha Chairman diminuiu-se um pouco esta severidade, e naquele domingo os moços

colonos fizeram uma excursão às margens de Family-lake. Mas, como o dia estava extremamente frio, depois de um passeio de duas horas, seguido de uma luta de velocidade, na qual os pequenos tomaram parte no prado de Sport-terrace, todos se sentiram satisfeitos por acharem uma boa temperatura no hall, e em Store-room um jantar bem quente, cuja ementa tinha sido organizada cuidadosamente pelo hábil cozinheiro de French-den.

A noite terminou por um concerto onde o acordeão de Garnett serviu de orquestra, enquanto os outros cantavam mais ou menos desafinados, com uma convicção perfeitamente saxónica. O único que possuía bonita voz era Jaime.

Mas, com as suas inexplicáveis disposições de espírito, já não tomava parte nas distrações dos seus camaradas, e, naquela ocasião, apesar de muito rogado, recusou-se a cantar uma dessas canções de crianças de que ele era pródigo no Colégio Chairman.

Aquele domingo, que começara por uma pequena alocução do “reverendo Gordon”, como dizia Service, acabou por uma oração feita em comum. Perto das dez horas, todos dormiam profundamente, guardados por Phann, em quem podiam confiar, dado o caso de aproximação suspeita.

Durante o mês de junho, o frio foi sempre aumentando. Webb verificou que o barómetro se encontrava acima de vinte e sete polegadas, enquanto que o termómetro centígrado marcava dez ou doze graus abaixo do ponto de congelação. Logo que o vento, que soprava do sul, virava para oeste, a temperatura subia um pouco, e os arredores de French-den cobriam-se de neve espessa.

Os moços colonos deram algumas batalhas com bolas de neve mais ou menos comprimidas, que são tão usadas em Inglaterra. Algumas cabeças foram levemente maltratadas, e até, certo dia, um dos que sofreram mais foi Jaime, que, contudo, não assistia àqueles brinquedos senão como espectador.

Uma bola atirada vigorosamente por Cross bateu-lhe com violência, apesar de não lhe ser dirigida, e fez-lhe soltar um grito de dor.

— Não foi de propósito! — desculpou-se Cross, o que é quase sempre a resposta dos desastrados.

— Com certeza! — replicou Briant, que correu ao campo da batalha, atraído pelo grito de seu irmão.

— Contudo fizeste mal em atirar a bola com tanta força!

— Também, se Jaime não quer brincar — replicou Cross —, para que estava aqui?

— Tantas palavras — exclamou Doniphan — por causa de uma arranhadura!

— Pois sim!... Bem sei que não é grave! — respondeu Briant, percebendo que Doniphan não queria senão poder intervir na discussão. — Entretanto, peço a Cross que não torne a fazer o mesmo!

— Para que pedes isso... — tornou Doniphan, com ar zombeteiro — se ele não o fez de propósito?...

— Não sei para que te metes nisto, Doniphan! — volveu Briant. — O caso é só com Cross e comigo...

— E comigo também, Briant, já que respondes nesse tom! — redarguiu Doniphan.

— Como quiseres... e quando quiseres! — replicou Briant, cruzando os braços.

— Imediatamente! — exclamou Doniphan.

Neste momento chegou Gordon, muito a propósito para impedir que a questão acabasse por pancadas. Além disso, repreendeu Doniphan. Este teve de submeter-se, e voltou para French-den, resmungando. Mas era para recear que algum outro incidente pusesse os dois rivais em contenda!

A neve não deixou de cair durante quarenta e oito horas. Para divertir os mais pequenos, Service e Garnett formaram um boneco, com uma grande cabeça, um nariz enorme, uma boca desmedida — uma espécie de Croque mitaine. E deve-se confessar que Costar e Dole, apesar de se atreverem a atirar-lhe bolas durante o dia, não olhavam para ele sem medo quando a escuridão lhe dava proporções gigantescas.

— Poltrões! — exclamaram então Iverson e Jenkins, que se faziam valentes, sem estarem muito mais descansados do que os seus camaradas.

Pelos fins de junho, foi preciso renunciar a estes divertimentos. A neve, que tinha três ou quatro pés de espessura, tornava a marcha impraticável. Se se aventurassem algumas centenas de passos fora de French-den, corriam o risco de não poderem entrar para lá.

Os moços colonos estiveram, portanto, encerrados durante quinze dias — até 9 de julho. Os estudos não sofreram com isso; pelo contrário. O programa diário era observado rigorosamente. As conferências fizeram-se nos dias marcados, com verdadeiro prazer de todos, principalmente de Doniphan, que, com o seu desembaraço e a sua instrução já muito adiantada, teve sempre o primeiro lugar. Mas para que andava ele tão orgulhoso? Este orgulho fazia esquecer todas as suas brilhantes qualidades.

Apesar de se passarem no hall as horas de recreio, a saúde geral não sofreu com isso, graças à ventilação que se fazia de um quarto para o outro, através do corredor.

Esta questão de higiene era das mais importantes. Se alguma daquelas crianças adoecesse, como seria possível dar-lhe os cuidados necessários? Felizmente, não sofreram mais do que algumas constipações e dores de garganta, que o descanso e as bebidas quentes fizeram desaparecer prontamente.

Foi então necessário resolver outra questão. A água que se gastava em French-den era quase sempre tirada do rio, quando estava a maré baixa, a fim de não ser salobra. Mas, quando a superfície do rio estivesse completamente gelada, tornar-se-ia impossível proceder desse modo. Gordon conferenciou com Baxter, «seu engenheiro ordinário», acerca das medidas que convinha tomar. Baxter, depois de refletir, propôs que se estabelecesse um cano, debaixo da praia, que trouxesse a água do rio para Store-room. Quanto à iluminação, havia ainda bastante azeite para alimentar as lanternas; mas, depois do inverno, era necessário fazer provisão dele ou pelo menos fabricar velas com sebo, que Moko punha de parte.

O que deu também algum cuidado durante este período foi a alimentação da pequena colónia, porque a caça e a pesca já não forneciam o tributo do costume. É verdade que alguns animais, impelidos pela fome, foram vaguear mais de uma vez por Sport-terrace. Mas eram apenas chacais que Doniphan e Cross afastavam a tiros de espingarda. Um dia chegaram a vir em bando — uns vinte —, sendo necessário barricar solidamente as portas do hall e de Store-room. Uma invasão daqueles carnívoros, que as privações tinham tornado ferozes, era temível. Contudo, como Phann deu sinal a tempo, não conseguiram

entrar em French-den.

Nestas condições pouco favoráveis, Moko foi obrigado a servir-se de algumas provisões do iate, que todos desejavam economizar tanto quanto fosse possível. Gordon não dava ordem para se dispor delas senão a muito custo, e não era sem pesar que via a coluna das despesas aumentar, na sua carteira, enquanto que a das receitas se conservava estacionária.

Entretanto, como havia uma grande reserva de patos e de abetardas, que tinham sido fechados hermeticamente em barris, depois de meia cocção, Moko pôde aproveitá-los, assim como uma certa quantidade de salmões conservados na salmoura. Ora é preciso não esquecer que em French-den havia quinze bocas para sustentar e apetites de oito a catorze anos para satisfazer!

Apesar disso, durante este inverno, não foram totalmente privados de carne fresca. Wilcox, muito entendido em tudo o que dizia respeito a armadilhas de caça, armara algumas na praia. Eram simples laços, presos por bocados de pau em forma de 4, mas a caça miúda deixava-se apanhar neles muitas vezes.

Com o auxílio dos seus camaradas, Wilcox estabeleceu também armações na borda do rio, empregando para esse fim as redes de pesca do Sloughi, estendidas em varas muito altas. As aves do South-moor caíam, em grande número, nas malhas daquelas compridas teias de aranha, quando passavam de uma margem para a outra. Se a maior parte delas puderam livrar-se daquelas malhas, muito pequenas para uma pesca aérea, houve alguns dias em que se apanharam bastantes para ocorrer às duas refeições do costume.

O nandu é que deu muito trabalho a sustentar! E deve-se confessar que a domesticação daquele animal selvagem não fazia nenhuns progressos, apesar do que dizia Service, que se encarregara especialmente da sua educação.

— há de ser um corcel magnífico! — repetia muitas vezes, posto que não percebesse muito bem como conseguiria montá-lo.

Entretanto, como o nandu não é carnívoro, Service era obrigado a ir buscar a provisão diária de ervas e raízes, debaixo de dois ou três pés de neve. Mas o que não fazia ele para dar bom alimento ao seu favorito? Se o nandu emagreceu um pouco durante aquele inverno interminável, não foi certamente por culpa do seu guarda fiel, e era de esperar que, quando viesse a primavera, o animal recuperasse a sua gordura habitual.

No dia 9 de julho, pela manhã, indo Briant a sair de French-den, verificou que o vento acabava de virar, repentinamente, para o sul. O frio era tanto que Briant teve de tornar a entrar imediatamente no hall, onde deu parte desta modificação da temperatura a Gordon.

— Era de esperar — respondeu Gordon —, e não admira que tenhamos de suportar ainda alguns meses de inverno muito rigoroso!

— Isto prova — observou Briant — que o Sloughi foi arrastado mais para o sul do que supúnhamos!

— Decerto — tornou Gordon —, e, contudo, o nosso atlas não tem nenhuma ilha no limite do mar

antártico!

— É inexplicável, Gordon, e não sei para que lado devíamos dirigir-nos, se conseguíssemos sair da ilha Chairman...

— Deixar a nossa ilha! — exclamou Gordon. — Ainda pensas nisso, Briant?

— Penso sempre, Gordon. Se pudéssemos construir uma embarcação que aguentasse o mar, melhor ou pior, eu não hesitava em partir!

— Ah!... Bem!... — respondeu Gordon, — Não há pressa!... Organizemos primeiro a nossa pequena colónia...

— Meu caro Gordon — replicou Briant —, esqueces que temos família...

— Decerto... Briant... decerto! Mas, enfim, não estamos muito mal aqui! Isto vai andando... e não sei, mesmo, o que nos falta!

— Muitas coisas, Gordon — respondeu Briant, que achou conveniente não prolongar a conversa a este respeito. — Olha, o combustível, por exemplo, está quase acabado...

— Ainda não se queimaram todas as florestas da ilha!...

— Não, Gordon! Mas é tempo de fazermos nova provisão de lenha, que está no fim!

— Pois seja hoje! — concordou Gordon. — Vejamos o que marca o termómetro!

O termómetro, colocado em Store-room, marcava apenas cinco graus acima de zero, apesar de o fogão estar em plena atividade. Mas quando o colocaram contra a parede exterior, não tardou em marcar dezassete graus abaixo de zero.

Era um frio intenso, e que ia, decerto, aumentar, se o tempo se conservasse claro e seco durante algumas semanas. Apesar do calor dos dois fogões de sala e do fogão da cozinha, a temperatura já baixara sensivelmente no interior de French-den.

Pelas nove horas, depois do primeiro almoço, decidiu-se ir a Traps-woods, a fim de trazer de lá uma carga de lenha.

Quando a atmosfera está serena, podem suportar-se impunemente as temperaturas mais baixas. O que é muito doloroso é o nordeste áspero que corta o rosto e as mãos, e do qual é muito difícil preservar-se. Felizmente, naquele dia o vento era extremamente fraco, o céu de uma pureza perfeita, como se o ar tivesse sido gelado.

Assim, em lugar daquela neve mole, onde, ainda na véspera, se enterravam até à cintura, os pés encontravam um solo de uma dureza metálica. Portanto, com a condição de firmar o passo, podia caminhar-se por cima dele, assim como pela superfície do Family-lake ou do rio Zealand, que estavam inteiramente gelados.

Com alguns pares dessas raquetas de que se servem os indígenas das regiões polares, ou mesmo com um trenó puxado por cães ou rangíferos, podia percorrer-se o lago em toda a sua extensão, do sul para o norte, em algumas horas.

Mas, neste momento, não se tratava de uma expedição tão longa. Ir à floresta próxima, para fazer

nova provisão de combustível, eis o que era de necessidade imediata.

Contudo, o transporte para French-den de uma quantidade de lenha suficiente era um trabalho penoso, porque não podia ser efetuado senão a braços e às costas. Moko teve então uma boa ideia, que foi logo posta em prática enquanto se não construía um veículo qualquer com as pranchas do iate. A grande mesa de Store-room, que estava construída solidamente e tinha doze pés de comprimento sobre quatro de largo, não seria bastante para transportar a lenha, voltando-a com os pés para o ar e arrastando-a pela superfície da camada de gelo? Decerto que era, e foi isso que se fez. Em seguida, quatro dos mais velhos atrelaram-se com cordas àquele veículo um pouco primitivo, e, por volta das dez horas, partiram na direção de Traps-woods.

Os mais pequenos, com o nariz vermelho e as faces crestadas, saltavam, adiante, como cabritos, e Phann dava-lhes o exemplo. Às vezes saltavam para dentro da mesa, não sem disputas e socos, arriscando-se a algumas quedas, que, ainda assim, não podiam ser graves. Os seus gritos vibravam com uma intensidade extraordinária no meio daquela atmosfera seca e fria. Realmente, era divertido ver aquela pequena colónia cheia de saúde e de bom humor! Tudo estava completamente branco entre Auckland-hill e Family-lake. As árvores, com os troncos cobertos de gelo, os ramos carregados de cristais cintilantes, acumulavam-se ao longe, como no plano posterior de uma vista mágica. Os pássaros voavam à superfície do lago, aos bandos, até à borda da penedia. Doniphan e Cross não se tinham esquecido de levar as espingardas. Precaução muito acertada, porque se viram pegadas suspeitas, que não eram de chacais nem de coguardos ou jaguares.

— Talvez sejam desses gatos bravos que se chamam paperos — lembrou Gordon — e que não são menos temíveis!

— Gatos temíveis? — respondeu Costar, encolhendo os ombros.

— Olha que os tigres também são gatos! — replicou Jenkins.

— É verdade, Service? — perguntou Costar. — Aqueles gatos são maus?

— São, sim — explicou Service —, e trincam crianças como se elas fossem ratos!

Esta resposta deixou Costar um tanto inquieto.

A meia milha entre French-den e Traps-woods foi percorrida rapidamente, e os pequenos rachadores de lenha meteram mãos à obra. Não deitaram o machado senão a árvores de certa grossura, que foram despegadas dos ramos miúdos, a fim de fazerem provisão, não desses feixes que ardem num momento, mas de achas que pudessem alimentar convenientemente o fogo da cozinha e os outros dois. A mesa-trenó recebeu uma carga pesada; mas deslizava pela neve com tanta facilidade, e era puxada por todos com tanto ardor, que antes do meio-dia já fizera duas viagens.

Depois do almoço continuou-se o trabalho, que não foi suspenso senão perto das quatro horas, quando o dia começou a declinar.

Todos estavam muito fatigados, e, como não havia necessidade de fazer as coisas com excesso, Gordon adiou a tarefa para o dia seguinte. Ora, quando Gordon mandava era preciso obedecer.

Logo que regressaram a French-den, trataram de serrar as achas, juntá-las e guardá-las no armazém; isto tudo durou até à hora de se deitarem.

O transporte continuou-se sem descanso durante seis dias, o que assegurou combustível para um espaço de muitas semanas. É Inútil dizer que esta provisão não coubera em Store-room; mas não havia inconveniente em deixá-la exposta ao ar livre, ao pé do contraforte.

O dia 15 de julho, segundo marcava o calendário, era dia de São Swithin. Ora, em Inglaterra, São Swithin corresponde, em data, a São Medard em França.

— Então — observou Briant —, se chove hoje, vamos ter chuva durante quarenta dias!

— Ora — volveu Service —, não é grande coisa, visto que estamos no inverno. Ah! se fosse verão!...

E, realmente, os habitantes do hemisfério austral não têm de inquietar-se de modo algum com a influência que podem ter São Medard ou São Swithin, que são santos de inverno para os países antípodas.

No entanto, a chuva não persistiu, o vento voltou-se para sueste, e houve ainda tanto frio que Gordon não permitiu aos mais pequenos que saíssem de French-den.

Efetivamente, no meio da primeira semana de agosto, a coluna termométrica desceu até vinte e sete graus abaixo de zero. O hálito condensava-se em neve, por pouco que se expusessem ao ar exterior. As mãos não podiam pegar num objeto de metal sem sentirem uma dor aguda, semelhante à das queimaduras. Foi preciso tomarem-se as precauções mais minuciosas para que a temperatura Interna se conservasse num grau razoável.

Houve quinze dias muito difíceis de passar. Todos sofriam mais ou menos com a falta de exercício. Briant não via sem inquietações os rostos pálidos dos pequenos, cujas boas cores tinham desaparecido. Contudo, graças às bebidas quentes, que não faltavam, e à parte um certo número de constipações ou de bronquites inevitáveis, os moços colonos atravessaram sem grande dano aquele período arriscado.

Pelo dia 16 de agosto, o estado da atmosfera tendeu a modificar-se com o vento, que virou para oeste. Assim, o termómetro marcou doze graus abaixo de zero — temperatura suportável, em consequência da serenidade do ar.

Doniphan, Briant, Service, Wilcox e Baxter lembraram-se então de fazer uma excursão até Sloughi-bay. Partindo pela manhã cedo, podiam regressar ainda nessa mesma noite.

Tratava-se de reconhecer se a costa era frequentada por grande número daqueles anfíbios hóspedes habituais das regiões antárticas, e dos quais já se tinham visto alguns exemplares na época do encalhe. Ao mesmo tempo substituir-se-ia a bandeira, que devia estar esfarrapada, depois dos temporais do inverno.

Em seguida, por conselho de Briant, pregar-se-ia uma tabuinha no mastro de sinais, indicando a situação de French-den no caso de alguns marinheiros desembarcarem na praia, depois de terem avistado de longe o pavilhão.

Gordon deu o seu consentimento, não sem recomendar que regressassem antes de anoitecer, e o

rancho partiu na manhã de 19 de agosto, apesar de ainda não ser dia. O céu estava puro, e a Lua iluminava-o com os pálidos raios do seu quarto-minguante. Seis milhas a percorrer até à baía não era coisa que assustasse pernas bem folgadas.

O trajeto foi transposto rapidamente. O pântano de Bog-woods estava gelado, não sendo preciso contorná-lo, o que abreviou a marcha.

Assim, antes das nove horas da manhã, Doniphan e os camaradas chegaram à praia.

— Ali está um bando de voláteis! — exclamou Wilcox.

E mostrava alguns milhares de aves, pousadas nos recifes: pareciam patos muito grandes, com bico estendido como uma casca de mexilhão, e davam gritos tão penetrantes como desagradáveis.

— Parecem soldados à espera que o general lhes passe revista! — comentou Service.

— São apenas pinguins — esclareceu Baxter —, não merecem um tiro de espingarda!

Aqueles estúpidos voláteis, que se conservavam numa posição quase vertical, devido a terem as patas colocadas muito atrás, não pensaram, sequer, em fugir, e podiam ser mortos a pau. Doniphan talvez sentisse desejos de fazer essa carnificina inútil; mas como Briant teve a prudência de não se opor a ela, as alças ficaram em paz.

Além disso, se aquelas aves não tinham utilidade alguma, havia ali grande número de outros animais cuja gordura serviria para a iluminação de French-den durante o inverno próximo.

Eram focas, de uma espécie chamada focas trombudas, que se divertiam em cima dos recifes. Mas, assim que Briant e os seus camaradas se aproximaram, elas fugiram, dando saltos extraordinários, e desapareceram debaixo da água.

Era preciso organizar, mais tarde, uma expedição especial para a captura daqueles anfíbios.

Depois de terem almoçado frugalmente algumas provisões que tinham levado, os cinco rapazes foram observar a baía em toda a sua extensão.

Desde a embocadura do rio Zealand até ao promontório False-Sea-point estendia-se uma toalha completamente branca.

A não ser os pinguins e as aves aquáticas, tais como procelárias e gaivotas, os outros voláteis pareciam ter abandonado a praia, a fim de irem para o interior da ilha procurar alimento. A praia estava coberta por dois ou três centímetros de neve, e o que restara dos destroços da escuna tinha desaparecido debaixo daquela camada espessa. Os sargaços, detidos para cá dos recifes, indicavam que Sloughi-bay não tinha sido invadida pelas marés do equinócio.

Quanto ao mar, estava sempre deserto até ao limite extremo daquele horizonte que Briant não tornara a ver havia três meses. E para lá, a centenas de milhas, estava essa Nova Zelândia que ele ainda esperava tornar a ver.

Baxter tratou de içar o pavilhão novo que trouxera, e de pregar a tabuinha, indicando a situação de French-den, a seis milhas, subindo o curso do rio. Em seguida, perto de uma hora depois do meio-dia, voltaram pela margem esquerda.

Pelo caminho, Doniphan matou um casal de pavões que esvoaçava à superfície do rio, e pelas quatro horas, no momento em que o dia começava a escurecer, os seus camaradas e ele chegavam a French-den. Aí, puseram Gordon ao facto do que se passara, e, como Sloughi-bay era frequentada por grande número de focas, decidiram ir caçá-las logo que o tempo o permitisse.

Efetivamente, o mau tempo ia acabar. Durante a última semana de agosto e a primeira semana de setembro, o vento do mar voltou outra vez. Grandes correntes quentes, trazidas do largo, fizeram subir rapidamente a temperatura. A neve dissolveu-se imediatamente, e a superfície do lago quebrou-se com um estrondo de ensurdecer. Os pedaços de gelo que não se derreteram envolveram-se na corrente do rio, juntando-se uns por cima dos outros, e houve uma acumulação que não se desfez completamente senão no dia 10 de setembro.

Assim decorreu este inverno. Graças às precauções que se tomaram, a pequena colónia não sofrera muito. Todos se tinham conservado com saúde, e, como os estudos eram seguidos com zelo, Gordon não tinha sido obrigado a usar do seu poder contra recalcitrantes.

Um dia, contudo, foi necessário castigar Dole, que, pelo seu procedimento, merecia uma punição exemplar.

O teimoso negara-se, umas poucas de vezes, a fazer o seu tema, e Gordon repreendera-o sem que ele fizesse caso das suas observações. Se não foi posto a pão e água — o que não entra no sistema das escolas anglo-saxónicas —, foi condenado a ser açoitado.

Os pequenos ingleses, como já se fez notar, não sentem a repugnância que os franceses sentiriam por este género de castigo. Naquela ocasião, Briant teria protestado contra esta maneira de castigar se não devesse respeitar as decisões de Gordon. Além disso, em lugar de se envergonhar, como o estudante francês, o inglês não tem pejo senão de parecer que teme uma correção corpórea.

Dole recebeu, portanto, os açoites de chibata que lhe aplicou Wilcox, designado pela sorte para exercer as funções de executor público, e o exemplo foi tal que o caso não tornou a repetir-se.

No dia 10 de setembro perfazia-se seis meses que o Sloughi se perdera nos recifes da ilha Chairman.

Capítulo XIV

Com o bom tempo, que ia começar, os moços colonos poderiam realizar os projetos concebidos durante os compridos serões do inverno.

Para o oeste era evidente não haver terra alguma próxima da ilha. Aquela ilha faria parte de algum arquipélago ou de um grupo do Pacífico? Não, decerto, a julgar pelo mapa de Francisco Baudoin. Contudo, podia haver algumas terras naquelas paragens sem que o náufrago as tivesse visto, por não ter óculo nem binóculo, e do alto de Auckland-hill o olhar abrangia apenas um horizonte de algumas milhas. Os moços náufragos, que tinham instrumentos necessários para observar o mar ao longe, talvez descobrissem o que o sobrevivente do Duguay-Trouin não conseguira avistar.

A ilha Chairman não media mais de doze milhas na parte central, a leste de French-den. No lado oposto a Sloughi-bay o litoral era muito recortado, e convinha ir explorar para esse lado.

Mas, antes de visitar as diversas regiões da ilha, tratava-se de explorar o território compreendido entre Auckland-hill, Family-lake e Traps-woods. Quais seriam os seus recursos? Teria abundância de árvores ou de arbustos, dos quais se pudesse tirar proveito? Foi para saber isso que se decidiu fazer uma expedição, nos primeiros dias de novembro.

Contudo, se a primavera ia começar astronomicamente, a ilha Chairman, situada numa latitude muito elevada, não lhe sentia ainda a influência. Durante o mês de setembro e metade de outubro foram ainda perseguidos pelo mau tempo. Houve frios muito intensos, que não duraram porque as direções do vento se tornaram extremamente variáveis. Durante este período de equinócio, manifestaram-se perturbações atmosféricas com uma violência extraordinária — semelhante à que arrastara o Sloughi através do pacífico. O maciço de Auckland-hill estremecia todo com a força das borrascas. Quando as rajadas do sul passavam rente do South-moor, que não lhes opunha obstáculo algum, traziam consigo as intempéries glaciais do mar antártico. Era um trabalho rude impedi-las de entrar em French-den. Arrombaram mais de vinte vezes a porta que dava acesso a Store-room, e penetraram, pelo corredor, até ao hall. Nestas condições, sofreu-se mais do que na época dos frios intensos, que tinham feito descer a coluna termométrica a trinta graus abaixo do zero centígrado. Era preciso lutar, não só contra as rajadas, mas também contra a chuva e o granizo.

Para cúmulo de infelicidade, a caça parecia ter desaparecido, como se tivesse ido refugiar-se nas partes da ilha menos expostas ao equinócio — e os peixes também, assustados, decerto, pela agitação da água que bramava ao longo das margens do lago.

Entretanto, em French-den ninguém estava ocioso. Como a mesa já não podia servir de veículo, porque a camada de neve endurecida tinha desaparecido, Baxter lembrou-se de fabricar um aparelho próprio para transportar objetos pesados.

Para Isso, lembrou-se de aproveitar duas rodas, de tamanho igual, que pertenciam ao cabrestante da escuna. Este trabalho não se fez sem muitas hesitações, que um homem de ofício teria evitado. As rodas eram dentadas, e, depois de tentar, em vão, quebrar-lhes os dentes, Baxter teve de encher os intervalos com cantos de madeira muito unidos e cercados por uma cinta metálica. Em seguida, depois de reunir as duas rodas por uma barra de ferro, assentou neste eixo um vigamento sólido. Era um veículo muito rudimentar, mas, assim mesmo, devia prestar e prestou grandes serviços. É escusado dizer que, à falta de cavalo, de mula ou de burro, os mais vigorosos da colónia atrelar-se-iam ao dito veículo.

Ah! se conseguissem apanhar quadrúpedes e ensiná-los para esse fim, quantas fadigas se evitavam! A fauna da ilha Chairman, à parte alguns carnívoros cujos vestígios se tinham encontrado, parecia ser mais rica de voláteis que de ruminantes!

E, a julgar pelo avestruz de Service, poder-se-ia esperar que eles se domesticassem?

Efetivamente, o nandu não perdera nada do seu carácter selvagem. Não deixava ninguém aproximar-se dele sem se defender com o bico e com as patas, diligenciava quebrar a corda que o prendia, e, se pudesse, já tinha desaparecido por entre as árvores de Traps-woods.

Service, contudo, não desanimava. Tinha posto ao nandu o nome de “Brausewind”, que era o nome do avestruz de Jack do Robinson Suíço. Apesar dos seus esforços para domesticar o rebelde animal, o bom ou mau tratamento não faziam nada.

— E, contudo — disse ele um dia, referindo-se ao romance de Wyss, que não se cansava de ler —, Jack conseguiu fazer do seu avestruz uma cavalgada ligeira!

— Decerto — respondeu Gordon. — Mas entre ti e o teu herói, Service, há a mesma diferença que entre o avestruz dele e o teu!

— Que diferença é essa, Gordon?

— É simplesmente a diferença que separa a imaginação da realidade!

— Não importa! — replicou Service. — hei de fazer o que quero do meu avestruz... ou ele dirá por que não!

— Sim! — respondeu Gordon, rindo. — Admira-me menos que ele te responda do que te obedeça!

Apesar dos gracejos dos seus camaradas, Service estava resolvido a montar no seu nandu, logo que o tempo o permitisse. Assim, imitando sempre o seu tipo imaginário, fez-lhe uma espécie de arreios de lona e um capuz com antolhos móveis. Jack não dirigia o seu favorito, baixando os antolhos, ora um, ora outro, sobre o olho esquerdo ou sobre o direito? Se este rapaz conseguiu isto, por que motivo não o conseguiria o seu imitador? Service fez até uma coleira de corda, que conseguiu pôr ao pescoço do animal — o qual dispensava perfeitamente este ornato. Quanto ao capuz, foi possível pôr-lho na cabeça.

Assim se passavam os dias em trabalhos de instalação que tornaram French-den mais confortável. Era a melhor maneira de empregar as horas que não podiam utilizar-se lá fora, não tirando nada às que deviam ser consagradas ao trabalho.

Além disso, o equinócio estava no fim. O Sol tomava força, e o céu tornava-se sereno. Estava-se em

meados de outubro. O solo comunicava o seu calor aos arbustos e às árvores, que se preparavam para reverdecer.

Agora era permitido deixar French-den durante dias inteiros. O vestuário de abafar, calças de pano grosso, meias e camisolas de lã, tinha sido escovado, consertado, dobrado e guardado cuidadosamente nas caixas. Os moços colonos, mais à vontade no seu fato ligeiro, tinham saudado com alegria o regresso do bom tempo. E, depois, tinham uma esperança que não os abandonava — a esperança de fazerem alguma descoberta que modificasse aquela situação. Durante o verão talvez algum navio visitasse aquelas paragens. E, se passasse, por um acaso qualquer, defronte da ilha Chairman, por que não aportaria aí, vendo o pavilhão que flutuava no cume de Auckland-hill?

Durante a segunda quinzena de outubro, tentaram-se várias excursões sobre um raio de duas milhas em torno de French-den. Só os caçadores é que tomaram parte nelas. O alimento habitual sentiu-se com isto, posto que, pela recomendação de Gordon, a pólvora e o chumbo fossem severamente economizados. Wilcox armou laços, onde caíram alguns casais de tinamus e de abetardas, e até de umas lebres marás, que se assemelham à cutia. Estes laços eram visitados umas poucas de vezes por dia, porque os chacais e os pareros não hesitavam em preceder os caçadores para lhes destruírem a caça. Realmente, era de enraivecer trabalhar para o proveito destes carnívoros, que não eram poupados quando se apresentava ocasião. Apanharam-se, até, alguns destes animais maléficos nas armadilhas antigas, que tinham sido arrançadas, e nas novas, estabelecidas à entrada da floresta. Quanto aos animais ferozes, acharam-se mais vestígios deles, sem ser preciso repelir-lhes os ataques, contra os quais se estava sempre prevenido.

Doniphan matou também alguns pecaris e guaçulis, javalis e veados pequenos-, cuja carne era saborosa.

Quanto aos nandus, ninguém lastimou não poder apanhá-los, pois o pouco êxito de Service na sua experiência de domesticação não era animador.

E isto viu-se bem quando, na manhã do dia 26, o teimoso rapaz quis montar no avestruz, que tinha sido arreado, não sem algum custo.

Foram todos para Sport-terrace, a fim de assistirem a esta experiência interessante. Os mais pequenos olhavam para o seu camarada com uma certa inveja e alguma inquietação. No momento decisivo, hesitavam em pedir a Service que os levasse na garupa. Os mais velhos, esses encolhiam os ombros. Gordon tinha querido dissuadir Service de tentar uma experiência que lhe parecia arriscada; mas ele obstinara-se, e Gordon resolveu não se opor à sua ideia.

Enquanto Garnett e Baxter seguravam no animal, que tinha os olhos tapados com os antolhos do capuz, Service, depois de muitas tentativas infrutíferas, conseguiu saltar-lhe para as costas. Em seguida, com a voz pura e firme:

— Larguem! — gritou.

O nandu, privado do uso da vista, ficou, primeiro, imóvel, detido pelo rapazito, que o apertava vigorosamente entre as pernas. Mas, logo que os antolhos foram levantados por meio da corda que

servia, ao mesmo tempo, de rédeas, deu um salto prodigioso e partiu na direção da floresta.

Service já não era senhor do feroso animal, que corria com a rapidez de uma flecha. Tentou detê-lo, tapando-lhe, novamente, os olhos; mas em vão. O nandu, sacudindo a cabeça, deitou para trás o capuz, que lhe escorregou para o pescoço, ao qual Service se agarrava com toda a força. Em seguida, uma sacudidela violenta desmontou o pobre cavaleiro, que caiu no momento em que o animal ia desaparecer por entre as árvores de Traps-woods.

Os camaradas de Service chegaram junto dele quando o avestruz já tinha desaparecido.

Felizmente, Service caíra sobre uma erva espessa, e não lhe sucedeu mal algum.

— Que estúpido animal... — exclamou ele, muito envergonhado. — Ah! se torno a apanhá-lo!...

— Não tornas, não! — assegurou Doniphan, que ria às gargalhadas da aventura do seu camarada.

— Decididamente — disse Webb —, o teu amigo Jack era melhor cavaleiro do que tu!

— É porque o meu nandu ainda não estava bem domesticado!... — respondeu Service.

— Nem podia estar! — replicou Gordon. — Consola-te, Service, olha que nunca podias fazer nada daquele animal, e não esqueças que no romance de Wyss há verdades e invenções!

Eis como acabou a aventura, e os pequenos não se arrependeram de não terem montado no avestruz.

Nos princípios de novembro, o tempo pareceu favorável para uma expedição de alguns dias, cujo fim seria reconhecer a margem ocidental de Family-lake até à extremidade do norte.

O céu estava puro, o calor era ainda muito suportável, e não havia inconveniente em passar algumas noites ao ar livre. Fizeram-se, portanto, todos os preparativos necessários.

Os caçadores da colónia deviam tomar parte nesta expedição, e, desta vez, Gordon julgou conveniente ir com eles. Quanto aos que ficavam em French-den, estariam sob a proteção de Briant e de Garnett. Mais tarde, antes do fim do verão, Briant empreenderia outra excursão com o fim de visitar a parte inferior do lago, ou percorrendo-o ao longo das margens, dentro da canoa, ou atravessando-o, porque, segundo o mapa, o lago não media mais de quatro ou cinco milhas à altura de French-den.

As coisas estavam assim combinadas quando, na manhã de 5 de novembro, Gordon, Doniphan, Baxter, Wilcox, Webb, Cross e Service partiram, depois de se terem despedido dos seus camaradas.

Em French-den não devia alterar-se, em nada, a vida do costume. Durante as horas que não fossem consagradas ao trabalho, Iverson, Jenkins, Dole e Costar continuariam, como de costume, a pescar nas águas do lago e do rio — o que constituía o seu recreio favorito. Mas, segundo dizia Service, por Moko não acompanhar os moços exploradores, não se imagine que estes teriam a comida mal cozinhada! Não ia Service, que, muitas vezes, ajudava o grumete nas suas operações culinárias? Por isso ele fizera valer a sua habilidade a fim de fazer parte da expedição. Quem sabe se era a esperança de achar o avestruz? Gordon, Doniphan e Wilcox iam armados com espingardas, e, além disso, todos levavam um revólver à cinta. Levavam também facas de caça e dois machadinhos. Sendo possível, não deviam fazer uso do chumbo ou da pólvora senão para se defenderem, se fossem atacados, ou para matar a caça, no caso de não poderem apanhá-la de um modo mais económico. Baxter levava, para esse fim, o lazzo e as bolas,

que ele tinha posto em estado de servirem, e que aprendia a manejar havia algum tempo. Era um rapaz de pouco espalhafato, este Baxter, mas muito hábil, e aprendeu rapidamente a servir-se destes engenhos. É verdade que, até ali, não tivera por alvo senão objetos imóveis, e não sabia se teria o mesmo resultado com um animal correndo à desfilada. Ver-se-ia depois.

Gordon lembrou-se também de levar o *halkett-boat* de caucho, que era muito portátil, porque se fechava como uma mala e pesava apenas umas dez libras. O mapa, efetivamente, marcava dois cursos de água, tributários do lago, e o *halkett-boat* servia para atravessá-los, no caso de não poderem ser passados a vau.

A julgar pelo mapa de Baudoin, de que Gordon levava uma cópia, a fim de poderem consultá-lo ou verificá-lo conforme o caso, a margem ocidental do Family-lake desenvolvia-se numa extensão de dezoito milhas, pouco mais ou menos, dando o desconto à curvatura. A exploração exigia três dias para ida e volta, se não houvesse algum atraso.

Gordon e os seus companheiros, precedidos por Phann, deixaram Traps-woods à esquerda, e começaram a marcha sobre o solo arenoso da praia.

Para além das duas milhas tinham excedido a distância a que até então se haviam alargado as excursões desde a instalação em French-den.

Neste ponto cresciam umas ervas muito altas, chamadas cortaderas, que estão agrupadas em maciços, e entre as quais os mais velhos desapareciam até à cabeça.

Assim a marcha foi um pouco demorada; mas não se perdeu com isso, porque Phann parou diante dos orifícios de meia dúzia de tocas abertas no solo.

Era evidente que Phann farejava ali algum animal, que seria fácil matar no covil. Doniphan preparava-se para fazer pontaria, quando Cross o deteve.

— Economiza a pólvora, Doniphan — recomendou-lhe ele —, economiza-a, peço-te!

— Quem sabe, Gordon, se o nosso almoço estará ali dentro? — respondeu o moço caçador.

— E o jantar também!... — acrescentou Service, curvando-se para a toca.

— Se estiverem lá — respondeu Wilcox —, fá-los-emos sair sem isso nos custar um grão de chumbo.

— De que maneira?... — perguntou Webb.

— Enchendo estas tocas de fumo, como se faz às das doninhas e das raposas!

Entre os maciços de cortaderas, o solo estava coberto de ervas secas que Wilcox acendeu no orifício das tocas. Um minuto depois aparecia uma dúzia de roedores meio sufocados, que tentaram, em vão, fugir. Eram coelhos tucotucos; Service e Webb mataram alguns casais a golpes de machado, enquanto Phann estrangulava três com três dentadas.

— Deve-se fazer deles um assado excelente!... — disse Gordon.

— Encarrego-me disso — exclamou Service, que tinha pressa de desempenhar as suas funções de cozinheiro. — Imediatamente, se quiserem...

— Na primeira paragem que se fizer! — respondeu Gordon.

Foi precisa meia hora para sair daquela floresta em miniatura. Para diante, tornou a aparecer a praia, acidentada de compridas filas de dunas, cuja areia, de uma finura extrema, se soltava à mínima aragem.

A esta altura, o revés de Auckland-hill ficava a mais de duas milhas para trás, a oeste. Isto explicava-se pela direção oblíqua da penedia desde French-den até Sloughi-bay.

Toda esta parte da ilha era oculta pela espessa floresta que Briant e os seus camaradas tinham atravessado durante a primeira expedição ao lago, e que era banhada pelo regato a que tinham posto o nome de Dike-creek.

Este *creek* corria para o lago, como o mapa indicava.

Ora, foi exatamente à embocadura deste regato que os sete rapazes chegaram, pelas onze horas da manhã, tendo percorrido seis milhas depois da partida. Pararam neste lugar, junto de um soberbo pinheiro guarda-sol. Acenderam uma fogueira de lenha entre duas grandes pedras. Alguns momentos depois, dois dos tucotucos, esfolados e arranjados por Service, assavam-se a um lume crepitante. É inútil dizer que, enquanto o cão, sentado diante da fogueira, aspirava aquele perfume delicioso, o pequeno cozinheiro voltava o assado e tornava a voltá-lo, com o maior cuidado.

Todos almoçaram com apetite, sem terem de se queixar muito da primeira experiência culinária de Service.

Os tucotucos foram suficientes, e não foi preciso tocar nas provisões que iam nas sacolas, exceto na bolacha, que substituíra o pão. E essa mesma foi economizada, porque havia bastante carne — carne saborosa, com o perfume das plantas aromáticas com que os roedores se alimentam.

Em seguida, atravessou-se o *creek*, e, como puderam passá-lo a vau, não foi necessário empregar a canoa de cauchu, o que teria levado mais tempo.

A margem do lago tornava-se, a pouco e pouco, pantanosa, o que os obrigou a retroceder para a entrada da floresta, prontos a voltar para leste quando o estado do solo o permitisse. Eram sempre as mesmas essências, as mesmas árvores de aspeto soberbo, faias, bétulas, carvalhos, pinheiros, de diferentes espécies. Grande número de pássaros encantadores esvoaçavam de ramo em ramo; picanços pretos de crista encarnada, papa-moscas de poupa branca, carriças da espécie dos citalopes, milhares de trepadores que gorjeavam sob a folhagem, enquanto os tentilhões, as cotovias e os melros cantavam ou assobiavam com toda a força. Ao longe, nos ares, pairavam condores, urubus e alguns casais de caracarás, águias vorazes que frequentam as paragens da América do Sul.

Service, lembrando-se de Robinson Crusó, calculou que a família dos papagaios não estivesse representada na ornitologia da ilha.

Não pudera domesticar um avestruz, mas talvez alguma destas aves tagarelas se mostrasse menos rebelde. Não viu, porém, nem uma.

Enfim, a caça era abundante; eram marás, pichis e principalmente grusos, que são muito semelhantes aos galos de charneca. Gordon não pôde recusar a Doniphan o prazer de atirar a um pecari de tamanho medíocre, que serviria para o almoço do dia seguinte, se não servisse para o jantar daquela tarde.

Além disso, não foi necessário embrenharem-se pela floresta, onde a marcha seria mais penosa. Era suficiente caminhar ao longo da orla, e foi o que fizeram até às cinco horas da tarde. O segundo curso de água, da largura de uns quarenta pés, veio então impedir a passagem.

Era um dos exutórios do lago, e ia desaguar no Pacífico, para diante de Sloughi-bay, depois de ter contornado o norte de Auckland-hill.

Gordon resolveu parar nesse sítio. Doze milhas a caminhar era bastante para um dia. Entretanto, pareceu conveniente dar um nome àquele curso de água, e, como acabavam de parar nas margens dele, chamaram-lhe Stop-river (rio da paragem).

Estabeleceu-se o acampamento debaixo das primeiras árvores da praia. Os tucotucos formaram o prato principal, porque os grusos tinham sido reservados para o dia seguinte, e Service tornou a desempenhar convenientemente as suas funções. Além disso, a necessidade de dormir era maior do que a de comer, e se as bocas se abriam com fome, os olhos fechavam-se com sono. Assim, acendeu-se uma grande fogueira, à roda da qual se estenderam todos, depois de se terem embrulhado nos seus cobertores. A viva luz desta fogueira, ateadada por Wilcox e Doniphan, alternadamente, devia ser suficiente para afastar os carnívoros.

Finalmente, não houve nenhum alarme, e, ao romper do dia, todos estavam prontos para marchar.

Entretanto, não bastava ter dado um nome ao rio, era preciso atravessá-lo, e, como ele não era vadeável, foi necessário empregar o *halkett-boat*. Esta frágil embarcação não podia transportar mais que uma pessoa de cada vez: teve pois de fazer sete vezes a travessia da margem esquerda para a margem direita de Stop-river, o que levou mais de uma hora. Pouco importava, desde o momento em que, graças a ela, as provisões e as munições não se molharam.

Quanto a Phann, que não se importava de molhar as patas, deitou-se a nado, e, em alguns momentos, passou para a outra margem.

Como o terreno já não era pantanoso, Gordon dirigiu-se para a margem do lago, aonde chegaram antes das dez horas. Depois de almoçarem alguns bocados de pecari assado na grelha, tomaram a direção do norte.

Nada indicava ainda que a extremidade do lago estivesse próxima, e o horizonte de leste era sempre circunscrito por uma linha circular de céu e de água, quando, pelo meio-dia, Doniphan, assestando o óculo, comunicou:

— Ali está a outra margem!

Todos olharam para aquele lado e viram alguns cimos de árvores que começavam a aparecer por cima da água.

— Não paremos — ordenou Gordon — e tratemos de chegar antes da noite.

Para o norte, a perder de vista, estendia-se uma planície árida, semeada de grandes dunas e de alguns maciços de caniços e de juncos. Na parte setentrional, a ilha Chairman não apresentava senão grandes espaços arenosos, que contrastavam com as florestas verdejantes do centro, e aos quais Gordon deu,

muito acertadamente, o nome de Sandy-desert (*deserto de areia*).

Pelas três horas, a margem oposta, que se avistou a menos de duas milhas a nordeste, apareceu-lhes distintamente.

Esta região parecia estar abandonada de todos os seres vivos, a não ser das aves marinhas, alcatrazes, procelárias e grebes, que passavam em direção às rochas do litoral.

Realmente, se o Sloughi tivesse encahado naquelas paragens, os moços náufragos, vendo um terreno tão estéril, julgar-se-iam privados de todos os recursos! Debalde teriam procurado no meio daquele deserto uma morada tão confortável como a de French-den! Quando o abrigo da escuna faltasse, não teriam onde se refugiar! Era necessário, agora, avançar mais naquela direção, reconhecer inteiramente aquela parte da ilha que parecia inabitável?

Não seria talvez melhor adiar para segunda expedição a exploração da margem direita do lago, onde podia haver outras florestas que apresentassem novas riquezas? Sim, decerto. Além disso, era nas paragens do leste que devia achar-se o continente americano, se a ilha Chairman estivesse próxima dele.

Contudo, por conselho de Doniphan, resolveu-se alcançar a extremidade do lago, que não devia estar longe, porque a curvatura dupla das suas margens acentuava-se cada vez mais.

Foi o que fizeram, e ao anoitecer pararam junto de uma pequena enseada que se abria no ângulo norte de Family-lake.

Nesse lugar não havia uma árvore, nem sequer um maciço de ervas, de musgo ou de líquenes secos. À falta de combustível, foi necessário contentarem-se com as provisões que iam nos sacos, e, à falta de abrigo, com o tapete de areia, em cima do qual estenderam as cobertas.

Durante esta primeira noite, o silêncio de Sandy-desert não foi perturbado.

Capítulo XV

A duzentos passos da enseada erguia-se uma duna, da altura de uns cinquenta pés — observatório indicado para Gordon e os seus camaradas poderem reconhecer melhor a região.

Logo que nasceu o Sol, subiram pela duna até ao cume.

Daquele ponto, o óculo foi assestado na direção do norte.

Se o vasto deserto arenoso se prolongava até ao litoral, como indicava o mapa, era impossível distinguir-lhe o fim, porque o horizonte de mar devia achar-se a mais de doze milhas para o norte e a mais de sete para o leste.

Portanto, era inútil avançar mais na parte setentrional da ilha Chairman.

— Então — perguntou Cross — que vamos fazer agora?

— Voltar para trás — respondeu Gordon.

— Não antes do almoço! — replicou imediatamente Service.

— Põe a mesa! — recomendou Webb.

— Já que é preciso voltar para trás — observou então Doniphan —, não poderíamos tomar outro caminho para regressar a French-den?

— Experimenta-se — respondeu Gordon.

— Parece-me até — acrescentou Doniphan — que a nossa exploração seria completa se contornássemos a margem direita de Family-lake.

— Isso era muito complicado —olveu Gordon. — Segundo as indicações do mapa, seria necessário percorrer trinta a quarenta milhas, o que exigiria quatro ou cinco dias, e ainda no caso de não se apresentar algum obstáculo no caminho! Em French-den estariam inquietos, e é melhor não lhes dar essa preocupação!

— Contudo — tornou Doniphan —, mais cedo ou mais tarde, há de ser necessário reconhecer esta parte da ilha!

— Decerto — concordou Gordon —, e eu tenciono organizar uma expedição para esse fim.

— Então — disse Cross — Doniphan tem razão. Era melhor não voltarmos pelo mesmo caminho...

— Com certeza — respondeu Gordon —, proponho que se siga a margem do lago até Stop-river, e, em seguida, se caminhe diretamente para a penedia, ao longo da base.

— E para que havemos de descer a margem que já seguimos? — perguntou Wilcox.

— Efetivamente, Gordon — acrescentou Doniphan —, por que não iremos pelo caminho mais curto, através desta planície de areia, a fim de chegarmos às primeiras árvores de Traps-woods, que não estão a mais de três ou quatro milhas a sudoeste?

— Porque seremos sempre obrigados a atravessar Stop-river — respondeu Gordon. — Ora, nós

temos a certeza de podermos passar por onde passámos ontem, enquanto que, mais para baixo, podíamos ter grandes embaraços se o rio se tornasse torrencial. Portanto, parece-me acertado não nos aventurarmos pela floresta senão depois de termos pisado a margem esquerda de Stop-river.

— Sempre prudente, Gordon! — exclamou Doniphan, com ar levemente irónico.

— Nunca é de mais, a prudência! — rematou Gordon.

Todos se deixaram, então, escorregar pelo talude da duna, voltaram ao ponto da paragem, engoliram um bocado de bolacha e de carne fria, embrulharam as coberturas, pegaram nas armas e marcharam pelo caminho da véspera.

O céu estava magnífico. Uma brisa ligeira enrugava, apenas, as águas do lago. Podia contar-se com um dia esplêndido. Que o tempo se conservasse assim durante trinta e seis horas era o que Gordon desejava, porque contava chegar a French-den na noite do dia seguinte.

Desde as seis horas da manhã até às onze percorreram-se sem custo as nove milhas que separavam a ponta do lago de Stop-river. Não houve acidentes no caminho; na proximidade do rio, Doniphan matou duas grandes abetardas de poupa e penas pretas, com malhas encarnadas por cima e brancas por baixo — o que o pôs de bom humor, assim como a Service, sempre pronto para depenar, arranjar e assar um volátil qualquer.

E foi o que ele fez, uma hora mais tarde, depois de todos terem atravessado sucessivamente o curso de água no *halkett-boat*.

— Eis-nos no bosque — declarou Gordon — e espero que Baxter terá ocasião de fazer uso do lazzo ou das bolas!

— O que é verdade é que, até aqui, não tem feito grande coisa com elas! — observou Doniphan, que desprezava todos os instrumentos de caça que não fossem a espingarda ou a carabina.

— O que podia eu fazer contra as aves? — retorquiu Baxter.

— Aves ou quadrúpedes, Baxter, não tenho confiança no teu lazzo!

— Nem eu! — acrescentou Cross, sempre pronto a auxiliar o primo.

— Esperem, ao menos, que Baxter tenha ocasião de se servir dele, para manifestarem a vossa opinião! — aconselhou Gordon.

— Eu tenho a certeza de que há de fazer alguma coisa. Se as munições podem faltar um dia, o lazzo e as bolas não faltarão nunca!...

— O caso é eles apanharem a caça!... — tornou o incorrigível rapaz.

— Veremos! — replicou Gordon. — E, entretanto, vamos almoçar!

Mas os preparativos levaram muito tempo, porque Service quis que a sua abetarda fosse assada com perfeição. E se este volátil satisfez o apetite daqueles estômagos, é porque, realmente, era de bom tamanho.

Efetivamente, aquela espécie de abetardas, que pesam umas trinta libras e medem quase três pés desde o bico até à cauda, pertence aos exemplares maiores da família dos galináceos. E verdade que esta

foi devorada até ao último bocado, e até ao último osso, porque Phann, a quem coube o esqueleto, não deixou mais do que deixaram os donos.

Acabado o almoço, os sete rapazes entraram na parte ainda desconhecida de Traps-woods, que Stop-river atravessava antes de ir desaguar no Pacífico. O mapa indicava que o seu curso se desviava para noroeste, contornando a extremidade da penedia, e que a sua embocadura estava situada para além do promontório do False-Sea-point.

Assim, Gordon resolveu abandonar a margem do Stop-river, porque, continuando a segui-la, seria levado para uma direção oposta a French-den. O que ele queria era chegar pelo caminho mais curto às primeiras carreiras de pedras de Auckland-hill, a fim de costear a base, descendo para o sul.

Depois de se ter orientado com a sua bússola, Gordon dirigiu-se francamente para oeste. As árvores, mais espaçadas do que na parte sul de Traps-woods, deixavam a passagem livre num solo menos cheio de ervas e de sarças.

Entre as bétulas e as faias abriam-se, às vezes, clareiras, por onde os raios do Sol penetravam a jorros. As flores bravas misturavam as suas cores frescas com a verdura dos arbustos e do tapete de erva. Em diversos sítios, tasneirinhas soberbas balouçavam-se na ponta das hastes, da altura de dois a três pés. Colheram-se algumas destas flores, com que Service, Wilcox e Webb ornaram os casacos.

Foi então que Gordon, cujos conhecimentos de botânica deviam aproveitar bastantes vezes à pequena colónia, fez uma descoberta útil. Atraíra-lhe a atenção um arbusto muito copado, com as folhas pouco desenvolvidas, e cujos ramos, eriçados de espinhos, tinham uns pequenos frutos avermelhados, da grossura de uma ervilha.

— Aqui está o trulca, se não me engano — exclamou ele —, é uma fruta de que os índios fazem muito uso!...

— Se se come — respondeu Service —, vou comê-lo, já que não nos custa nada!

E, antes que Gordon pudesse impedi-lo, Service trincou dois ou três daqueles frutos.

Que careta, e como os seus camaradas acolheram o seu desapontamento às gargalhadas, enquanto ele expelia a saliva abundante que a acidez da fruta acabava de produzir-lhe nas papilas da língua!

— E dizias tu que isto se comia, Gordon! — exclamou Service.

— Eu não disse que se comia — retificou Gordon. — Se os índios fazem uso desta fruta, é para fabricar um licor que obtêm por meio de fermentação. Parece-me que esse licor deve ser para nós um recurso precioso, quando , a provisão de brandy estiver esgotada, com a condição de desconfiarmos dele, porque sobe à cabeça. Levemos um saco cheio destes trulcas para fazermos a experiência em French-den.

Era difícil colher o fruto no meio dos espinhos que o rodeavam. Mas, sacudindo os ramos, Baxter e Webb fizeram cair no solo grande quantidade deles, com que encheram uma das bolsas, e continuaram a marcha.

Mais longe apanharam algumas vagens de outro arbusto, natural das terras próximas da América do

Sul.

Eram vagens de alfarroba, cujo fruto dá, também por fermentação, um licor muito forte. Desta vez Service absteve-se de trincá-lo, e fez bem, porque, se a alfarroba ao princípio é açucarada, depois deixa na boca uma secura muito dolorosa, e, por falta de hábito, não se podem trincar-lhe impunemente as pevides.

Finalmente, de tarde, um quarto de milha antes de se chegar à base de Auckland-hill, fez-se outra descoberta não menos importante. O aspeto da floresta modificara-se. Com o ar e o calor, que penetravam mais abundantemente no meio das clareiras, os vegetais desenvolviam-se de um modo soberbo. A sessenta ou oitenta pés, as árvores lançavam os seus largos ramos, debaixo dos quais gralhava uma multidão de aves palradoras. Entre as mais belas espécies distinguia-se a faia antártica, que conserva em todas as estações o verde-claro da sua folhagem. Alguns zuinters um pouco menos elevados, mas ainda assim magníficos, cresciam em grupos. A casca deste arbusto pode substituir a canela — o que era bom para o cozinheiro de French-den temperar os seus molhos.

Gordon reconheceu entre estes vegetais o pernettia, a árvore do chá, da família das vaciniáceas, que se encontra mesmo nas latitudes altas, e cujas folhas aromáticas dão, por meio da infusão, uma bebida muito salutar.

— Aqui está o que pode substituir a nossa provisão de chá! — informou Gordon. — Apanhemos algumas mãos-cheias destas folhas, e, mais tarde, viremos fazer colheita para todo o inverno.

Eram quatro horas, pouco mais ou menos, quando chegaram à extremidade norte de Auckland-hill. Neste lugar, apesar de parecer menos alto do que nos arredores de French-den, era impossível subir pela muralha, que se erguia verticalmente. Pouco importava, porque se tratava apenas de segui-la voltando para o rio Zealand.

Duas milhas mais longe ouviu-se o murmúrio de uma torrente que espumava através de uma abertura estreita da penedia, e que foi fácil atravessar a vau.

— Deve ser o rio que descobrimos durante a nossa primeira expedição ao lago — observou Doniphan.

— O que era atravessado pela calçada de pedra?... — perguntou Gordon.

— Exatamente — respondeu Doniphan — e que, por essa razão, denominámos Dike-creek.

— Muito bem, acampemos na margem direita — tornou Gordon. — Já são cinco horas, e como é preciso passar ainda uma noite ao ar livre, é melhor fazê-lo próximo deste *creek*, ao abrigo das árvores. Amanhã, à noite, se não houver obstáculos, espero que dormiremos nas nossas camas do hall!

Service tratou então do jantar, para o qual se tinha reservado a segunda abetarda. Era assado, e sempre assado, mas seria injusto censurar Service, que não podia variar mais.

Durante este tempo, Gordon e Baxter tinham entrado na floresta, um à procura de novos arbustos ou novas plantas, o outro com Intenção de utilizar o seu lazzo e as suas bolas — ainda que não fosse senão para pôr termo aos gracejos de Doniphan.

Tinham ambos dado uns cem passos através do bosque quando Gordon chamou Baxter com a mão, e mostrou-lhe um grupo de animais que estavam brincando em cima da erva.

— Cabras? — disse Baxter, em voz baixa.

— Se não são, parecem-se com elas! — respondeu Gordon. — Tratemos de apanhá-las...

— Vivas?

— Sim, Baxter, vivas, e é uma felicidade Doniphan não estar aqui, porque já teria morto uma com um tiro de espingarda e posto as outras em fuga! Aproximemo-nos devagar, sem que elas nos vejam!

Os graciosos animais, em número de meia dúzia, não tinham dado pelos dois rapazes. Contudo, pressentindo algum perigo, uma das cabras — mãe, decerto — farejava o ar e estava à escuta, pronta para retirar-se com o seu rebanho.

De repente ouviu-se um silvo. As bolas acabavam de soltar-se das mãos de Baxter, que já estava apenas a uns vinte passos do grupo. Lançadas com vigor e destreza, enrolaram-se à roda de uma das cabras, enquanto as outras desapareciam no interior da floresta.

Gordon e Baxter precipitaram-se para a cabra, que diligenciava, debalde, livrar-se das bolas. Foi agarrada e impossibilitada de fugir, e, com ela, apanharam-se também dois cabritos que o instinto conservava junto da mãe.

— Hurra! — exclamou Baxter, a quem a alegria tornava expansivo. — Hurra! São cabras?...

— Não — respondeu Gordon. — Parece-me que são vicunhas!

— E dão leite estes animais?...

— Exatamente como as cabras!

— Bem, então vivam as vicunhas!

Gordon não se enganava. As vicunhas, apesar de se parecerem com as cabras, têm as patas ossudas, a lã curta e fina como seda, e a cabeça pequena e desprovida de chifres. Estes animais habitam, principalmente, os pampas da América do Sul e até os territórios do estreito de Magalhães.

Imagina-se facilmente como Gordon e Baxter foram recebidos quando voltaram ao acampamento, um puxando a vicunha pela corda das bolas, o outro levando um cabrito debaixo de cada braço. Como a mãe ainda os alimentava, é provável que pudesse criá-los sem muito custo. Talvez eles fossem o princípio de um rebanho futuro, que se tornasse muito útil à pequena colónia...

Doniphan decerto que lastimou ter perdido aquela ocasião de disparar um bom tiro de espingarda; mas teve de concordar que, quando se tratava de apanhar a caça viva, e não de a matar, as bolas valiam mais do que as armas de fogo.

Jantou-se, ou, antes, ceou-se alegremente. A vicunha, presa a uma árvore, não se recusou a pastar, enquanto os cabritos saltavam à roda dela.

A noite, contudo, não foi tão sossegada como tinha sido nas planícies de Sandy-desert. Essa parte da floresta era visitada por animais mais temíveis que os chacais, cujos gritos se conhecem bem, porque são uivos e latidos ao mesmo tempo. Assim, pelas três horas da manhã, houve grande alarme, devido a

rugidos, verdadeiros desta vez, que ressoavam nas proximidades.

Doniphan, de guarda ao pé do fogo, com a espingarda ao alcance da mão, julgou não dever prevenir logo os camaradas.

Contudo, os rugidos tornaram-se tão violentos que Gordon e os outros acordaram.

— Que há de novo?... — Perguntou Wilcox.

— Deve ser um bando de carnívoros que vagueia aqui pelos arredores — disse Doniphan.

— Provavelmente são jaguares ou cuguardos! — sugeriu Gordon.

— Quaisquer deles são bons!

— Não, Doniphan, o cuguardo é menos perigoso do que o jaguar! Mas, em bando, são carnívoros muito temíveis.

— Estamos prontos para recebê-los! — Respondeu Doniphan. E pôs-se em defensiva, enquanto os seus camaradas se armavam com revólveres.

— Não disparem senão pela certa! — recomendou Gordon. — Além disso, parece-me que o lume deve impedir estes animais de se aproximarem.

— Já não estão longe! — exclamou Cross.

Efetivamente, o bando devia estar muito próximo do acampamento, a julgar pelo furor de Phann, que Gordon segurava com algum custo. Mas era impossível distinguir uma forma qualquer no meio da escuridão profunda do bosque.

Aqueles carnívoros costumavam, decerto, ir de noite matar a sede àquele sítio. Achando o local ocupado manifestavam o seu descontentamento por meio de rugidos assustadores.

Mas ficariam eles por aí, e não seria necessário repelir uma agressão cujas consequências podiam ser graves?...

De repente, a menos de vinte passos, apareceram uns pontos claros e movediços. Quase em seguida ressoou uma detonação.

Doniphan acabava de disparar um tiro de espingarda, ao qual responderam rugidos ainda mais violentos. Os seus camaradas e ele, de revólver em punho, estavam prontos a fazer fogo se os carnívoros se precipitassem no acampamento.

Então Baxter, pegando num archote aceso, atirou-o vigorosamente para o lado onde tinham aparecido aqueles olhos, brilhantes como brasas.

Um momento depois, os carnívoros, um dos quais devia ter sido atingido pelo chumbo de Doniphan, deixaram o lugar e perderam-se nas profundezas de Traps-woods.

— Foram-se! — exclamou Cross.

— Boa viagem! — acrescentou Service.

— Não voltarão?... — perguntou Cross.

— Não é provável — afirmou Gordon —, mas estejamos de guarda até amanhecer.

Deitou-se lenha na fogueira, que se conservou acesa até aos primeiros raios da aurora. Então

levantou-se o acampamento, e os sete rapazes embrenharam-se na floresta para ver se algum daqueles animais tinha sido morto pelo tiro.

A vinte passos dali o solo apresentava uma grande mancha de sangue. O animal pudera fugir, mas seria fácil encontrá-lo lançando-lhe Phann no rasto, se Gordon não achasse inútil aventurarem-se mais profundamente através da floresta.

Portanto, a questão de saber se se tratava de jaguares, de cuardos ou de outros carnívoros não menos perigosos não pôde ser esclarecida. Em todo o caso, o principal era Gordon e os seus camaradas estarem sãos e salvos.

Partiu-se às seis horas da manhã. Não havia tempo a perder se se quisessem transpor num dia as nove milhas que separavam Dike-creek de French-den.

Service e Webb encarregaram-se das duas lindas vi cunhas, e a mãe não se fez rogada para seguir Baxter, que a levava pela corda.

O caminho que costeava Auckland-hill era pouco variado. À esquerda estendia-se um renque de árvores ora dispostas em maciços quase impenetráveis, ora agrupadas na margem de clareiras. À direita erguia-se uma muralha a pique, listrada de camadas de seixos acumuladas no calcário, e cuja altura aumentava à medida que se desviava para o sul.

Às onze horas, primeira paragem para o almoço; e, desta vez, a fim de não se perder tempo, gastou-se da reserva dos sacos e continuou-se a marcha.

Esta era rápida, e parecia que nada iria interrompê-la, quando, três horas depois do meio-dia, se ouviu outro tiro de espingarda debaixo das árvores.

Doniphan, Webb e Cross, acompanhados por Phann, achavam-se a uns cem passos adiante, e os seus camaradas já não podiam distingui-los, quando se ouviram estes gritos: Cuidado! Cuidado!

Estes gritos teriam por fim advertir Gordon, Wilcox, Baxter e Service de algum perigo iminente?

De repente, do interior do mato, apareceu um animal de grande estatura.

Baxter, que acabava de desenrolar o lazzo, atirou-o, depois de o ter balouçado por cima da cabeça.

Isto foi feito tanto a tempo que o nó corredio da comprida correia foi enrolar-se no pescoço do animal, que diligenciou, debalde, livrar-se dele. Mas, como o animal era vigoroso, teria arrastado Baxter se Gordon, Wilcox e Service não tivessem logo agarrado a extremidade do lazzo, que conseguiram enrolar à roda de um tronco de árvore.

Quase em seguida, Webb e Cross saíram do bosque, seguidos por Doniphan, que exclamou, num tom revelador de mau humor:

— Maldito animal!... Como ele pôde escapar-me!

— Mas não escapou a Baxter — respondeu Service —, e apanhámo-lo vivo e bem vivo!

— Isso não quer dizer nada, porque há de ser preciso matá-lo! — replicou Doniphan.

— Matá-lo — tornou Gordon —, matá-lo, quando ele vem tanto a propósito para nos servir de besta de tiro!

— Este animal? — exclamou Service.

— É um guanaco — informou Gordon — e os guanacos fazem muito boa figura nas coudelarias da América do Sul.

Doniphan, em todo o caso, lastimou não ter morto o guanaco, por muito útil que ele fosse. Mas não disse nada, e foi examinar aquele belo exemplar da fauna chairmanita.

Apesar de, na história natural, o guanaco estar incluído na família dos camelos, não se parece com o animal deste nome, tão vulgar na África setentrional. Este, com o seu pescoço delgado, a sua cabeça fina, as suas pernas altas e um pouco franzinas — o que indicava um animal muito ágil —, a sua pele fulva, com malhas brancas, não era decerto inferior aos mais formosos cavalos da raça americana.

Com certeza que poderia ser empregado em carreiras rápidas, se se conseguisse prendê-lo primeiro e em seguida domesticá-lo, e parece que isso é o que se faz facilmente nas fazendas dos pampas argentinos.

Afinal o guanaco é muito tímido, e este nem sequer tentou debater-se. Logo que Baxter alargou o nó corrido que o estrangulava, foi fácil conduzi-lo pelo lazzo como por uma arreata.

Decididamente, esta excursão ao norte de Family-lake ia ser proveitosa à colónia. O guanaco, a vicunha e os dois filhos, a descoberta da árvore do chá e da alfarroba, tudo isto merecia que se fizesse bom acolhimento a Gordon e, sobretudo, a Baxter, que não era vaidoso, como Doniphan, nem se enchia de orgulho com os seus sucessos.

Em todo o caso, Gordon ficou muito satisfeito por ver que as bolas e o lazzo deviam prestar grandes serviços. Doniphan era, decerto, um caçador muito hábil, com quem se devia contar; mas a sua habilidade custava sempre alguma carga de pólvora e de chumbo. Por isso, Gordon animou os seus camaradas a servirem-se, de preferência, daqueles instrumentos de caça, de que os índios fazem tanto uso.

Segundo as indicações do mapa, era necessário percorrer ainda quatro milhas para chegar a Frenchden e caminhar depressa a fim de lá estar antes da noite.

A Service não faltava vontade de se escarranchar no guanaco e fazer a sua entrada em cima daquele «magnífico corcel». Mas Gordon não o permitiu. Era melhor esperar que o animal estivesse ensinado para servir de montada.

— Parece-me que não há de recalcitrar muito — disse ele. — Além disso, no caso de não se poder cavalgá-lo, é preciso que consinta em puxar o carro! Portanto, tem ciência, Service, e não te esqueças da lição que recebeste do avestruz!

Pelas seis horas, chegaram a Frenchden.

O pequeno Costar, que brincava em Sport-terrace, anunciou a chegada de Gordon.

Briant e os outros correram imediatamente, e festejaram com alegres hurras o regresso dos moços exploradores, depois de alguns dias de ausência.

SEGUNDA PARTE — A COLÓNIA INFANTIL

Capítulo I

Tudo se tinha passado bem em French-den durante a ausência de Gordon. O chefe da pequena colônia estava satisfeitíssimo com Briant, a quem os pequenos testemunhavam verdadeira afeição. Doniphan, se não fosse o seu caráter altivo e invejoso, também teria apreciado — como devia — as qualidades do seu camarada; mas não era assim, e graças ao ascendente que exercia em Wilcox, Webb e Cross, estes ajudavam-no sempre quando se tratava de fazer oposição ao moço francês, tão diferente, nos modos e no caráter, dos seus companheiros de origem anglo-saxónica.

Briant não fazia caso. Fazia o que julgava o seu dever, sem se preocupar com o que pensavam dele. O seu maior cuidado era a atitude inexplicável de seu irmão.

Ultimamente, Briant tornara a fazer perguntas a Jaime, sem obter outra resposta além desta:

— Não... meu irmão... não! Não tenho nada!

— Não queres falar, Jaime? — dissera ele. — Fazes mal!... Era um alívio, tanto para ti como para mim!... Estás cada vez mais triste, mais sombrio! Vamos!... Eu sou o teu irmão mais velho!... Tenho o direito de saber qual é a causa do teu desgosto!... De que te acusas?...

— Meu irmão!... — respondeu finalmente Jaime, como se não pudesse resistir a algum remorso secreto. — Queres saber o que fiz?... Tu talvez... me perdoasses.. mas os outros...

— Os outros?... Os outros!... — exclamara Briant. — Que queres dizer, Jaime?

Os olhos da criança encheram-se de lágrimas; mas, apesar da insistência do irmão, não acrescentara senão isto:

— Mais tarde saberás... mais tarde!...

Depois desta resposta compreende-se a inquietação de Briant. O que haveria, tão grave, no passado de Jaime? Era o que ele queria saber a todo o custo. Assim, logo que Gordon regressou, Briant falou-lhe nas meias confissões que arrancara a seu irmão, pedindo-lhe que interviesse no assunto.

— Para quê? — respondeu acertadamente Gordon. — É melhor deixar Jaime falar espontaneamente!. Quanto ao que ele fez... foi decerto alguma diabrura cuja importância exagera!... Esperemos que ele se explique!

No dia seguinte — 9 de novembro — os moços colonos puseram-se de novo ao trabalho. E este não faltava. Primeiro que tudo foi necessário atender às reclamações de Moko, que tinha a despensa quase vazia, posto que os laços, armados nas proximidades de French-den, tivessem funcionado por diversas vezes. Na realidade, o que faltava era a caça grossa. Portanto, tratava-se de construir armadilhas bastante sólidas para que as vicunhas, os peçarís e os guaçulis pudessem cair nelas sem custarem um grão de chumbo nem de pólvora.

Foi a trabalhos deste género que os mais velhos consagraram todo o mês de novembro — o mês de

maio das latitudes do hemisfério setentrional.

Logo que chegaram, o guanaco e a vicunha com as duas crias tinham sido instalados provisoriamente debaixo das árvores mais próximas de French-den. Aí, podiam mover-se num certo espaço, o que lhes permitiam as cordas que os prendiam. Isto era suficiente durante o período dos dias grandes; mas, antes que voltasse o inverno, devia-se estabelecer um abrigo mais conveniente. Assim, Gordon decidiu que se dispusessem imediatamente um alpendre e um cerrado, protegidos por grandes paliçadas, ao pé de Auckland-hill, do lado do lago, um pouco adiante da porta do hall.

Deitaram-se à obra, e organizou-se um verdadeiro estaleiro dirigido por Baxter. Dava gosto ver aqueles rapazes ativos, manejando mais ou menos habilmente as ferramentas que tinham encontrado na caixa de marceneiro da escuna, uns a serra, outros o machado ou a enxó. Se às vezes estragavam a obra, não desanimavam com isso. Algumas árvores de grossura média, cortadas pela raiz e podadas, forneceram o número de estacas necessárias para cercar um espaço onde uma dúzia de animais pudessem viver à vontade. Estes troncos, enterrados solidamente na terra e ligados uns aos outros por travessas, eram capazes de resistir a todas as tentativas dos animais ferozes que diligenciassem derrubá-los ou transpô-los. Quanto ao alpendre, foi construído com as cintas do costado do Sloughi — o que evitou aos moços carpinteiros o trabalho de cortar as árvores em pranchas, trabalho muito difícil nestas condições. Depois cobriu-se com um oleado espesso, a fim de não ter nada a temer das rajadas. Uma cama de boa e espessa palha, erva fresca para alimento, musgo e folhagem, de que se fazia boa provisão, não era preciso mais nada para manter os animais domésticos em bom estado. Garnett e Service, encarregados mais particularmente do arranjo do cercado, foram em breve recompensados dos seus cuidados, vendo o guanaco e a vicunha domesticarem-se de dia para dia.

Além disso, não tardou que o recinto recebesse novos hóspedes. Primeiro foi outro guanaco, que se deixou cair numa das covas da floresta, depois um casal de vicunhas, macho e fêmea, que Baxter agarrou auxiliado por Wilcox, que também começava a manejar as bolas com muita habilidade. Apanhou-se até um nandu, que “Phann” caçou. Mas viu-se logo que sucederia com este o mesmo que com o primeiro. Apesar da boa vontade de Service, não se pôde fazer nada dele.

É escusado dizer que, enquanto o alpendre não se acabou, o guanaco e a vicunha iam ficar todas as noites em Store-room. Os gritos dos chacais, os guinchos das raposas e os rugidos dos carnívoros ouviam-se muito perto de French-den, pelo que não era prudente deixar os animais de fora.

Entretanto, enquanto Garnett e Service tratavam especialmente dos animais, Wilcox e alguns dos seus camaradas não cessavam de preparar armadilhas e laços, que iam visitar diariamente. Além disso, também houve trabalho para dois dos pequenos, Iverson e Jenkins. Efetivamente, as abetardas, as galinhas do campo, as galinhas-da-índia e os tinamus precisavam de uma capoeira, que Gordon fez construir num canto do cerrado, e os dois pequenos foram encarregados de tratar dela — o que eles fizeram com muito zelo.

Como se vê, Moko tinha agora à sua disposição, não só o leite das vicunhas, mas também os ovos dos

animais de penas. E decerto que teria fabricado algum doce da sua invenção se Gordon não lhe tivesse recomendado que economizasse o açúcar. Assim, só aos domingos e alguns dias de festa é que se via aparecer na mesa um prato extraordinário, que Dole e Costar saboreavam com delícia.

No entanto, se era impossível fabricar açúcar, talvez se pudesse encontrar qualquer matéria suscetível de o substituir. Service — com os seus Robinsons na mão — afirmava que não era preciso mais que procurar. Gordon procurou, portanto, e acabou por descobrir, no meio do mato de Traps-woods, um grupo de árvores, que três meses mais tarde, nos primeiros dias do outono, deviam cobrir-se de uma folhagem cor de púrpura lindíssima.

— São áceres — disse ele —, árvores de açúcar!

— Árvores de açúcar! — exclamou Costar.

— Não, guloso! — esclareceu Gordon. — Árvores que dão açúcar, é que é! Não mudes o sentido às palavras!

Esta descoberta era das mais importantes que os moços colonos tinham feito depois da sua instalação em French-den. Dando um golpe no tronco de um dos áceres, Gordon obteve líquido, produzido pela condensação da seiva, e esta seiva, solidificando-se, deu uma matéria açucarada. Apesar de inferior em qualidades sacaríferas ao suco da cana e da beterraba, esta substância não era menos preciosa para as necessidades da despensa, e era melhor, em todo o caso, do que os produtos similares que se tiram da bétula, durante a primavera.

Havendo açúcar, não tardou que houvesse licor. Por conselho de Gordon, Moko tratou de fermentar as sementes de trulca e de alfarroba. Depois de terem sido previamente esmagadas numa vasilha por meio de um pesado pilão de madeira, estas sementes produziram um líquido alcoólico, cujo sabor bastaria para adoçar as bebidas quentes, à falta de açúcar. Quanto às folhas colhidas na árvore do chá, reconheceu-se que eram quase tão boas como a odorífera planta chinesa. Assim, durante as suas excursões à floresta, os exploradores nunca deixaram de fazer uma colheita abundante.

Como se vê, a ilha Chairman dava aos seus habitantes, se não o supérfluo, pelo menos o necessário. O que faltava — e sentia-se muito esta falta — eram os legumes frescos. De modo que era preciso contentarem-se com os legumes de conserva, de que havia um cento de caixas, que Gordon economizava o mais que podia. Briant tentara cultivar os inhames, de que o naufrago francês semeara algumas plantas junto da penedia, e que se haviam tornado bravos. Foi em vão. Felizmente, o aipo — como já dissemos — crescia com abundância nas margens do Family-lake, e, como não era necessário economizá-lo, substituiu com vantagem os legumes frescos.

É inútil dizer que as armadilhas, estendidas durante o inverno na margem esquerda do rio, tinham sido transformadas em redes de caça quando voltou o bom tempo. Apanharam-se aí, entre outros voláteis, algumas perdizes pequenas que vinham, decerto, das terras situadas ao largo da ilha.

Doniphan tinha grande desejo de explorar a vasta região dos South-moors, do outro lado do rio Zealand. Mas era perigoso arriscarem-se através daqueles pântanos, cobertos em parte pelas águas do

lago, misturadas com as do mar na época das cheias.

Wilcox e Webb capturaram também um bom número de cutias, do tamanho de lebres, e cuja carne esbranquiçada, um pouco seca, fica entre a do coelho e a do porco. Seria difícil com certeza apanhar estes velozes roedores, mesmo com o auxílio de Phann; mas, quando eles estavam na toca, era bastante assobiar levemente para os atrair ao orifício e agarrá-los. Os moços caçadores apanharam também, por diversas vezes, fuetas, glutões, texugos e zorrilhos, muito semelhantes às martas, com a sua formosa pele preta e riscas brancas, mas que espalhavam emanções fétidas.

— Como podem eles suportar um tal cheiro? — perguntou um dia Iverson.

— Ora! Questão de hábito! — respondeu Service.

Se o rio fornecia o seu contingente de galáxias, Family-lake, povoado de espécies maiores, dava, entre outras, algumas trutas magníficas, que, apesar da cocção, conservavam o sabor um pouco salobro. É verdade que havia sempre o recurso de ir pescar, entre as algas e os sargaços de Sloughi-bay, uma espécie de badejos que se refugiavam ali aos milhares. E depois, quando chegasse o momento em que os salmões tentassem subir o curso do rio Zealand, Moko iria fazer boa provisão desses peixes, que, conservados em sal, seriam um alimento magnífico para a estação invernososa.

Foi nesta época a pedido de Gordon, que Baxter fabricou arcos com ramos elásticos de freixos, e setas de caniços, armadas com um prego na ponta, o que permitiu que Wilcox e Cross — os mais hábeis depois de Doniphan — matassem, de vez em quando, alguma caça miúda.

Contudo, apesar de Gordon se opor sempre ao gasto de munições, sobreveio uma circunstância na qual foi obrigado a pôr de parte a sua economia do costume.

Um dia — foi a 7 de dezembro — Doniphan chamou-o de parte e comunicou-lhe:

— Gordon, estamos infestados pelos chacais e pelas raposas! Vêm aos bandos durante a noite, e destroem as nossas redes e a caça que se deixou cair nelas!... É preciso acabar com eles por uma vez!

— Não se podem armar laços? — sugeriu Gordon, vendo perfeitamente aonde o seu camarada queria chegar.

— Laços... — respondeu Doniphan, que não perdera o seu desdém por estes vulgares instrumentos de caça. — Laços!... Para os chacais, ainda vá, porque são bastante estúpidos para se deixarem apanhar algumas vezes. Agora as raposas, é outra coisa! São muito espertas e desconfiam, apesar de todas as precauções de Wilcox! Qualquer noite teremos o nosso cerrado devastado, e não acharemos nem uma ave na capoeira!...

— Bem, já que é necessário — condescendeu Gordon — concedo algumas dúzias de cartuchos. Mas tratem de só disparar com muita certeza!...

— Podes estar descansado, Gordon! Esta noite emboscar-nos-emos na passagem desses animais, e faremos uma tal matança que desaparecerão por muito tempo!

Esta destruição era urgente. As raposas destas regiões parecem ser ainda mais astutas do que as suas congéneres da Europa — as da América do Sul, principalmente. Efetivamente, fazem devastações

incessantes pelos arredores das haciendas, tendo bastante inteligência para cortar as correias de couro que prendem os cavalos ou o gado nas pastagens.

Assim, quando anoiteceu, Doniphan, Briant, Wilcox, Baxter, Webb, Cross e Service foram postar-se nas proximidades de um covert — nome que se dá, no Reino Unido, a grandes espaços de terreno semeados de moitas e de sarças. Este covert estava situado próximo de Traps-woods, do lado do lago.

Phann não acompanhou os caçadores. Podia servir-lhes de obstáculo dando sinal de si às raposas. Não se tratava, além disso, de farejar uma pista. De mais a mais, mesmo quando está aquecida pela carreira, a raposa não deixa rasto algum atrás de si, ou, pelo menos, as emanações são tão ligeiras que os melhores cães não podem reconhecê-las.

Eram onze horas quando Doniphan e os seus camaradas se puseram de emboscada entre os maciços de urzes bravas que cercavam o covert.

A noite estava muito sombria. Um profundo silêncio, que não era perturbado pela mais leve aragem, permitia que se ouvisse o deslizar das raposas pelas ervas secas.

Um pouco depois da meia-noite, Doniphan indicou a aproximação de um bando destes animais, que atravessavam o covert para irem matar a sede ao lago.

Os caçadores esperaram, não sem impaciência, que estivessem reunidas em número de vinte, pouco mais ou menos — o que levou um certo tempo, porque elas não avançavam senão com prudência, como se pressentissem alguma cilada. De repente, a um sinal de Doniphan, dispararam-se uns poucos de tiros. Todos acertaram. Cinco ou seis raposas caíram no solo, enquanto que as outras, correndo para a direita e para a esquerda, como doidas, foram quase todas feridas mortalmente.

Quando rompeu o dia, acharam-se dez destes animais estendidos entre as ervas do covert. E, como a matança continuou durante três noites consecutivas, a pequena colônia viu-se em breve livre destas visitas perigosas, que ameaçavam a vida dos hóspedes do cerrado. Além disso, ganharam no fim umas cinquenta peles de um pardo-prateado, muito bonitas, que, ou para tapetes, ou para abafos, seriam muito úteis em French-den.

No dia 15 de dezembro, grande expedição a Sloughi-bay. Como o tempo estava muito bom, Gordon resolveu que todos tomassem parte nela — o que foi recebido pelos mais novos com grandes demonstrações de alegria.

Era provável que, partindo ao romper do dia, pudessem regressar antes da noite. Se houvesse alguma demora, acampar-se-ia debaixo das árvores.

Esta expedição tinha por objetivo principal uma caçada às focas que frequentavam o litoral de Wreck-coast na época dos frios. Efetivamente, a iluminação, de que muito se usou durante as tardes e as noites deste longo inverno, estava quase no fim. Da provisão de velas fabricadas pelo náufrago francês já não restavam senão duas ou três dúzias. Quanto ao azeite contido nos barris do Sloughi, e que servia para a alimentação dos faróis do hall, a maior parte dele estava gasto, e Isto preocupava seriamente Gordon.

É verdade que Moko pudera pôr de reserva uma certa quantidade do sebo que lhe fornecia a caça,

ruminantes, roedores ou voláteis; mas esse mesmo esgotar-se-ia rapidamente pelo consumo diário. Ora, não seria possível substituí-lo por qualquer substância que a Natureza desse já preparada, ou pouco menos? À falta de azeite vegetal, a pequena colônia não poderia arranjar uma reserva, por assim dizer infinita, de azeite animal?

Sim, com certeza, se os caçadores conseguissem matar um certo número daquelas focas, daquelas otárias de peles, que iam folgar para o banco de recifes de Sloughi-bay durante a estação quente. Era preciso, mesmo, andar depressa, porque estes anfíbios não tardariam em ir procurar águas mais meridionais nas paragens do oceano Antártico.

Como se vê, a expedição projetada tinha muita importância, e os preparativos fizeram-se de maneira que pudesse dar um bom resultado.

Havia algum tempo que Service e Garnett se aplicavam com êxito a ensinar os dois guanacos como bestas de tiro. Baxter fabricara-lhes um cabresto de ervas, metidas em pano grosso de velas, e, se ainda não se montava neles, podia-se, pelo menos, atrelá-los ao carro. Sempre era melhor do que atrelarem-se os rapazes a si mesmos.

Nesse dia, o carro foi carregado de munições, provisões e diferentes utensílios, entre outros, uma grande vasilha de cobre e meia dúzia de barris vazios, que voltariam cheios de óleo de foca. Efetivamente, era melhor despedaçar logo aqueles animais do que trazê-los para French-den, onde o ar seria empestado por cheiros insalubres.

A partida efetuou-se ao nascer do Sol, e a marcha fez-se sem dificuldade durante as duas primeiras horas. Se o carro não ia muito depressa, era porque o solo desigual da margem direita do rio Zealand não se prestava à tração dos guanacos. Mas onde se tornou muito difícil a marcha foi quando o pequeno rancho contornou o pântano de Bog-woods, entre as árvores da floresta. As pernitas de Dole e de Costar sentiram-se fatigadas. Por isso, Gordon, a pedido de Briant, permitiu-lhes que tomassem lugar no carro, a fim de descansarem sem se perder tempo.

Perto das oito horas, enquanto os guanacos costeavam penosamente os limites do pântano, os gritos de Cross e de Webb, que marchavam um pouco adiante, fizeram acudir Doniphan, primeiro, e os outros logo em seguida.

No meio do lodo de Bog-woods, a uma distância de cem passos, revolvia-se um animal enorme, que o pequeno caçador reconheceu imediatamente. Era um hipopótamo, gordo e rosado. Felizmente para ele, desapareceu debaixo dos montes espessos do pântano antes que fosse possível fazer pontaria. Além disso, para que se havia de disparar um tiro de espingarda tão inutilmente!

— Que animal é aquele, tão grande? — perguntou Dole, muito inquieto só de avistá-lo.

— É um hipopótamo — informou Gordon.

— Um hipopótamo!... Que nome tão esquisito! como quem diz um cavalo-marinho — ensinou Briant.

— Mas não se parece com um cavalo! — observou Costar.

— Não — exclamou Service —, parece-me que seria mais razoável chamar-lhe porcopótamo!

Esta reflexão não deixava de ser acertada e provocou o riso alegre dos pequenos.

Eram pouco mais de dez horas da manhã quando Gordon desembocou na praia de Sloughi-bay. Pararam junto da margem do rio, no lugar onde se estabelecera o primeiro acampamento durante a demolição do iate.

Estavam aí umas cem focas, saltando entre as rochas ou aquecendo-se ao sol. Havia até algumas que brincavam na areia, para cá do cordão de recifes.

Estes anfíbios deviam estar pouco familiarizados com a presença do homem. Talvez até nunca tivessem visto seres humanos, porque, depois da morte do náufrago francês, haviam decorrido mais de vinte anos. Por isso, apesar de ser uma precaução usada pelos anfíbios, ao serem perseguidos nas paragens árticas ou antárticas, os mais velhos do bando não estavam de sentinela a fim de escaparem ao perigo. Contudo, era preciso evitar assustá-los prematuramente, pois de contrário desapareceriam daquele lugar rapidamente.

Primeiro, logo que chegaram defronte de Sloughi-bay, os moços colonos dirigiram o olhar para aquele horizonte amplamente recortado entre American-cape e False-Sea-point.

O mar estava absolutamente deserto. Podia-se reconhecer uma vez mais que aquelas paragens pareciam estar situadas fora das estradas marítimas.

Todavia, era possível que passasse algum navio por um ponto donde se avistasse a ilha. Nesse caso, um posto de observação, estabelecido no cume de Auckland-hill ou mesmo no alto do cabeço de False-Sea-point — para o qual se içaria um dos canhões da escuna —, seria melhor para atrair a atenção do que o mastro de sinais. As isso obrigava a permanecer-se dia e noite nesse posto, e, por consequência, longe de French-den. Gordon considerava, pois, esta medida como impraticável. O próprio Briant, que andava sempre preocupado com a questão de regressar à pátria, concordou nisto. Era pena que French-den não estivesse situada deste lado de Auckland-hill, em frente de Sloughi-bay!

Depois de um almoço rápido, no momento em que o sol do meio-dia convidava as focas a aquecerem-se na praia, Gordon, Briant, Doniphan, Cross, Baxter, Wilcox, Garnett e Service prepararam-se para lhes dar caça. Durante esta operação, Iverson, Jenkins, Jaime, Dole e Costar deviam ficar no acampamento, sob a vigilância de Moko — ao mesmo tempo que Phann, que não convinha largar no meio do bando de anfíbios. Além disso, teriam de vigiar os dois guanacos, que se puseram a pastar debaixo das primeiras árvores da floresta.

Todas as armas de fogo da colónia, espingardas e revólveres, tinham vindo com munições em quantidade suficiente, que Gordon não regateara desta vez, porque se tratava de interesse geral.

Era preciso tratar, primeiro que tudo, de cortar a retirada às focas pelo lado do mar. Doniphan, a quem os seus camaradas encarregaram, voluntariamente, de dirigir a manobra, convidou-os a descerem o rio até à embocadura, ocultando-se ao abrigo da praia. Em seguida, feito isto, seria fácil caminhar ao longo dos recifes, de maneira a cercar a praia.

Este plano foi executado com muita prudência. Os nossos caçadores, espalhados de trinta a quarenta

passos uns dos outros, formaram, em breve, um semicírculo entre a praia e o mar.

Então, a um sinal dado por Doniphan, ergueram-se todos ao mesmo tempo, as detonações ressoaram simultaneamente e cada tiro fez uma vítima.

As focas que tinham escapado ergueram-se, agitando a cauda e as barbatanas. Em seguida, assustadas, sobretudo com o ruído das detonações, precipitaram-se, saltando, para os recifes.

Perseguram-nas a tiro de revólver. Doniphan, todo entregue aos seus instintos, fazia maravilhas, enquanto os seus camaradas o imitavam o melhor que podiam.

Esta matança durou apenas alguns minutos, posto que os anfíbios fossem perseguidos até ao pontalete das últimas rochas. Os sobreviventes desapareceram para além destas, deixando na praia uns vinte mortos ou feridos.

A expedição tivera, portanto, bom resultado, e os caçadores, regressando ao acampamento, instalaram-se debaixo das árvores, de maneira que pudessem passar aí trinta e seis horas.

A tarde empregou-se num trabalho que não deixava de ser muito repugnante. O próprio Gordon tomou parte nele, e, como era uma tarefa Indispensável, todos se entregaram a ela resolutamente. Primeiro foi preciso trazer para a praia as focas que tinham caído entre os recifes. Isto não se fez sem custo, apesar de todos estes animais serem de tamanho regular.

Durante este tempo, Moko tinha colocado a vasilha de cobre por cima de uma fogueira, estabelecida entre duas grandes pedras. Os quartos de foca, cortados em bocados de cinco a seis libras cada um, foram depositados na vasilha, que se enchera previamente de água doce, tirada do rio, à hora da maré baixa. Alguns minutos foi o suficiente para a fervura produzir um óleo claro, que sobrenadou à superfície, e com o qual se encheram todos os barris.

Este trabalho tornava-se verdadeiramente insuportável pela infeção que espalhava. Todos tapavam o nariz, mas não os ouvidos — podendo assim ouvir os gracejos que esta operação desagradável provocava. Até o delicado lord Doniphan teve de se resignar a este trabalho, que continuou no dia seguinte.

No fim do segundo dia, Moko juntara assim muitas centenas de galões de óleo. Esta quantidade pareceu suficiente; porque a iluminação de French-den ficava assegurada para todo o inverno próximo. Além disso, as focas não voltavam aos recifes nem à praia, e não tornariam, decerto, a frequentar o litoral de Sloughi-bay enquanto o tempo não lhes dissipasse o terror.

O acampamento levantou-se no dia seguinte, de madrugada — com satisfação geral, podemos afirmar.

Na véspera, à noite, o carro tinha sido carregado de barris, de ferramentas e de utensílios. Como devia estar mais pesado do que quando viera, os dois guanacos não poderiam puxá-lo muito depressa, porque o solo subia sensivelmente na direção do Family-lake.

No momento da partida, não se ouviram senão gritos atroadores de mil aves de rapina, busardos e falcões, que vinham do interior da ilha, atraídos pelos restos das focas, das quais não restaria, em breve, o mais leve vestígio.

Então, depois de uma saudação à bandeira do Reino Unido, que flutuava no cume de Auckland-hill, depois do último olhar lançado para o horizonte do Pacífico, o pequeno rancho pôs-se a caminho, subindo a margem direita do rio Zealand.

O regresso não foi marcado por incidente algum. Apesar das dificuldades do caminho, os guanacos desempenharam tão bem o seu papel e os mais velhos ajudaram-nos tanto nas passagens difíceis que entraram todos em French-den antes das seis horas da tarde.

Os dias seguintes foram consagrados aos trabalhos do costume. Experimentou-se o óleo de foca nas lâmpadas dos faróis e verificou-se que a luz dada por ele, apesar de ser muito medíocre, era suficiente para a iluminação do hall e de Store-room. Portanto, já não havia que recear a escuridão durante os longos meses do inverno.

Entretanto, Christmas-day (*dia de Natal*), festejado tão alegremente pelos Anglo-Saxónicos, aproximava-se. Gordon quis, com razão, que o celebrassem com certa solenidade. Seria como que uma recordação dirigida à pátria, uma saudação do coração para as famílias ausentes! Ah! Se estas crianças pudessem fazer-se ouvir, como gritariam: «Estamos aqui... todos! vivos, com saúde... Tornar-nos-emos a ver!... Deus há de conduzir-nos ao nosso país!»

Sim!... Elas podiam ainda ter uma esperança, enquanto que as suas famílias já haviam desistido completamente, lá em Auckland, de tornar a vê-las!

Gordon anunciou, pois, que nos dias 25 e 26 de dezembro haveria feriado em French-den. Os trabalhos seriam suspensos durante esses dois dias. Celebrar-se-ia este primeiro Christmas na ilha Chairman como em outros países da Europa se festeja o primeiro dia do ano.

Imagina-se facilmente como esta proposta foi recebida! É inútil dizer que no dia 25 haveria um banquete aparatoso, para o qual Moko prometia maravilhas. Assim, Service e ele não cessavam de conferenciar misteriosamente a este respeito, enquanto Dole e Costar, cheios de curiosidade, diligenciavam surpreender o segredo das suas deliberações. A despensa estava bem abastecida para fornecer os elementos de um banquete solene.

O grande dia chegou.

Por cima da porta do hall, do lado de fora, Baxter e Wilcox tinham disposto artisticamente a série de bandeiras, galhardetes e pavilhões do Sloughi, o que dava um ar de festa a French-den.

Pela manhã, um tiro de canhão despertou ruidosamente os ecos de Auckland-hill. Era uma peça encostada à canhoneira do hall, que Doniphan acabava de disparar em honra do Natal.

Os pequenos vieram logo desejar boas-festas, que os outros lhes retribuía afetosamente. Houve até um cumprimento dirigido ao chefe da ilha Chairman, recitado por Costar, que se saiu menos mal do caso.

Todos tinham vestido o seu fato melhor para a circunstância. Como o tempo estava magnífico, antes e depois do almoço houve passeio ao longo do lago, jogos diversos em Sport-terrace, nos quais todos quiseram tomar parte. Eles haviam levado de bordo do iate todos os brinquedos especiais tão usados na Inglaterra. Eram bolas, pelias, bastões, raquetas — para golfe, que consiste em enviar bolas de cauchu

para diferentes buracos abertos a grande distância; para o futebol, cuja bola de couro é atirada com o pé; para os bozuls, bolas de bilhar feitas de madeira, que se atiram à mão, e das quais se deve corrigir habilmente o desvio, devido à sua forma oval; e, finalmente, para as fives, que fazem lembrar o jogo da pela atirada à parede.

O dia foi bem preenchido. Os mais pequenos, sobretudo, não perderam o tempo. Tudo correu bem. Não houve questões nem zangas. É verdade que Briant encarregara-se particularmente de divertir Dole, Costar, Iverson e Jenkins — sem conseguir que seu irmão Jaime se juntasse a eles —, enquanto Doniphan e os seus companheiros do costume, Webb, Cross e Wilcox, faziam rancho à parte, apesar das observações do prudente Gordon.

Finalmente, quando a hora de jantar foi anunciada por nova descarga de artilharia, os moços convivas foram, alegremente, tomar lugar no banquete, servido no refeitório de Store-room.

No centro da grande mesa, coberta por uma bela toalha branca, estava uma árvore de Natal, plantada num grande vaso, rodeado de verdura e de flores. Dos ramos estavam suspensas bandeirinhas com as cores reunidas da Inglaterra, da América e da França.

Moko, realmente, excedera-se na confeção do banquete, e ficou muito orgulhoso com os cumprimentos que lhe foram dirigidos, assim como a Service, seu amável colaborador. Uma cutia estufada, um guisado de tinamus, uma lebre assada, recheada de ervas aromáticas, uma abetarda, com as asas levantadas e o bico para o ar, como um faisão guarnecido, três caixas de legumes de conserva, um pudim — e que pudim! — disposto em forma de pirâmide, com as passas de Corinto tradicionais misturadas com frutos de alfarraba, e que estava metido num banho de brandy havia uma semana; depois, alguns copos de Bordéus, de sherry, de licores, chá, café à sobremesa, era suficiente, parece-me, para festejar condignamente a solenidade do Natal na ilha Chairman.

Briant fez um *toast* cordial a Gordon, que lhe respondeu bebendo à saúde da colónia e à das famílias ausentes.

Finalmente — o que comoveu mais —, Costar levantou-se e, em nome dos mais novos, agradeceu a Briant a sua dedicação por eles, de que tinham recebido tantas provas.

Briant não pôde deixar de sentir uma comoção profunda, quando os hurras ressoaram em sua honra — hurras que, porém, não acharam eco no coração de Doniphan.

Capítulo II

Oito dias depois começava o ano de 1861, e, para esta parte do hemisfério austral, o novo ano começa em pleno verão.

Havia perto de dez meses que os moços náufragos do Sloughi tinham sido arremessados à ilha, a mil e oitocentas léguas da Nova Zelândia! É forçoso reconhecer que, durante este período, a sua situação melhorara pouco a pouco. Parecia mesmo que tinham a certeza de poderem satisfazer todas as necessidades da vida material. Mas sempre era o abandono numa terra desconhecida! Os socorros de fora — os únicos que eles podiam esperar — chegariam agora, antes que o bom tempo acabasse? A colónia estaria condenada a sofrer os rigores de um segundo inverno antártico? Até aqui, a doença não se fizera sentir. Todos, pequenos e grandes, tinham passado o melhor possível. Graças à prudência de Gordon, que os vigiava rigorosamente — o que às vezes provocava recriminações contra a sua severidade —, não se tinha cometido negligência alguma. No entanto, não se devia contar com as afeições a que raras vezes escapam as crianças desta idade, principalmente as mais novas? Enfim, se o presente era aceitável, o futuro apresentava muitas inquietações. Briant queria deixar a ilha Chairman a todo o custo, e pensava nisso sem cessar! Ora, com a única embarcação que possuíam, com a frágil canoa, como haviam de arriscar-se a empreender uma travessia que podia ser longa, se a ilha não pertencesse a algum dos grupos do Pacífico, ou se o continente mais próximo se achasse a algumas centenas de milhas? Mesmo que dois ou três dos mais ousados se prontificassem a ir procurar uma terra a leste, havia tantas probabilidades de não a alcançarem! Quanto a construírem um navio com o tamanho suficiente para atravessar estas paragens do Pacífico, podê-lo-iam? Não, decerto! Isso era superior às suas forças, e Briant não sabia o que havia de imaginar para a salvação de todos! Portanto, esperar, esperar ainda, e trabalhar para tornar a instalação em French-den mais confortável — não havia outra coisa a fazer. Depois, se não fosse este verão, porque o trabalho era urgente, prevendo a estação do frio, pelo menos, no verão próximo, os moços colonos acabariam por reconhecer inteiramente a ilha.

Todos se puseram a trabalhar com afinco. A experiência já tinha mostrado o que eram os rigores do inverno nesta latitude. Durante semanas, e até meses, seriam obrigados pelo mau tempo a estar encarcerados no hall, e era prudente precaverem-se contra o frio e a fome — os dois Inimigos mais temíveis.

Combater o frio em French-den era questão apenas de combustível, e o outono, por muito curto que fosse, não acabaria antes de Gordon ter armazenado bastante lenha para alimentar os fogões de dia e de noite. Mas não se devia pensar também nos animais domésticos, que estavam no cerrado e na capoeira? Abrigá-los em Store-room seria um incómodo excessivo, e até uma imprudência debaixo do ponto de vista higiénico. Portanto, era necessário tornar o alpendre do cerrado mais habitável, defendê-lo contra

as temperaturas baixas, aquecê-lo, conservando lá uma fogueira que pudesse manter sempre o ar interior num grau suportável. Foi a isso que se aplicaram Baxter, Briant, Service e Moko durante o primeiro mês do novo ano.

Quanto à questão, não menos grave, da alimentação para todo o período invernos, Doniphan e os seus companheiros de caça encarregaram-se de resolvê-la. Visitavam todos os dias as armadilhas, os laços e as redes. O que não servia para consumo diário ia aumentar as reservas da despensa, em forma de carnes salgadas ou secas, que Moko preparava com grande cuidado.

Assim, o alimento estava certo, por muito longo e rigoroso que o inverno fosse.

Entretanto, tornava-se necessária outra exploração: era a que teria por fim reconhecer, não os territórios desconhecidos da ilha Chairman, mas, pelo menos, a parte compreendida a leste de Family-lake. Compor-se-ia de florestas, de pântanos ou de dunas? Apresentaria novos recursos que pudessem ser utilizados?

Um dia Briant conferenciou com Gordon a este respeito, encarando-o, além disso, de outra maneira.

— Posto que o mapa do naufrago Baudoin fosse feito com uma certa exatidão, que pudemos verificar — ponderou ele —, não seria mau tomar conhecimento do Pacífico, a leste. Temos à nossa disposição óculos excelentes que o meu compatriota não possuía, e quem sabe se avistaríamos terras que ele não pôde ver? O seu mapa apresenta a ilha Chairman como isolada nestas paragens, e talvez não o esteja!

— Continuas com a tua ideia — observou-lhe Gordon — e tarda-te partir?...

— Sim, Gordon, e tenho a certeza de que pensas como eu! O fim de todos os nossos esforços não deve ser voltar à pátria o mais breve possível?

— Sim — concordou Gordon — e, já que o desejas, organizaremos uma expedição...

— E todos tomarão parte nela? — perguntou Briant.

— Não. Parece-me que seis ou sete dos nossos camaradas...

— Ainda é muito, Gordon! Sendo tantos, não poderiam fazer outra coisa senão rodear o lago pelo norte ou pelo sul, e isso talvez exigisse muito tempo e muita fadiga!

— Então o que propões, Briant?

— Proponho que se atravesse o lago na canoa, partindo de French-den, a fim de chegar à margem oposta, e, para isso, irem só dois ou três.

— E quem dirige a canoa?

— Moko — respondeu Briant. — Sabe manobrar uma embarcação, e eu mesmo percebo alguma coisa disso. Com a vela, se o vento for bom, ou com dois remos, se for contrário, podemos transpor facilmente as cinco ou seis milhas que o lago mede na direção do curso de água, que, segundo as indicações do mapa, atravessa as florestas do leste, e desceremos até à embocadura.

— Está dito, Briant — decidiu Gordon —, aprovo a tua ideia. E quem acompanha Moko?

— Eu, Gordon, porque não fiz parte da expedição ao norte do lago. Devo tornar-me útil... é a minha vez... Reclamo-a...

— Útil! — exclamou Gordon. — Não nos tens prestado mil serviços, meu caro Briant? Não te tens sacrificado mais do que qualquer outro? Não tens já direito ao nosso reconhecimento?

— Ora vamos, Gordon! Todos nós temos feito o nosso dever! Então está combinado?

— Está combinado, Briant. Quem escolhes para terceiro companheiro de jornada? Não te proponho Doniphan, porque não se dão bem..

— Oh! Aceitá-lo-ia de boa vontade! — declarou Briant. — Doniphan não tem mau coração, é corajoso, hábil, e se não fosse o seu carácter invejoso era um excelente camarada. Além disso, corrigir-se-á a pouco e pouco, quando tiver compreendido que eu não quero governar nem humilhar ninguém, e estou certo de que nos tornaremos os melhores amigos do mundo. Mas já pensei noutra companheiro de viagem.

— Quem?

— Meu irmão Jaime — declarou Briant. — O seu estado inquieta-me cada vez mais. É evidente que cometeu alguma falta grave que não quer confessar. Talvez, durante esta excursão, estando só comigo...

— Tens razão, Briant. Leva Jaime, e começa já hoje os teus preparativos de viagem.

— Não levarei muito tempo — respondeu Briant —, porque a nossa ausência não deve durar mais de dois ou três dias.

Gordon deu parte, nesse mesmo dia, da expedição projetada. Doniphan mostrou-se muito despeitado por não tomar parte nela, e, queixando-se a Gordon, este fez-lhe compreender que, nas condições em que devia ser feita, esta expedição não exigia mais de três pessoas, e, como a ideia era de Briant, pertencia-lhe a ele pô-la em execução, etc.

— Enfim — resmungou Doniphan —, as ideias são sempre dele; não é verdade, Gordon?

— És injusto, Doniphan, injusto para com Briant e até para comigo!

Doniphan não insistiu, e foi reunir-se aos seus amigos Wilcox, Cross e Webb, com os quais pôde expandir à vontade o seu mau humor.

Quando o grumete soube que ia trocar momentaneamente as funções de cozinheiro pelas de patrão da canoa, não pôde ocultar o contentamento. Além disso, acompanhar Briant dava-lhe um prazer particular. O seu substituto no fogão de Store-room seria Service, que se regozijava com a ideia de poder guisar a capricho, sem ser ajudado por pessoa alguma. Quanto a Jaime, a proposta de acompanhar o irmão e deixar French-den por alguns dias pareceu agradar-lhe.

A canoa foi logo posta em estado de servir. A sua armação era a velazinha latina, que Moko envergou e enrolou ao longo do mastro. Duas espingardas, três revólveres, munições em quantidade suficiente, três cobertores de viagem, provisões líquidas e sólidas, capotes de oleado para o caso de chover, dois remos, com um par de reserva, era todo o material necessário para uma expedição que não devia durar muito — não esquecendo a cópia que se fizera do mapa do naufrago, e à qual se acrescentariam novos nomes à medida que se fizessem descobertas.

No dia 4 de fevereiro, pelas oito horas da manhã, Briant, Jaime e Moko, depois de se terem

despedido dos seus camaradas, embarcaram na represa do rio Zealand. O tempo estava bom — corria uma leve brisa do sudoeste. A vela foi içada, e Moko, colocado na ré, pegou na cana do leme, deixando a Briant o cuidado de dirigir a escota. Posto que a superfície do lago fosse apenas enrugada por sopros intermitentes, a canoa sentiu mais vivamente o efeito da brisa quando se achou um pouco ao largo. A sua rapidez aumentou. Meia hora depois, Gordon e os outros já não distinguiam senão um ponto negro, que ia em breve desaparecer.

Moko ia na ré, Briant no meio, e Jaime colocara-se na proa, junto do mastro. Durante uma hora avistaram-se as cristas elevadas de Auckland-hill; depois desapareceram no horizonte. Contudo, a margem oposta do lago não se distinguia ainda, apesar de não dever estar longe. Infelizmente, como acontece de ordinário, quando o sol toma forças, o vento mostrou tendência para abrandar, e pelo meio-dia não se manifestou senão por algumas rajadas caprichosas.

— É pena — disse Briant — que a brisa não se conservasse durante o dia!...

— Ainda era pior, Sr. Briant — respondeu Moko —, se ela se tivesse tornado contrária!

— És filósofo, Moko!

— Não sei o que essa palavra quer dizer —olveu o grumete.

— O meu costume é tirar sempre partido de tudo o que sucede.

— Isso exatamente é que é filosofia!

— Pois seja filosofia, e vamos aos remos, Sr. Briant. Era bom que chegássemos à outra margem antes da noite. No fim de contas, se não chegarmos, o que há a fazer é ter resignação.

— Dizes bem, Moko. Vou pegar num remo, tu pegas noutro, e Jaime vai para o leme.

— Assim mesmo — aprovou o grumete. — E se o Sr. Jaime dirigir bem, faremos boa viagem.

— Tu ensinas-me, Moko — redarguiu Jaime —, e eu farei por manobrar o melhor que puder.

Moko amainou a vela, que nem já se movia, porque o vento cessara de todo. Os três rapazes foram comer alguma coisa. Em seguida, o grumete colocou-se na proa, enquanto Jaime se sentava na ré, ficando Briant no meio. A canoa, levada com vigor, dirigiu-se um pouco obliquamente para o nordeste, segundo indicava a bússola.

A embarcação achava-se então no centro daquela vasta extensão de água, como se estivesse em pleno mar, porque a superfície do lago era limitada por uma linha periférica de céu. Jaime olhava atentamente na direção de leste, para ver se a costa aparecia do lado oposto a French-den.

Pelas três horas, o grumete pegou no óculo e pôde afirmar que distinguia indícios de terra.

Um pouco mais tarde, Briant verificou que Moko não se enganara. Às quatro horas apareciam copas de árvores por cima de uma margem muito baixa — o que explicava a razão porque Briant não pudera distingui-la do cume de False-sea-point. Assim, a ilha Chairman não tinha outras elevações além das de Auckland-hill, que a acidentavam entre Sloughi-bay e Family-lake.

Mais duas milhas e meia ou três milhas e alcançava-se a margem oriental. Briant e Moko manejavam os seus remos com ardor, não sem alguma fadiga, porque o calor era muito. A superfície do lago estava

lisa como um espelho. A água, muito límpida, deixava ver a doze ou quinze pés o fundo eriçado de árvores aquáticas, entre as quais se agitavam miríades de peixes.

Finalmente, pelas seis horas da tarde, a canoa abordou a uma praia, por cima da qual se inclinavam os ramos espessos das azinheiras e dos pinheiros marítimos. Esta praia, bastante elevada, não se prestava a um desembarque, e foi necessário segui-la, durante meia hora, pouco mais ou menos, subindo para o norte.

— Aqui está o rio que vem indicado no mapa — observou então Briant.

E apontava um alargamento da praia, por onde corria o excesso das águas do lago.

— Parece-me acertado pôr-lhe um nome — lembrou o grumete.

— Tens razão, Moko. Chamemos-lhe o East-river, porque corre ao oriente da ilha.

— Está dito — aceitou Moko — e agora não nos resta senão seguir a corrente de East-river e descê-la para chegar à sua embocadura.

— Amanhã faremos isso, Moko. É melhor passar a noite neste lugar. Ao romper do dia, deixaremos derivar a canoa, e poderemos assim reconhecer o território nas duas margens do rio.

— Desembarcamos?... — perguntou Jaime.

— Decerto — respondeu Briant —, e vamos acampar ao abrigo das árvores.

Briant, Moko e Jaime saltaram para a praia, que formava o fundo de uma pequena enseada. Depois de amarrarem a canoa solidamente a um tronco, tiraram de lá as armas e as provisões.

Acendeu-se uma boa fogueira de ramos secos junto de uma azinheira enorme. Ceam bolacha e carne fria, estenderam os cobertores no solo, e não precisaram de mais nada para adormecer profundamente. As armas tinham sido carregadas, na previsão de qualquer acontecimento; mas, apesar de se ouvirem alguns uivos ao cair da tarde, a noite passou-se sem novidade.

— Vamos, a caminho! — exclamou Briant, que foi o primeiro a acordar, às seis horas da manhã.

Em alguns minutos, tomaram todos três os seus lugares na canoa e deixaram-se ir na corrente do rio.

A corrente era já bastante forte — a maré baixava havia meia hora — para não ser necessário recorrer aos remos. Assim, Briant e Jaime tinham-se sentado na proa da canoa, enquanto Moko, instalado na ré, se servia de um dos remos como leme, a fim de manter a frágil embarcação na corrente.

— É provável — disse ele — que uma maré seja suficiente para nos levar até ao mar, se o East-river tem apenas cinco a seis milhas, porque a sua corrente é mais rápida do que a do rio Zealand.

— Deus queira — respondeu Briant. — À volta, parece-me que teremos necessidade de duas ou três marés...

— Decerto, Sr. Briant, e, se quiser, partiremos sem demora...

— Sim, Moko — aprovou Briant —, logo que tivermos visto se existe ou não alguma terra nas margens a leste da ilha Chairman.

Entretanto, a canoa deslizava com uma rapidez que Moko calculava em mais de uma milha por hora. Além disso, o East-river seguia uma direção quase retilínea, que foi marcada a es-nordeste, segundo a

bússola. O seu leito era mais profundo do que o do rio Zealand e também menos largo — apenas uns trinta pés —, o que explicava a rapidez do seu curso. O receio de Briant era que ele se transformasse em catadupas, em turbilhões, e não fosse navegável até à costa. Em todo o caso, tinham tempo de se prevenir, no caso de aparecer algum obstáculo.

Estava-se em plena floresta, no meio de uma vegetação muito espessa. Encontravam-se ali as mesmas espécies, pouco mais ou menos, que em Traps-woods, com a diferença de haver mais quantidade de azinheiras, sobreiros e pinheiros. Entre outras — apesar de estar menos familiarizado do que Gordon com as coisas da botânica. —, Briant reconheceu uma certa árvore da qual existem muitos exemplares na Nova Zelândia. Esta árvore, que abria os seus ramos a uns sessenta pés acima do solo, dava frutos cónicos, do comprimento de três a quatro polegadas, agudos na extremidade e cobertos por uma espécie de escama luzente.

— Deve ser o pinheiro pinhão! — exclamou Briant.

— Se não se engana, Sr. Briant — volveu Moko. —, paremos um momento. Vale a pena!

Uma pancada com o remo dirigiu a canoa para a margem esquerda. Briant e Jaime saltaram para a praia. Alguns minutos depois trouxeram uma farta colheita daqueles pinhões, cada um dos quais contém uma amêndoa de forma oval, envolvida numa película ligeira e perfumada como a avelã. Foi um achado precioso para os gulosos da colónia, e também porque estes frutos — o que Gordon lhes disse depois do regresso de Briant — produziam um óleo excelente.

Também era importante reconhecer se aquela floresta era tão abundante em caça como as outras situadas ao ocidente de Family-lake. Devia sê-lo, porque Briant viu passar por entre o mato um bando de nandus e de vicunhas espantadas, e até um casal de guanacos, que fugiam com rapidez incrível. Quanto aos voláteis, Doniphan, se ali estivesse, poderia disparar alguns tiros de espingarda. Mas Briant absteve-se de gastar inutilmente a sua pólvora, pois a canoa continha provisões em quantidade suficiente.

Pelas onze horas, era evidente que o maciço de árvores tendia a tornar-se menos espesso. Algumas clareiras arejavam o interior do bosque. Ao mesmo tempo, a brisa impregnava-se de um perfume salino, que indicava a proximidade do mar.

E, alguns minutos mais tarde, bruscamente, para além de um grupo de azinheiras magníficas, apareceu uma linha azulada no horizonte.

A corrente ia levando sempre a canoa — com menos rapidez, é verdade. As ondas iam fazer-se sentir no leito do East-river, então da largura de quarenta a cinquenta pés.

Chegando junto dos rochedos que se erguiam no litoral, Moko impeliu a canoa para a margem esquerda; em seguida, deitando a ancoretta a terra, enterrou-a solidamente na areia, enquanto Briant e seu irmão desembarcavam atrás dele.

Que aspeto tão diferente do que apresentava a costa a oeste da Ilha Chairman! Aqui abria-se uma baía profunda e exatamente à altura de Sloughi-bay; mas, em lugar de uma grande praia de areia, cercada por um cordão de recifes, limitada pela penedia que se erguia no plano posterior de Wreck-coast, era uma

acumulação de rochas, no meio das quais Briant verificou que poderia encontrar vinte grutas em cada uma.

Esta costa era, pois, muito habitável, e se a escuna tivesse encajado neste ponto, e o seu desencalhe tivesse sido praticável, ter-se-ia abrigado na embocadura do East-river, num pequeno porto natural, onde não faltava a água, mesmo com a maré baixa.

Ao princípio, Briant dirigira a vista para o largo, para o extremo horizonte daquela vasta baía. Desenvolvida num setor de quinze milhas, pouco mais ou menos, entre dois cabos arenosos, merecia o nome de golfo.

Naquele momento, a baía estava deserta — como sempre, decerto. Não se avistava um navio, nem mesmo no seu perímetro, tão claramente recortado no fundo do céu! De terra ou ilha, nem sequer a aparência! Moko, habituado a reconhecer os lineamentos vagos das alturas, que se confundem muitas vezes com os vapores do largo, não descobriu coisa alguma com o óculo. A ilha Chairman parecia estar tão isolada nas paragens de leste como nas de oeste.

E eis porque o mapa do naufrago francês não indicava terra alguma naquela direção.

Dizer que Briant ficou muito desapontado seria exagerar.

Não! Já esperava isto. Assim, achou muito simples dar àquela chanfradura da costa o nome de Deception-bay (*baía da Deceção*).

— Vamos! — disse ele. — Não é ainda por este lado que podemos voltar.

— Ora, Sr. Briant — respondeu Moko —, volta-se sempre, ou por um caminho ou por outro! Entretanto, parece-me que são horas de almoçar...

— Pois sim — concordou Briant —, e depressa. A que horas poderá a canoa subir o East-river?

— Se quiséssemos aproveitar a maré, devíamos embarcar imediatamente.

— É impossível! Quero observar o horizonte em condições mais favoráveis e do alto de algum rochedo que domine a praia.

— Então, Sr. Briant, seremos obrigados a esperar a maré próxima, que não se fará sentir no East-river antes das dez horas da noite.

— Tens receio de navegar durante a noite? — perguntou Briant.

— Não, e fá-lo-ei sem perigo — respondeu Moko —, porque temos lua-cheia. Além disso, o curso do rio é tão direito que é suficiente dirigir com um remo enquanto durar a enchente. Depois, quando a corrente descer, far-se-á a diligência para subi-la, ou, se for muito tarde, parar-se-á até romper o dia.

— Bem, Moko, está combinado. E, como temos umas doze horas diante de nós, aproveitemo-las para completar a nossa exploração.

Depois do almoço até à hora do jantar empregou-se o tempo todo em visitar aquela parte da costa, abrigada por maciços de árvores, que se juntavam mesmo ao pé das rochas.

A respeito de caça, parecia ser tão abundante como nos arredores de French-den, e Briant matou alguns tinamus para a refeição da noite.

O que caracterizava o aspeto daquele litoral era a acumulação de pedaços de granito. Desordem verdadeiramente grandiosa, aquele monte de rochedos gigantesco — espécie de campo de Karnak, cuja disposição irregular não era devida à mão do homem. Viam-se ali escavações profundas, que se chamam “chaminés” em alguns países célticos, e seria fácil instalarem-se entre as paredes delas. Não teriam faltado os *halls* nem os *store-rooms* para as necessidades da pequena colónia. Só num espaço de meia milha Briant achou uma dúzia destas escavações confortáveis.

Por isso Briant perguntava a si mesmo por que motivo o náufrago não se refugiara naquela parte da ilha Chairman. Quanto a havê-la visitado, não podia existir dúvida a esse respeito, porque as linhas gerais daquela costa figuravam com exatidão no mapa. Portanto, se não se achavam vestígios da sua passagem, é porque, provavelmente, Francisco Baudoin tinha escolhido domicílio em French-den antes de levar a sua exploração até ao território de leste, e, achando-se ali menos exposto às tempestades do largo, julgara conveniente ficar lá. Explicação muito plausível, no fim de contas, e que Briant julgou dever aceitar. Perto das duas horas, quando o Sol tinha passado o ponto mais elevado da sua carreira, pareceu ser ocasião favorável de proceder a uma observação rigorosa do mar, ao largo da ilha. Briant, Jaime e Moko tentaram então escalar um maciço penhascoso, que se assemelhava a um urso enorme. Este maciço elevava-se uns cem pés acima do pequeno porto, e não foi sem dificuldade que alcançaram o seu cume.

Daí, o olhar dominava a floresta que se estendia para o oeste até Family-lake, cuja superfície era oculta por uma vasta cortina de verdura. Ao sul, o território parecia sulcado de dunas amareladas, entrecortadas por alguns pinheiros negros, como nas áridas campinas dos países setentrionais. Ao norte, o contorno da baía terminava por uma ponta baixa, que formava o limite de uma vasta planície arenosa, situada para além da baía. Enfim, a ilha Chairman não era verdadeiramente fértil senão na parte central, onde a água doce do lago lhe derramava a vida, espalhando-se pelos diversos rios das suas duas margens.

Briant dirigiu então o óculo para o horizonte de leste, que se desenhava, naquele momento, com grande nitidez. Todo o território situado num raio de sete a oito milhas aparecia com certeza através da objetiva do instrumento.

Nada!... Nada, além do vasto mar, circunscrito pela linha contínua do céu!

Durante uma hora, Briant, Jaime e Moko não cessaram de observar atentamente, e iam descer para a praia quando Moko deteve Briant.

— Que é aquilo lá adiante!... — perguntou ele, estendendo a mão para nordeste.

Briant assestou o óculo sobre o ponto indicado.

Efetivamente, ali, um pouco acima do horizonte, brilhava uma mancha esbranquiçada que o olhar podia confundir com uma nuvem se o céu não estivesse completamente puro naquele momento. Além disso, depois de a ter observado com o óculo durante muito tempo Briant pôde afirmar que aquela mancha não mudava de lugar e que a sua forma não se alterava de modo algum.

— Não sei o que possa ser — disse ele. — Talvez uma montanha! Mas, ainda assim, uma montanha não tem semelhante aparência!

Alguns momentos depois, como o Sol declinava cada vez mais para o oeste, a mancha tinha desaparecido. Existiria algum território elevado, ou aquele colorido esbranquiçado seria apenas uma reflexão luminosa da água? Foi esta última hipótese que Jaime e Moko admitiram, posto que Briant entendesse dever conservar algumas dúvidas a este respeito.

Terminada a exploração, todos três voltaram para o pequeno porto, na embocadura do East-river, ao fundo do qual a canoa estava atracada. Jaime foi apanhar ramos secos debaixo das árvores; em seguida acendeu uma fogueira, enquanto Moko preparava o seu assado de tinamus.

Pelas sete horas, depois de terem comido com apetite, Jaime e Briant foram passear para a praia, esperando a ora da maré para embarcar.

Moko, pelo seu lado, subiu a margem esquerda do rio, onde havia muitos pinheiros pinhões, dos quais queria apanhar alguns frutos.

Quando voltou para a embocadura do East-river, começava a anoitecer. Ao longe, se o mar estava ainda iluminado pelos últimos raios solares que deslizavam pela superfície da ilha, o litoral já estava mergulhado numa escuridão quase completa.

No momento em que Moko chegou junto da canoa, Briant e o seu irmão ainda não tinham regressado. Não podiam estar longe, não havia motivo para inquietações.

Mas, de repente, Moko ficou muito surpreendido ao ouvir gemidos e exclamações. Não se enganava: era a voz de Briant.

Os dois irmãos correriam algum perigo? O grumete não hesitou em lançar-se para a praia, depois de ter passado as rochas que fechavam o porto.

Mas, de súbito, o que viu impediu-o de avançar mais.

Jaime estava agarrado aos joelhos de Briant!... Parecia Implorá-lo, pedir-lhe misericórdia!... Eram esses os gemidos que tinham chegado aos ouvidos de Moko.

O grumete queria retirar-se por discricção... Era tarde! Ouvira e compreendera tudo! Sabia agora qual era a falta que Jaime cometera, e da qual acabava de se acusar a seu Irmão! E este exclamava:

— Desgraçado!... O quê, foste tu.. tu que fizeste isso!... Tu és então a causa...

— Perdoa-me... meu irmão... Perdoa-me!

— Aí está porque te afastavas dos teus camaradas!... Porque tinhas medo deles!... Ah!... É preciso que eles nunca o saibam.. Não!... Nem uma palavra!... Nem uma palavra a ninguém!

Moko teria dado alguma coisa para não saber este segredo. Mas, agora, fingir ignorá-lo para com Briant custar-lhe-ia muito. Assim, alguns instantes depois, quando o achou só junto da canoa:

— Sr. Briant — disse ele —, ouvi...

— O quê? Sabes que Jaime?...

— Sei, Sr. Briant... E é preciso perdoar-lhe...

— Os outros perdoar-lhe-iam?...

— Talvez! — admitiu Moko. — Em todo o caso, melhor é que não saibam nada, e tenha a certeza de que me calarei!

— Ah! meu bom Moko! — murmurou Briant, apertando a mão do grumete.

Durante duas horas, até ao momento de embarcar, Briant não dirigiu a palavra a Jaime. Este conservou-se sentado ao pé de uma rocha, mais abatido depois de, cedendo às instâncias de seu irmão, ter confessado tudo.

Pelas dez horas, começando a maré a encher, Briant, Jaime e Moko tomaram lugar na canoa. Logo que a desamarraram, a corrente arrastou-a rapidamente. A Lua, que aparecera em seguida ao pôr do Sol, iluminava suficientemente o curso do East-river, para se poder navegar até à meia-noite e meia hora. A vazante, que começou então, obrigou a pegar nos remos e, durante uma hora, a canoa não subiu mais de uma milha.

Briant propôs então que se ancorasse até romper o dia, a fim de esperar a maré — o que se fez. Às seis horas da manhã continuou-se a travessia, e eram nove horas quando a canoa entrou nas águas de Family-lake.

Aí, Moko tornou a içar a vela, e, com uma leve brisa que lhe dava de través, meteu a proa em direção a French-den.

Perto das seis horas da tarde, depois de uma travessia feliz, durante a qual nem Briant nem Jaime tinham saído do seu mutismo, a canoa foi avistada por Garnett, que pescava nas bordas do lago. Alguns instantes mais tarde atracava ao dique e Gordon acolhia alegremente o regresso dos seus camaradas.

Capítulo III

Briant julgara conveniente guardar silêncio a respeito da cena surpreendida por Moko entre seu irmão e ele — mesmo em relação a Gordon. Quanto à descrição da exploração, fê-la aos seus camaradas, que estavam reunidos no hall.

Descreveu a costa oriental da ilha Chairman, em toda a parte que circunscrevia Deception-bay, o curso do East-river através das florestas próximas do lago, tão ricas de árvores verdejantes.

Afirmou que a instalação seria mais cômoda naquele litoral do que no do oeste, acrescentando que isso não era razão para se abandonar French-den. Pelo que dizia respeito àquela parte do Pacífico, não se avistava terra alguma.

Contudo, Briant mencionou a mancha esbranquiçada que distinguira ao longe, e cuja presença por cima do horizonte não podia explicar. Provavelmente, era apenas uma voluta de vapores, e era conveniente verificá-lo quando se tornasse a visitar Deception-bay. Finalmente, o que parecia muito certo era a ilha Chairman não estar próxima de terra alguma naquelas paragens, e era, com certeza, separada por muitas centenas de milhas do continente ou dos arquipélagos mais próximos.

Era necessário, pois, recomeçar corajosamente a luta pela vida, esperando que a salvação viesse de fora, que parecia pouco provável que os moços colonos pudessem obtê-la por suas mãos.

Todos se puseram ao trabalho.

Tomaram-se todas as medidas para se poder afrontar os rigores do inverno próximo. Briant aplicou-se a isso com mais zelo do que tivera até ali. Contudo, parecia estar menos comunicativo, e, a exemplo de seu Irmão, mostrava alguma tendência para se afastar dos outros rapazes.

Gordon, notando esta mudança de caráter, observou também que Briant procurava pôr Jaime à frente todas as vezes que era necessário mostrar coragem, afrontar algum perigo — o que Jaime aceitava imediatamente. No entanto, como Briant nunca disse nada que desse ocasião a ser interrogado, a esse respeito, por Gordon, este guardou silêncio, apesar de suspeitar que tinha havido qualquer explicação entre os dois irmãos.

O mês de fevereiro passou-se em trabalhos de diferentes géneros.

Wilcox descobriu grande número de salmões na água doce de Family-lake, e apanharam-se alguns por meio de redes estendidas de uma margem do rio Zealand para a outra.

A necessidade de conservá-los exigia grande quantidade de sal. Isto ocasionou muitas viagens a Sloughi-bay, onde Baxter e Briant estabeleceram uma pequena marinha de sal — um simples quadrado, aberto na areia, e no qual se depositava o sal, depois de as águas do mar se terem evaporado debaixo da ação dos raios solares.

Durante a primeira quinzena de março, três ou quatro dos moços colonos puderam explorar uma parte

da região pantanosa dos South-moors, que se estendia sobre a margem esquerda do rio Zealand.

Foi Doniphan quem se lembrou desta exploração, e Baxter, aconselhado por ele, fabricou alguns pares de andas, servindo-se para isso de restos do Sloughi. Como o pântano era coberto, em alguns pontos, por uma leve porção de água, as andas permitiam que passassem a pé enxuto até às superfícies sólidas.

No dia 17 de abril, pela manhã, Doniphan, Webb e Wilcox, depois de terem atravessado o rio na canoa, desembarcaram na margem esquerda. Traziam as espingardas a tiracolo. Doniphan armara-se até com o espingardão que o arsenal de French-den possuía, pensando que era uma ocasião excelente para se servir dele.

Logo que os três caçadores chegaram à praia, calçaram as andas, a fim de chegarem às elevações do pântano, que emergiam também do mar alto.

Phann acompanhava-os.

Esse não precisava de andas, e não tinha receio de molhar as patas, saltando através das poças de água.

Depois de terem percorrido uma milha na direção do sudoeste, Doniphan, Wilcox e Webb chegaram à parte seca do pântano. Tiraram então as andas, a fim de estarem mais à vontade para seguir a caça.

Daquela vasta extensão dos South-moors, o olhar não via o mar, a não ser a leste, onde a linha azul do mar se arredondava no horizonte.

Que quantidade de caça à superfície, narcejas, patos, francolins, tarambolas, cercetas e milhares desses patos negros, mais estimados pela plumagem do que pela carne, mas que, preparados convenientemente, dão um manjar muito aceitável!

Doniphan e os dois camaradas teriam podido atirar a centenas destas inumeráveis aves aquáticas, sem perderem um único grão de chumbo. Mas foram razoáveis e contentaram-se com algumas dúzias de voláteis que Phann rapidamente ia apanhar até ao meio dos grandes charcos do pântano.

Contudo, Doniphan teve grandes tentações de matar uns outros animais, que não poderiam figurar na mesa de Store-room, apesar de todo o talento culinário do grumete.

Eram alguns tinócoros, pertencentes à família dos pernaltas e das garças, ornados com um brilhante penacho de penas brancas.

Se o moço caçador se conteve — pois seria queimar pólvora sem resultado —, não sucedeu o mesmo quando avistou um bando de flamingos, de asas cor de fogo, que têm predileção pelas águas salobras, e cuja carne não é inferior à da perdiz. Estes voláteis, enfileirados em boa ordem, eram guardados por sentinelas, que deram sinal logo que sentiram o perigo.

À vista destes magníficos exemplares da ornitologia da ilha, Doniphan entregou-se aos seus instintos. Wilcox e Webb não foram mais prudentes do que ele. Correram, pois, todos três para aquele lado — inutilmente. Ignoravam que, se se tivessem aproximado sem serem vistos, podiam ter morto aqueles flamingos à sua vontade, porque as detonações deixavam-nos estupefactos, mas não os punham em fuga.

Portanto, foi em vão que Doniphan, Webb e Wilcox tentaram alcançar aqueles soberbos palmípedes, que mediam mais de quatro pés desde a extremidade do bico até ao fim da cauda.

As sentinelas tinham dado alarme e o bando desapareceu para o sul, antes de ser possível alcançá-lo, mesmo com a espingarda de grande alcance.

Contudo, os três caçadores voltaram com bastante caça para não terem que lastimar o seu passeio através dos South-moors. Chegando ao limite das poças de água, tornaram a pôr as andas e voltaram para a margem do rio, prometendo renovar uma excursão que os primeiros frios tornariam ainda mais frutuosa.

Além disso, Gordon não devia esperar que chegasse o inverno para pôr French-den em estado de lhe suportar os rigores.

Era necessário fazer boa provisão de combustível, a fim de ter certa a lenha para os currais e para a capoeira. Organizaram-se numerosas visitas para esse fim à entrada de Bog-woods.

O carro, puxado pelos dois guanacos, desceu e subiu a praia umas poucas de vezes por dia, durante uma quinzena.

E agora, ainda que o inverno durasse seis meses ou mais, com uma porção de lenha considerável e a reserva do óleo de foca, French-den não tinha que recear o frio nem a escuridão.

Estes trabalhos não impediam que se seguisse o programa organizado para a Instrução da pequena colónia.

Os mais velhos davam lição, alternadamente, aos mais pequenos.

Durante as conferências que se realizavam duas vezes — por semana, Doniphan continuava a ostentar a sua superioridade — o que não contribuía para que ele adquirisse muitos amigos.

Assim, à exceção dos seus partidários do costume, não era bem visto pelos outros. E, contudo, antes de dois meses, quando terminassem as funções de Gordon, Doniphan contava suceder-lhe como chefe da colónia. O seu amor-próprio dizia-lhe que tinha direito a esta situação. Não era uma verdadeira injustiça não ter sido eleito na primeira votação? Wilcox, Cross e Webb animavam desastrosamente estas ideias; sondavam, mesmo, o terreno a propósito da eleição futura e pareciam estar certos do triunfo.

Contudo, Doniphan não tinha a maioria entre os seus camaradas. Os mais novos, sobretudo, não pareciam dispostos a declarar-se por ele — nem também por Gordon.

Este via claramente toda a intriga, e, apesar de ser reelegível, não tinha empenho, como se sabe, em conservar esta situação. Compreendia que a severidade que mostrara durante “o seu ano de presidência” não podia granjear-lhe votos. As suas maneiras um pouco rudes, o seu espírito talvez excessivamente prático, tinham desagradado muitas vezes, e Doniphan esperava que esse desagrado lhe fosse proveitoso. Na época da eleição devia haver uma luta interessante de observar.

O que os pequenos censuravam, principalmente, a Gordon era a sua economia, muito rigorosa com respeito aos pratos doces. Além disso, repreendia-os quando eles não tinham cuidado no fato, quando entravam em French-den com uma nódoa ou um rasgão, e, sobretudo, com os sapatos esburacados —, o que exigia consertos incessantes e tornava muito grave esta questão de calçado.

E depois, por causa de botões perdidos, quantas repreensões, e, às vezes, quantos castigos! Esta questão de botões de casaco ou de calção era muito importante, e Gordon obrigava-os a apresentar todas as noites a conta do costume, senão eram privados de sobremesa ou presos toda a noite.

Briant então intercedia, ora por Jenkins, ora por Dole, e isto adquiria-lhe muita popularidade. Além disso, os pequenos sabiam que os dois funcionários da despensa, Service e Moko, eram dedicados a Briant, e, se este viesse a ser chefe da ilha Chairman, proporcionar-lhes-ia um futuro saboroso em que as gulodices não seriam poupadas!...

De que dependem as coisas neste mundo! Esta colónia de rapazes não era realmente a imagem da sociedade, e as crianças não têm tendência para se “fazerem homens”, mesmo no começo da vida?

Briant não se interessava por estas questões. Trabalhava sem descanso, não poupando seu irmão; eram sempre os primeiros a começar e os últimos a acabar, como se ambos tivessem mais particularmente um dever a cumprir.

Entretanto, os dias não eram consagrados inteiramente à instrução comum. O programa reservava algumas horas para o recreio.

Uma das condições para ter saúde é fazer uso dos exercícios de ginástica. Pequenos e grandes, todos tomavam parte neles. Trepavam às árvores, içando-se até aos primeiros ramos por meio de uma corda enrolada à roda do corpo. Saltavam grandes espaços com o auxílio de varas compridas. Banhavam-se nas águas do lago, e os que não sabiam nadar aprenderam depressa. Organizavam corridas com prémios para os que chegavam primeiro. Exercitavam-se no manejo das bolas e do lazzo.

Havia também alguns destes jogos muito usados pelos moços ingleses, e, além dos que já se mencionaram, o *cricket*, os *rounders*, nos quais a bola é arremessada por um grande pau em cima de cavilhas de madeira dispostas em cada um dos ângulos de um vasto pentágono regular, e os *quoits*, que exigem, particularmente, força no braço e golpe de vista.

Mas é necessário descrever este jogo com mais minuciosidade porque, um dia, foi causa de uma cena lamentável entre Briant e Doniphan.

Foi o dia 25 de Abril, à tarde. Divididos em dois campos, em número de oito, Doniphan, Webb, Wilcox e Cross, de um lado, Briant, Baxter, Garnett e Service, do outro, jogavam uma partida de *quoits* no prado de Sport-terrace.

Na superfície deste terreno plano tinham sido colocadas duas cavilhas, dois *hobs*, a cinquenta pés, pouco mais ou menos, uma da outra. Cada um dos jogadores estava munido de dois *quoits*, espécie de rodela de metal, com um buraco no centro, e mais delgadas na circunferência do que no meio.

Neste jogo, cada jogador deve atirar os seus *quoits* sucessivamente e com muita destreza, para eles poderem encaixar-se primeiro na primeira cavilha, e depois na segunda. Se consegue atingir um dos *hobs*, o jogador marca dois pontos, e quatro se consegue atingir dois. Quando os *quoits* chegam apenas a aproximar-se do *hob*, marca-se dois pontos pelos dois que estão mais perto do alvo, e um ponto se há apenas um *quoit* colocado em boa posição.

Naquele dia os jogadores estavam muito animados, e isto pelo facto de Doniphan estar num campo oposto ao de Briant, o que fazia com que todos tomassem um interesse extraordinário pelo jogo.

Já se tinham jogado duas partidas. Briant, Baxter, Service e Garnett tinham ganho a primeira, marcando sete pontos, enquanto que os seus adversários tinham ganho a segunda com seis, apenas.

Estava-se então a jogar *la belle*. Ora, os dois campos tinham chegado ambos a cinco pontos, e faltava só atirar dois *quoits*.

— É a tua vez, Doniphan — advertiu Webb —, aponta bem! É o nosso último *quoit*, e trata-se de ganhar!

— Não tenhas medo! — respondeu Doniphan.

E pôs-se em posição de atirar, com um dos pés colocado adiante do outro, a rodela na mão direita, o corpo um pouco inclinado, o busto levemente descaído sobre a ilharga esquerda, a fim de atirar com mais certeza.

Via-se que o vaidoso rapaz tinha verdadeiro desejo de ganhar, com os dentes cerrados, as faces um pouco pálidas, o olhar vivo e as sobrancelhas carregadas.

Depois de ter apontado cuidadosamente, balouçando a rodela, projetou-a horizontal e vigorosamente, porque o alvo estava colocado a uns cinquenta pés.

A rodela não alcançou a borda extrema do *hob*, e, em vez de se encaixar na cavilha, caiu no chão — o que não deu mais de seis pontos, ao todo.

Doniphan não pôde conter um gesto de despeito e bateu o pé, encolerizado.

— É pena — disse Cross —, mas não perdemos por isso, Doniphan!

— Não, decerto — acrescentou Wilcox —, e, a não ser que Briant encaixe o seu, não se pode fazer melhor.

Efetivamente, se a rodela que Briant ia atirar — era agora a sua vez — não se fixasse no *hob*, o seu campo perdia a partida, porque era quase impossível colocá-la mais perto do que a de Doniphan.

— Aponta bem!... Aponta bem! — recomendou Service.

Briant não respondeu, não querendo desagradar a Doniphan.

Não pensava senão numa coisa: ganhar a partida, ainda mais pelos seus camaradas do que por ele.

Colocou-se, portanto, em posição, e enviou com tanta certeza a sua rodela que esta foi encaixar-se no *hob*.

— Sete pontos! — exclamou Service com ar de triunfo. — Está ganha a partida, está ganha!

Doniphan adiantou-se vivamente.

— Não, a partida não está ganha! — disse ele.

— Porquê? — perguntou Baxter.

— Porque Briant fez trapaça!

— Trapaça? — respondeu Briant, que empalideceu ao ouvir esta acusação.

— Sim!... trapaça! — repetiu Doniphan. — Briant não tinha os pés na linha onde deviam estar!...

Aproximou-se dois passos!

— É falso! — exclamou Service.

— Sim, é falso! — reforçou Briant. — Admitindo, mesmo, que fosse verdade, era apenas um engano da minha parte, e eu não tolero que Doniphan me acuse de ter feito trapaça...

— Sério!... Não toleras?... — disse Doniphan, encolhendo os ombros.

— Não — volveu Briant, que começava a não estar senhor de si. — E, primeiro que tudo, vou provar que tinha os pés colocados exatamente na linha...

— Sim!... Sim!... — exclamaram Baxter e Service.

— Não!... Não!... — replicaram Webb e Cross.

— Vejam o sinal dos meus sapatos na areia! — tornou Briant.

— E, como Doniphan não podia ter-se enganado, foi ele que mentiu.

— Menti! — exclamou Doniphan, que se aproximou lentamente do seu camarada.

Webb e Cross colocaram-se atrás dele, a fim de o defenderem, enquanto Service e Baxter se preparavam para auxiliar Briant, no caso de haver luta.

Doniphan tomara a posição de jogador de murro, com a jaqueta despida, as mangas arregaçadas até ao cotovelo, o lenço enrolado à roda do pulso.

Briant, que recuperara o sangue-frio, conservava-se imóvel, como se lhe repugnasse bater-se com um dos seus camaradas e dar semelhante exemplo à colónia.

— Fizeste mal em insultar-me, Doniphan — disse ele —, e agora fazes mal em vires provocar-me!...

— Efetivamente — respondeu Doniphan, com ar de profundo desprezo —, é sempre tolice provocar os que não sabem responder às provocações!

— Se não lhes respondo — retorquiu Briant —, é porque não me convém responder!...

— Se não respondes — replicou Doniphan — é porque tens medo!

— Medo!... eu!...

— E porque és um covarde!.

Briant arregaçou as mangas e dirigiu-se resolutamente para Doniphan.

Os dois adversários estavam prontos para começarem o combate, um em frente do outro.

Em Inglaterra, e mesmo nos colégios ingleses, o jogo do soco faz, por assim dizer, parte da educação. Nota-se, além disso, que os rapazes hábeis neste exercício são mais dóceis e mais pacientes do que os outros, e não questionam a propósito de tudo.

Briant, na sua qualidade de francês, nunca tivera predileção por essa troca de murros que se dirigem unicamente ao rosto.

Achava-se portanto inferior ao seu adversário, que era um pugilista muito hábil, apesar de serem ambos da mesma idade, da mesma estatura e sensivelmente iguais em vigor.

A luta estava prestes a travar-se e ia realizar-se o primeiro assalto quando Gordon, que acabava de ser prevenido por Dole, correu a separá-los.

— Briant!... Doniphan!... — exclamou ele.

— Chamou-me mentiroso!... — explicou Doniphan.

— Depois de ele me acusar de fazer trapaça e de me chamar covarde — esclareceu Briant.

Neste momento estavam todos reunidos em torno de Gordon. Os dois adversários tinham recuado alguns passos — Briant de braços cruzados, e Doniphan na atitude de jogador de soco.

— Doniphan — disse então Gordon, com voz seca —, eu conheço Briant!... Não foi quem principiou a questão!... Foste tu o primeiro a provocar!...

— Realmente, Gordon — replicou Doniphan —, bem se vê que estás sempre pronto para tomar partido contra mim!

— Decerto... quando tu o mereces! — respondeu Gordon.

— Pois seja! — tornou Doniphan. — Mas, seja quem for o culpado, se Briant recusa bater-se, é porque é um covarde.

— E tu, Doniphan — redarguiu Gordon —, és um mau rapaz e dás um exemplo detestável aos teus camaradas! O quê! Na grave situação em que estamos, há um de nós que não pensa senão em fazer discórdia, e ataca sempre o melhor de todos...

— Briant, agradece a Gordon! — exclamou Doniphan. — E, agora, defende-te!

— Não! — exclamou Gordon. — Eu, que sou chefe, oponho-me a qualquer cena de violência entre os dois! Briant, volta para French-den! E tu, Doniphan, vai desabafar a cólera para onde quiseres, e não apareças senão quando estiveres em estado de compreender que, não te dando razão, não fiz mais que o meu dever!

— Sim!... Sim!... — exclamaram os outros, menos Webb, Wilcox e Cross. — Hurra por Gordon!... Hurra por Briant!

Perante esta quase unanimidade, não havia mais que obedecer.

Briant entrou no hall, e à noite, quando Doniphan voltou, a horas de dormir, não manifestou desejo algum de dar seguimento à questão.

Contudo, via-se bem que ele nutria um rancor surdo contra Briant, e que a sua inimizade contra este aumentara com a lição que recebera de Gordon. Além disso, recusou-se às tentativas de reconciliação que este queria fazer.

Estas dissensões eram muito desagradáveis e faziam perigar o sossego da pequena colónia. Doniphan tinha por seu lado Wilcox, Cross e Webb, que estavam sempre dispostos a auxiliá-lo e a dar-lhe razão a propósito de tudo, e não se devia recluir uma cisão para o futuro?

Em todo o caso, depois deste dia, não se tornou a falar na questão. Ninguém fez alusão ao que se tinha passado entre os dois rivais, e os trabalhos diários continuaram a executar-se, enquanto não chegava o inverno.

Este não podia tardar.

Durante a primeira semana de maio o frio foi tão intenso que Gordon deu ordem para se acenderem

os fogões do hall, e conservarem-se acesos de dia e de noite. Daí a pouco foi necessário aquecer o telheiro do cerrado e da capoeira — o que pertencia às funções de Service e de Garnett, Algumas aves preparavam-se, nesta época, para emigrar aos bandos. Para que regiões iam elas? Devia ser para as regiões setentrionais do Pacífico ou do continente americano, cujo clima era menos rigoroso do que o da ilha Chairman.

Entre estas aves figuravam, em primeiro lugar, as andorinhas, esses viajantes maravilhosos, capazes de se transportarem rapidamente a distâncias consideráveis.

Preocupado constantemente com a ideia de empregar todos os meios possíveis para voltar à sua pátria, Briant lembrou-se então de aproveitar a partida destas aves para indicar a situação atual dos naufragos do Sloughi. Foi muito fácil apanhar algumas dúzias de andorinhas, da espécie das “rústicas”, porque elas iam fazer o ninho até no interior de Store-room. Puseram-lhes ao pescoço um saquinho de pano, que continha um bilhete indicando, pouco mais ou menos, em que parte do Pacífico se devia procurar a ilha Chairman, e pedindo para mandar aviso para Auckland, a capital da Nova Zelândia.

Em seguida, soltaram as andorinhas, e não foi sem verdadeira comoção que os moços colonos exclamaram: — Até à vista! — no momento em que elas desapareciam na direção do nordeste.

Era uma probabilidade de salvação bastante modesta, mas, por muito pouco provável que fosse alguém apanhar aqueles bilhetes, Briant sempre tivera razão não a desprezando.

No dia 25 de maio apareceu a primeira neve; por consequência, alguns dias mais cedo do que no ano precedente. Desta precocidade do inverno dever-se-ia concluir que fosse muito rigoroso? Era para recluir, pelo menos. Felizmente, a luz, o calor e a alimentação estavam assegurados em French-den durante muitos meses, sem falar no produto dos South-moors, cuja caça descia muitas vezes às margens do rio Zealand.

A roupa de abafar tinha sido distribuída havia algumas semanas, e Gordon trabalhava para que as medidas higiênicas fossem observadas rigorosamente.

Foi durante este último período que em French-den se sentiu uma agitação secreta que trazia todos inquietos. Efetivamente, o ano para o qual Gordon fora nomeado chefe da ilha Chairman ia acabar no dia 10.

Daí conferências, conciliábulos, e até se pode dizer intrigas, que agitavam seriamente a colônia. Gordon, como se sabe, queria conservar-se indiferente a tudo isto. Quanto a Briant, como era francês de origem, não pensava em governar uma colônia de rapazes quase todos ingleses.

No fundo e sem o dar a conhecer, quem se inquietava mais com esta eleição era Doniphan. Evidentemente, com a sua inteligência pouco vulgar, a sua coragem, de que ninguém duvidava, tinha muitas probabilidades de vencer se não fosse o seu caráter altivo, o seu espírito dominador e os defeitos da sua natureza invejosa.

Contudo, ou porque tivesse a certeza de suceder a Gordon, ou porque a sua vaidade o impedisse de mendigar votos, fingiu não se importar. Mas o que ele não fez fizeram-no os seus amigos por ele. Wilcox,

Webb e Cross trabalhavam, com empenho, para convencer os outros a darem o seu sufrágio a Doniphan — sobretudo os mais pequenos, cujo voto era preciso. Ora, como não se falava em outro nome, Doniphan pôde considerar a sua eleição como certa, e com alguma razão.

O dia 10 de Junho chegou.

Era de tarde que se ia proceder ao escrutínio. Cada um devia escrever numa lista o nome daquele em quem queria votar. A maioria dos sufrágios decidiria. Como a colónia se compunha de catorze membros — pois Moko, na qualidade de preto, não podia pretender nem pretendia ser eleitor — sete votos, e mais um, a favor do mesmo nome, fixariam a escolha do novo chefe.

O escrutínio abriu-se às duas horas, presidido por Gordon, e realizou-se com a gravidade que a raça anglo-saxónica emprega em todas as operações deste género.

Depois de feita a contagem, os resultados foram os seguintes:

Briant, 10 votos; Doniphan, 3 votos; Gordon, 1 voto.

Nem Gordon nem Doniphan tinham querido tomar parte no escrutínio. Quanto a Briant, dera o seu voto a Gordon.

Ao ouvir proclamar este resultado, Doniphan não pôde ocultar o seu desapontamento nem a irritação profunda que sentia.

Briant, muito surpreendido por ter obtido o maior número de votos, esteve quase a recusar a honra que lhe faziam. Mas decerto que lhe ocorreu alguma ideia, porque, depois de ter olhado para seu irmão Jaime, declarou:

— Obrigado, meus amigos, aceito!

A partir deste dia, Briant era, por um ano, o chefe dos moços colonos da ilha Chairman.

Capítulo IV

O que os seus companheiros tinham querido, escolhendo Briant, era fazer justiça ao seu carácter serviçal, à coragem de que ele dava provas todas as vezes que dependia dela a sorte da colónia, à sua dedicação infatigável pelo interesse geral. Desde o dia em que, por assim dizer, tomara o comando da escuna, durante a travessia da Nova Zelândia à ilha Chairman, nunca recuou diante do perigo ou do trabalho. Apesar de ser de nacionalidade diferente, todos o estimavam, grandes e pequenos, principalmente estes últimos, dos quais ele tratara com tanto zelo e que tinham votado unanimemente por ele. Só Doniphan, Cross, Wilcox e Webb é que se negavam a reconhecer as qualidades de Briant; mas, no íntimo, sabiam perfeitamente que eram injustos para com o mais digno dos seus camaradas.

Apesar de prever que esta escolha devia acentuar mais a dissidência que existia já, apesar de poder recear que Doniphan e os seus partidários tomassem alguma resolução deplorável, Gordon não poupou as felicitações a Briant. Por um lado, tinha o espírito muito equitativo para não aprovar a escolha dos seus camaradas, e, por outro, preferia não ter já de pensar senão na contabilidade de French-den.

Contudo, desde este dia, foi visível que Doniphan e os seus três amigos estavam resolvidos a não suportar este estado de coisas posto que Briant tivesse jurado a si mesmo não lhes dar ocasião para cometerem algum excesso.

Quanto a Jaime, não foi sem alguma surpresa que viu seu irmão aceitar o resultado do escrutínio.

— Então, queres?... — disse-lhe ele, sem acabar um pensamento, que Briant completou, respondendo em voz baixa:

— Sim, quero ter ocasião de fazer ainda mais do que temos feito até agora para resgatar a tua culpa!

— Obrigado, meu irmão — respondeu Jaime —, e não me poupes!

No dia seguinte continuou o curso desta existência que os longos dias de inverno iam tornar tão monótona.

Antes que os grandes frios suspendessem as excursões a Sloughi-bay, Briant tomou uma medida que não deixava de ser útil.

Como se sabe, tinha-se erguido um mastro de sinais numa das cristas mais elevadas de Auckland-hill. Ora, já não restavam senão farrapos do pavilhão içado no alto desse mastro, que tinha sido agitado durante algumas semanas pelo vento do largo. Tratava-se, pois, de o substituir por um aparelho capaz de suportar até as borrascas do inverno. Por conselho de Briant, Baxter fabricou uma espécie de balão, tecido com os juncos flexíveis que eriçavam as bordas do pântano, e que poderia resistir, porque o vento passava através dele. Concluído este trabalho, fez-se uma última excursão à baía, no dia 17 de junho, e Briant substituiu o pavilhão do Reino Unido por este novo sinal, que era visível num raio de muitas milhas.

Entretanto, não estava longe o momento em que Briant e os seus “administrados” iam ser aquartelados em French-den. O termómetro descia lentamente, seguindo uma progressão contínua — o que indicava que haveria persistência de grandes frios.

Briant mandou colocar a canoa em terra, no ângulo do contraforte. Aí cobriram-na com um oleado espesso, para que a secura não fizesse desunir as pranchas. Em seguida, Baxter e Wilcox armaram laços junto do cerrado, e abriram outras covas à entrada de Traps-woods.

Finalmente, ergueram-se as armadilhas ao longo da margem esquerda do rio Zealand, de maneira a poderem sustentar nas malhas a caça aquática que as brisas violentas do sul arrastariam para o interior da ilha.

Entretanto, Doniphan e dois ou três dos seus camaradas, em cima das suas andas, faziam excursões aos South-moors, de onde não voltavam nunca com as mãos vazias, mesmo poupando os tiros de espingarda, porque, a respeito de munições, Briant era tão económico como Gordon.

Durante os primeiros dias de julho, o rio começou a gelar. Os pedaços de gelo, que se formaram em Family-lake, eram levados pela corrente. Daí a pouco em consequência da sua acumulação um pouco abaixo de French-den, formou-se uma represa, e a superfície do lago já não era mais do que uma espessa crosta gelada. Com a continuação do frio, marcado já por uns doze graus centígrados abaixo de zero, o lago não tardaria em solidificar-se em toda a sua extensão. Efetivamente, depois de um ataque violento de rajadas que tornaram a solidificação mais demorada, o vento virou para sueste, o céu aclarou, e a temperatura desceu a perto de vinte graus abaixo do ponto de congelação.

O programa da vida invernal começou-se nas condições em que fora estabelecido no ano precedente. Briant dirigia tudo, sem abusar da sua autoridade. Todos lhe obedeciam sem custo, e, além disso, Gordon facilitava-lhe a tarefa, dando o exemplo da obediência. Doniphan e os seus partidários nunca se insubordinavam. Ocupavam-se com o serviço diário das armadilhas e laços, que lhes pertencia especialmente, continuando a viver isolados, conversando em voz baixa, tomando raras vezes parte na conversação geral, mesmo durante as refeições e os serões da noite. Preparavam alguma conspiração? Ninguém o sabia. Enfim, não havia motivo para os censurar, e Briant não foi obrigado a intervir. Contentava-se em ser justo para com todos, guardando quase sempre para si os trabalhos penosos e difíceis, e não poupando seu irmão, que rivalizava em zelo com ele. Gordon pôde até observar que o carácter de Jaime mostrava tendência para modificar-se, e Moko via, não sem prazer, que, desde que tivera a explicação com Briant, o pequeno tomava parte, mais francamente, nas conversas e nas brincadeiras dos seus camaradas.

Os estudos preenchiam as compridas horas que o frio obrigava a passar no hall. Jenkins, Iverson, Dole e Costar faziam progressos sensíveis. Enquanto os instruíam, os mais velhos não deixavam de se instruir também a si mesmos. Depois das lições, liam-se, em voz alta, narrações de viagens, às quais Service teria preferido a leitura dos seus Robinsons. Às vezes o acordeão de Garnett fazia ouvir uma dessas harmonias insípidas que o desastrado melómano “soprava” com uma convicção lastimável. Outros

cantavam em coro algumas cantigas da sua infância. Depois, quando terminava o concerto, iam todos para as suas camas.

Entretanto, Briant não deixava de pensar no regresso à Nova Zelândia. Era a sua preocupação constante. Nisto diferenciava-se de Gordon, que não pensava senão em completar a organização da colónia na ilha Chairman. A presidência de Briant devia ser notada pelos esforços que seriam feitos com o fim de voltar à pátria. Ele pensava muitas vezes na mancha esbranquiçada que se distinguia ao largo de Deception-bay. Não pertenceria a alguma terra situada nas proximidades da ilha? — dizia ele consigo mesmo. E, sendo assim, não seria possível construir uma embarcação com a qual se tentasse chegar a essa terra? Mas, quando conversava a esse respeito com Baxter, este abanava a cabeça, compreendendo bem que semelhante trabalho era superior às forças deles!

— Ah! Somos umas crianças — repetia Briant. — Sim! Umhas crianças, quando devíamos ser homens! E era o seu maior pesar.

Durante estas noites de inverno, apesar de parecer que se estava em segurança em French-den, houve diferentes sustos. Phann fazia ouvir, por diversas vezes, grandes latidos de alarme, quando alguns bandos de carnívoros — quase sempre chacais — iam vaguear em torno do cerrado. Doniphan e os outros precipitavam-se então pela porta do hall, e, atirando carvões acesos àqueles malditos animais, conseguiam pô-los em fuga.

Também por duas ou três vezes apareceram pelos arredores alguns casais de jaguares e de cuardos, sem nunca se aproximarem tanto como os chacais. Aqueles eram recebidos a tiro de espingarda, apesar de não poderem ser feridos de morte, por causa da distância a que se achavam. Enfim, não foi sem custo que se conseguiu preservar o cerrado.

No dia 24 de julho, Moko teve ocasião de apresentar novos talentos culinários, no tempero de uma peça de caça, que todos saborearam, uns como entendedores, outros como gulosos.

Wilcox e Baxter — que o ajudava de boa vontade — não se contentaram em estabelecer armadilhas para os animais, voláteis ou roedores, de espécie pequena. Curvando algumas das árvores que cresciam entre os maciços de Traps-woods, tinham instalado verdadeiros laços de nó corredio para a caça maior. Este género de armadilha é geralmente usado nas florestas, nos sítios onde há pegadas de cabritos monteses, e não é raro produzir bons resultados.

Em Traps-woods não foi um cabrito, foi um magnífico flamingo que, na noite de 24 de julho, foi prender-se num daqueles nós corredios, do qual não pôde livrar-se, apesar dos esforços que fez. No dia seguinte, quando Wilcox visitou os seus laços, o animal já estava estrangulado pelo anel com que a árvore, erguendo-se, lhe apertara a garganta. Este flamingo, depenado, limpo, recheado de ervas aromáticas e assado com esmero, foi declarado excelente. Todos tiveram o seu quinhão das asas e das coxas, e até da língua, que é o melhor que se pode comer sob a abóbada celeste!

A primeira quinzena do mês de agosto foi assinalada por quatro dias de um frio excessivo. Briant não viu sem apreensão o termómetro descer a trinta graus centígrados abaixo de zero. A pureza do ar era

incomparável, e, o que acontece a maior parte das vezes com os grandes abaixamentos de temperatura, nem uma aragem perturbava a atmosfera.

Durante este período não se podia sair de French-den sem se ser tomado instantaneamente pelo frio até à medula dos ossos. Foi proibido aos pequenos exporem-se ao ar — nem sequer um instante. Até os mais velhos não o faziam senão em caso de absoluta necessidade, principalmente para alimentar dia e noite os fogões do curral e da capoeira.

Felizmente, estes frios duraram pouco. Perto do dia 6 de agosto, o vento voltou para oeste. Sloughi-bay e o litoral de Wreck-coast foram então assaltados por borrascas temíveis, que, depois de terem açoutado as costas de Auckland-hill, ricochetearam por cima com uma violência incomparável. Contudo, French-den nada sofreu com isso. Seria preciso nada menos que um tremor de terra para aluir as suas paredes sólidas. As rajadas mais irresistíveis, as que fazem dar à costa os navios de alto bordo, ou derrubam edifícios de pedra, não exerciam influência alguma na penedia. Quanto às árvores derrubadas, e foram muitas, era trabalho poupado aos moços rachadores de lenha, quando se tratasse de renovar a provisão de combustível.

Enfim, estas borrascas deram em resultado modificar-se profundamente o estado atmosférico, porque puseram termo aos grandes frios. A partir deste período, a temperatura subiu constantemente, e, logo que estas perturbações cessaram, conservou-se na média de sete a oito graus abaixo do ponto de congelação.

A última quinzena de agosto foi muito suportável. Briant pôde continuar os trabalhos interrompidos fora de French-den, à exceção da pesca, porque as águas do rio e do lago estavam ainda cobertas por uma espessa camada de gelo. Fizeram-se numerosas visitas às armadilhas, laços e redes, onde a caça marinha caía em abundância, e a despensa nunca deixou de estar fornecida de carne fresca.

Quanto ao mais, o cerrado recebeu, passados dias, novos hóspedes. Além de ninhadas de abetardas e de galinhas-da-índia, nasceram também cinco vicunhas, às quais não faltaram os cuidados de Service e de Garnett.

Foi nestas circunstâncias, visto que o estado do lago ainda o permitia, que Briant se lembrou de oferecer aos seus camaradas uma grande partida de patinagem.

Com uma sola de pau e uma lâmina de ferro, Baxter conseguiu fabricar alguns pares de patins.

Todos os rapazes estavam mais ou menos acostumados a este exercício, que é muito apreciado na Nova Zelândia, durante a força do inverno, e ficaram satisfeituíssimos por terem ocasião de mostrar os seus talentos na superfície de Family-lake. Portanto, no dia 25 de agosto, pelas onze horas da manhã, Briant, Gordon, Doniphan, Webb, Cross, Wilcox, Baxter, Garnett, Service, Jenkins e Jaime, deixando Iverson, Dole e Costar sob a vigilância de Moko e de Phann, saíram de French-den para procurarem um lugar onde a camada de gelo apresentasse uma vasta extensão boa para a patinagem.

Briant levava uma das cornetas de bordo, a fim de chamar o seu exército no caso de alguns se afastarem para muito longe. Todos tinham almoçado antes de partir e tencionavam estar de volta a horas de jantar. Foi necessário subir a praia durante perto de três milhas antes de se achar um ponto

conveniente, porque o Family-lake estava obstruído por bocados de gelo nas proximidades de Frenchden.

Atravessando Traps-woods, os moços colonos pararam diante de uma superfície, solidificada uniformemente, que se estendia a perder de vista para o lado de leste.

Era um magnífico campo de manobras para um exército de patinadores.

É inútil dizer que Doniphan e Cross tinham levado as suas espingardas, na ideia de matarem alguma caça, se se apresentasse ocasião. Quanto a Briant e a Gordon, que nunca tinham apreciado muito este género de desporto, não acompanharam os outros senão para evitar alguma imprudência.

Os patinadores mais hábeis da colónia eram, sem dúvida, Cross, Doniphan e Jaime, principalmente este, que excedia todos, tanto pela velocidade com que mudava de lugar, como pela exatidão com que traçava as curvas mais complicadas.

Antes de dar o sinal da partida, Briant reuniu os seus camaradas e disse-lhes:

— Não é preciso recomendar-lhes que sejam prudentes e ponham de parte toda a vaidade! Se não há que temer que o gelo se parta, deve-se sempre ter medo de partir um braço ou uma perna! Não se afastem para muito longe e não se esqueçam de que eu e Gordon os esperamos aqui. Quando ouvirem tocar a corneta, devem todos preparar-se para retirarem!

Feitas estas recomendações, os patinadores arremessaram-se para o lago, e Briant ficou descansado ao vê-los apresentar uma destreza maravilhosa. Ao princípio houve algumas quedas, as quais não provocaram senão gargalhadas.

Realmente, Jaime fazia maravilhas, atrás, à frente, num pé, nos dois, de pé, de cócoras, descrevendo círculos e elipses com uma regularidade perfeita. E que satisfação para Briant ver o pequeno tomar parte nas brincadeiras dos outros! É provável que Doniphan, o *sportsman* tão apaixonado por todos os exercícios de corpo, sentisse alguma inveja do sucesso de Jaime, que todos aplaudiam com entusiasmo. Assim, não tardou em afastar-se da praia, apesar das vivas recomendações de Briant. Mas quando chegou a certo ponto, fez sinal a Cross para ir ter com ele.

— Olá, Cross — gritou ele —, estou vendo um bando de patos... acolá... para leste!... Não os vêes?

— Vejo, sim, Doniphan!

— Trazes a tua espingarda?... Eu trago a minha!... Vamos a isso!...

— Mas Briant proibiu!...

— Ora! não me maces com o teu Briant!... A caminho... e, depressa!

Num abrir e fechar de olhos, Doniphan e Cross tinham transposto meia milha, perseguindo o bando de aves que esvoaçavam à superfície do Family-lake.

— Aonde vão eles? — perguntou Briant.

— Talvez vissem lá adiante alguma caça — respondeu Gordon —, é o instinto de caçadores...

— Ou, antes, o instinto da desobediência! — replicou Briant.

— Doniphan sempre que...

— Parece-te que lhes poderá suceder mal?

— Quem sabe, Gordon?... É sempre imprudente afastarem-se muito!... Olha como eles já estão longe!

E efetivamente, levados numa carreira rápida, Doniphan e Cross pareciam dois pequeninos pontos no horizonte do lago.

Mesmo que tivessem tempo de voltar, porque o dia devia durar ainda algumas horas, era uma imprudência. Naquela época do ano devia-se sempre recear uma mudança repentina no estado da atmosfera. Uma modificação na direção do vento era suficiente para trazer rajadas ou nevoeiros.

Assim, imagine-se quais foram as apreensões de Briant quando, pelas duas horas, o horizonte se cobriu bruscamente por uma espessa camada de névoa.

Neste momento, Cross e Doniphan ainda não tinham aparecido, e os vapores, agora acumulados à superfície do lago, ocultavam-lhes a margem ocidental.

— Aí está o que eu receava! — exclamou Briant. — Como poderão agora voltar?

— Dá o sinal... Dá o sinal! — recomendou vivamente Gordon.

A corneta ressoou três vezes, e o som prolongou-se através do espaço. Talvez lhe respondessem com tiros de espingarda — o único meio de que Doniphan e Cross dispunham para darem a conhecer a sua posição.

Briant e Gordon escutaram... Não ouviram detonação alguma.

Entretanto, o nevoeiro já aumentara muito, tanto em espessura como em extensão, e as suas primeiras volutas desenrolavam-se a menos de um quarto de milha da praia. Ora, como subia, ao mesmo tempo, para as zonas elevadas, o lago devia desaparecer antes de alguns minutos.

Briant chamou então os seus camaradas que estavam mais perto. Alguns momentos depois estavam todos reunidos na praia.

— Que se há de fazer?... — perguntou Gordon.

— Tentar-se tudo para se achar Cross e Doniphan, antes que estejam completamente perdidos no meio do nevoeiro! Se um de nós seguir a direção que eles tomaram, e procurar chamá-los com a corneta...

— Estou pronto para ir! — ofereceu-se Baxter.

— Nós também! — acrescentaram dois ou três dos outros.

— Não!... Irei eu!... — disse Briant.

— hei de ser eu, meu irmão! — acudiu Jaime. — Com os meus patins, depressa alcançarei Doniphan...

— Pois vai!... — aceitou Briant. — Vai, Jaime, e repara bem se ouves tiros de espingarda!... Leva esta corneta, que há de servir para dar a conhecer a tua presença!...

— Sim, meu irmão!

Um momento depois, Jaime tinha desaparecido no meio do nevoeiro, que se tornava cada vez mais opaco.

Briant, Gordon e os outros prestaram o ouvido atentamente ao som da corneta tocada por Jaime; mas a distância extinguiu-o em breve.

Decorreu meia hora. Não havia nenhuma notícia dos ausentes, nem de Cross ou de Doniphan, incapazes de se orientarem no lago, nem de Jaime, que se dirigia ao encontro deles.

E que seria feito de todos três se a noite chegasse antes de terem regressado?

— Ainda se tivéssemos armas de fogo — exclamou Service —, talvez...

— Armas? — disse Briant. — Há-as em French-den!...

Não temos um momento a perder!... A caminho.

Era o melhor partido a tomar, porque, primeiro que tudo, tratava-se de indicar, tanto a Jaime como a Doniphan e a Cross, a direção que deviam seguir para voltarem à margem do Family-lake. Portanto, o melhor seria regressarem pelo caminho mais curto a French-den, de onde podiam fazer-se sinais por meio de detonações sucessivas.

Briant, Gordon e os outros percorreram as três milhas que os separavam de Sport-terrace em menos de meia hora.

Nesta ocasião não se tratava de economizar a pólvora. Wilcox e Baxter carregaram duas espingardas, que foram disparadas na direção de leste.

Nada de resposta. Nem tiro, nem corneta.

Eram já três horas e meia. O nevoeiro tendia a tornar-se mais espesso à medida que o Sol se escondia atrás do maciço de Auckland-hill. Era impossível ver alguma coisa à superfície do lago através daqueles vapores carregados.

— O canhão! — lembrou Briant.

Uma das duas peçazinhas do Sloughi — a que estava colocada através de uma das canhoneiras abertas junto da porta do hall, — foi arrastada para o meio de Sport-terrace e dirigida convenientemente para o nordeste.

Carregaram-na com cartuchos de sinais, e Baxter ia puxar a corda do estopim quando Moko sugeriu a ideia de colocar uma bucha de erva, coberta de sebo, por cima do cartucho. Dizia que isso tornaria mais forte a detonação, e não se enganava.

O tiro partiu — não sem que Dole e Costar tapassem os ouvidos.

No meio de uma atmosfera tão serena, era inadmissível que esta detonação não se ouvisse, mesmo a uma distância de muitas milhas.

Escutaram... Nada! Durante uma hora disparou-se a peça de dez em dez minutos. Era impossível que Doniphan, Cross e Jaime não compreendessem a significação destes tiros repetidos que indicavam a posição de French-den. Além disso, as descargas deviam ouvir-se em toda a superfície do Family-lake, porque os nevoeiros auxiliam muito a propagação longínqua dos sons, e esta propriedade aumenta com a sua espessura.

Finalmente, um pouco antes das cinco horas ouviram-se distintamente dois ou três tiros de

espingarda, ainda afastados, na direção nordeste.

— São eles! — exclamou Service.

E Briant respondeu imediatamente com uma descarga ao sinal de Doniphan.

Alguns instantes depois desenharam-se duas sombras através do nevoeiro, que era menos espesso perto da margem do que sobre o lago. Daí a pouco vieram novos hurras juntar-se aos hurras que partiam de Sport-terrace.

Eram Doniphan e Cross.

Jaime não vinha com eles.

Imagine-se as angústias mortais de Briant! Seu irmão não pudera encontrar os dois caçadores, que nem sequer tinham ouvido os sons da corneta. Nesse momento Cross e Doniphan, procurando orientar-se, tinham descido para a parte meridional do Family-lake, enquanto Jaime caminhava para leste a fim de ir ter com eles. Os dois, mesmo, não teriam achado o caminho sem as detonações de French-den.

Briant, todo entregue à ideia de seu irmão perdido no meio da névoa, não pensava em repreender Doniphan, cuja desobediência podia ter consequências tão graves. Se Jaime fosse obrigado a passar a noite no lago, com uma temperatura que ia talvez descer a quinze graus abaixo de zero, como poderia resistir a frios tão intensos?

— Eu é que devia ter ido em seu lugar... sim, eu! — Repetia Briant, a quem Baxter e Gordon tentavam, em vão, dar alguma esperança.

Dispararam-se ainda alguns tiros de canhão. Era evidente que, se Jaime estivesse perto de French-den, teria ouvido esses tiros e indicado a sua presença por meio da corneta.

Mas, quando os últimos ruídos se perderam ao longe, as detonações ficaram sem resposta.

E, como a noite começava a descer, a escuridão ia envolver toda a ilha.

Entretanto, ocorreu uma circunstância muito favorável.

O nevoeiro parecia tender a dissipar-se. A brisa, que aparecera ao sol-posto, como sucedia quase todas as tardes depois das calmarias da manhã, impelia o nevoeiro para leste, limpando a superfície do Family-lake. Em breve a dificuldade de achar French-den seria devida apenas à escuridão da noite.

Nestas condições só havia uma coisa a fazer: acender uma grande fogueira na praia, a fim de poder servir de sinal. E Wilcox, Baxter e Service já estavam amontoando lenha no centro de Sport-terrace quando Gordon os deteve.

— Esperem! — disse ele.

Com o óculo assestado, Gordon olhava atentamente na direção do nordeste.

— Parece-me que vejo um ponto — declarou ele —, um ponto que se move...

Briant pegou no óculo e olhou também.

— Louvado seja Deus!... É ele!... — exclamou. — É Jaime!... Já o vejo!...

E todos começaram a gritar com toda a força dos seus pulmões, como se os pudessem ouvir a uma distância que não podia ser calculada em menos de uma milha!

Contudo, esta distância diminuía a olhos vistos. Jaime, com os patins nos pés, deslizava com a rapidez de uma flecha pela superfície gelada do lago, aproximando-se de French-den. Alguns minutos mais, e teria chegado junto deles.

— Dir-se-ia que não vem só! — exclamou Baxter, que não pôde conter um gesto de surpresa.

Efetivamente, uma observação mais atenta deu a conhecer que se moviam outros dois pontos atrás de Jaime, a uns cem pés dele.

— Que é?... — perguntou Gordon.

— Homens?... — interrogou Baxter.

— Não!... Parecem animais!... — disse Wilcox.

— Talvez carnívoros! — exclamou Doniphan.

Não se enganava e, sem hesitar, de espingarda na mão, arremessou-se para o lago ao encontro de Jaime.

Em poucos segundos Doniphan chegou junto do pequeno e disparou dois tiros sobre os carnívoros, que voltaram para trás e desapareceram bem depressa.

Eram dois ursos, que ninguém esperava ver figurar na fauna chairmaniana! Se aqueles animais temíveis andavam pela ilha, por que motivo nunca tinham achado vestígios deles? Talvez não a habitassem, e, durante o inverno, ou aventurando-se à superfície do mar gelado, ou embarcando nos pedaços de gelo flutuantes, aqueles ursos se arriscassem até àquelas paragens. E isto não parecia indicar que havia algum continente nas proximidades da ilha Chairman?... Era caso para refletir.

Fosse como fosse, Jaime estava salvo, e seu irmão apertava-o nos braços.

As felicitações, os abraços e os apertos de mão não faltaram ao corajoso rapaz. Depois de ter tocado a corneta debalde, a fim de chamar os seus dois camaradas, estava perdido no meio do nevoeiro espesso, sem poder, de modo algum, orientar-se, quando se ouviram as primeiras detonações.

— Não pode ser senão o canhão de French-den! — disse ele consigo mesmo, procurando distinguir de onde vinha o som.

Estava então a muitas milhas da praia, a nordeste do lago.

Correu imediatamente, com toda a ligeireza dos seus patins, na direção que lhe indicavam. De repente, no momento em que o nevoeiro começava a dissipar-se, viu-se na presença de dois ursos, que se precipitaram para ele. Apesar do perigo, não perdeu o sangue-frio nem por um instante, e, graças à rapidez da sua carreira, pôde conservar os animais a certa distância. Mas, se tivesse dado uma queda, estaria perdido.

E, chamando Briant de parte, enquanto voltavam para French-den:

— Obrigado, meu irmão — disse ele em voz baixa —, obrigado por me permitires...

Briant apertou-lhe a mão, sem responder.

Em seguida, no momento em que Doniphan ia transpor a porta do hall, disse-lhe:

— Proibi que te afastasses, e, como vês, a tua desobediência podia ter causado uma grande desgraça!

Contudo, apesar de teres procedido mal, Doniphan, não te agradeço menos o teres socorrido Jaime!

— Não fiz mais do que o meu dever — respondeu friamente Doniphan.

E nem sequer tocou na mão que o seu camarada lhe estendia tão cordialmente.

Capítulo V

Seis semanas depois destes acontecimentos, pelas cinco horas da tarde, quatro dos moços colonos acabavam de parar na extremidade meridional do Family-lake.

Estava-se a 10 de outubro.

A influência do bom tempo já se fazia sentir. Debaixo das árvores, cobertas de verdura, o solo recuperara a sua cor primaveril. Uma brisa ligeira enrugava levemente a superfície do lago, ainda iluminada pelos últimos raios do Sol, que roçavam pela vasta planície dos South-moors, cercada por estreita cinta de areia. Aves numerosas passavam aos bandos, voltando para os seus abrigos, à sombra dos bosques ou nas anfractuosidades da penedia.

Alguns grupos de árvores de folhas persistentes, pinheiros, azinheiras e, a pouca distância, um pinhal de alguns acres, eram as únicas coisas que interrompiam a aridez monótona daquela parte da ilha Chairman. A moldura vegetal do lago estava quebrada neste ponto, e para tornar a encontrar o cortinado espesso das florestas seria preciso subir durante muitas milhas uma ou outra das duas margens laterais.

Neste momento, uma boa fogueira acesa ao pé de um pinheiro marítimo projetava o seu fumo odorífero, que o vento impelia para cima do pântano.

Diante de um lume crepitante, arranjado entre duas pedras, assava-se um casal de patos.

Depois da ceia, os quatro rapazes não teriam mais nada a fazer do que embrulharem-se nos seus cobertores, e, enquanto um deles velasse, os outros três dormiriam tranquilamente até pela manhã.

Eram Doniphan, Cross, Webb e Wilcox, e eis em que circunstâncias eles tinham resolvido separar-se dos seus camaradas.

Durante as últimas semanas deste segundo inverno que os moços acabavam de passar em French-den as relações entre Briant e Doniphan tinham esfriado cada vez mais.

Sabe-se com que despeito Doniphan vira ser a eleição favorável ao seu rival. Isto tornara-o ainda mais invejoso, mais irritável; não se resignava sem custo a submeter-se às ordens do novo chefe da ilha Chairman. Se não lhe resistiu claramente, foi porque a maior parte dos outros não o teria ajudado e ele sabia isso perfeitamente. Contudo, em diversas ocasiões manifestara tão má vontade que Briant não pôde deixar de o repreender. Depois dos Incidentes da patinagem, onde a sua desobediência tinha sido flagrante, ou porque fosse levado pelos instintos de caçador, ou porque quisesse proceder a seu modo, a sua rebeldia não deixara de aumentar, e chegou o momento em que Briant ia ser obrigado a castigá-lo muito rigorosamente.

Gordon, muito inquieto com este estado de coisas, conseguira até ali conter Briant. Mas este sentia que tinha a paciência gasta, e que, no interesse geral, para manter a ordem, era necessário um exemplo. Gordon tentava, debalde, levar Doniphan a melhores sentimentos. Se outrora tivera alguma influência

nele, agora estava completamente perdida. Doniphan não lhe perdoava o ter tomado partido, muitas vezes, pelo seu rival. Assim, a intervenção de Gordon não teve resultado algum, e foi com profundo pesar que ele previu complicações muito próximas.

Resultava de tudo isto que a boa ordem, indispensável para a tranquilidade dos hóspedes de French-den, estava destruída.

Sentia-se um mal-estar moral, que tornava a existência em comum muito penosa. Efetivamente, a não ser às horas da comida, Doniphan e os seus partidários, Cross, Wilcox e Webb, em quem ele exercia influência cada vez maior, viviam à parte. Quando o mau tempo os impedia de irem à caça, reuniam-se num canto do hall e aí conversavam todos em voz baixa.

— Com certeza — disse um dia Briant a Gordon — que combinam alguma coisa...

— Mas não contra ti, Briant! — respondeu Gordon. — Tentar substituir-te? Doniphan não se atreveria!... Seríamos todos a teu favor, bem o sabes, e Doniphan não o ignora!

— Talvez Wilcox, Cross, Webb e ele pensem em separar-se de nós?...

— É provável, Briant, e não me parece que tenhamos direito de os impedir!

— Não os vês, Gordon, lá ao longe...

— Talvez eles não pensem nisso.

— Pensam, com certeza. Vi Wilcox copiar o mapa do naufrago Baudoin, e é, evidentemente, com o fim de levar a cópia...

— Wilcox fez isso?

— Sim, Gordon, e, realmente não sei se, para acabar com estas questões, não seria melhor demitir-me a favor de outro... De ti, Gordon, ou mesmo de Doniphan!...

Acabaria assim toda a rivalidade...

— Não, Briant! — retorquiu Gordon, com energia. — Não!... Seria faltar aos teus deveres para com os que te nomearam... ao que deves a ti mesmo!

Foi no meio destas dissensões desagradáveis que acabou o inverno. Com os primeiros dias de outubro, os frios tinham desaparecido definitivamente, a superfície do lago e a do rio estavam inteiramente livres. Foi então — na noite de 9 de outubro — que Doniphan deu a conhecer a sua decisão de abandonar French-den, na companhia de Webb, Cross e Wilcox.

— Queres abandonar-nos?... — perguntou Gordon.

— Abandoná-los?... Não, Gordon! — respondeu Doniphan. — Cross, Wilcox, Webb e eu formámos o projeto de irmos residir para outra parte da ilha, nada mais.

— E porquê, Doniphan?... — inquiriu Baxter.

— Simplesmente porque desejamos viver a nosso modo e, digo-o francamente, porque não nos convém receber ordens de Briant!

— Gostava de saber o que tens a censurar-me, Doniphan... — disse Briant.

— Nada... a não ser o seres o nosso chefe! — respondeu Doniphan. — Já tivemos um americano por

chefe de colônia!... Agora, é um francês que nos governa!... Já não falta senão Moko...

— Não estás falando seriamente, Doniphan? — objetou Gordon.

— O que é sério —olveu Doniphan, com orgulho — é que, se agrada aos nossos camaradas serem governados por um que não é inglês, isso não me agrada a mim nem aos meus amigos!

— Seja! — admitiu Briant. — Wilcox, Webb, Cross e tu, Doniphan, têm a liberdade de partir e de levar a parte dos objetos a que têm direito!

— Nunca duvidámos disso, Briant, e amanhã mesmo deixaremos French-den!

— Deus queira que não se arrependam da vossa determinação! — acrescentou Gordon, compreendendo que qualquer insistência a este respeito seria inútil.

Eis agora o projeto que Doniphan resolvera pôr em execução.

Algumas semanas antes, descrevendo a sua excursão através da parte oriental da ilha Chairman, Briant afirmara que a pequena colônia podia ter-se instalado ali em boas condições.

Os rochedos da costa continham grande número de cavernas, as florestas a oriente de Family-lake confinavam com a praia, o East-river fornecia água doce em abundância, a caça de pelo e de pena pululava nas suas margens — enfim, a vida ali devia ser tão fácil como em French-den e muito mais do que seria em Sloughi-bay. Além disso, a distância entre French-den e a costa era apenas de doze milhas em linha reta, seis para a travessia do lago, e outras tantas, pouco mais ou menos, para descer o curso do East-river. Portanto, em caso de necessidade absoluta, seria fácil comunicar com French-den.

Foi depois de ter refletido seriamente acerca destas vantagens que Doniphan decidira Wilcox, Cross e Webb a irem estabelecer-se com ele no outro litoral da ilha.

Contudo, não era por mar que Doniphan tencionava chegar a Deception-bay.

Descer a margem do Family-lake até à extremidade meridional, contornar essa extremidade, subir a margem oposta, a fim de atingir East-river, explorando uma região desconhecida ainda para eles, depois seguir o curso de água no meio da floresta até à sua embocadura, tal era o itinerário que ele tencionava seguir.

Era uma jornada comprida — quinze a dezasseis milhas, pouco mais ou menos —, mas os seus camaradas e ele fá-la-iam como caçadores. Desta maneira, Doniphan evitava embarcar na canoa, que exigia, para ser bem dirigida, mãos mais experientes do que as suas.

O *halkett-boat*, que ele queria levar, era suficiente para atravessar o East-river, e, em caso de necessidade, para transpor outros rios, se porventura os houvesse a leste da ilha.

De mais a mais, esta primeira expedição não devia ter por objetivo senão reconhecer o litoral de Deception-bay, na intenção de se escolher aí o lugar onde Doniphan e os seus três amigos iriam estabelecer-se definitivamente. Assim, não querendo embaraçar-se com bagagens, resolveram levar apenas duas espingardas, quatro revólveres, duas machadinhas, munições em quantidade suficiente, linhas de pesca, cobertores de viagem, uma das bússolas de algibeira, a canoa de borracha e algumas conservas, esperando que a caça e a pesca lhes satisfizessem as necessidades.

Além disso, esta expedição — julgavam eles — não devia durar mais de seis a sete dias. Quando tivessem escolhido morada, voltariam a French-den para levarem os objetos que provinham do Sloughi e dos quais eram legítimos possuidores, e carregariam o carro com esse material.

Quando Gordon ou qualquer outro quisessem ir visitá-los, seriam bem recebidos; mas, quanto a partilhar a vida comum nas condições atuais, recusavam-se a isso absolutamente, e não consentiam sequer que se tornasse a discutir a esse respeito.

No dia seguinte, ao nascer do Sol, Doniphan, Cross, Webb e Wilcox despediram-se dos seus camaradas, que ficaram muito tristes com esta separação. Eles próprios talvez estivessem mais comovidos do que pareciam, apesar de estarem firmemente decididos a realizar o seu projeto, no qual a obstinação tinha grande parte.

Depois de terem atravessado o rio Zealand com a canoa que Moko conduziu para a represa, afastaram-se sem se apressarem muito, examinando ao mesmo tempo a parte inferior do Family-lake, que estreitava um pouco na extremidade, e a imensa planície dos South-moors, cujo fim não se via nem ao sul nem a oeste.

Pelo caminho mataram-se algumas aves, mesmo na borda do pântano.

Doniphan, compreendendo que devia economizar as munições, contentara-se com a caça necessária para o alimento diário.

O tempo estava encoberto, mas não ameaçava chuva, e a brisa parecia fixar-se no nordeste. Durante este dia os quatro rapazes não percorreram mais de cinco a seis milhas, e chegando, pelas cinco horas, à extremidade do lago, pararam a fim de passarem aí a noite.

Tais são os factos que tinham sucedido em French-den entre os últimos dias do mês de agosto e 11 de outubro.

Assim, Doniphan, Cross, Wilcox e Webb estavam agora longe dos seus camaradas, dos quais nunca deviam ter-se separado! Sentir-se-iam já isolados? Sim, talvez! Mas, decididos a executar o seu projeto até ao fim, não pensavam senão em criar uma existência nova em qualquer outro ponto da ilha Chairman.

No dia seguinte, depois de uma noite muito fria, que uma grande fogueira, acesa até de madrugada, tornara suportável, prepararam-se todos quatro para partir. A extremidade meridional do Family-lake formava um ângulo muito agudo na reunião das duas margens, das quais a direita subia quase perpendicularmente para o norte.

A leste, o território era ainda pantanoso, posto que a água não inundasse o solo ervoso, erguido alguns pés acima do lago. Era acidentado por algumas tumescências, atapetadas de ervas, sombreadas por árvores pouco frondosas. Como este território parecia formado principalmente por dunas, Doniphan pôs-lhe o nome de Down-lands (terra das Dunas). Depois, não querendo arriscar-se através do desconhecido, resolveu continuar a seguir a margem para chegar a East-river e à parte do litoral já reconhecida por Briant. Mais tarde tratar-se-ia de explorar aquela região das Down-lands até à costa.

Contudo, os seus companheiros e ele discutiram a este respeito antes de se porem a caminho.

— Se as distâncias estão marcadas no mapa com exatidão — ponderou Doniphan —, devemos encontrar o East-river a sete milhas, quanto muito, da extremidade do lago, e poderemos chegar lá sem muita fadiga antes da noite.

— Porque não se há de voltar para o nordeste, de maneira que se encontre o rio na sua embocadura? — observou Wilcox.

— Efetivamente, isso poupar-nos-ia uma grande parte do caminho — acrescentou Webb.

— Sim, talvez — disse Doniphan —, mas para que serve aventurarmo-nos por territórios pantanosos que não conhecemos e expormo-nos a voltar para trás? Pelo contrário, seguindo a margem do lago, há muitas probabilidades de não encontrarmos nenhum obstáculo no caminho!

— E, depois — reforçou Cross —, temos interesse em explorar o curso do East-river.

— Decerto — respondeu Doniphan —, porque esse rio estabelece comunicação direta entre a costa e Family-lake. Além disso, descendo-o, teremos também ocasião de visitar a parte da floresta que é atravessada por ele.

Dito isto, puseram-se a caminho, e a passos largos. Uma calçada estreita dominava, uns três ou quatro pés, de um lado o nível do lago e do outro a grande planície de dunas, que se prolongavam para a direita. Como o solo subia sensivelmente, era de supor que o aspeto do território mudasse inteiramente algumas milhas adiante.

Efetivamente, perto das onze horas, Doniphan e os seus companheiros pararam para almoçar à borda de uma pequena enseada sombreada por enormes faias. Daí tudo o que o olhar abrangia, na direção do leste, era uma massa confusa de verdura que ocultava o horizonte.

Uma cutia, morta naquela manhã por Wilcox, constituiu o prato principal da refeição, preparado, menos mal, por Cross, encarregado entre eles de substituir Moko como cozinheiro.

Depois de devorarem alguns pedaços de carne, assada a uns carvões ardentes, e de apaziguarem a sede, ao mesmo tempo, Doniphan e os seus companheiros caminharam para a margem do Family-lake.

Esta floresta, cuja extremidade era seguida pelo lago, era formada das mesmas espécies que os Traps-woods da parte ocidental.

As árvores de folhas persistentes é que cresciam ali em maior número. Havia mais pinheiros marítimos, mais azinheiras do que bétulas ou faias — todos de dimensões soberbas.

Doniphan pôde também verificar, com grande satisfação da sua parte, que a fauna não era menos variada naquela parte da ilha. Apareceram guanacos e vicunhas por várias vezes, assim como um bando de nandus, que se afastaram depois de terem matado a sede. As lebres, os tuco-tucos, os pecaris e a caça de pena abundavam na parte mais densa do bosque.

Pelas seis horas da tarde foi necessário parar. Neste ponto, a margem era atravessada por um rio que servia de escoadouro ao lago. Devia ser, e era efetivamente, o East-river.

Isto foi tanto mais fácil de reconhecer que Doniphan descobriu, debaixo de um grupo de árvores, ao fundo de uma pequena enseada, vestígios recentes de acampamento, isto é, as cinzas de uma fogueira.

Fora ali que Briant, Jaime e Moko tinham acampado durante a sua excursão a Deception-bay e passado também a primeira noite.

Parar naquele sítio, acender os carvões apagados e, em seguida, depois da ceia, estenderem-se debaixo das mesmas árvores que tinham abrigado os seus camaradas, foi o que Doniphan, Webb, Wilcox e Cross tinham de melhor a fazer, e foi o que fizeram.

Oito meses antes, quando Briant parou naquele lugar, não supunha que quatro dos seus companheiros também iriam ali ter, com o intento de viverem separadamente naquela parte da ilha Chairman!

E talvez, ao verem-se ali, longe da confortável morada de French-den, onde podiam estar agora, Cross, Wilcox e Webb se arrependessem de ter tomado aquela resolução! Mas agora a sua sorte estava ligada à de Doniphan, e este era muito vaidoso para reconhecer os seus erros, muito obstinado para renunciar aos seus projetos, muito invejoso para consentir em submeter-se ao seu rival.

Quando amanheceu, Doniphan propôs que se atravessasse imediatamente o East-river.

— É trabalho adiantado — disse ele — e o dia será suficiente para chegarmos à embocadura, que está a cinco ou seis milhas apenas!

— E depois — observou Cross — foi na margem esquerda que Moko fez a sua colheita de pinhões, e nós também faremos provisão deles durante a marcha.

O *halkett-boat* foi então desenrolado, e, logo que o deitaram à água, Doniphan dirigiu-se para a praia oposta, deitando uma corda pela ré. Com alguns movimentos dos remos, transpôs depressa os trinta a quarenta pés de largura que o rio media neste lugar. Em seguida, içando a corda, cuja extremidade seguravam, Wilcox, Webb e Cross puxaram para o seu lado a ligeira canoa, na qual passaram sucessivamente para a outra margem.

Feito isto, Wilcox, estendendo o *halkett-boat*, fechou-o como se fosse uma mala de viagem, pô-lo às costas, e continuaram a marcha. Seria menos fatigante, decerto, entregarem-se na canoa à corrente do East-river, como Briant, Jaime e Moko tinham feito, mas a canoa de borracha não podia levar mais do que uma pessoa ao mesmo tempo; por esse motivo, foi forçoso renunciar a este meio de transporte.

Este dia foi muito penoso.

A espessura da floresta, o solo, cheio de ervas e semeado de ramos derrubados pelas últimas tempestades, muitos pântanos, que foi necessário evitar a muito custo, atrasaram a chegada ao litoral. Pelo caminho, Doniphan pôde verificar que o naufrago francês não deixara vestígios da sua passagem nesta parte da ilha, como debaixo dos maciços de Traps-woods. E, contudo, devia tê-la explorado, porque o seu mapa indicava o curso do East-river, com exatidão, até Deception-bay.

Perto do meio-dia parou-se para almoçar, exatamente no sítio onde abundavam os pinhões. Cross apanhou uma boa quantidade desses frutos, que todos saborearam. Em seguida, durante duas milhas ainda, foi necessário deslizar através das sarças espessas e até abrir passagem a machado para não se afastarem da corrente.

Por causa destas demoras só chegaram ao limite extremo da floresta cerca das sete horas da tarde.

Como fosse de noite, Doniphan nada pôde reconhecer da disposição do litoral.

No entanto, apesar de ter visto só uma linha espumante, ouviu o rugido extenso e grave do mar que reventava no areal. Decidiram parar neste sítio e dormir ao ar livre.

Decerto que, na noite próxima, a costa lhes daria melhor abrigo numa das cavernas, não muito longe da embocadura do rio.

Organizado o acampamento, o jantar, ou antes, a ceia, em vista do adiantado da hora, constou de algumas aves que foram assadas numa fogueira de ramos secos e pinhas, apanhados debaixo das árvores.

Por prudência, tinham convencionado que este fogo seria alimentado até nascer o dia; e, durante as primeiras horas, foi Doniphan quem disso se encarregou.

Wilcox, Cross e Webb, estendidos debaixo da ramaria de um vasto pinheiro em forma de guarda-sol e muito fatigados por este longo dia de marcha, adormeceram imediatamente.

Doniphan teve grande trabalho em lutar com o sono. Apesar disso, resistiu; mas quando chegou o momento em que devia ser substituído por um dos seus companheiros notou que todos estavam entregues a um tão profundo sono que não se atreveu a acordar qualquer deles.

Além disso, a floresta estava tão tranquila nos arredores do acampamento que a segurança ali devia ser tão completa como o teria sido em French-den.

Por isso depois de ter deitado na fogueira uma porção de madeira, Doniphan estendeu-se aos pés da árvore. Aí fecharam-se-lhe bem depressa os olhos, para não se abrirem senão quando o Sol ia subindo num extenso horizonte de mar que se destacava na linha de contacto com o céu.

Capítulo VI

O primeiro cuidado de Doniphan, Wilcox, Webb e Cross foi descerem a margem do curso de água até à foz. Daí olharam avidamente para aquele mar que viam pela primeira vez. Não era menos deserto do que no litoral oposto.

— E, contudo — observou Doniphan —, se, como devemos acreditar, a ilha Chairman não estiver longe do continente americano, os navios que saem do estreito de Magalhães e se dirigem para os portos do Chile e do Peru devem passar a leste! Mais uma razão para nos fixarmos na costa de Deception-bay, e, posto que Briant lhe desse este nome de mau agouro, espero que ela não o justifique por muito tempo!

Talvez, fazendo esta observação, Doniphan procurasse desculpar-se ou justificar-se do seu rompimento com os seus camaradas de French-den. Além disso, pensando bem, era naquele lado do Pacífico, a oriente da ilha Chairman, que deviam aparecer navios com destino para os portos da América do Sul.

Depois de ter observado o horizonte com o óculo, Doniphan quis visitar a embocadura do East-river. Do mesmo modo que Briant, ele e os seus companheiros verificaram que a Natureza criara ali um porto pequenino, muito abrigado do vento e das ondas. Se a escuna se tivesse aproximado da ilha Chairman naquele ponto, talvez não fosse impossível evitar que encalhasse e se pudesse conservá-la intacta para os moços colonos regressarem à pátria.

Por detrás das rochas que formavam o porto acumulavam-se as primeiras árvores da floresta, que se prolongava, não só até Family-lake, mas também para o norte, onde o olhar não encontrava senão um horizonte de verdura. Quanto às escavações feitas nas massas graníticas do litoral, Briant não exagerara. Doniphan não teria outro embaraço senão o da escolha. Contudo, pareceu-lhe conveniente não se afastar das margens do East-river, e achou, em breve, uma chaminé atapetada pela areia fina, com cantos e escaninhos, e não menos confortável do que French-den. Esta caverna seria suficiente até para a colónia toda, porque continha uma série de cavidades anexas, que serviam para quartos separados, em lugar do hall e do Store-room.

Este dia foi empregado em visitar a costa, na extensão de uma a duas milhas. Entretanto, Doniphan e Cross mataram alguns tinamus, enquanto Wilcox e Webb estendiam uma linha de pesca nas águas do East-river, cem passos acima da foz. Apanhou-se meia dúzia de peixes, do género dos que subiam a corrente do rio Zealand — entre outros, duas percas de bom tamanho. Os mariscos também abundavam nos buracos dos recifes que, a nordeste, resguardavam o porto das ondas do largo. Os mexilhões e as amêijoas eram abundantes e de boa qualidade. Portanto, ter-se-ia sempre à mão, por assim dizer, moluscos, assim como os peixes que deslizavam entre as grandes algas acumuladas junto do banco de recifes, sem que fosse necessário ir buscá-los a quatro ou cinco milhas.

Não deve esquecer-se que por ocasião de explorar a embocadura do East-river tinha Briant feito a ascensão de uma rocha alta, que se parecia com um urso gigantesco. Doniphan ficou impressionado igualmente com a sua forma singular. Foi por este motivo que, em sinal de posse, deu o nome de Bear-rock-harbour (*porto da Rocha do Urso*) ao pequeno porto que dominava esta rocha, e é esse nome que figura agora na carta da ilha Chairman.

Durante a tarde, Doniphan e Wilcox subiram a Bear-rock, a fim de verem em maior extensão a baía. Mas a leste da ilha não lhe apareceram nem navio nem terra alguma. Aquela mancha esbranquiçada, que tinha atraído a atenção de Briant para o nordeste, nem sequer foi por eles vista, quer porque o Sol estivesse já muito baixo no horizonte oposto, quer porque essa mancha não existisse e Briant tivesse sido enganado por uma ilusão de ótica.

Logo que a tarde chegou, Doniphan e os seus companheiros tomaram a sua refeição debaixo de um grupo de soberbos almezes, cujos ramos baixos se estendiam por cima do curso de água. Depois de comerem, tratou-se da seguinte questão:

Conviria voltar imediatamente a French-den, a fim de trazer dali os objetos necessários a uma instalação definitiva na caverna de Bear-rock?

— Eu penso — declarou Webb — que não devemos demorar-nos; só tornar a fazer o trajeto pelo sul do Family-lake levará alguns dias!

— Mas — observou Wilcox — não seria melhor, quando voltássemos aqui, atravessar o lago, na intenção de tornar a descer o East-river até à sua foz? Porque não faremos nós o que Briant fez já com a canoa?

— Isso era tempo ganho, e que nos pouparia bastantes fadigas — acrescentou Webb.

— Que pensas disto, Doniphan? — perguntou Cross.

Doniphan estava refletindo nesta proposta, que apresentava vantagens reais.

— Tens razão, Wilcox — respondeu ele —, se embarcarmos na canoa conduzida por Moko.

— Com a condição de que Moko consentisse nisso — observou Webb, em tom duvidoso.

— E porque não havia ele de consentir? —olveu Doniphan. — Não tenho eu, como Briant, o direito de lhe dar uma ordem? Além disso, bastava que ele nos guiasse através do lago.

— É necessário que ele obedeça! — exclamou Cross. — Se fôssemos obrigados a transportar por terra todo o nosso material, isso nunca teria fim! Além disso, talvez que o carro não achasse passagem pelo meio da floresta. Por isso é melhor servirmo-nos da canoa.

— E se não nos quiserem dar a canoa? — objetou Webb, insistindo.

— Se não quiserem! — exclamou Doniphan. — E quem havia de recusá-la?

— Briant. Não é ele o chefe da colónia?

— Briant, recusar!... — repetiu Doniphan. — Essa embarcação pertence-lhe, porventura, mais a ele do que a nós? Se Briant se atrevesse a recusar...

Doniphan não acabou de expor o seu pensamento; mas percebia-se que, neste ou em qualquer outro

ponto, este rapaz imperioso não se submeteria às imposições do seu rival.

Demais — assim o fez observar Wilcox —, era inútil discutir este assunto. Em sua opinião, Briant facilitara aos seus camaradas a instalação em Bear-rock, e não valia a pena quebrar a cabeça por causa disso. Faltava decidir-se se voltariam ou não imediatamente a French-den.

— Parece-me impossível — disse Cross.

— Então, amanhã? — perguntou Webb.

— Não — respondeu Doniphan. — Antes de partir, desejava passar um pouco para além da baía, para reconhecer a parte norte da ilha. Dentro de quarenta e oito horas poderemos voltar a Bear-rock, depois de termos chegado à costa setentrional. Quem sabe se, nesta direção, não haverá alguma terra que o náufrago francês não tenha podido ver, nem por consequência, indicar na carta. Seria pouco razoável ficarmos aqui sem sabermos o que devemos fazer.

Era justa a observação. Por isso, se bem que esse projeto prolongasse a ausência em dois ou três dias, decidiu-se pô-lo sem demora em execução.

No dia seguinte, 14 de outubro, Doniphan e os seus três amigos partiram de madrugada, tomando a direção do norte e seguindo o contorno do litoral.

Em uma extensão, pouco mais ou menos, de três milhas, desenvolviam-se entre a floresta e o mar as massas das rochas, não deixando na base senão um areal da extensão máxima de cem pés.

Foi ao meio-dia que os quatro rapazes, depois de terem passado a última rocha, pararam para almoçar.

Naquele lugar, um segundo curso de água lançava-se na baía; mas pela sua direção, de sudoeste para nordeste, era de supor que não saísse do lago. As águas, despejadas por ele numa enseada estreita, deviam ser as que eram recolhidas ao atravessar a região superior da ilha. Doniphan denominou-o North-creek (*regato do Norte*), e, realmente, não merecia a qualificação de rio.

Alguns movimentos de remos foram suficientes para o *halkett-boat* o transpor, e não foi preciso senão costear a floresta, cujo limite era formado pelo limite do rio.

Pelo caminho, Doniphan e Cross dispararam dois tiros de espingarda, nas circunstâncias seguintes:

Eram três horas, pouco mais ou menos. Seguindo a corrente do North-creek, Doniphan dirigia-se para o norte mais do que convinha, porque se tratava de chegar à costa setentrional. Ia, portanto, dirigir-se para a direita quando Cross, detendo-o, exclamou:

— Olha, Doniphan, olha!

E com a mão indicava uma grande massa avermelhada, que se agitava entre as grandes ervas e os caniços do *creek*, debaixo das árvores.

Doniphan fez sinal a Webb e a Wilcox para não se moverem. Em seguida, acompanhado por Cross, dirigiu-se de espingarda ao ombro e sem ruído para a massa em movimento.

Era um animal de grande estatura, parecido com um rinoceronte se tivesse a cabeça armada de chifres e se o beiço inferior se estendesse demasiadamente.

Neste momento ouviu-se um tiro de espingarda, que foi logo seguido por outra detonação. Doniphan e Cross tinham disparado quase ao mesmo tempo. Decerto que, a uma distância de cento e cinquenta pés, o chumbo não produzira efeito algum na pele grossa do animal, porque este, saltando para fora dos caniços, transpôs rapidamente a praia e desapareceu na floresta.

Doniphan teve tempo de reconhecê-lo. Era um anfíbio completamente inofensivo, uma anta, de pelo escuro, ou, antes, um desses tapires enormes que se encontram quase sempre nas proximidades dos rios da América do Sul.

Como semelhante animal para nada servia, não houve razão para lastimar a sua fuga — a não ser debaixo do ponto de vista do amor-próprio cinegético.

As massas verdejantes prolongavam-se ainda, a perder de vista, deste lado da ilha Chairman. A vegetação era prodigiosa, e, como as faias cresciam aos milhares, Doniphan pôs-lhe o nome de Beech-forest (*floresta das Faias*), e escreveu-o no mapa, como as denominações de Bear-rock e de North-creek, admitidas anteriormente.

Quando veio a noite, tinham-se percorrido nove milhas. Com mais outro tanto, os moços exploradores chegariam ao norte da ilha. Era tarefa para o dia seguinte.

Ao romper do dia continuou-se a marcha. Havia razões para andar depressa. O tempo parecia querer mudar. O vento, que soprava de oeste, manifestava tendências para refrescar. As nuvens já vinham do largo, conservando-se numa zona ainda bastante elevada, é certo, o que fazia esperar que não se resolvessem em chuva. Afrontar o vento, mesmo de tempestade, não era coisa que assustasse rapazes resolutos. Mas a rajada, com o seu acompanhamento de aguaceiros torrenciais, incomodá-los-ia muito, e seriam obrigados a interromper a expedição, a fim de voltarem ao abrigo de Bear-rock.

Portanto, apressaram o passo, apesar de terem de lutar contra a borrasca, que os atacava de lado. O dia foi extremamente penoso, e anunciava uma noite péssima. Efetivamente, era nada menos do que uma tempestade que assaltava a ilha, e às cinco horas da tarde ouviram-se bramidos do trovão no meio do cruzar dos relâmpagos.

Doniphan e os seus camaradas não hesitaram. A ideia de estarem perto do seu fim animava-os. Além disso, os maciços de Beech-forest prolongavam-se ainda naquela direção, e sempre tinham o recurso de poderem abrigar-se debaixo das árvores. O vento desencadeava-se com muita violência, razão para não temer a chuva. Demais, a costa não devia estar longe.

Cerca das oito horas ouviu-se o bramido sonoro da ressaca, o que indicava a presença de um banco de recifes ao largo da ilha Chairman.

Entretanto, o céu, já coberto de vapores espessos, escurecia a pouco e pouco. Para o olhar poder dirigir-se para o longe, no mar, enquanto os últimos clarões iluminavam ainda o espaço, era preciso caminhar depressa. Para além do renque de árvores estendia-se uma praia do comprimento de um quarto de milha, onde as ondas, brancas de espuma, se quebravam, depois de terem batido, embravecidas, de encontro aos recifes do norte.

Doniphan, Webb, Cross e Wilcox, apesar de estarem muito fatigados, ainda tiveram forças para correr. Queriam, pelo menos, avistar aquela parte do Pacífico enquanto havia alguns clarões do dia. Seria um mar sem limites, ou um canal estreito, que separava aquela costa de um continente ou de uma Ilha?

De repente, Wilcox, que ia um pouco adiante, parou.

Indicava com a mão uma massa escura que se desenhava no pontalete da praia. Seria um animal marinho, um desses grandes cetáceos, tais como a baleia ou o baleote, que estivesse encalhado na areia? Não seria antes uma embarcação que estivesse deitada de costado, depois de ter sido arrastada para além dos recifes?

Sim! Era uma embarcação, deitada sobre o lado de estibordo. E, deste lado, junto do cordão de sargaços enrolados no limite da maré cheia, Wilcox divisou dois corpos estendidos a alguns passos da embarcação.

Doniphan, Webb e Cross tinham, primeiro, suspenso a marcha. Depois, sem refletir, correram pela praia fora e pararam em frente dos dois corpos estendidos na areia — talvez dois cadáveres!...

Foi então que, cheios de susto, não se lembrando, ao menos, de que aqueles corpos podiam ter alguma vida, e que se lhes devia prestar socorros imediatos, voltaram para trás precipitadamente, a fim de se refugiarem debaixo das árvores.

A noite já estava escura, apesar de ser ainda iluminada por alguns relâmpagos, que não tardaram em extinguir-se. No meio daquelas trevas profundas, os bramidos da tempestade reuniram-se ao estrondo do mar embravecido.

Que tempestade! As árvores estalavam por todos os lados, o que não deixava de ser perigoso para os quatro rapazes; mas era impossível acampar na praia, onde a areia, arrebatada pelo vento, açoutava os ares como metralha.

Doniphan, Wilcox, Webb e Cross conservaram-se naquele lugar durante toda a noite, sem poderem fechar os olhos um só momento. O frio fê-los sofrer cruelmente, porque não tinham podido acender uma fogueira, que seria logo apagada se tentassem incendiar os ramos secos acumulados no solo.

E, depois, a comoção não os deixava adormecer. Aquela barca, de onde vinha?... Aqueles náufragos, a que nação pertenciam?... Havia então algumas terras nas proximidades, visto que a embarcação pudera chegar à ilha?... A não ser que pertencessem a algum navio que tivesse soçobrado naquelas paragens, durante a maior força da tempestade.

Todas estas hipóteses eram admissíveis, e, durante os raros momentos de calma, Doniphan e Wilcox, chegados um ao outro, comunicavam-nas em voz baixa.

Ao mesmo tempo, com o cérebro tomado por alucinações, julgavam ouvir gritos longínquos, quando o vento abrandava um pouco, e, aplicando o ouvido, perguntavam a si mesmos se pela praia andariam errantes outros náufragos! Não! Eram vítimas de uma ilusão dos sentidos. Não ressoava grito algum de desespero no meio das violências da tempestade. Agora arrependiam-se de ter cedido ao primeiro movimento de susto!... Queriam dirigir-se imediatamente para os recifes, com risco de serem derrubados

pelas rajadas!... Mas, no meio daquela escuridão, numa praia descoberta, varrida pelas ondas da maré cheia, como poderiam achar o sítio onde a embarcação encalhara, o lugar onde os corpos estavam estendidos na areia?

Além disso, as forças moral e física começavam a faltar-lhes. Depois de estarem tanto tempo entregues a si mesmos, e de se julgarem quase homens, sentiam-se novamente crianças na presença dos primeiros seres humanos que encontravam depois do naufrágio do Sloughi, depois que o mar os arremessara, no estado de cadáveres, àquela ilha!

Finalmente, recuperando o sangue-frio, compreenderam qual era o seu dever. No dia seguinte, ao romper do dia, voltariam ao pontalete da praia, fariam uma cova na areia e enterrariam os dois náufragos, depois de terem dito uma oração pelo descanso das suas almas.

Como aquela noite lhes pareceu interminável! Realmente, parecia que o Sol nunca viria dissipar-lhe os horrores! E ainda se pudessem saber o tempo que decorrera, consultando o relógio! Mas foi impossível acender um fósforo — mesmo abrigando-o debaixo dos cobertores. Cross, que tentou fazê-lo, teve de renunciar a isso.

Wilcox lembrou-se então de recorrer a outro meio para saber pouco mais ou menos que horas eram.

Dava-se corda ao relógio fazendo com o *remontoir* doze voltas para vinte e quatro horas — ou uma volta para duas horas. Ora, como ele lhe dera corda naquela noite, às oito horas, não era preciso mais que contar o número de voltas que restavam para o número de horas decorridas. Foi o que ele fez, e, não tendo de dar mais que quatro voltas, concluiu daí que deviam ser, pouco mais ou menos, quatro horas da manhã. O dia não tardaria a aparecer.

Efetivamente, daí a pouco, os primeiros clarões da manhã desenharam-se a leste. A tempestade não abrandara, e, como as nuvens desciam para o mar, devia-se recear a chuva antes que Doniphan e os seus companheiros tivessem chegado ao cimo de Bear-rock.

Mas, primeiro que tudo, tinham de prestar os últimos deveres aos náufragos. Assim, logo que a aurora rompeu através da massa dos vapores acumulados ao longe, arrastaram-se no areal, lutando, não sem custo, contra o impulso das rajadas de vento. Por muitas vezes tiveram de agarrar-se uns aos outros para não serem derrubados.

A embarcação tinha encalhado perto de um pequeno montículo de areia. Via-se, pela disposição do mar, que a maré, aumentada pelo vento, tinha passado para além dela.

Os dois corpos já não estavam ali... Doniphan e Wilcox avançaram uns vinte passos sobre o areal.

Nada!... Nem sequer uns sinais, que, além disso, o refluxo da maré teria decerto apagado.

— Estes desgraçados — exclamou Wilcox — estavam portanto vivos, visto que puderam levantar-se!...

— Onde estão eles?... — perguntou Cross.

— Onde estão?... — volveu Doniphan, mostrando o mar, que espumava com fúria. — Estão ali, para onde a maré baixa os levou!

Doniphan arrastou-se então até à parte mais alta do banco de recifes e estendeu o óculo pela superfície do mar...

Nem um cadáver!

Os corpos dos naufragos tinham sido arrastados para o largo! Doniphan tornou a voltar para junto de Wilcox, Cross e Webb, que tinham ficado perto da embarcação.

Talvez que houvesse algum sobrevivente desta catástrofe!

A embarcação estava vazia.

Era uma chalupa de navio mercante, com uma coberta só à proa, e cuja quilha media uns trinta pés. Já não estava em estado de navegar, pois que o lado de estibordo estava arrombado na linha de flutuação pelos choques que tinha sofrido. Um bocado de mastro quebrado, alguns bocados de vela agarrados aos traquetes, restos de cabos, era tudo o que restava. Quanto a provisões, utensílios e armas, nada havia nos cofres nem no castelo da proa.

À ré, dois nomes indicavam a que navio tinha ela pertencido, bem como o porto de onde viera: Severn — São Francisco.

São Francisco! Um dos portos do litoral da Califórnia!... O navio era de nacionalidade americana! Quanto à parte da costa sobre a qual os naufragos do Severn tinham sido lançados pela tempestade, era o mar que lhe limitava o horizonte.

Capítulo VII

Não se esqueceu em que condições Doniphan, Webb, Cross e Wilcox tinham deixado French-den. Desde que tinham partido, a vida dos moços colonos tornara-se bem triste. Com que profundo pesar tinham todos sentido aquela separação, cujas consequências poderiam ser tão más no futuro! Decerto que Briant nada tinha que censurar a si próprio, e, contudo, pensava mais no caso do que os outros, pois era por causa dele que a cisão se realizara.

Gordon procurava em vão consolá-lo, dizendo:

— Eles hão de voltar, Briant, e mais cedo do que o pensam! Por muito teimoso que seja Doniphan, as circunstâncias hão de ser mais fortes do que ele! Aposto que eles vêm ter connosco a French-den antes de ter chegado a estação invernosa!

Briant, abanando a cabeça, não se atrevia a responder. Dizia que talvez algumas circunstâncias pudessem trazer os ausentes; mas que, nesse caso, essas circunstâncias seriam bem graves!

— Antes de chegar a estação invernosa! — dissera Gordon.

Estavam, pois, os moços colonos condenados a passar um terceiro inverno na ilha Chairman? Não lhes chegaria socorro algum antes dessa época? Não seriam estas paragens do Pacífico frequentadas, durante o verão, por alguns navios mercantes, e não seria visto, por fim, o balão-sinal levantado na crista de Auckland-hill?

É verdade que este balão, erguido duzentos pés apenas acima do nível da ilha, não devia ser visível senão dentro de um raio bastante restrito. Por isso, Briant, depois de ter lutado debalde com Baxter a fim de delinear o plano de uma embarcação que fosse capaz de ir ao mar, ficou reduzido a procurar o meio de elevar qualquer sinal a maior altura. Falava muitas vezes disso e, um dia, disse a Baxter que não seria talvez impossível empregar para esse fim um papagaio.

— Não nos falta nem o pano nem a corda — acrescentou —, e, se dermos a esse aparelho as dimensões suficientes, há de pairar numa zona elevada, a mil pés, por exemplo.

— Exceto nos dias em que não houver nem uma aragem! — observou Baxter.

— Esses dias são raros — respondeu Briant — e, em tempo calmo, só teremos de trazer a máquina para terra. Mas, a não ser neste caso, depois de ter sido fixado no solo pela extremidade da sua corda, seguiria ele próprio as variações da brisa, e não teríamos de inquietar-nos com a sua direção.

— É caso para experimentar — disse Baxter.

— Além disso — insistiu Briant —, se esse papagaio fosse visível durante o dia a grande distância — talvez umas sessenta milhas —, sê-lo-ia também durante a noite se ligássemos um dos nossos faróis à sua cauda ou ao seu corpo!

Enfim, a ideia de Briant não deixava de ser prática. A sua execução não punha em embaraços uns

rapazes que tinham muitas vezes atirado esses papagaios nos prados da Nova Zelândia.

Por isso, quando foi conhecido o projeto de Briant, foi ele causa de alegria geral. Os pequenos, sobretudo Jenkins, Iverson, Dole e Costar, tomaram o caso pelo lado divertido e rejubilaram com a ideia de um papagaio que devia exceder tudo o que até então tinham visto. Que prazer não seria puxar pela corda bem retesada, enquanto ele se balanceasse nos ares!

— há de pôr-se-lhe um grande rabo! — dizia um.

— E umas orelhas muito grandes — acrescentava outro.

— há de pintar-se nele um magnífico polichinelo, que fará lindas cabriolas lá em cima.

— Havemos de lá mandar correios!

Era uma alegria a valer! A verdade era que, onde as crianças não viam senão uma distração, havia uma ideia muito séria, e era permitido esperar que essa ideia produziria excelentes resultados.

Baxter e Briant puseram-se, portanto, em campo no dia seguinte àquele em que Doniphan e os seus três companheiros tinham abandonado French-den.

— Ora aqui está — exclamou Service —, eles agora hão de arregalar bem os olhos, logo que virem uma tal máquina! Que pena que os meus Robinsons não tenham tido nunca a ideia de largarem um papagaio no espaço!

— Poderá ele ser visto de todos os pontos da nossa ilha? — perguntou Garnett.

— E não só da nossa ilha — respondeu Briant —, como também de uma grande distância, nos arredores.

— Será visto de Auckland-hill?... — observou Dole.

— Daí, não — volveu Briant, sorrindo com essa ideia. — No fim de contas, quando Doniphan e os outros o virem, talvez que isso os resolva a voltarem!

Vê-se por isto que este bom rapaz só cuidava nos ausentes e não desejava senão uma coisa, e era que essa funesta separação acabasse o mais depressa possível.

Esse dia e os seguintes foram empregas na construção do papagaio, ao qual Baxter propôs que se desse uma forma octogonal. A armação, leve e resistente, foi feita com uma espécie de canas muito rijas que cresciam nas margens do Family-lake. Era bastante forte para resistir ao impulso de uma brisa ordinária. Sobre tal armação mandou Briant estender uns panos ligeiros, cobertos de borracha, que serviam para tapar as claraboias da escuna, panos tão impermeáveis que o vento não podia passar através do seu tecido. Quanto à corda, devia fazer-se uso de um fio, de dois mil pés pelo menos de comprimento, muito resistente, dos que se empregavam para arrastar a barquinha, e que era capaz de resistir a uma tensão considerável.

É escusado dizer que o aparelho devia ser enfeitado com uma cauda magnífica, destinada a conservá-lo em equilíbrio quando estivesse inclinado na camada de ar. Em verdade, estava tão solidamente construído que teria podido, sem grande perigo, elevar aos ares qualquer dos moços colonos! Não se tratava, porém, disso, e bastava que fosse sólido bastante para resistir a brisas frescas, bastante vasto

para chegar a certa altura, e grande quanto fosse preciso para ser visto num raio de cinquenta a sessenta milhas.

É escusado dizer que o papagaio não devia ser sustentado à força de braço. Sob a Impulsão do vento teria arrastado consigo todo o pessoal da colónia, mais depressa do que este o quererá. A corda ficaria, porém, enrolada em um dos viradores da escuna. Trouxeram, pois este pequeno cabrestante horizontal para o meio do Sport-terrace e fixaram-no com força ao solo, a fim de resistir à tração do “Gigante dos ares”, nome que os pequenos admitiram de comum acordo.

Estando este trabalho acabado no dia 15, pela tarde, marcou Briant para o dia seguinte, à mesma hora, o deitar do papagaio, operação a que deviam assistir todos os seus camaradas.

Ora, no dia seguinte foi impossível proceder à experiência. Desencadeara-se uma violenta tempestade e o aparelho seria logo feito em pedaços se o entregassem ao vento.

Esta mesma tempestade era a que assaltara Doniphan e os seus companheiros na parte setentrional da ilha, ao mesmo tempo que arrastava a chalupa e os naufragos americanos contra os recifes do norte, aos quais se deu, mais tarde, o nome de Severn-shores (*cachopos do Severn*).

No dia seguinte ao da tempestade — 16 de outubro — apesar de se ter produzido uma certa calma, a brisa era ainda muito violenta para Briant deixar soltar o seu aparelho aéreo. Mas como o tempo se modificou pela tarde, graças à direção do vento, que abrandou sensivelmente, passando para sudoeste, guardou-se a experiência para o dia imediato.

Era o dia 17 de outubro — data que ia ocupar lugar importante nos anais da ilha Chairman.

Apesar de ser uma sexta-feira, Briant, que não era supersticioso, não quis esperar para outro dia. O tempo estava bom, com uma leve brisa, constante e regular, própria para sustentar o papagaio nos ares. Graças à inclinação causada pela cauda, elevar-se-ia para terra, a fim de lhe prender um farol, cujo clarão seria visível durante toda a noite.

A manhã foi empregada nos últimos preparativos, que duraram mais de uma hora depois do almoço. Em seguida, foram todos para Sport-terrace.

— Que boa ideia teve Briant de construir esta máquina! — repetiam Iverson e os outros, batendo as palmas.

Era hora e meia. O aparelho, estendido no solo, com a comprida cauda desenrolada, ia ser entregue à ação da brisa. Já não se esperava senão o sinal de Briant, quando este suspendeu a manobra.

Neste momento, a sua atenção acabava de ser desviada por Phann, que se arremessava precipitadamente para o lado da floresta, dando uivos tão lastimosos, tão extraordinários, que todos ficaram surpreendidos.

— Que tem Phann? — perguntou Briant.

— Sentiria algum animal debaixo das árvores? — lembrou Gordon.

— Não!... Então ladrava de outro modo!

— Vamos!... — exclamou Service.

— Não sem armas! — respondeu Briant.

Service e Jaime correram a French-den, de onde voltaram trazendo cada um uma espingarda carregada.

— Venham — ordenou Briant.

E todos três, acompanhados por Gordon, se dirigiram para a entrada de Traps-woods.

Phann já a havia transposto, e, se já não o viam, ainda o ouviam ladrar.

Briant e os seus camaradas tinham dado apenas cinquenta passos quando avistaram o cão parado defronte de uma árvore, ao pé da qual estava estendido um corpo humano.

Era uma mulher, imóvel como uma morta, cujo vestuário — saia de pano grosso, corpete igual, xaile de lã escura, atado à roda da cinta — parecia ainda em bom estado.

O seu rosto mostrava vestígios de grandes sofrimentos, apesar de ela ser de constituição robusta, não tendo, além disso, mais de quarenta e cinco anos. Exausta de fadiga, talvez de fome, tinha perdido os sentidos, mas os lábios exalavam ainda um ligeiro sopro.

Imagine-se a comoção dos pequenos náufragos à vista da primeira criatura humana que encontravam depois da sua chegada à ilha Chairman!

— Respira!... Respira!... — disse Gordon em voz alta. — A fome, decerto, e a sede...

Jaime correu logo para French-den e trouxe de lá um bocado de bolacha e uma cabaça de brandy.

Briant então inclinou-se para aquela mulher, entreabriu-lhe os lábios, e conseguiu introduzir-lhe na garganta algumas gotas do licor vivificante.

A mulher fez um movimento, ergueu as pálpebras... Ao ver aquelas crianças reunidas em torno dela, o olhar animou-se-lhe... Em seguida, levou avidamente à boca o bocado de bolacha que Jaime lhe apresentava.

Era evidente que aquela desgraçada morria de fome, mais que de fadiga.

Mas quem era ela? Seria possível falar-lhe e compreendê-la?

Briant ficou sossegado a este respeito.

A desconhecida erguera-se, e acabava de pronunciar as seguintes palavras, em inglês:

— Obrigada, meus filhos... Obrigada!

Meia hora depois, Briant e Baxter tinham-na depositado no hall. Aí, ajudados por Gordon e por Jaime, prodigalizaram-lhe todos os cuidados que o seu estado reclamava.

Logo que ela se sentiu com bastantes forças, deu-se pressa em contar a sua história.

Eis o que ela disse, e ver-se-á como a narração das suas aventuras devia interessar os moços colonos.

Esta mulher, de origem americana vivera muito tempo nos territórios do Far-West, nos Estados Unidos. Chamava-se Catarina Ready, ou simplesmente Kate. Exercia, havia mais de vinte anos, funções de governanta, em casa da família William R. Penfield, que vivia em Albany, capital do Estado de Nova Iorque.

Havia um mês que o senhor e a senhora Penfield, querendo ir para o Chile, onde vivia um dos seus parentes, se tinham dirigido a São Francisco, o porto principal da Califórnia, a fim de embarcarem no navio mercante Severn, comandado pelo capitão John F. Turner. Este navio ia com destino a Valparaíso; o senhor e a senhora Penfield tomaram passagem nele com Kate, que fazia, por assim dizer, parte da família.

O Severn era um bom navio e teria feito uma travessia excelente se os oito homens que compunham a tripulação, engajados havia pouco tempo, não fossem uns miseráveis da pior espécie.

Nove dias depois da partida, um deles, Valston, ajudado pelos seus companheiros, Brandt, Rock, Henley, Cook, Forbes, Cope e Pike, provocou uma revolta, na qual o capitão Turner e o seu imediato foram mortos, ao mesmo tempo que o senhor e a senhora Penfield.

O objetivo dos assassinos, ao apoderarem-se do navio, era empregá-lo no tráfico da escravatura, que se fazia ainda com algumas províncias da América do Sul.

A bordo só duas pessoas tinham sido poupadas: Kate, por quem o marinheiro Forbes — menos cruel do que os cúmplices — intercedera, e o mestre do Severn, homem de trinta anos, pouco mais ou menos, chamado Evans, que era necessário aos assassinos para dirigir o navio.

Estas cenas horríveis tinham ocorrido na noite de 7 para 8 de outubro, quando o Severn se achava a umas duzentas milhas da costa do Chile.

Evans foi obrigado a manobrar, sob pena de morte, de maneira a dobrar o cabo Horn, a fim de chegar às paragens do oeste da África.

Mas, alguns dias depois — nunca se soube qual foi a verdadeira causa —, manifestou-se um incêndio a bordo. Desenvolveu-se com tal violência e em tão pouco tempo que os esforços de Walston e dos companheiros para salvar o Severn de uma destruição completa foram inúteis. Um deles, Henley, morreu ao atirar-se ao mar para escapar ao fogo. Foi preciso abandonarem o navio, depois de meterem na chalupa provisões, armas e munições. A seguir, o Severn soçobrava envolto em chamas.

A situação dos naufragos era extremamente crítica, porque estavam separados por duzentas milhas das terras mais próximas. Realmente era uma grande justiça a chalupa submergir-se com os celerados que iam dentro se Kate e o mestre Evans não estivessem a bordo.

Quarenta e oito horas depois desencadeou-se uma furiosa tempestade — o que tornou a situação ainda mais horrível. Mas, como o vento soprava do largo, a embarcação, com o mastro quebrado, a vela em farrapos, foi impelida para a ilha Chairman. Sabe-se como, na noite de 15 para 16, depois de ter rebolado à superfície dos cachopos, ela fora encalhar na praia, com o cavername despedaçado em parte e as cintas do costado entreabertas.

Walston e os seus companheiros, exaustos de forças por uma luta desesperada contra a tempestade, com as provisões quase consumidas, já não podiam com o frio e com a fadiga. Assim, estavam quase inanimados quando a chalupa chegou junto dos recifes. Um golpe de mar arrebatou então cinco deles, e, alguns instantes depois, os outros dois foram arrojados à praia, enquanto Kate caía do outro lado da

embarcação.

Os dois homens ficaram desmaiados durante muito tempo; Kate, que depressa recuperou os sentidos, teve o cuidado de se conservar imóvel, posto que imaginasse que Walston e os outros estavam mortos. Esperava que amanhecesse para ir procurar socorros naquela terra desconhecida, quando, pelas três horas da manhã, alguns passos fizeram ranger a areia perto da chalupa.

Eram Walston, Brandt e Rock, que, a muito custo, tinham escapado às ondas, antes que a embarcação encalhasse. Depois de terem atravessado o banco dos recifes e chegado ao sítio onde jaziam os seus companheiros Forbes e Pike, depois de os terem chamado à vida, foram combinar o que deviam fazer, enquanto o mestre Evans os esperava, a uns cem passos dali, guardado por Cope e por Cook.

Eis as palavras que eles trocaram — palavras que Kate ouviu perfeitamente:

— Onde estamos? — perguntou Rock.

— Não sei! — respondeu Walston. — Mas não fiquemos aqui, vamos para leste! Quando romper o dia, veremos o que se vai fazer!

— E as nossas armas?... — disse Forbes.

— Estão aqui, com as munições, tudo intacto!... — respondeu Walston.

E tirou do cofre da chalupa cinco espingardas e muitos pacotes de cartuchos.

— É pouco — disse Rock — para andar sem medo neste país de selvagens!

— Onde está Evans?... — perguntou Brandt.

— Evans está ali — respondeu Walston, apontando para o sítio onde ele estava, guardado por Cope e por Cook. — há de acompanhar-nos, quer queira quer não, e, se resistir, eu me encarrego de o fazer obedecer!

— Que é feito de Kate?... — disse Rock. — Conseguiria salvar-se?...

— Kate?... — voltou Walston. — Dessa não há que temer! Vi-a cair no mar antes que a chalupa se tivesse submergido, e já deve estar no fundo!

— Bem bom, afinal de contas!... — respondeu Rock. — Sabia muitas coisas a nosso respeito.

— Não havia de sabê-lo durante muito tempo! — acrescentou Walston, com ar feroz.

Kate, que ouvira tudo, estava resolvida a fugir depois da partida dos marinheiros do Severn.

Alguns instantes depois, Walston e os seus companheiros, segurando Forbes e Pike, cujas pernas ainda não estavam muito sólidas, levavam as armas, as munições e o resto das provisões que havia nos cofres da chalupa — isto é, algumas libras de carne salgada, um pouco de tabaco e duas ou três cabaças de gin. Depois afastaram-se, no momento em que a tempestade atingia a maior violência.

Kate, logo que os perdeu de vista, ergueu-se. Era tempo, porque a maré cheia já chegava à praia, e daí a pouco a pobre mulher teria sido arrastada pelas ondas.

Compreende-se agora o motivo por que Doniphan, Wilcox, Webb e Cross, quando voltaram à praia, a fim de prestarem os últimos deveres aos náufragos, acharam o lugar deserto. Walston e o seu bando já tinham descido na direção de leste, enquanto Kate, tomando a direção oposta, se dirigia, sem o saber,

para a extremidade setentrional do Family-lake.

Chegou ali no dia 16, à tarde, exausta de fadiga e de fome. Alguma fruta silvestre era tudo o que pudera encontrar. Seguiu então a margem esquerda, andou toda a noite e toda a manhã de 17, e foi cair no lugar onde Briant a encontrara quase morta.

Tais eram os factos narrados por Kate — factos de extrema gravidade. Efetivamente, na ilha Chairman, onde os moços colonos tinham vivido, até agora, em completa segurança, acabavam de desembarcar sete homens capazes de todos os crimes. Se descobrissem French-den, hesitariam em atacá-la? Tinham grande interesse em se apoderarem do material, em roubar as provisões, as armas, as ferramentas, sobretudo, sem as quais não podiam pôr a chalupa do Severn em estado de se poder lançar à água. E, nesse caso, que resistência podiam opor Briant e os seus camaradas, os mais velhos dos quais tinham então quinze anos, quanto muito, e os mais novos apenas nove ou dez! Estas eventualidades eram aterradoras! Se Walston ficasse na ilha, era de esperar, com certeza, alguma agressão da sua parte! É fácil imaginar com que comoção foram ouvidas as palavras de Kate.

Briant não pensava senão no seguinte: se o futuro apresentava tais perigos, Doniphan, Wilcox, Webb e Cross estavam ameaçados presentemente. Como podiam eles acautelar-se, se ignoravam a presença dos naufragos do Severn na ilha Chairman, e exatamente na parte do litoral que eles andavam explorando? Um tiro de espingarda, disparado por qualquer deles, não era bastante para revelar a sua presença a Walston? E, nesse caso, cairiam todos quatro nas mãos dos celerados, dos quais não podiam esperar senão o mal!

— É preciso ir socorrê-los — disse Briant —, devem estar prevenidos antes de amanhã...

— E trazê-los para French-den — acrescentou Gordon. — Devemos estar reunidos, agora mais do que nunca, a fim de nos defendermos contra um ataque daqueles malfeitores.

— Sim! — apoiou Briant. — E, como é necessário que os nossos camaradas voltem, hão de voltar! Vou buscá-los!

— Tu, Briant?

— Eu, Gordon.

— Mas como?

— Embarcarei na canoa com Moko. Em poucas horas teremos atravessado o lago e descido o East-river, como já fizemos. Temos todas as probabilidades de encontrar Doniphan na foz...

— Quando tencionas partir?...

— Esta noite — respondeu Briant —, quando a escuridão permitir que atravessemos o lago sem sermos vistos.

— Vou contigo, meu irmão?... — perguntou Jaime.

— Não — declarou Briant. — É indispensável que voltemos todos na canoa, e já há de custar a arranjar lugar para seis!

— Então, está decidido?... — perguntou Gordon.

— Está! — respondeu Briant.

Realmente, era o melhor partido a tomar — não só para bem de Doniphan, Wilcox, Cross e Webb, mas também para interesse da pequena colônia, Quatro rapazes, e dos mais vigorosos, não eram para desprezar no caso de haver agressão. Por outro lado, não havia uma hora a perder se queriam estar todos reunidos em French-den antes de vinte e quatro horas.

É inútil dizer que já não se pensava em deitar o papagaio ao ar. Seria grande imprudência. Não era aos navios — se passassem alguns defronte da ilha — que ele indicaria a presença dos moços colonos; era a Walston e aos seus cúmplices. Briant lembrou-se, até, de deitar abaixo o mastro de sinais, elevado no cume de Auckland-hill.

E, até à noite, estiveram todos encerrados no hall. Kate ouviu-os narrar as suas aventuras. A excelente mulher já não pensava em si, pensava só nos pequenos. Se ficassem juntos na ilha Chairman, ela queria ser sua criada, tratar deles e estimá-los como sua mãe. E aos mais pequeninos, a Dole e a Costar, já dava o nome acariciador de papooses, com que se designam os *babies* ingleses nos territórios do Far-West.

Service propôs que, como recordação dos seus romances prediletos, se chamasse Sexta-feira a Kate — como Crusóé fizera ao seu companheiro, de imorredoura memória — porque foi exatamente numa sexta-feira que Kate chegou a French-den.

Em seguida acrescentou:

— Esses malfeitores são os selvagens de Robinson! Há sempre um momento em que aparecem os selvagens, e sempre se consegue dar cabo deles!

Às oito horas estavam acabados os preparativos da partida. Moko, que não recuava diante de nenhum perigo, regozijava-se por acompanhar Briant nesta expedição.

Embarcaram ambos, levando algumas provisões, dois revólveres e duas facas de mato. Depois de dizerem adeus aos seus camaradas, que os viram afastar-se com o coração oprimido, em breve desapareceram no meio das sombras de Family-lake. Ao romper do Sol erguera-se uma pequena brisa, que soprava do norte, e, se se conservasse, auxiliaria a canoa, tanto na ida como na volta.

Em todo o caso, conservou-se favorável durante a travessia de oeste para leste. A noite estava muito escura — circunstância feliz para Briant, que queria passar despercebido. Dirigindo-se pela bússola, tinha a certeza de chegar à margem oposta, que bastava subir ou descer, conforme a embarcação abordasse a ela para cima ou para baixo do curso de água. A atenção de Briant e de Moko dirigia-se toda para esse lado; e receavam avistar algum lume — o que decerto indicaria a presença de Walston e dos seus companheiros, porque Doniphan devia ter acampado no litoral, na embocadura do East-river.

Percorreram seis milhas em duas horas. A canoa não sofrera muito com a brisa, posto que esta tivesse refrescado um pouco. Chegou ao lugar onde aportara a primeira vez e teve de costear a margem durante meia milha, a fim de chegar à enseada estreita por onde as águas do lago corriam para o rio. Isto levou muito tempo. Como o vento era contrário, foi necessário servirem-se dos remos. Tudo parecia tranquilo debaixo das árvores, inclinadas por cima da água. Não se ouvia um uivo nem um gemido nas profundezas

da floresta, nem se via lume algum debaixo dos negros maciços de verdura.

Contudo, cerca das dez horas e meia, Briant, que estava sentado na ré da canoa, agarrou no braço de Moko. A algumas centenas de pés do East-river na margem direita, uma fogueira quase apagada deitava uma claridade moribunda através da sombra. Quem acampara ali... Walston ou Doniphan... Era preciso reconhecê-lo antes de se meterem na corrente do rio.

— Vou desembarcar, Moko — disse Briant.

— Não quer que o acompanhe, Sr. Briant — perguntou o grumete em voz baixa.

— Não; prefiro ir só! É menos fácil ser visto!

A canoa aportou à praia, e Briant saltou em terra, depois de ter recomendado a Moko que o esperasse. Levava a faca de mato na mão e o revólver à cinta, decidido a não se servir deste senão em último recurso, a fim de evitar o ruído.

Depois de ter subido a praia, o corajoso rapaz meteu-se debaixo das árvores.

De repente, parou. A vinte passos dali, à claridade da fogueira, pareceu-lhe distinguir uma sombra, arrastando-se por entre as ervas, como ele próprio fazia.

Neste momento, ouviu-se um rugido formidável. Em seguida uma massa saltou para a frente.

Era um jaguar enorme.

Ouviram-se logo estes gritos:

— Socorro!... Socorro!...

Briant reconheceu a voz de Doniphan. Era ele, efetivamente. Os seus companheiros tinham ficado no acampamento estabelecido junto da margem do rio.

Doniphan, derrubado pelo jaguar, debatia-se, sem poder fazer uso das armas.

Wilcox, atraído pelos gritos, correu, com a espingarda ao ombro, pronto para fazer fogo...

— Não dispare!... Não dispare!... — recomendou Briant.

E antes de que Wilcox o tivesse visto, Briant precipitou-se sobre o carnívoro, que se virou contra ele, enquanto Doniphan se erguia prontamente.

Por felicidade, Briant pôde saltar para o lado, depois de ter ferido o jaguar com a faca de mato. Isto foi feito com tanta rapidez que nem Doniphan nem Wilcox tiveram tempo de intervir. O animal, ferido mortalmente, caíra, no momento em que Webb e Cross corriam a auxiliar Doniphan.

Mas a vitória podia ter saído cara a Briant, que ficara com um dos ombros a escorrer sangue, rasgado pelas garras do jaguar.

— Como vieste aqui? — exclamou Wilcox.

— Sabê-lo-ão mais tarde! — respondeu Briant. — Venham!... Venham!...

— Não sem te agradecer, Briant! — disse Doniphan. — Salvaste-me a vida...

— Fiz o que tu farias no meu lugar! — retorquiu Briant. — Não falemos mais nisso, e segue-me!...

No entanto, posto que a ferida de Briant não fosse grave, foi necessário ligá-la muito bem com um lenço, e, enquanto Wilcox fazia isto, o corajoso rapaz pôde pôr os seus camaradas ao facto da situação.

Assim, aqueles homens que Doniphan julgara mortos e levados pela maré estavam vivos! Vagueavam pela ilha! Eram malfeitores, manchados de sangue! Vinha uma mulher com eles, na chalupa do Severn, e essa mulher estava em French-den!... Agora, já não havia segurança na ilha Chairman!... Aí está porque Briant gritara a Wilcox que não fizesse fogo, com medo de que a detonação se ouvisse, e se servira da faca de mato para ferir o jaguar!

— Ah! Briant, tu vales mais do que eu! — exclamou Doniphan, muito comovido e num ímpeto de reconhecimento que foi mais forte do que o seu caráter orgulhoso.

— Não, Doniphan, não, meu amigo — respondeu Briant — e, já que me dás a mão, não a largo enquanto não consentires em vir comigo...

— Sim, Briant, irei! — afirmou Doniphan. — Conta comigo! Daqui para o futuro, serei o primeiro a obedecer-te! Amanhã... ao romper do dia... partimos...

— Não, imediatamente — recomendou Briant —, para podermos chegar sem que nos vejam!

— E como?... — perguntou Cross.

— Moko está ali! Espera-nos com a canoa! Íamos tomar a direção do East-river, quando distingi o clarão de uma fogueira, que era esta.

— E chegaste a tempo para me salvar!... — repetiu Doniphan.

— E também para te levar Para French-den!

Agora, por que razão tinham Doniphan, Wilcox, Webb e Cross acampado naquele sítio e não na embocadura do East-river? A explicação foi dada em algumas palavras.

Depois de terem deixado a costa dos Severn-shores, voltaram ao porto de Bear-rock na noite de 16. No dia seguinte de manhã como estava combinado, subiram a margem esquerda do East-river até ao lago onde tinham acampado, esperando que amanhecesse para regressarem a French-den.

Alguns momentos depois, Briant e os seus camaradas tinham embarcado, e, como a canoa era muito pequena para seis, foi preciso manobrar com cuidado.

Mas a brisa era favorável, e Moko dirigiu a embarcação tão habilmente que a travessia fez-se sem acidente algum.

Com que alegria Gordon e os outros receberam os ausentes, quando estes, pelas quatro horas da manhã, desembarcaram na represa do rio Zealand! Se os ameaçavam grandes perigos, ao menos estavam todos reunidos em French-den!

Capítulo VIII

A colónia estava, pois, completa, e até aumentada com um novo membro — aquela boa Kate, arremessada, em consequência de um terrível drama marítimo, às praias da Ilha Chairman. E, depois, a harmonia ia agora reinar em French-den — harmonia que, para o futuro, nada devia perturbar. Se Doniphan sentia ainda algum pesar por não ser o chefe dos moços colonos, ao menos voltara amigavelmente para junto deles. Sim, aquela separação de dois ou três dias tivera bons resultados. Já algumas vezes, sem dizer nada aos seus camaradas, sem querer confessar o seu erro, quando o amor-próprio ainda tinha mais força nele do que o interesse, compreendera que a sua obstinação o levara a fazer uma tolice. Por outro lado, Wilcox, Cross e Webb sentiam a mesma impressão. Por isso, depois da dedicação de que Briant dera provas, Doniphan entregara-se aos seus bons sentimentos, que nunca mais deviam abandoná-lo.

Além disso, perigos muito sérios ameaçavam French-den, exposta aos ataques de sete malfeitores, vigorosos e armados. O interesse de Walston era, decerto, tentar abandonar a ilha Chairman o mais depressa que pudesse; mas, se ele viesse a suspeitar da existência de uma pequena colónia, bem fornecida de tudo o que a ele faltava, não recuaria perante uma agressão em que todas as probabilidades eram a seu favor. Os moços colonos foram obrigados a tomar precauções rigorosas, a não se afastarem do rio Zealand, a não se aventurarem sem necessidade pelos arredores do Family-lake, enquanto Walston e o seu bando não tivessem deixado a ilha.

E, primeiro, tratou-se de saber se, durante o seu regresso dos Severn-shores a Bear-rock, Doniphan, Cross, Webb e Wilcox não tinham notado coisa alguma que lhes fizesse suspeitar a presença dos marinheiros do Severn?

— Nada — respondeu Doniphan, que acrescentou:

— É verdade que, para voltarmos à embocadura do East-river, não seguimos o caminho que havíamos tomado quando subimos para o norte.

— Contudo, é certo que Walston se afastou na direção de leste! — observou Gordon.

— De acordo — admitiu Doniphan —, mas deve ter caminhado ao longo da costa, enquanto nós voltámos diretamente por Beechs-forest. Peguem no mapa e verão que a ilha forma uma curva pronunciada por cima de Deception-bay. Há aí um vasto território onde aqueles malfeitores podem ter-se refugiado, sem se afastarem muito do lugar onde deixaram a chalupa. Talvez Kate soubesse dizer-nos, pouco mais ou menos, em que paragens está situada a ilha Chairman?

Kate, que já tinha sido interrogada a este respeito por Briant e por Gordon, não pudera responder-lhes. Depois do incêndio do Severn, quando o mestre Evans tomou a direção da chalupa, manobrou de maneira que fosse ter diretamente ao continente americano, do qual a ilha Chairman não podia estar muito

longe. Ora, ele nunca pronunciara o nome desta ilha onde a tempestade o arremessara. No entanto, como os numerosos arquipélagos da costa deviam estar a uma distância relativamente pequena, havia razões muito plausíveis para Walston querer alcançá-los, e, enquanto não o fazia, devia ter Interesse em ficar no litoral de leste. Efetivamente, no caso de pôr a embarcação em estado de navegar, não lhe custaria muito a dirigir-se para alguma terra da América do Sul.

— A não ser — observou Briant — que Walston, chegando à embocadura do East-river, e encontrando aí vestígios da tua passagem, Doniphan, não se lembrasse de levar as suas pesquisas mais longe!

— Que vestígios? —olveu Doniphan. — Um montão de cinzas apagadas? Que se podia concluir daí? Que a ilha é habitada? Nesse caso, aqueles miseráveis só pensariam em esconder-se...

— Decerto — replicou Briant —, se não descobrirem que a população da ilha se reduz a um punhado de crianças! Não façamos, pois, nada que possa indicar-lhes quem somos! A propósito, Doniphan, não tiveste ocasião de disparar algum tiro durante o regresso a Deception-bay?

— Não, e até admira — respondeu Doniphan, sorrindo —, porque eu nunca desprezo essas ocasiões! Quando abandonámos a costa, íamos bem fornecidos de caça, e nenhuma detonação revelou a nossa presença. Ontem, durante a noite, Wilcox esteve quase a disparar sobre o jaguar, mas, felizmente, tu chegaste a tempo de o impedir, Briant, e de me salvar a vida, arriscando a tua!

— Repito-te, Doniphan, fiz apenas o que tu farias no meu lugar! E, agora, nem um único tiro! Cessemos, até, as visitas a Traps-woods, e muita cautela!

É inútil dizer que, logo que chegou a French-den, Briant recebeu todos os cuidados que a sua ferida exigia, cicatrizando esta em poucos dias. Ficou-lhe apenas uma certa impressão no braço, impressão que em breve desapareceu.

Entretanto, o mês de outubro findara, e Walston ainda não dera sinal da sua presença nos arredores do rio Zealand. Teria partido, depois de consertar a chalupa? Não era impossível, pois eles deviam possuir um machado — Kate lembrava-se disso — e podiam também servir-se das facas que os marinheiros trazem sempre consigo; madeira não faltava nas proximidades dos Severn-shores, Em todo o caso, como não tinham certeza alguma a este respeito, a vida teve de ser modificada. Acabaram-se as excursões ao longe, exceto no dia em que Baxter e Doniphan foram deitar abaixo o mastro que se erguia no cume de Auckland-hill.

Desse ponto, Doniphan percorreu com o óculo as massas de verdura que se arredondavam a nascente. Posto que o olhar não pudesse abranger o litoral, oculto por Beechs-forest, se se elevasse algum fumo no ar ter-se-ia distinguido com certeza — e isso indicaria que Walston e os seus tinham acampado naquela parte da ilha. Doniphan não viu nada nessa direção, nem tão-pouco ao largo de Sloughi-bay, cujas paragens estavam desertas.

Desde que as excursões estavam proibidas, e que era preciso deixar as espingardas em descanso, os caçadores da colónia tinham sido obrigados a renunciar ao seu exercício predileto. Felizmente, as

armadilhas e os laços, armados nas proximidades de French-den, forneciam caça em quantidade suficiente. Além disso, os tinamus e as abetardas tinham-se multiplicado de tal modo na capoeira que Service e Garnett foram obrigados a sacrificar bom número deles. Como se fizera abundante colheita de folhas da árvore do chá, assim como da seiva do bordo, que se transforma tão facilmente em açúcar, não foi preciso ir até ao Dike-creek a fim de renovar as provisões. E, mesmo que o inverno chegasse antes que os moços colonos recuperassem a liberdade, estavam suficientemente fornecidos de azeite para as lanternas, de conservas e de caça para a despensa. Teriam apenas de renovar o combustível, acarretando a lenha cortada nos maciços de Bog-woods, e seguindo a margem do rio Zealand, sem se arriscarem muito.

Nesta época, o bem-estar de French-den foi aumentado com uma nova descoberta.

Esta descoberta não foi devida a Gordon, posto que ele fosse muito entendido em botânica. Não! As honras dela pertenceram a Kate.

No limite de Bog-woods havia um certo número de árvores que mediam cinquenta a sessenta pés de altura. Se o machado as poupava até ali, é porque a madeira, muito fibrosa, não alimentaria bem os fogões do hall e do cerrado. Tinham folhas de forma oblonga, que se alternavam com os nós dos ramos, e cuja extremidade era armada de uma ponta coriácea.

A primeira vez — no dia 25 de outubro — que Kate avistou uma destas árvores, exclamou:

— Olhem!... A árvore-vaca!

Dole e Costar, que a acompanhavam, deram uma gargalhada.

— O quê, a árvore-vaca? — disse um.

— Então as vacas comem-na? — perguntou outro.

— Não, meus papooses, não — respondeu Kate. — Chama-se assim porque dá leite, e leite melhor do que o das vicunhas!

Voltando para French-den, Kate participou a sua descoberta a Gordon. Este chamou logo Service, e foram ambos, acompanhados por Kate, à entrada de Bog-woods. Depois de examinar a árvore em questão, Gordon pensou que devia ser um desses galactodendros que se desenvolvem em grande número nas florestas do Norte da América, e não se enganava.

Que preciosa descoberta! Efetivamente, bastava fazer uma incisão no tronco daqueles galactodendros para sair de lá um suco de aparência leitosa, com o gosto e as propriedades nutritivas do leite de vaca. Além disso, quando se deixa coagular este leite, forma uma espécie de queijo excelente, e ao mesmo tempo produz uma cera muito pura, comparável à das abelhas, e com a qual se podem fazer velas de boa qualidade.

— Muito bem — exclamou Service —, se é uma árvore-vaca, é preciso mungi-la!

E, sem o saber, o alegre rapaz acabava de empregar a expressão de que se servem os índios, os quais dizem naturalmente: — Vamos mungir a árvore.

Gordon fez uma incisão no tronco do galactodendro, do qual saiu um suco que encheu um jarro

trazido por Kate para esse fim.

Era um belo leite de cor esbranquiçada, de aspeto muito apetitoso, e contendo os mesmos elementos que o leite de vaca. É até mais nutritivo, mais consistente, e tem um sabor mais agradável. O jarro foi despejado logo que chegaram a French-den, e Costar enlambuzou a boca, como um gato pequeno. Lembrando-se de tudo o que ia fazer com esta nova substância, Moko não ocultou a satisfação que sentia: De mais a mais, não era necessário poupá-la. O “rebanho” de galactodendros que fornecia abundantemente aquele leite vegetal não estava longe!

Realmente, a ilha Chairman podia satisfazer as necessidades de uma colónia numerosa. A subsistência dos rapazes estava assegurada, mesmo por muito tempo. Além disso, a presença de Kate, os cuidados que podiam esperar dessa mulher dedicada, a quem inspiravam uma afeição maternal, tudo se reunia para lhes tornar a vida mais fácil!

Mas a segurança estava agora perturbada na ilha Chairman! Quantas descobertas Briant e os seus camaradas teriam feito, organizando explorações às partes desconhecidas da ilha, e às quais tinham de renunciar! Ser-lhes-ia dado continuarem alguma vez as suas excursões, receando apenas o encontro de alguns carnívoros — menos perigosos, com certeza, do que os outros carnívoros com figura humana, contra os quais deviam acautelar-se noite e dia!

Em todo o caso até aos primeiros dias de novembro não apareceu vestígio algum suspeito nos arredores de French-den. Briant perguntava a si mesmo se os marinheiros do Severn ainda estariam na ilha. E, contudo, Doniphan verificara com os seus próprios olhos o mau estado em que se achava a chalupa, com o mastro partido, o velame em farrapos, as cintas do costado arrombadas pelos recifes! É verdade que — o mestre Evans não devia ignorá-lo —, se a ilha Chairman estava próxima de um continente ou de um arquipélago, talvez a chalupa, calafetada e arranjada melhor ou pior, tivesse sido posta em estado de fazer uma travessia relativamente curta! Portanto, era admissível que Walston tivesse deixado a ilha!... Sim, e isso é que convinha saber, antes de continuarem o modo de vida habitual.

Briant lembrara-se muitas vezes de ir explorar a região situada a leste do Family-lake. Doniphan, Baxter e Wilcox tê-lo-iam acompanhado de boa vontade. Mas correr o risco de cair em poder de Walston e, portanto, fazer-lhe ver quão pouco temíveis eram os seus adversários, podia ter consequências muito desagradáveis. Por isso, Gordon, cujos conselhos eram sempre atendidos, convenceu Briant a abandonar a ideia de se aventurar nas profundezas de Beechs-forest.

Kate fez então uma proposta que não apresentava perigo algum para os moços colonos.

— Sr. Briant — disse ela uma noite, estando todos os rapazes reunidos no hall —, dá-me licença que os deixe amanhã, ao romper do dia?

— Quer deixar-nos, Kate?... — perguntou Briant.

— Quero! Não podem estar mais tempo nesta incerteza, e ofereço-me para ir ao lugar onde fomos arremessados pela tempestade, a fim de ver se Walston ainda está na ilha... Se a chalupa estiver ainda lá, é porque ele não partiu... Se não estiver, não têm nada a recear dele!

— Isso que quer fazer, Kate — declarou Doniphan —, é exatamente o que Briant, Baxter, Wilcox e eu queríamos pôr em prática!

— Decerto, Sr. Doniphan — admitiu Kate. — Mas o que é perigoso para os senhores não o é para mim...

— Contudo — objetou Gordon —, se tornar a cair nas mãos de Walston?...

— Nesse caso — respondeu Kate — ficarei na situação em que estava antes de fugir, nada mais!

— E se aquele miserável se desembaraçar de Kate, o que é muito provável?... — observou Briant.

— Já fugi uma vez — replicou Kate. — Porque não hei de fugir segunda, agora então que conheço o caminho de French-den? E se conseguisse fugir na companhia de Evans — a quem contaria tudo o que lhes diz respeito —, o bom mestre ser-lhes-ia muito útil!...

— Se Evans pudesse fugir — retorquiu Doniphan —, não o tinha já feito?... O seu interesse não é deixá-los?...

— Doniphan tem razão — disse Gordon. — Evans sabe o segredo de Walston e dos seus cúmplices, que não hesitarão em matá-lo quando já não precisarem que ele dirija a chalupa para o continente americano! Portanto, se ainda não conseguiu escapar-lhes, é porque está guardado à vista...

— Ou talvez já pagasse com a vida uma tentativa de invasão! — lembrou Doniphan. — Por isso, Kate, se a apanhassem outra vez...

— Creia — assegurou Kate — que farei toda a diligência para não me deixar apanhar!

— Decerto — concordou Briant —, mas nós é que nunca a deixaremos correr esse perigo! Não! É melhor procurar outro meio para sabermos se Walston está ainda na ilha Chairman!

Tendo-se rejeitado a proposta de Kate, o que havia a fazer era apenas evitar que se cometesse alguma imprudência. Evidentemente, se Walston estivesse em condições de deixar a ilha, partiria antes do inverno, a fim de chegar a alguma terra onde ele e os seus fossem recebidos como se recebem sempre os náufragos, de qualquer parte que venham.

Afinal, admitindo que Walston ainda estivesse ali, não parecia ter ideias de explorar o interior. Muitas vezes, em noites sombrias, Briant, Doniphan e Moko percorreram o Family-lake, na canoa, e nunca surpreenderam o clarão de uma fogueira suspeita, nem na margem oposta, nem debaixo das árvores que se agrupavam próximo do East-river.

Contudo, era muito penoso viver em tais condições, sem sair do espaço compreendido entre o rio Zealand, o lago, a floresta e a penedia. Por isso, Briant pensava constantemente no meio de se certificar da presença de Walston e de descobrir, ao mesmo tempo, o lugar onde ele estabelecera o acampamento. Talvez não fosse preciso mais do que elevar-se a uma certa altura durante a noite.

Era essa a ideia de Briant, ideia que não o deixava um instante. Infelizmente, a não ser a penedia cuja crista mais elevada não excedia duzentos pés de altura, a ilha Chairman não tinha outra colina de alguma importância.

Doniphan e dois ou três dos outros tinham subido muitas vezes ao cume de Auckland-hill; mas desse

ponto nem sequer avistavam a outra margem do Family-lake. Portanto, nem fumo nem clarão podiam aparecer a leste, por cima do horizonte. Seria necessário subir mais algumas centenas de pés para que o raio visual pudesse chegar às primeiras rochas de Deception-bay.

Foi então que ocorreu a Briant uma ideia de tal modo arrojada — podíamos até dizer insensata — que ele, ao princípio, repeliu-a. Mas perseguia-o com tal obstinação, que acabou por se lhe incrustar no cérebro.

Como dissemos, a operação do papagaio tinha sido interrompida. Depois da chegada de Kate, trazendo a notícia de que os naufragos do Severn vagueavam pela costa oriental, fora necessário renunciar ao projeto de lançar nos ares um aparelho que seria visto de todos os pontos da ilha.

Mas, uma vez que o papagaio não podia ser empregado como sinal, não seria possível utilizá-lo para operar aquele reconhecimento, tão necessário para a segurança da colônia?

Sim! Era nisso que se obstinava a imaginação de Briant. Lembrava-se de ter lido num jornal Inglês que, no fim do século passado, uma mulher tivera a audácia de se elevar nos ares, suspensa de um papagaio fabricado especialmente para aquela ascensão perigosa (*A ideia de Briant ia realizar-se em França. Alguns anos depois. um papagaio, medindo vinte e quatro pés de largura sobre vinte e sete de comprimento, de forma octogonal, pesando sessenta e oito quilos de madeira e quarenta e cinco de tela e de corda — ao todo cento e treze quilos —, levava facilmente pelos ares um saco de terra que pesava perto de setenta quilos.*).

Pois um rapaz não se atreveria a tentar o que uma mulher conseguira fazer? Pouco importava que a tentativa apresentasse alguns perigos. Os riscos não eram nada em comparação com os resultados que se poderiam obter! Tomando todas as precauções que a prudência exigia, havia muitas probabilidades de que a operação tivesse bom êxito. Era por isso que Briant, apesar de não saber calcular matematicamente a força ascensional que era precisa para um aparelho daquele género, repetia consigo mesmo que o aparelho estava pronto, que bastava dar-lhe maiores dimensões e fazê-lo mais sólido. E então, no meio da noite, elevando-se algumas centenas de pés nos ares, talvez conseguisse descobrir o clarão de uma fogueira na parte da ilha compreendida entre o lago e Deception-bay.

Não encolham os ombros à ideia deste valente e audacioso rapaz! Perseguido por este pensamento constante, chegara a julgar o seu projeto, não só praticável — a esse respeito não há dúvida —, mas até menos perigoso do que parecia à primeira vista.

Tratava-se apenas de fazê-lo adotar pelos seus camaradas.

E no dia 4, à noite, depois de ter pedido a Gordon, Doniphan, Wilcox, Webb e Baxter que fossem conferenciar com ele, expôs-lhes a sua ideia de utilizar o papagaio que tinham fabricado.

— Utilizá-lo?... — estranhou Wilcox. — Como?... Deixando-o ir pelos ares?

— Já se vê — respondeu Briant —, pois foi para isso que ele se fez.

— De dia? — interrogou Baxter.

— Não, Baxter; de dia não podia escapar aos olhos de Walston, enquanto que de noite...

— Mas se lhe prenderem uma lanterna — observou Doniphan —, atraí a atenção de quem o vir, da mesma maneira.

— Pois não haverá lanterna.

— Então para que serve?... — perguntou Gordon.

— Para ver se os marinheiros do Severn ainda estão na ilha!

E Briant, não sem recear que o seu projeto fosse recebido por movimentos de cabeça pouco animadores, expô-lo em poucas palavras.

Os seus camaradas não riram. Tinham pouca vontade disso, e, à exceção de Gordon, talvez, que não sabia se Briant falava seriamente, todos os rapazes pareceram muito dispostos a darem a sua aprovação. Sim! Todos eles estavam tão acostumados ao perigo, que uma ascensão noturna, feita naquelas condições, pareceu-lhes muito praticável.

Além disso, estavam seriamente resolvidos a empreender tudo o que fosse necessário para lhes restituir a segurança de outrora.

— Contudo — observou Doniphan —, o peso de qualquer de nós não será excessivo para o papagaio que construímos?...

— É, decerto — respondeu Briant. — Assim, há de ser preciso aumentar e consolidar a nossa máquina.

— Resta saber — disse Wilcox — se o papagaio poderá resistir...

— Isso pode, com certeza! — afirmou Baxter.

— E já houve quem o fizesse — acrescentou Briant.

E citou o caso da mulher que, uns cem anos antes, tentara a experiência com resultado.

Em seguida:

— Tudo depende — explicou ele — das dimensões do aparelho e da força do vento no momento da ascensão.

— Briant — perguntou Baxter —, a que altura te parece que será necessário subir?...

— Imagino que, subindo seiscentos ou setecentos pés — respondeu Briant —, se avistaria uma fogueira que acendessem em qualquer ponto da ilha.

— Muito bem! Vamos a isso — exclamou Service —, e sem demora! Já estou farto de não poder andar por onde quero, e à minha vontade!

— E nós de não podermos visitar as nossas armadilhas! — acrescentou Wilcox.

— E eu de não me atrever a disparar um único tiro! — ajuntou Doniphan.

— Então, será amanhã! — declarou Briant.

Depois, quando ficou só com Gordon:

— Pensas seriamente nesta ascensão? — perguntou-lhe este.

— Quero experimentar, pelo menos, Gordon!

— É uma operação perigosa!

— Talvez não seja tanto como parece!

— E qual de nós consentirá em arriscar a vida nessa tentativa?...

— Tu mesmo, Gordon — respondeu Briant —, se a sorte te indicar!

— Então é à sorte, Briant?

— Não, Gordon! Aquele que se sacrificar, deve fazê-lo por sua livre vontade!

— Já escolheste, Briant?

— Talvez!

E Briant apertou a mão de Gordon.

Capítulo IX

Na manhã de 5 de novembro, Briant e Baxter puseram-se à obra. Antes de darem dimensões mais consideráveis ao aparelho, quiseram saber que peso ele poderia levar tal como era. Isso permitiria que lhe dessem pouco mais ou menos, à falta de fórmulas científicas, a superfície suficiente para suportar — não compreendendo o seu — um peso que não devia ser inferior a cento e vinte ou cento e trinta libras.

Não foi preciso esperar que anoitecesse para fazer a primeira experiência. A brisa soprava de sudoeste, e Briant pensou que não haveria inconveniente em aproveitá-la, com a condição de conservarem o papagaio a pouca altura, de maneira que não pudesse ser visto da margem oriental do lago.

A operação deu ótimo resultado, e verificou-se que o aparelho, com um vento ordinário, erguia um saco que pesava vinte libras. Uma balança romana, pertencente ao material do Sloughi, permitira que se soubesse este peso com exatidão.

O papagaio foi então puxado para terra e deitado no solo de Sport-terrace.

Baxter, em primeiro lugar, fez-lhe a armação extremamente sólida, por meio de cordas que se prendiam a um nó central, como as varetas de um guarda-chuva ao anel que corre pelo cabo. Em seguida aumentou-lhe a superfície, com um suplemento de armação e uma adjução de tela nova.

Kate foi de muita utilidade para este arranjo. As agulhas e a linha, que estavam nas caixas do iate, não faltavam em French-den, e a hábil governanta era muito entendida em trabalhos de costura.

Se Briant ou Baxter fossem mais fortes em mecânica, teriam considerado, na construção do aparelho, os elementos principais, que são o peso, a superfície plana, o centro de gravidade, o centro de pressão do vento — que se confunde com o centro da figura — e, finalmente, o ponto onde se devia ligar a corda. Depois, estabelecidos estes cálculos, teriam deduzido qual era a força ascensional do papagaio e a altura a que podia chegar. O cálculo ter-lhes-ia também indicado a força que a corda devia ter para resistir à tensão — condição muito importante para aumentar a segurança do observador.

Felizmente, a linha fornecida pela barquinha da escuna, e que media, pelo menos, dois mil pés de comprimento, era muito conveniente. Além disso, mesmo com uma brisa muito fresca um papagaio puxa com moderação, quando o ponto em que se prende a corda é escolhido judiciosamente. Era necessário regular cuidadosamente esse ponto de prisão, do qual depende a inclinação do aparelho e a sua estabilidade.

Com este novo destino, o papagaio não devia ter cauda no apêndice inferior — o que foi causa de grande despeito da parte de Costar e Dole.

Era inútil, e o peso que levava impedi-lo-ia de cair de cabeça para baixo.

Depois de muitos ensaios, Briant e Baxter observaram que convinha prender o peso ao terço de

armação, fixando-o a uma das travessas que sustentavam a tela à largura do aparelho. Duas cordas, amarradas a essa travessa, segurá-lo-iam de maneira que ficasse suspenso a uns vinte pés de altura.

Quanto à corda, preparou-se uma de mil e duzentos pés, pouco mais ou menos, que, deduzindo a curva, permitiria que se elevasse a setecentos ou oitocentos pés acima do solo. Enfim, para evitar quanto fosse possível os perigos de uma queda, no caso de esta se produzir por uma rotura da corda ou uma fratura da armação, combinou-se que a ascensão seria feita por cima do lago. A distância horizontal a que se efetuará esta queda nunca seria bastante considerável, em todo o caso, para que um bom nadador não pudesse alcançar a margem do oeste.

O aparelho, depois de concluído, apresentava uma superfície de setenta metros quadrados, em forma de um octógono, cujo raio tinha perto de quinze pés e cada um dos lados perto de quatro. Com as suas armações sólidas, a sua tela impermeável, devia levantar facilmente um peso de cem a cento e vinte libras.

Quanto à barquinha destinada ao observador, foi adaptado um simples cesto de vime, que têm diferentes usos a bordo dos iates. Era bastante funda e espaçosa a fim de que o observador se pudesse abrigar e movimentar à vontade, possuindo larga abertura para, em caso de necessidade, sair dela rapidamente. Este trabalho não se fizera em um dia, nem mesmo em dois. Começou-se no dia 5 de manhã e não ficou pronto senão na tarde do dia 8. Adiou-se, pois, para a noite a experiência preparatória que ajudaria a conhecer a força ascensional do aparelho e o seu grau de estabilidade no ar.

Durante estes últimos dias nada modificara a situação. Os moços colonos iam muitas vezes à penedia, onde se conservavam em observação durante muitas horas. Não tinham visto nada suspeito, nem a norte, entre o começo de Traps-woods e French-den, nem a sul, para além do rio, nem a oeste, do lado de Sloughi-bay, nem no Family-lake, que Walston podia ter querido visitar antes de deixar a ilha. Não se ouvira detonação alguma nas proximidades de Auckland-hill. No horizonte não aparecera o mais leve fumo.

Briant e os seus camaradas poderiam, pois, esperar que aqueles malfeitores tivessem abandonado definitivamente a ilha Chairman? Ser-lhes-ia dado retomarem com segurança os hábitos de outrora? Era o que a experiência projetada ia permitir que se verificasse.

Agora, outra questão: o rapaz que fosse na barquinha como faria sinal para a puxarem para terra, quando o julgasse conveniente?

Aqui está o que Briant expôs, quando Doniphan e Gordon o interrogaram.

— Um sinal luminoso é impossível — ponderou Briant —, porque depois podia ser avistado por Walston. Assim, Baxter e eu recorreremos ao seguinte meio: um cordel do mesmo comprimento que a corda do papagaio, depois de ter sido enfiado numa bola de chumbo furada no meio, será preso na barquinha por uma das extremidades, e a outra ficará em terra nas mãos de um de nós. Basta deixar escorregar a bola ao longo do cordel para se saber que se deve puxar o papagaio.

— Bem imaginado! — aprovou Doniphan.

Estando tudo assim combinado, não foi preciso mais do que proceder a uma experiência preliminar. A Lua só devia aparecer pelas duas horas depois da meia-noite, e soprava uma brisa agradável de sudoeste. As condições pareciam particularmente favoráveis para começar nessa mesma noite.

Às nove horas, a escuridão era profunda. Algumas nuvens, bastante espessas, corriam através do espaço num firmamento sem estrelas. Qualquer que fosse a altura a que subisse o aparelho, não podia ser distinguido nem sequer dos arredores de French-den.

Todos deviam assistir a esta primeira experiência, e, visto que se tratava apenas de uma operação “a seco”, como se costuma dizer, as diversas peripécias seriam seguidas com mais prazer do que comoção.

O molinete do Sloughi tinha sido instalado no centro do Sport-terrace, e fixado solidamente na terra, a fim de resistir à tração do aparelho. A comprida corda, enovelada cuidadosamente, foi disposta de maneira que se desenrolasse sem esforço, ao mesmo tempo que o cordel destinado a dar o sinal. Briant colocara na barquinha um saco de terra que pesava exatamente cento e trinta libras — peso superior ao do mais pesado dos seus camaradas.

Doniphan, Baxter, Wilcox e Webb foram postar-se junto do papagaio, estendido no chão, a cem passos do molinete.

A uma ordem de Briant deviam erguê-lo a pouco e pouco, por meio de cordas, que estavam presas nas travessas da armação. Logo que o aparelho tivesse cedido ao vento segundo a sua inclinação determinada pela disposição do balancim, Briant, Gordon, Service, Cross e Garnett, encarregados da manobra do molinete, iriam desenrolando a corda à proporção que ele se elevasse nos ares.

— Atenção! — gritou Briant.

— Estamos prontos! — declarou Doniphan.

— Vá! O aparelho ergueu-se a pouco e pouco, estremeceu debaixo da ação da brisa e inclinou-se sobre o leito do vento.

— Desenrolem!... Desenrolem! — ordenou Wilcox.

E o molinete girou imediatamente sob a tensão da corda, enquanto o papagaio e a barquinha subiam lentamente através do espaço.

Apesar de ser imprudente, soltaram-se hurras quando o “gigante dos ares” deixou o solo. Mas, quase em seguida, desapareceu na sombra, com grande desapontamento para Iverson, Jenkins, Dole e Costar, que não queriam perdê-lo de vista enquanto ele se balouçava por cima de Family-lake. Kate disse-lhes então:

— Não se desconsolem, meus papooses!... Em outra ocasião, quando já não houver perigo, largar-se-á o gigante em pleno dia, e, se tiverem juízo, podem enviar-lhe postilhões!

Apesar de já não se poder distinguir o papagaio, sentia-se que subia regularmente, prova de que a brisa estava bem estabelecida e soprava nas zonas elevadas, e que a sua tração era moderada, prova também de que o balancim estava disposto como devia ser.

Briant, querendo que a experiência fosse tão completa quanto as circunstâncias o permitiam, deixou a

corda desenrolar-se até à extremidade. Pôde então apreciar o seu grau de tensão, que não tinha nada de anormal. O molinete desenrolara mil e duzentos pés de corda, e o aparelho devia ter-se elevado a uma altura de setecentos a oitocentos pés. Este trabalho não levara mais de dez minutos.

Feita a experiência, todos deram, alternadamente, às manivelas, a fim de enrolar a corda. Esta segunda parte da operação foi muito mais longa, e foi preciso quase uma hora para enrolar os mil e duzentos pés de corda.

Do mesmo modo que para um aeróstato, a ação de puxar um papagaio para terra é sempre a manobra mais delicada, quando se quer que desça sem choque. A brisa, porém, era tão constante, que tudo foi bem sucedido. O octógono depressa tornou a aparecer na sombra, e foi cair brandamente no solo, pouco mais ou menos no ponto de onde partira.

A sua chegada foi recebida por hurras, os mesmos que o tinham saudado à partida.

Agora tratava-se apenas de conservá-lo em terra, para que não fosse levado pelo vento.

Baxter e Wilcox ofereceram-se para tomarem sentido nele até amanhecer.

No dia seguinte — 9 de novembro —, à mesma hora, realizar-se-ia a operação definitiva.

E agora esperavam-se só as ordens de Briant para se regressar a French-den.

Briant não dizia nada, e parecia estar absorto nas suas reflexões.

Em que pensava? Nos perigos que apresentava a ascensão tentada em condições tão excepcionais? Na responsabilidade que assumia, deixando um dos seus camaradas arriscar-se naquela barquinha?

— Voltemos para casa — aconselhou Gordon. — É tarde...

— Gordon, Doniphan, esperem um momento... — respondeu Briant. — Tenho uma proposta a fazer-lhes!

— Fala — convidou” Doniphan.

— Acabamos de experimentar o nosso papagaio. — prosseguiu Briant —, e esta experiência teve bom resultado porque as circunstâncias eram favoráveis; o vento está regular — nem muito fraco nem muito forte. Ora, quem nos diz que amanhã está o mesmo tempo e que o vento consente que o aparelho se conserve por cima do lago? Parece-me melhor não adiar a operação!

Era o mais razoável, efetivamente, logo que estavam resolvidos a fazê-la.

Contudo, ninguém respondeu a esta proposta. No momento de correr tais perigos, a hesitação era natural — mesmo da parte dos mais arrojados.

E, não obstante, quando Briant acrescentou:

— Quem quer subir?...

— Eu! — disse Jaime, vivamente.

E quase em seguida:

— Eu! — exclamaram ao mesmo tempo Doniphan, Baxter, Wilcox, Cross e Service.

Depois houve um momento de silêncio que Briant não teve pressa de interromper.

Jaime foi o primeiro que falou:

— Meu irmão, sou eu que devo sacrificar-me!... Sim... sou eu! Peço-te que me deixes ir!...

— Porque hás de ser tu, e não eu... ou qualquer dos outros? — perguntou Doniphan.

— Sim!... Porquê?... — insistiu Baxter.

— Porque é o meu dever! — respondeu Jaime.

— O teu dever?... — disse Gordon.

— Sim!

Gordon agarrou a mão de Briant, como para lhe perguntar o que seu irmão queria dizer, e sentiu-a tremer na dele. E, se a noite não estivesse tão sombria, teria visto o seu camarada empalidecer e baixar as pálpebras sobre os olhos húmidos de lágrimas.

— Então, meu irmão?... — inquiriu Jaime, em tom resoluto, surpreendente numa criança da sua idade.

— Responde, Briant! — disse Doniphan. — Jaime diz que tem o direito de se sacrificar!... Mas esse direito não o temos nós, também?... Que fez ele para o reclamar?...

— O, que fiz? — respondeu Jaime. — Vou dizer-lhes!

— Jaime! — exclamou Briant, que queria impedir seu irmão de falar.

— Não — replicou Jaime com voz entrecortada pela comoção. — Deixa-me confessar!... Já não posso mais!... Gordon, Doniphan, se estão aqui... todos... longe das vossas famílias... nesta ilha... a culpa é minha... só minha!... Se o Sloughi foi levado pelas ondas... foi porque eu, por imprudência... não!... por brincadeira... desatei a amarra que o prendia ao cais de Auckland!... Sim!. Foi uma brincadeira, uma travessura!... E depois, quando vi o iate desviar-se, perdi a cabeça!... Não chamei quando era tempo ainda!... E uma hora depois... no meio da noite... no mar alto!... Perdão, meus camaradas, perdão!...

E o pobre pequeno soluçava, apesar de Kate tentar, de balde, consolá-lo.

— Bem, Jaime! — disse então Briant. — Confessaste a tua culpa, e agora queres arriscar a vida para reparares... ou pelo menos para resgatares, em parte, o mal que fizeste?...

— Pois ele não o resgatou já? — exclamou Doniphan, entregando-se à sua generosidade natural. — Não arriscou a vida tantas vezes para nos auxiliar?... Ah! Briant, compreendo agora por que motivo apresentavas sempre teu irmão quando havia algum perigo a afrontar e porque estava ele sempre pronto para se sacrificar! Aí está porque foi procurar-nos, a mim e a Cross, no meio do nevoeiro!... com risco de morrer!... Sim! Jaime, perdoamos-te de boa vontade, não tens necessidade de reparar a tua falta!

Todos cercavam Jaime, pegavam-lhe as mãos, e, contudo, ele não deixava de soluçar. Compreendiam, agora, por que razão aquela criança, a mais alegre do Colégio Chairman, e também uma das mais travessas, se tornara tão triste, fugindo dos seus companheiros!... Depois, por ordem de seu irmão, e por sua própria vontade, arriscara-se todas as vezes que se oferecia ocasião para isso!...

E julgava não ter feito ainda bastante!... Queria sacrificar-se ainda pelos outros!... E, logo que pôde falar, disse:

— Bem veem, sou eu, eu só, que devo partir!... Não é verdade, meu irmão?...

— Bem, Jaime, muito bem! — repetiu Briant, afagando o irmão.

À vista da confissão que Jaime acabava de fazer e do direito que ele reclamava, foi de balde que Doniphan e os outros diligenciaram intervir. Não tinham nada a fazer senão deixá-lo entregar-se à brisa, que mostrava certa tendência para refrescar.

Jaime apertou a mão dos seus camaradas. Depois, antes de entrar na barquinha, que já fora desembaraçada do saco de terra, voltou-se para Briant. Este estava imóvel, alguns passos atrás do molinete.

— Deixa-me abraçar-te! — pediu Jaime.

— Sim!... Abraça-me! — respondeu Briant, reprimindo a comoção. — Ou antes... sou eu que te abraço... porque sou eu que vou partir...

— Tu? — exclamou Jaime.

— Tu?... — repetiram Doniphan e Service.

— Sim... eu. Que a falta de Jaime seja reparada por ele ou por seu irmão, pouco importa! Além disso, imaginam que, quando eu tive esta ideia, foi porventura para que outro a realizasse?

— Meu irmão — insistiu Jaime —, peço-te!...

— Não, Jaime!

— Então reclamo eu — disse Doniphan.

— Não, Doniphan! — redarguiu Briant, em tom que não admitia réplica. — Eu é que quero ir!

— Já o tinha adivinhado, Briant. — afirmou Gordon, apertando a mão do seu camarada.

Alguns minutos depois, Briant introduziu-se na barquinha, e logo que se instalou convenientemente deu ordem para deixarem subir o papagaio.

O aparelho, inclinado sobre a brisa, subiu, primeiro, muito devagar; depois, Baxter, Wilcox, Cross e Service, colocados junto do molinete, desenrolaram a corda, enquanto Garnett, que segurava o cordel do sinal, o fazia passar por entre os dedos.

Em dez segundos, o “gigante dos ares” desapareceu na sombra, não no meio dos hurras que tinham acompanhado a sua partida de ensaio, mas no meio de profundo silêncio.

O intrépido chefe da pequena colónia, o generoso Briant, desapareceu com ele.

Entretanto, o aparelho elevava-se com lentidão regular. A constância da brisa conservava-o numa estabilidade perfeita. Balouçava-se, apenas, de um lado para o outro.

Briant não sentiu oscilação alguma que tornasse perigosa aquela situação. Conservava-se imóvel, com as duas mãos agarradas às cordas de suspensão da barquinha, levemente agitada por um movimento de balouço.

Ao princípio, Briant sentiu uma impressão extraordinária quando se viu suspenso, no espaço, daquele grande plano inclinado, que estremecia sob o impulso da corrente aérea! Parecia-lhe que era levado por uma fantástica ave de rapina, ou, antes, debaixo das asas de um morcego enorme. Mas, graças à energia do seu carácter, pôde conservar o sangue-frio que a experiência exigia.

Dez minutos depois de o papagaio deixar o solo de Sport-terrace, um pequeno abalo indicou que o

seu movimento ascensional terminara. Chegando à extremidade da corda, ergueu-se ainda, não sem algumas sacudidelas, desta vez. A altura atingida verticalmente devia ser de seiscentos a setecentos pés acima da ilha.

Briant, muito senhor de si, entesou, primeiro, o cordel enfiado na bola; em seguida, preparou-se para observar cuidadosamente o espaço. Com uma das mãos segurava-se à corda de suspensão, e com a outra segurava o óculo.

Por baixo dele a escuridão era profunda. O lago, as florestas, a penedia formavam uma massa confusa, da qual não se podia distinguir particularidade alguma. Quanto à periferia da ilha, recortava-se sobre o mar que a cercava, e, do ponto que ocupava, Briant estava em condições de abranger todo o conjunto.

E, realmente, se ele fizesse aquela ascensão em pleno dia e dirigisse o olhar para o horizonte banhado de luz, talvez avistasse outras ilhas, ou mesmo um continente, se existisse algum num raio de quarenta a cinquenta milhas — que a sua vista devia abranger, com certeza.

Se, para o oeste, para o norte e para o sul o céu estava muito enevoado para se poder distinguir alguma coisa, não sucedia o mesmo na direção de leste, onde um cantinho do firmamento, momentaneamente limpo de nuvens, deixava brilhar algumas estrelas.

E, exatamente desse lado, um clarão muito intenso, que se refletia até nas volutas inferiores dos vapores, atraiu a atenção de Briant.

— É o clarão de uma fogueira! — disse ele. — Walston estabelecerá o seu acampamento naquele lugar?... Não!... Este clarão é muito afastado, com certeza muito para além da ilha!... Será um vulcão em erupção, e haverá alguma terra nas paragens de leste?

E lembrou-se de que, durante a sua última expedição a Deception-bay, distinguira uma mancha esbranquiçada.

— Sim — pensou ele —, era daquele lado... E aquela mancha seria o reflexo de alguma geleira?... Para leste deve haver uma terra muito próxima da ilha Chairman.!

Briant assestara o óculo para aquele clarão que a escuridão da noite contribuía para tornar ainda mais aparente. Devia existir ali alguma montanha ignívoma, próximo da geleira, e pertencendo a um continente ou a um arquipélago, cuja distância não media mais de umas trinta milhas.

Neste momento, Briant sentiu nova impressão luminosa. Muito mais perto dele, a cinco ou seis milhas pouco mais ou menos, e por consequência à superfície da ilha, brilhava outro clarão entre as árvores, a oeste do Family-lake.

— Desta vez é na floresta — pensou ele —, e mesmo à entrada, do lado do litoral!

Mas aquele clarão parecia ter aparecido para desaparecer logo em seguida, porque, apesar de observar atentamente, Briant não conseguiu tornar a vê-lo.

Sim! O coração batia-lhe com violência, e a mão tremia-lhe a ponto de não poder fixar o óculo com a exatidão suficiente!

No entanto, tinha a certeza de que havia ali uma fogueira de acampamento, a pouca distância da embocadura do East-river! Briant vira-a, e em breve tornou a verificar que o clarão se refletia de novo no maciço de árvores.

Assim, Walston e o seu bando tinham acampado naquele lugar, próximo do pequeno porto de Bear-rock! Os assassinos do Severn não tinham abandonado a ilha Chairman! Os moços colonos estavam, portanto, expostos às suas agressões e não havia já segurança em French-den!

Que grande decepção, a que Briant sentiu! Evidentemente, vendo-se na impossibilidade de consertar a chalupa, Walston tivera de renunciar a lançá-la ao mar a fim de se dirigir para uma das terras próximas. E, contudo, havia-as naquelas paragens. Não podiam existir dúvidas a este respeito.

Briant, tendo concluído as suas observações, julgou inútil prolongar aquela exploração aérea. Preparou-se para descer. O vento refrescava sensivelmente. As oscilações, que eram maiores, imprimiam à barquinha um balanceamento que ia tornar a chegada à terra bastante difícil.

Depois de se ter certificado de que o cordel do sinal estava convenientemente distendido, Briant deixou escorregar a bola, que chegou, alguns segundos depois, à mão de Garnett.

A corda do molinete começou logo a puxar o aparelho para terra.

Mas, ao mesmo tempo que o papagaio descia, Briant olhava ainda na direção dos clarões descobertos por ele. Tornou a ver o da erupção, e depois, mais perto, no litoral, a fogueira do acampamento.

Como é fácil imaginar, Gordon e os outros esperavam o sinal de Briant com a maior impaciência. Como lhes pareceram longos aqueles vinte minutos que ele passara nos ares! Entretanto, Doniphan, Baxter, Wilcox, Service e Webb faziam girar, vigorosamente, as manivelas do molinete. Também tinham notado que o vento se tornava mais forte e soprava com menos regularidade. Sentiam-no pelos empuxões da corda, e pensavam, cheios de angústia, que Briant devia sentir a repercussão.

O molinete funcionou, pois, rapidamente, a fim de enrolar os mil e duzentos pés de corda. O vento continuava a refrescar, e, três quartos de hora depois do sinal de Briant, soprava com violência.

Nesse momento, o aparelho devia estar ainda a mais de cem pés acima do lago.

De repente, sentiu-se um puxão violento. Wilcox, Doniphan, Service, Webb e Baxter, aos quais faltou o ponto de apoio, estiveram quase a ser precipitados no solo. A corda do papagaio quebrara-se.

E, no meio de gritos de terror, repetiu-se este nome vinte vezes:

— Briant!... Briant!...

Mas alguns minutos depois Briant saltava para a praia e chamava com voz forte.

— Meu irmão!... Meu irmão!... — exclamou Jaime, que foi o primeiro a abraçá-lo.

— Walston ainda está na ilha!

Foram as primeiras palavras de Briant, quando os seus companheiros o cercaram.

No momento em que a corda se partiu, Briant sentiu-se levado, não numa queda vertical, mas oblíqua e relativamente vagarosa, porque o papagaio fazia uma espécie de para-quedas por cima dele. O que havia a fazer era sair da barquinha antes que ela chegasse à superfície do lago.

No momento em que ia mergulhar, Briant atirou-se de cabeça para baixo, e, bom nadador como era, não lhe custou a alcançar a praia, distante quatrocentos a quinhentos pés, quanto muito.

E, durante esse tempo, o papagaio, livre do seu peso, desaparecera para os lados do nordeste, levado pela brisa, como uma ave gigantesca.

Capítulo X

No dia seguinte, depois de uma noite durante a qual Moko estivera de guarda a French-den, os moços colonos, fatigados pelas comoções da véspera, acordaram muito tarde. Logo que se levantaram, Gordon, Doniphan, Briant e Baxter foram para Store-room, onde Kate andava entretida com os trabalhos do costume.

Aí, conversaram acerca da situação, que, realmente, era pouco tranquilizadora.

Efetivamente — assim como o observou Gordon —, já havia mais de quinze dias que Walston e os seus companheiros estavam na ilha. Portanto, se as reparações da chalupa não estavam ainda feitas, era porque lhes faltavam as ferramentas indispensáveis para um trabalho daquele género.

— Deve ser isso — disse Doniphan —, porque, afinal, aquela embarcação não estava muito deteriorada. Se o nosso Sloughi não tivesse ficado bastante maltratado já o tínhamos posto em estado de navegar!

Contudo, se Walston ainda não partira, também não parecia ter ideias de se estabelecer na ilha Chairman, pois, nesse caso, já teria feito algumas excursões ao interior e visitado French-den.

E, a propósito disso, Briant falou do que observara durante a sua ascensão com respeito às terras que deviam existir a pouca distância dali, a leste da ilha.

— Devem lembrar-se — disse ele — que, por ocasião da nossa expedição à embocadura do East-river, avistei uma mancha esbranquiçada, um pouco acima do horizonte, e que não sabia como havia de explicar a sua presença...

— Contudo, Wilcox e eu não avistámos nada que se parecesse com isso — observou Doniphan —, apesar de procurarmos muito...

— Moko viu-a tão claramente como eu — respondeu Briant.

— Pode ser! — replicou Doniphan. — Mas o que te leva a crer, Briant, que estamos próximos de um continente ou de um grupo de ilhas?

— O seguinte — informou Briant. — Ontem, enquanto observava o horizonte naquela direção, avistei um clarão muito visível fora dos limites da Ilha, e que só pode ser causado por um vulcão em erupção. Concluo daí que existe uma terra próxima nestas paragens. Ora, os marinheiros do Severn não podem ignorá-lo, e hão de fazer toda a diligência para lá chegarem...

— Com certeza! — concordou Baxter. — Que ganhavam eles em ficar aqui? Se não estamos livres da sua presença é porque ainda não puderam calafetar a chalupa!

O que Briant acabava de participar aos seus camaradas era extremamente importante. Certificava-os de que a ilha Chairman não estava isolada — como eles julgavam — naquela parte do Pacífico. Mas o que agravava as coisas é que, segundo indicava a fogueira do acampamento, Walston estava agora nos

arredores da embocadura do East-river. Depois de ter abandonado a costa de Severn-shores, aproximara-se uma dúzia de milhas. Agora, bastava-lhe subir o East-river para avistar o lago, e rodear este pelo sul para descobrir French-den.

Briant teve, pois, de tomar as maiores precauções em vista desta eventualidade. As excursões foram reduzidas ao estritamente necessário, sem mesmo chegarem, na margem esquerda do rio, até aos maciços de Bog-woods. Baxter ocultou as paliçadas do cerrado debaixo de uma camada de ervas bravas, assim como as entradas do Hall e de Store-room. Finalmente, foi proibido aparecer na parte compreendida entre o lago e Auckland-hill!. Realmente, terem de submeter-se a precauções tão rigorosas, eram bastantes contrariedades a acrescentar às dificuldades da situação!

Nesta época houve ainda outros motivos de inquietação. Costar foi atacado de febres que lhe puseram a vida em perigo. Gordon teve de recorrer à farmácia da escuna, não sem receio de cometer algum erro! Felizmente Kate fez pelo pequenito o que a mãe dele teria feito. Tratou-o com a afeição prudente que é como que um instinto das mulheres, e não se afastou dele noite e dia. Graças à sua dedicação a febre acabou por ser debelada, e a convalescença, tendo-se declarado francamente, seguiu o seu curso com regularidade. Costar tinha estado em perigo de morte? Seria difícil emitir opinião a esse respeito. Mas, se não fossem os cuidados inteligentes de Kate, talvez a febre tivesse prostrado o pequeno enfermo.

Sim! Se Kate não estivesse ali, quem sabe o que teria sucedido? A excelente criatura concentrava nos pequenos da colónia toda a ternura do seu coração bondoso, e nunca lhes regateava carícias.

— Sou assim, meus papooses! — dizia ela. — O meu génio é trabalhar, arrumar e cozinhar!

E, realmente, quase todas as mulheres são assim!

O que mais preocupava Kate era conservar o melhor possível a roupa branca de French-den. E estava bem usada essa roupa, que servia havia perto de vinte meses! Como haviam de substituí-la quando ela já não pudesse servir de modo nenhum? E o calçado, apesar de o pouparem quanto podiam e de ninguém se importar de andar descalço quando o tempo o permitia, também estava em muito mau estado! Tudo isto preocupava a previdente mulher.

Na primeira quinzena de novembro houve aguaceiros frequentes. Depois, a partir do dia 17, o barómetro marcou bom tempo fixo, e o período do calor estabeleceu-se com bastante regularidade.

Árvores, arbustos, toda a vegetação era verdura e flores. Os moradores habituais dos South-moors tinham voltado em grande número. Que desgosto profundo para Doniphan ver-se privado das suas caçadas através dos pântanos, e para Wilcox, impossibilitado de não poder armar laços, com receio de que fossem vistos das margens inferiores do Family-lake! Aqueles voláteis não só abundavam naquele lado da ilha, mas alguns até caíram nas armadilhas, nas proximidades de French-den.

Um dia Wilcox achou, entre estes últimos, um dos que, no inverno, se tinham dirigido para os países desconhecidos do Norte. Era uma andorinha, que trazia ainda o saquinho preso debaixo da asa. O saco conteria algum bilhete dirigido aos moços náufragos do Sloughi? Não!... O mensageiro voltava sem resposta!

Quantas horas desocupadas se passavam agora no hall! Baxter, encarregado do jornal quotidiano, já não tinha incidente algum a relatar. E, antes de quatro meses, ia começar o terceiro inverno para os moços colonos da ilha Chairman!

Podia-se, pois, observar, não sem profunda ansiedade, o desânimo que se apoderava dos mais enérgicos — à exceção de Gordon, sempre absorvido nos pormenores da sua administração. Briant também às vezes se sentia abatido, apesar de empregar toda a sua energia para não o dar a conhecer. Tentava reagir excitando os seus camaradas para continuarem os estudos e fazerem conferências e leituras em voz alta. Recordava-lhes constantemente o seu país, as suas famílias, afirmando-lhes que as tornariam a ver! Enfim, fazia o que estava ao seu alcance para os animar, mas sem o conseguir, e o seu maior receio era que o desespero o vencesse. Não sucedeu assim. Além disso, factos extremamente graves obrigaram todos a arriscar as suas pessoas.

No dia 21 de novembro, pelas duas horas da tarde, Doniphan estava entretido a pescar nas margens do Family-lake quando os gritos dissonantes de algumas dúzias de pássaros que esvoaçavam por cima da margem esquerda do rio lhe atraíram a atenção. Se aqueles voláteis não eram corvos — com os quais se pareciam um pouco —, mereciam pertencer a essa espécie voraz e grasnadora.

Doniphan não se teria preocupado com o bando se as maneiras dele não o surpreendessem. Efetivamente, aquelas aves descreviam grandes órbitas, cujo raio diminuía à medida que se aproximavam da terra; depois, reunidas num grupo compacto, precipitaram-se para o solo.

Aí, os seus gritos redobraram; mas foi em vão que Doniphan procurou distingui-las no meio das altas ervas entre as quais tinham desaparecido.

Lembrou-se então de que naquele lugar devia existir algum cadáver de animal. Por Isso, com curiosidade de saber o que era, voltou para French-den e pediu a Moko que o transportasse com a canoa para o outro lado do rio Zealand.

Embarcaram ambos, e dez minutos depois introduziam-se por entre os maciços de ervas na praia. Os voláteis fugiram imediatamente, protestando, por meio de gritos, contra os importunos que iam assim perturbar-lhes o repasto.

Naquele lugar jazia o corpo de um guanaco pequeno, morto havia poucas horas, pois ainda não perdera todo o calor vital.

Doniphan e Moko, com poucos desejos de aproveitarem para a despensa os restos dos jantares dos carnívoros, dispunham-se a abandonar-lhos quando se apresentou uma questão: como e porque caíra o guanaco à entrada do pântano, longe das florestas de leste, que os seus congéneres não costumavam abandonar? Doniphan examinou o animal. Tinha, na ilharga, uma ferida ainda ensanguentada — ferida que não tinha sido feita pelos dentes de um jaguar ou de outro carnívoro.

— Este guanaco foi morto com um tiro! — observou Doniphan.

— Aqui está a prova! — confirmou o grumete, que, depois de ter revolvido a fenda com uma faca, fez sair de lá uma bala.

Esta bala era mais do calibre das espingardas de bordo que do das espingardas de caça. Não podia ter sido disparada senão por Walston ou algum dos seus companheiros.

Doniphan e Moko abandonaram o corpo do guanaco aos voláteis e voltaram para French-den, onde conferenciaram com os seus camaradas.

Que o guanaco tinha sido ferido por um dos marinheiros do Severn não admitia dúvida, pois nem Doniphan nem nenhum deles disparara um tiro de espingarda havia mais de um mês. O que era preciso saber era em que momento e em que lugar recebera o guanaco aquela bala.

Examinadas todas as hipóteses, pareceu admissível que o facto se tivesse dado cinco ou seis horas antes — lapso de tempo necessário para o animal, depois de ter atravessado os Down-lands, poder chegar a alguns passos do rio. Por consequência, naquela manhã, um dos homens de Walston devia ter caçado aproximando-se da ponta meridional do Family-lake, e o bando, depois de ter atravessado o East-river aproximava-se a pouco e pouco dos lados de French-den.

De maneira que a situação agravava-se, ainda que o perigo talvez não fosse iminente, pois ao sul da ilha estendia-se aquela vasta planície, cortada por regatos, salpicada de lagos e de dunas, e onde a caça não devia ser bastante para a alimentação diária do bando. Portanto, era provável que Walston não se tivesse aventurado através dos Down-lands. Além disso, não se ouvira nenhuma detonação suspeita, que o vento poderia levar até Sport-terrace e havia razão para esperar que a posição de French-den ainda não tivesse sido descoberta.

Contudo, foi necessário tomarem novas precauções, ainda mais rigorosas. Para haver alguma probabilidade de se poder repelir uma agressão, era necessário que os moços colonos não fossem surpreendidos fora do hall.

Três dias depois as apreensões foram aumentadas por um facto mais significativo, e reconheceu-se que a segurança estava mais comprometida que nunca.

No dia 24, pelas nove horas da manhã, Briant e Gordon dirigiram-se para além do rio Zealand, a fim de verem se não seria conveniente erguer uma paredão através do atalho estreito que circulava entre o lago e o pântano. Doniphan e os melhores atiradores podiam assim emboscar-se rapidamente no caso de descobrirem a tempo a chegada de Walston.

Estavam ambos a trezentos pés além do rio quando Briant pôs o pé em cima de um objeto, que esmagou. Não fez caso, pensando que era um dos milhares de mariscos lançados pelas grandes marés, quando invadiam a planície dos South-moors. Mas Gordon, que ia atrás, parou e disse:

— Espera, Briant, espera!

— O que há?

Gordon curvou-se e apanhou o objeto esmagado.

— Olha! — disse ele.

— Não é um marisco, isso — respondeu Briant —, é...

— É um cachimbo!

Efetivamente, Gordon tinha na mão um cachimbo enegrecido, cujo tubo fora partido rente ao pipo.

— Visto que nenhum de nós fuma — disse Gordon —, este cachimbo foi perdido por...

— Por um dos homens do bando — concluiu Briant —, a não ser que pertencesse ao náufrago francês, que nos precedeu na ilha Chairman...

Não! Aquele pipo, cujas fraturas eram recentes, nunca podia ter pertencido a Francisco Baudoin, morto havia mais de vinte anos. Devia ter caído recentemente naquele lugar, e o tabaco, que ainda aderira a ele, demonstrava-o de maneira indiscutível. Portanto, alguns dias antes, algumas horas talvez, um dos companheiros de Walston, ou ele mesmo, tinha avançado até àquela margem do Family-lake.

Gordon e Briant voltaram imediatamente para French-den.

Aí, Kate, a quem Briant mostrou o pipo do cachimbo, afirmou que o tinha visto nas mãos de Walston.

Assim, era evidente que os malfeitores haviam tomado a extremidade do lago. Talvez mesmo, durante a noite, tivessem avançado até à margem do rio Zealand. E se French-den tinha sido descoberto, se Walston sabia qual era o pessoal da colónia, não era natural que se lembrasse de que havia ali ferramentas, instrumentos, munições, provisões, tudo o que lhe faltava a ele, ou quase tudo, e que a sete homens vigorosos não metiam medo uns quinze rapazitos — sobretudo se conseguissem surpreendê-los? Em todo o caso, a verdade era que o bando se aproximava cada vez mais.

Perante estas eventualidades ameaçadoras, Briant, de acordo com os seus camaradas, resolveu organizar uma inspeção mais ativa. Durante o dia, estabeleceu-se um posto de observação permanente no cume de Auckland-hill, a fim de que qualquer aproximação suspeita, do lado do pântano, do lado de Traps-woods ou do lado do lago, fosse assinalada imediatamente.

Durante a noite, dois dos mais velhos deviam ficar de guarda à entrada do hall e de Store-room, para espiarem os ruídos do exterior. As duas portas foram consolidadas por meio de espeques, e podia-se barricá-las num momento com grandes pedras que se amontoaram no interior de French-den. Quanto às janelas estreitas, abertas na parede, e que serviam de canhoneiras aos dois canhões pequenos, uma defendia a fachada do lado do rio Zealand e a outra a do lado de Family-lake. Além disso, as espingardas e os revólveres estavam prontos para se dispararem ao mínimo alarme.

Kate aprovava todas estas precauções, está claro. Esta mulher enérgica não dava a conhecer as suas inquietações — bem justificadas, infelizmente! — quando pensava nas incertezas de uma luta com os marinheiros do Severn. Conhecia-os, a eles e ao chefe. Não tinham armas suficientes, é verdade, mas não podiam surpreendê-los, apesar da maior vigilância? E que adversários encontravam? Alguns rapazes, o mais velho dos quais ainda não tinha dezasseis anos! Realmente era um partido muito desigual! Ah! Porque não estava o corajoso Evans com eles? Porque não seguira Kate? Talvez soubesse organizar melhor a defesa e pôr French-den em estado de resistir aos ataques de Walston.

Infelizmente, Evans devia estar guardado à vista, se os seus companheiros não se tivessem já desembaraçado dele, como de uma testemunha perigosa, da qual já não precisavam para conduzir a chalupa às terras vizinhas! Assim refletia Kate. Não era por ela que temia, era por aquelas crianças, que

velava constantemente, secundada por Moko, cuja dedicação igualava a sua.

Estavam a 27 de novembro. O calor era de abrasar, havia dois dias. Sobre a ilha passavam grandes nuvens, carregadas, e alguns bramidos longínquos anunciavam a tempestade. O *storm-glass* indicava a luta dos elementos.

Naquela noite, Briant e os seus camaradas entraram no hall mais cedo do que de costume, depois de terem tomado a precaução — o que faziam agora todos os dias — de puxar a canoa para o interior de Store-room. Em seguida fecharam bem as portas, e esperaram a hora do descanso, depois de rezarem em comum e pensarem nas famílias que estavam longe.

Cerca das nove horas e meia a tempestade estava em toda a sua força. O reflexo intenso dos relâmpagos iluminava o hall, penetrando através das janelas. As detonações dos raios propagavam-se sem interrupção e o maciço de Auckland-hill parecia tremer, repercutindo aqueles ruídos atroadores. Era um desses meteoros sem chuva nem vento, que são os mais terríveis, porque as nuvens imóveis descarregam no mesmo lugar toda a matéria elétrica acumulada nelas, e às vezes uma noite inteira não é bastante para esgotá-la.

Costar, Dole, Iverson e Jenkins, encolhidos dentro das camas, sobressaltavam-se ao ouvir aqueles estalidos formidáveis de pano rasgado que indicam a proximidade das descargas. E, contudo, não tinham nada a recear naquela caverna inabalável. O raio podia ferir mil vezes o cume da penedia, mas não atravessaria nunca as paredes de French-den, tão impermeáveis ao fluido elétrico como inacessíveis às tempestades. Briant, Doniphan ou Baxter levantavam-se de tempos a tempos, entreabriam a porta, e fechavam-na logo, meio cegos pelos relâmpagos, depois de lançarem um olhar rápido para o exterior. O espaço estava abrasado, e o lago, refletindo as fulgurações do firmamento, parecia desdobrar uma enorme toalha de chamas.

Das dez para as onze horas, os relâmpagos e os trovões seguiam-se sem descanso. Só um pouco antes da meia-noite é que principiaram a abrandar. Intervalos cada vez maiores separavam os trovões, cuja violência diminuía com a distância. O vento ergueu-se então, espalhando as nuvens que se tinham aproximado do solo, e a chuva começou a cair em torrentes.

Os pequenos sossegaram, então, um pouco. Duas ou três cabeças, escondidas debaixo dos cobertores, atreveram-se a aparecer, embora fossem horas de dormir. Briant e os outros, depois de tomarem as precauções do costume, iam meter-se na cama quando Phann manifestou sinais de inexplicável agitação. Levantava-se sobre as patas traseiras, corria para a porta do hall e soltava grunhidos surdos e contínuos.

— Phann ouviria alguma coisa? — disse Doniphan, tendo sossegado o cão.

— Já em muitas circunstâncias — observou Baxter — lhe temos notado esta agitação singular, e o inteligente animal nunca se enganou!

— É preciso saber o que isto significa, antes de nos deitarmos — declarou Gordon.

— Sim — aprovou Briant —, mas não deixemos sair ninguém, e estejamos prontos para a defesa!

Cada um pegou na sua espingarda e no seu revólver. Em seguida, Doniphan encostou-se à porta do

hall e Moko à de Store-room. Ambos encostaram o ouvido às gretas, mas não surpreenderam ruído algum, apesar de Phann continuar com a mesma agitação, e começar até a ladrar com tal violência que não foi possível sossegá-lo. Era uma circunstância muito desagradável. Se, nos momentos de calma, era possível ouvir o ruído de passos na praia, com mais razão se ouviria lá fora o ladrar de Phann.

De repente, ouviu-se uma detonação, que não se podia confundir com o estrondo dos trovões. Era um tiro que acabava de ser disparado a menos de duzentos passos de French-den.

Todos se conservaram na defensiva. Doniphan, Baxter, Wilcox e Cross, armados de espingardas e colocados junto das duas portas, estavam prontos para fazer fogo sobre quem tentasse arrombá-las. Os outros começavam a especá-las com pedras acumuladas para esse fim, quando uma voz gritou de fora:

— Socorro!... Socorro!...

Estava ali um ser humano, em perigo de morte, com certeza, e pedindo auxílio...

— Socorro! — repetiu a voz, e desta vez a poucos passos da caverna.

Kate, junto da porta, escutava...

— É ele! — exclamou.

— Ele?... — disse Briant.

— Abram! Abram!... — repetia Kate.

A porta abriu-se e um homem, escorrendo água, precipitou-se no hall.

Era Evans, o mestre do Severn.

Capítulo XI

A princípio, Briant, Doniphan e Gordon ficaram imóveis com esta aparição tão inesperada. Depois, por um movimento instintivo, correram para o mestre como ao encontro de um salvador.

Era um homem de vinte e cinco a trinta anos, de ombros largos, tronco vigoroso, olhar vivo, fronte descoberta, fisionomia inteligente e simpática, andar firme e resoluto, rosto cercado por uma barba inculta, que não era aparada desde o naufrágio do Severn.

Apenas entrou, Evans voltou-se e foi encostar o ouvido à porta, que fechara rapidamente. Não ouvindo nada, avançou para o meio do hall. Aí, olhou, à luz da lanterna suspensa da abóbada, para aquela sociedade que o rodeava e murmurou estas palavras:

— Crianças!... Só crianças!...

De repente, o olhar do mestre animou-se, o rosto brilhou de alegria, os braços abriram-se...

Kate dirigia-se para ele.

— Kate!... — exclamou Evans. — Kate viva!

Pegou-lhe nas mãos, como para se certificar de que não eram de uma defunta.

— Sim! Viva como o senhor, Evans! — respondeu Kate. — Deus salvou-nos, e é Ele quem o envia para socorrer estas crianças!

O mestre contava com a vista os moços colonos, reunidos em torno da mesa do hall.

— Quinze — disse ele — e apenas cinco ou seis capazes de se defenderem!... Não importa!

— Estamos então em perigo de sermos atacados, mestre Evans? — perguntou Briant.

— Não, não, meu rapaz, pelo menos agora! — respondeu Evans.

Compreende-se que todos tivessem pressa de saber a história do mestre, e principalmente o que se passara desde que a chalupa fora arremessada aos Severn-shores. Nem os mais velhos nem os pequenos poderiam adormecer ; antes de ouvirem aquela narração, tão importante para todos eles.

Mas, primeiro, era preciso que Evans despisse aquele fato encharcado e comesse alguma coisa. Vinha a escorrer, porque atravessara o rio Zealand a nado. E vinha exausto de fadiga e de fome, porque não comia desde as onze horas, e desde pela manhã ainda não pudera descansar um momento.

Briant fê-lo entrar logo em Store-room, onde Gordon pôs boa roupa de marinheiro à sua disposição. Em seguida, Moko deu-lhe carne fria, algumas xícaras de chá a ferver e um copo de brandy.

Um quarto de hora depois, Evans, sentado à mesa do hall, narrava os factos sucedidos desde que os marinheiros do Severn tinham ido parar à ilha.

— Alguns momentos antes de a chalupa se avizinhar da praia, — disse — eu e mais cinco tripulantes tínhamos sido arremessados às primeiras rochas dos recifes. Nenhum de nós ficara muito magoado no encalhe. Algumas contusões, apenas, mas feridas não havia nenhuma. O que não deixou de ser difícil foi

livrarmo-nos da ressaca, no meio da escuridão e com um mar furioso, que descia contra o vento do largo.

«Contudo, depois de muitos esforços, Walston, Brandt, Rock, Cook, Cope e eu conseguimos chegar sãos e salvos, fora do alcance das ondas. Faltavam dois: Forbes e Pike.

Teriam sido levados por alguma onda, ou ter-se-iam salvo quando a chalupa alcançou a praia? Não sabíamos. A respeito de Kate, julgava que tinha sido arrastada pelas ondas, e não pensava que havia de tornar a vê-la.

Dizendo isto, Evans não procurava ocultar a comoção nem a alegria que lhe causava o encontro da corajosa mulher, salva, como ele, dos assassinos do Severn! Depois de terem estado à mercê daqueles bandidos, encontravam-se agora ambos, por enquanto, fora do seu poder, se não estavam livres dos seus ataques para o futuro.

Evans continuou:

— Quando chegámos à praia foi-nos preciso algum tempo para acharmos a chalupa. Devia ter atracado pelas sete horas da tarde, e era perto da meia-noite quando a avistámos deitada na areia. Primeiro tínhamos descido ao longo da costa de...

— Severn-shores — disse Briant. — É o nome que lhe deram alguns dos meus camaradas, que descobriram a embarcação do Severn mesmo antes de Kate nos narrar o naufrágio...

— Antes?... — respondeu Evans, surpreendido.

— Sim, mestre Evans — confirmou Doniphan. — Chegámos àquele lugar na própria noite do naufrágio quando os seus dois companheiros estavam ainda estendidos na areia!... Mas, ao romper do dia, quando íamos prestar-lhes os últimos deveres, tinham desaparecido.

— Sim — replicou Evans —, vejo como tudo isso se liga! Forbes e Pike, que julgávamos mortos, e prouvera a Deus que o estivessem, eram dois tratantes de menos!, tinham caído a alguns passos da chalupa. Foi aí que Walston e os outros os encontraram, reanimando-os com alguns goles de gin.

«Felizmente para eles, e infelizmente para nós, os cofres da embarcação não se tinham quebrado, nem lhes entrara água dentro. As munições, as armas, cinco espingardas de bordo, e o resto das provisões, embarcados precipitadamente durante o incêndio do Severn, tudo isto foi tirado da chalupa, porque era de temer que a maré próxima a demolisse. Em seguida, abandonámos o lugar do naufrágio, seguindo a costa na direção do leste.

«Nesse momento, um dos bandidos, Rock, creio eu, observou que Kate não tinha aparecido. Ao que Walston respondeu: Foi levada por uma onda!... Estamos livres dela! Pensei então que, se eles se alegravam por se verem livres de Kate, que já não lhes servia de nada, aconteceria o mesmo com o mestre Evans, quando já não precisassem dele. Mas onde estava, Kate?

— Estava perto da chalupa, do lado do mar — respondeu Kate —, no lugar onde tinha caído depois do encalhe... Não podiam ver-me, e eu ouvi tudo o que se passara entre Walston e os outros... Depois de todos partirem, Evans, ergui-me e, para não tornar a cair nas mãos de Walston, fugi, dirigindo-me para o lado oposto. Trinta e seis horas depois, quase morta de fome, fui recolhida por estas crianças e conduzida

a French-den.

— French-den?... — repetiu Evans.

— É o nome que tem a nossa casa — explicou Gordon — em memória de um náufrago francês que a habitara muitos anos antes de nós!

— French-den?... Severn-shores?... — disse Evans. — Vejo que têm posto nomes às diversas partes da ilha!

— Sim, mestre Evans, nomes muito bonitos — tornou Service —, e ainda há mais: Family-lake, Down-lands, South-moors, rio Zealand, Traps-woods...

— Bem!... Bem!... Depois me dirão isso tudo... amanhã!... Agora vou continuar a minha história. Lá fora não se ouve nada?...

— Nada — disse Moko, que estava de guarda à porta do hall.

— Bem! — declarou Evans — continuo:

«Uma hora depois de abandonarmos a chalupa chegámos junto de um maciço de árvores, onde acampámos.

No dia seguinte, e durante alguns dias, voltámos ao lugar onde a embarcação tinha encahado e tentámos consertá-la, mas, não havendo outras ferramentas além de um machado, foi impossível substituir as cintas do costado despedaçadas ou pô-las em estado de aguentar o mar, mesmo para uma travessia pequena. Além disso, o lugar era muito incómodo para um trabalho deste género.

«Partimos, pois, a fim de procurarmos outro acampamento numa região menos árida, onde a caça pudesse dar-nos o alimento diário, e, ao mesmo tempo, próximo de um rio onde achássemos água doce, porque a nossa provisão estava inteiramente esgotada.

«Depois de seguirmos a costa durante umas doze milhas chegámos a um rio pequeno...

— O East-river! — disse Service.

— Pois seja o East-river! — admitiu Evans. — Aí, no fundo de uma vasta baía...

— Deception-bay! — informou Jenkins.

— Vá lá, Deception-bay — disse Evans, sorrindo. — No meio das rochas havia um porto...

— Bear-rock! — exclamou, por sua vez, Costar.

— Pois seja Bear-rock, meu petiz! — volveu Evans, aprovando com um sinal de cabeça. — Não havia nada mais fácil do que instalarmo-nos nesse lugar, e, se pudéssemos levar para lá a chalupa, que a primeira tempestade acabaria de demolir no sítio onde ela estava, talvez fosse possível calafetá-la.

«Fomos, portanto, buscá-la, e depois de a alijarmos tanto quanto possível foi deitada à água. Em seguida, apesar de ter água até à amurada, conseguimos alá-la ao longo da margem e conduzi-la ao porto, onde está agora em segurança.

— A chalupa está em Bear-rock?... — perguntou Briant.

— Está sim, meu rapaz, e parece-me que não seria impossível consertá-la se por acaso houvesse as ferramentas necessárias...

— Mas nós temos essas ferramentas, mestre Evans! — declarou, vivamente Doniphan.

— Foi isso que Walston supôs, quando o acaso lhe fez saber que a ilha era habitada e por quem era!

— Como puderam eles saber?... — perguntou Gordon.

— Deste modo — respondeu Evans. — Há oito dias, Walston, os seus companheiros e eu, pois nunca me deixaram só, tínhamos ido fazer uma expedição através da floresta. Depois de três ou quatro horas de marcha, subindo o curso do East-river, chegámos às margens de um grande lago, do qual saía aquele curso de água. E calculem a nossa admiração ao vermos aí um aparelho singular, caído na margem... Era ele uma espécie de armação de canas, forrada de panos de velas...

— O nosso papagaio! — Exclamou Doniphan.

— O nosso papagaio que tinha caído no lago — acrescentou Briant —, e que o vento empurrou até ali!

— Oh! era um papagaio? — perguntou Evans. — Pois não fomos capazes de o perceber, e tal máquina intrigava-nos muito! Em todo o caso, fosse o que fosse, alguém a havia feito!... Tinha sido fabricada na ilha!... Não havia que duvidar a esse respeito!... Portanto, a ilha era habitada!... Por quem?... Era o que Walston queria saber. Eu, desde esse dia, resolvi fugir. Quaisquer que fossem os habitantes desta ilha, ainda que fossem selvagens, não podiam ser piores do que os assassinos do Severn! Mas, desde essa ocasião, fui guardado à vista, de dia e de noite!...

— E como descobriram French-den? — perguntou Baxter.

— Já lá vamos — respondeu Evans. — Mas, antes de prosseguir a minha narração, digam-me, meus rapazes, para que lhes serviu aquele enorme papagaio? Porventura era um sinal?

Gordon contou a Evans o que se tinha feito, e com que fim, como Briant arriscara a vida para a salvação de todos, e de que maneira se pudera certificar de que Walston estava ainda na ilha.

— É um valente, meu amigo! — afirmou Evans, pegando na mão de Briant e apertando-a com grande entusiasmo.

Em seguida continuou:

— Compreendem que Walston, desde então, não pensou senão em saber quem eram os habitantes desta Ilha, para nós desconhecida. Se fossem indígenas, talvez pudesse entender-se com eles. Se fossem náufragos, talvez possuíssem as ferramentas que lhe faltavam. Neste caso, não lhe recusariam auxílio para consertar a chalupa, de maneira a poder deitá-la à água.

«Começaram, pois, as pesquisas, com muita prudência, devo confessá-lo. Avançámos a pouco e pouco, explorando as florestas da margem direita do lago, para nos aproximarmos da extremidade do sul. Mas não avistámos um único ser humano, nem se ouviu detonação alguma nesta parte da ilha.

— Isso era porque nenhum de nós se afastava de French-den — disse Briant — e porque era proibido disparar um único tiro!

— Apesar disso, foram descobertos! — replicou Evans. — E como não havia de ser assim? Foi na noite de 23 para 24 de novembro que um dos companheiros de Walston chegou a avistar French-den da

margem meridional do lago. A má sorte quis que, num certo momento, esse homem distinguisse um clarão que passava pelas paredes das rochas, decerto o clarão da lanterna que a porta, entreaberta durante um momento, tinha deixado passar. No dia seguinte, o próprio Walston dirigiu-se para este lado, e durante uma parte da noite esteve escondido entre as ervas, a alguns passos do rio...

— Já o sabíamos — disse Briant.

— Sabiam-no, como?

— Gordon e eu achámos nesse lugar os fragmentos de um cachimbo que Kate afirmou ser de Walston!

— É verdade! — confirmou Evans. — Walston perdera-o durante a excursão, o que, no regresso, pareceu contrariá-lo em extremo... Mas então já ele conhecia a pequena colónia. Enquanto esteve escondido nas ervas viu-os quase todos andarem pelas margens do rio... Eram rapazes muito novos, crianças, que não podiam resistir a sete homens! Walston foi dar parte do que tinha visto aos seus companheiros. Uma conversa que surpreendi entre Brandt e ele deu-me a conhecer o que se preparava contra French-den...

— Monstros! — exclamou Kate. — Não teriam compaixão destas crianças?

— Não, Kate — respondeu Evans —, assim como não a tiveram do capitão e dos passageiros do Severn! Monstros!... Diz bem, e monstros comandados pelo mais cruel deles, aquele Walston, que não há de escapar ao castigo dos seus crimes, estou certo!

— Enfim, Evans, conseguiu fugir, graças a Deus! — concluiu Kate.

— Sim, Kate. Haverá doze horas, pouco mais ou menos, aproveitei uma ausência de Walston e dos outros, que me tinham deixado guardado por Forbes e Rock. A ocasião pareceu-me boa para me safar.

«Quanto a fazer perder a pista àqueles dois celerados, ou, pelo menos, afastá-los, se conseguisse tomar-lhes alguma dianteira, isso era comigo!

«Eram pouco mais ou menos dez horas da manhã quando me precipitei através da floresta. Quase em seguida, Forbes e Rock deram por isso e correram atrás de mim. Iam armados com espingardas... Eu não tinha senão a minha faca de marinheiro para me defender e as pernas para correr como um contrabandista!

«A perseguição durou todo o dia. Cortando obliquamente, no bosque, cheguei à margem esquerda do lago. Era preciso rodear a extremidade, porque, segundo a conversa que ouvira, sabia que os moços colonos estavam estabelecidos nas margens de um rio que corria para oeste.

«Realmente, nunca tinha corrido tão bem em toda a minha vida, nem durante tanto tempo! — perto de quinze milhas percorridas naquele dia! Com mil diabos! Os marotos corriam tão depressa como eu e as suas balas voavam mais depressa ainda. Assobiaram-me aos ouvidos diversas vezes. Imaginem! Eu sabia o segredo deles! Se fugisse, podia denunciá-los! Era preciso agarrarem-me de qualquer modo! Dou-lhes a minha palavra que, se eles não tivessem armas de fogo, tê-los-ia esperado a pé firme, com a minha faca na mão! Matava-os ou era morto por eles!... Sim, Kate! Preferia morrer a voltar ao acampamento com aqueles bandidos!

«Contudo, esperava que aquela perseguição acabasse quando fosse noite!... Não foi assim. Já tinha passado a extremidade do lago, e subia pelo outro lado, mas sentia ainda Forbes e Rock correndo atrás de mim. A tempestade, que se anunciava havia algumas horas, rebentou.

Ainda me foi mais difícil fugir, porque aqueles velhacos podiam distinguir-me à luz dos relâmpagos entre os caniços da praia. Finalmente, já estava a uns cem passos do rio... Se conseguisse pô-lo entre mim e aqueles tratantes estava salvo! Eles não se atreveriam a transpô-lo, sabendo perfeitamente que estavam nas vizinhanças de French-den.

«Continuei a correr, e ia chegar à margem esquerda do rio quando um último relâmpago iluminou o espaço.

«Ouvi então uma detonação...

— A que nós ouvimos, também?... — interrogou Doniphan.

— Com certeza! — replicou Evans. — Roçou-me uma bala pelo ombro... Saltei e precipitei-me no rio... Em algumas braçadas alcancei a outra margem e escondi-me entre as ervas, enquanto Rock e Forbes, que chegavam à margem oposta, diziam:

«— Tens a certeza de que acertaste?

«— Tenho, sim!

«— Então, está no fundo?

«— Decerto, e a estas horas morto e bem morto!

«— Que fortuna!

«E voltaram para trás. Sim! Que fortuna... para mim e para Kate! Ah! Tratantes! verão se estou morto!... Alguns instantes depois saí das ervas e dirigi-me para o ângulo da penedia... Ouvi ladrar. Chamei... A porta de French-den abriu-se... E agora — concluiu Evans, estendendo a mão na direção do lago — é preciso acabarmos com aqueles miseráveis, livrar deles esta ilha.

E pronunciou estas palavras com tal energia que todos se ergueram, prontamente, para lhe obedecerem.

Contaram então a Evans o que se tinha passado naqueles vinte meses, explicaram-lhe em que condições o Sloughi deixara a Nova Zelândia, a sua travessia do Pacífico até à ilha, a descoberta dos restos do naufrago francês, a instalação da colónia em French-den, as excursões durante a estação quente, os trabalhos durante o inverno, e como a vida estivera relativamente calma e isenta de perigos antes da chegada de Walston e dos seus cúmplices.

— E nesses vinte meses não passou por aqui nenhuma embarcação? — perguntou Evans.

— Não; pelo menos, não a avistámos — respondeu Briant.

— Não tinham sinais?

— Tínhamos um mastro erguido na parte mais alta da penedia.

— E não foi visto?...

— Não, mestre Evans — respondeu Doniphan. — Mas é verdade que o tirámos de lá há seis

semanas, a fim de não atrair a atenção de Walston.

— E fizeram bem, meus rapazes! É verdade que aquele patife já sabe muito mais do que era preciso! Devemos estar prevenidos de dia e de noite.

— Que infelicidade — observou Gordon, — tratar com semelhantes miseráveis em lugar de pessoas honradas, que auxiliaríamos de tão boa vontade! A nossa pequena colónia não perdia nada com isso, pelo contrário! Assim, daqui para o futuro espera-nos uma luta para defendermos a vida, um combate, cujo resultado só Deus sabe qual será!

— Deus, que os tem protegido até agora, meus filhos — interveio Kate —, não os abandonará! Enviou-lhes este corajoso e honrado Evans, e com ele...

— Evans!... Viva Evans!... — exclamaram os moços colonos ao mesmo tempo.

— Contem comigo, meus rapazes — declarou o mestre —, e prometo-lhes que todos juntos havemos de nos defender bem!

— E contudo — objetou Gordon —, se fosse possível evitar esta luta, se Walston consentisse em deixar a ilha?...

— Que queres dizer, Gordon?... — Perguntou Briant.

— Quero dizer que os seus companheiros e ele já tinham partido se pudessem servir-se da chalupa! Não é verdade, mestre Evans?

— Com certeza.

— Pois bem! Se entrássemos em negociações com eles, se lhes fornecêssemos as ferramentas de que precisam, talvez eles aceitassem?... Bem sei que deve ser repugnante travar relações com os assassinos do Severn. Mas, para nos livrarmos deles, para impedir um ataque que deve custar muito sangue, talvez!... Enfim que diz a isto o mestre Evans?

Evans ouvira Gordon com atenção. A proposta do americano indicava um espírito prático, que não fazia alguma coisa sem refletir, e um carácter disposto a encarar todas as situações com serenidade.

Pensou — e não se enganava — que devia ser o mais ponderado, e a sua observação pareceu-lhe digna de ser discutida.

— Efetivamente Sr. Gordon — respondeu ele —, todos os meios seriam bons para nos livrarmos da presença daqueles malfeitores. Se eles consentissem em partir, depois de terem consertado a chalupa, era muito melhor do que travar uma luta cujo resultado pode ser duvidoso. Mas fiarmo-nos em Walston é impossível! Não será ele capaz de aproveitar as relações connosco para surpreender French-den, e se apoderar de tudo o que lhes pertence? Não pode imaginar que salvaram algum dinheiro do naufrágio? Acreditem-me, aqueles malvados só procurarão fazer-lhes mal em troca dos seus serviços! Naquelas almas não há lugar para a gratidão! Entrar em negociações com eles é entregarem-se...

— Não!... Não!... — exclamaram Baxter e Doniphan que os seus camaradas acompanharam com uma energia que agradou ao mestre.

— Não!... — acrescentou Briant. — Não queremos negócios com Walston e com o seu bando!

— E depois — prosseguiu Evans —, eles, além de ferramentas, precisam também de munições! É certo que têm ainda bastantes para tentarem um ataque!... Mas quando se tratar de percorrer outras paragens à mão armada a pólvora e o chumbo que lhes restam não serão suficientes!... hão de pedir e talvez exigir o que lhes falta... Estão dispostos a dar-lho?

— Não decerto! — respondeu Gordon.

— E eles farão a diligência para o obterem à força! Não se evitará o combate, e este dar-se-á em piores condições para nós!...

— Tem razão, mestre Evans! — concordou Gordon. — O melhor é estarmos prevenidos e esperarmos!

— Sim, é o melhor partido!... Esperemos, Sr. Gordon. Além disso, há uma razão, mais forte do que qualquer outra, que nos obriga a esperar.

— Que razão é?

— É a seguinte: Walston, como sabem, não pode deixar a ilha senão na chalupa do Severn.

— Com certeza! — aprovou Briant.

— Ora, essa chalupa pode perfeitamente ser consertada e se Walston renunciou a pô-la em estado de navegar foi por não ter ferramentas...

— A não ser isso — disse Baxter —, já estaria muito longe daqui.

— É verdade, meu rapaz. Portanto, se proporcionarem a Walston os meios de reparar a embarcação, admitindo que ele abandone a ideia de saquear French-den, partirá imediatamente, sem querer mais importar-se com os que ficam.

— Prouvera a Deus que ele já o tivesse feito! — exclamou Service.

— Com mil diabos! Se ele já o tivesse feito — exclamou Evans — como Poderíamos nós fazê-lo, visto que a chalupa do Severn ia com eles?

— O quê, mestre Evans — perguntou Gordon —, conta com aquela embarcação para deixar a ilha?...

— Conto, sim, Sr. Gordon.

— Para voltar à Nova Zelândia, para atravessar o Pacífico? — acrescentou Doniphan.

— O Pacífico?... Não, meus rapazes — respondeu —, para chegarmos a uma estação pouco distante, onde esperaremos a ocasião de regressar a Auckland.

— Pois é possível? Está falando a sério, Sr. Evans? — exclamou Briant.

E, ao mesmo tempo, dois ou três dos seus camaradas começaram a fazer perguntas ao mestre.

— Como pode essa chalupa aguentar uma travessia de muitas centenas de milhas? — observou Baxter.

— Centenas de milhas? — volveu Evans. — Não! Umhas trinta, apenas!

— Então não é o mar que se estende em torno da ilha? — perguntou Doniphan.

— A oeste, é! — esclareceu Evans. — Mas ao sul, norte e a leste são apenas canais, que se podem atravessar facilmente em sessenta horas!

— Assim, não nos enganávamos pensando que existiam terras apouca distância daqui?

— Decerto que não, e são até muito vastas as que se prolongam a leste.

— Sim!... a leste!— exclamou Briant. — Aquela mancha esbranquiçada, e depois o clarão que avistei nesta direção...

— Uma mancha esbranquiçada? — replicou Evans. — Deve ser alguma geleira, e o clarão é a chama de um vulcão que deve estar marcado nos mapas. E, a propósito, onde julgam os senhores estar?

— Numa das ilhas isoladas do oceano Pacífico! — respondeu Gordon.

— Uma ilha... sim!,... Isolada é que não! Pertence a um dos numerosos arquipélagos que cobrem a costa da América do Sul!

— E já sei que deram nome aos cabos, às baías e aos rios da sua ilha, mas ainda não me disseram como denominam esta?

— A ilha Chairman, o nome do nosso colégio — explicou Doniphan.

— A ilha Chairman!... — repetiu Evans. — Pois bem, nesse caso tem dois nomes, porque ela chama-se a ilha Hanovre!

Depois disto, tendo-se procedido às medidas de vigilância habituais, foram todos descansar, depois de arranjam uma cama no hall para o mestre. Os moços colonos estavam sob a influência de uma impressão dupla, que devia perturbar-lhes o sono: por um lado, a perspectiva de uma luta sanguinolenta, e, por outro, a possibilidade de regressarem à pátria.

Evans adiará para o dia seguinte o fim das suas explicações, o qual consistia em indicar no atlas qual era a posição exata da ilha Hanovre, e, enquanto Moko e Gordon velavam, a noite passou-se tranquilamente em French-den.

Capítulo XII

Um estreito, com trezentas e oitenta milhas de comprimento pouco mais ou menos, e cuja curva se desenha de oeste para leste, desde o cabo das Virgens, no Atlântico, até ao cabo dos Pilares, no Pacífico — emoldurados em costas muito acidentadas, dominado por montanhas de três mil pés acima do nível do mar, com baías no fundo das quais se multiplicam os portos de refúgio, rico em aguadas, onde os navios podem, sem custo, renovar a sua provisão de água, ladeado de florestas espessas onde a caça é abundante, ressoando com o estrondo das cascatas que se precipitam aos milhares nas suas enseadas numerosas, apresentando aos navios que vêm de leste ou de oeste uma passagem mais curta do que a de Lemaire, entre a Terra dos Estados e a Terra de Fogo e menos açoutada pelas tempestades do que a do cabo de Horn —, tal é o estreito de Magalhães, que o ilustre navegador português descobriu no ano de 1520.

Os Espanhóis, os únicos que visitaram as terras magalhânicas durante meio século, fundaram, na península de Brunswick o Porto da Fome. Aos Espanhóis sucederam-se os ingleses, com Drake, Cavendish, Chidley e Hawkins. Depois os holandeses, com de Weerth, de Cord, de Noort, com Lemaire e Schouten que descobriram, em 1610, o estreito deste nome.

Finalmente, de 1696 a 1712, apareceram lá os Franceses, com Degennes, Beauchesne-Gouin e Frezier, e desde essa época aquelas paragens abriram-se aos navegadores mais célebres do fim do século, como Anson, Cook, Byron, Bougainville e outros.

Desde então, o estreito de Magalhães tornou-se um caminho frequentado para a passagem de um oceano para outro — sobretudo desde que a navegação a vapor,, que não conhece vento desfavorável nem correntes contrárias, permitiu que o atravessassem em condições de navegação excepcionais.

Tal é, pois, o estreito que — no dia seguinte, 28 de novembro — Evans mostrou, no mapa do Atlas de Stieler, a Briant, a Gordon e aos camaradas destes.

Se a Patagónia — a última província da América do Sul —, a Terra do Rei Guilherme e a península de Brunswiick formam o limite setentrional do estreito, ao sul é este cercado pelo arquipélago magalhânico, que compreende vastas ilhas, a Terra de Fogo, a Terra da Desolação, as ilhas Clarence, Hoste, Gordon, Navarin, Wollaston, Stewart e muitas outras menos importantes, até ao último grupo das Hermittes, a maior das quais entre os dois oceanos é apenas o último cume da cordilheira dos Andes e chama-se o cabo Horn.

A leste, o estreito de Magalhães alarga-se por uma ou duas embocaduras, entre o cabo das Virgens, da Patagónia, e o cabo Espírito Santo, da Terra de Fogo. Mas não sucede o mesmo a oeste — o que Evans fez observar. Desse lado, ilhotas, ilhas, arquipélagos, estreitos e canais misturam-se sem limites. É por um canal situado entre o promontório dos Pilares e a extremidade meridional da grande ilha da

Rainha Adelaide que o estreito desemboca no Pacífico. Por cima desenvolve-se uma série de ilhas, caprichosamente agrupadas, desde o estreito de Lord Nelson até ao grupo dos Chonos e dos Chiloe, limitando a costa chilena.

— E agora — acrescentou Evans — veem, para lá do estreito de Magalhães, uma ilha separada por simples canais da ilha Cambridge, ao sul, e das ilhas Madre de Deus e Chatam, ao norte? Pois essa ilha, a cinquenta e um graus de latitude, é a ilha Hanovre, a que os senhores chamam a ilha Chairman, e onde vivem há mais de vinte meses!

Briant, Gordon e Doniphan, inclinados sobre o atlas, olhavam cheios de curiosidade para essa ilha que tinham julgado afastada de todas as terras e que tão próxima estava da costa americana!

— Pois quê! — disse Gordon — não estamos separados da Patagónia senão por alguns braços de mar?

— Sim, meus rapazes — informou Evans. — Mas entre a ilha Hanovre e o continente americano não há senão ilhas tão desertas como esta. E quando tivéssemos chegado ao dito continente ter-nos-ia sido necessário atravessar centenas de milhas antes de alcançar os estabelecimentos do Chile ou da República Argentina! E quantas fadigas sem contar os perigos, porque os índios Puelches, que andam errantes por meio dos Pampas, são pouco hospitaleiros! Julgo, portanto, que mais lhes valeu não abandonarem a sua ilha, visto que estava aí certa a existência material, e que, com a ajuda de Deus, espero que poderemos deixar juntos!

Assim, esses diversos canais que rodeiam a ilha Hanovre não excediam em certos sítios quinze a vinte milhas de largura, e Moko com bom tempo teria podido atravessá-las sem custo só com a sua canoa.

Se Briant, Gordon e Doniphan, por ocasião das suas excursões ao norte e a leste, não tinham visto essas terras, é porque elas são absolutamente baixas. Quanto à mancha esbranquiçada, era ela uma das geleiras do interior, e a montanha em erupção um dos vulcões das regiões do arquipélago de Magalhães.

Além disso... — outra observação feita por Briant ao examinar atentamente a carta —, o acaso, que presidira às suas excursões, tinha-os precisamente conduzido para os pontos do litoral que mais se afastavam das ilhas próximas.

Quando Doniphan chegou ao Severn-shores, talvez que tivesse podido ver a parte meridional da ilha Chatam se nesse dia o horizonte, escurecido pelos vapores da borrasca, não fosse visível senão em pequena parte. Quanto a Deception-bay, que escava profundamente a ilha Hanovre, da embocadura do East-river e das alturas de Bear-rock, nada se pode ver da ilhota, situada a este, nem da ilha da Esperança, que está para trás umas vinte milhas.

Para distinguir as terras próximas teria sido preciso ir ou ao North-cape, de onde a extremidade da ilha Chatam e da ilha Madre de Deus são visíveis além do estreito da Conceção, ou ao South-cape, de onde se podem ver as pontas das ilhas Rainha, Rainha Adelaide ou Cambridge, ou, finalmente, no litoral extremo dos Down-lands, que dominam os vértices da ilha Owien ou as geleiras das terras de sueste.

Ora, os moços colonos nunca tinham levado os seus reconhecimentos até esses pontos afastados.

Quanto à carta de Francisco Baudoin, não pôde Evans explicar por que razão essas ilhas e essas terras não estavam aí indicadas.

Visto que o naufrago francês tinha podido determinar com bastante exatidão a configuração da ilha Hanovre, é porque tinha dado volta à roda dela. Seria preciso pois, admitir-se que as brumas tivessem restringido o alcance da vista a menos de algumas milhas? Por fim, isto era admissível. E agora, no caso de Briant e os seus camaradas chegarem a apoderar-se da chalupa do Severn e a consertá-la para que lado a dirigiria Evans?

Foi a pergunta que lhe dirigiu Gordon.

— Meus rapazes — elucidou Evans —, não procurarei subir nem para o norte nem para o este. Quanto mais caminho por mar fizermos, melhor será. Evidentemente, com uma boa brisa, a chalupa poderia conduzir-nos para qualquer porto chileno, onde nos fariam bom acolhimento. O mar é, porém, forte em extremo nestas costas, enquanto que os canais do arquipélago nos oferecerão sempre uma travessia muito fácil.

— Com efeito, é assim — concordou Briant. — Mas acharemos nós estabelecimentos nestas paragens? E, nesses estabelecimentos, o meio de voltarmos à pátria?

— Não duvido disso — respondeu Evans. — Olhem, vejam a carta. Depois de termos atravessado as paragens do arquipélago da Rainha Adelaide, aonde chegaremos pelo canal de Smith? Ao estreito de Magalhães, não é verdade? Pois bem, quase à entrada do estreito está situado o Porto Tamar, que pertence à Terra da Desolação, e aí estaremos já no caminho de volta.

— E se não encontrarmos aí nenhum navio — perguntou Briant —, esperaremos que ele passe?

— Não, Sr. Briant. Siga-me mais longe, através do estreito de Magalhães. Vê esta grande península de Brunswick? É aqui, ao fundo da baía Fortescue, no Porto Galante, que os navios vêm muitas vezes arribar. Será preciso ir além e dobrar o cabo Forward, ao sul da península? Aqui está a baía São Nicolau, ou baía de Bougainville, onde faz escala a maior parte dos navios que atravessam o estreito. Enfim, para além ainda, aqui está o Porto da Fome e, mais ao norte, Punta Arena.

O mestre tinha razão.

Uma vez entrados no estreito, a chalupa teria numerosos pontos onde entrar.

Nestas condições estava, pois, seguro o regresso à pátria, sem falar no encontro dos navios que se dirigem para a Austrália ou Nova Zelândia. Se Porto Tamar, Porto Galante e Porto da Fome oferecem poucos recursos, Punta Arena, pelo contrário está provida de tudo o que é necessário à existência. E este grande estabelecimento, fundado pelo Governo chileno, forma uma verdadeira vila, edificada no litoral, com uma linda igreja, cuja flecha se ergue entre as soberbas árvores da península de Brunswick. Está em plena prosperidade, enquanto a estação do Porto da Fome é agora, somente, uma aldeia em ruínas.

Decerto, na época atual, existem — mais ao sul outras colónias que são visitadas por expedições científicas — tais são a estação de Liwyia, ao cimo da ilha Navarino, e principalmente a de Ooshooia, no canal de Beagle, abaixo da Terra de Fogo. Esta última, graças à dedicação dos missionários ingleses,

auxilia muito o reconhecimento destas regiões, onde os Franceses deixaram numerosos vestígios da sua passagem, do que dão testemunho os nomes de umas, Clouén Pasteur, Chanzy e Grévy, dados a certas ilhas do arquipélago de Magalhães.

A salvação dos moços colonos seria, portanto, certa se chegassem a alcançar o estreito.

Para o alcançar, é verdade, seria preciso consertar a chalupa do Severn, e, para isto, apoderar-se dela — o que não seria possível senão depois que Walston e os seus cúmplices o não pudessem impedir.

Ainda se essa embarcação tivesse ficado no sítio em que Doniphan a tinha encontrado, na costa do Severn-shores, talvez que fosse possível apoderarem-se dela. Walston, presentemente instalado a quinze milhas daquele ponto, ao fundo de Deception-bay, sem dúvida que nada teria sabido desta tentativa.

Evans teria podido fazer o mesmo que ele tinha feito, isto é, conduzir a chalupa, não à embocadura do East-river, mas à do rio Zealand, ou mesmo, subindo o rio, até à altura de French-den. Aí, as reparações podiam ser feitas em melhores condições, sob a direção do mestre. Em seguida, a embarcação aparelhada e cheia de munições, provisões e alguns objetos que não se deviam abandonar ter-se-ia afastado da ilha antes que os malfeitores tivessem podido atacá-la.

Por desgraça, este plano não era exequível. A questão da partida não podia ser decidida senão pela força ou tomando a ofensiva ou ficando na defensiva. Nada havia a fazer enquanto não se pudesse vencer a equipagem do Severn.

Evans, contudo, inspirava uma confiança absoluta aos moços colonos. Kate tinha-lhes falado tanto dele e em termos tão calorosos! Desde que o mestre tinha podido cortar o cabelo e a barba, a sua fisionomia ousada e franca, serenava completamente os ânimos. Se era bravo e enérgico, era igualmente bom e dotado de um caráter resoluto, capaz de todas as dedicações. Na verdade, como o tinha dito Kate, era um enviado do Céu que acabava de aparecer em French-den, um homem, enfim, no meio daquelas crianças.

Em primeiro lugar, quis o mestre saber quais os recursos de que poderia servir-se para a resistência.

Store-room e o hall pareceram-lhe convenientemente dispostos para a defensiva. Pelas suas posições, um dominava a margem e o curso do rio, e o outro o Sport-terrace até à margem do lago. As seteiras permitiriam atirar nestas direções, ficando-se sempre a coberto. Com as suas oito espingardas, os assaltados poderiam conservar os assaltantes a distância, e metralhá-los com as duas peças pequenas se eles se aventurassem a ir até French-den.

Quanto aos revólveres, machados e facas de bordo, todos saberiam servir-se dessas armas no caso de chegar-se a um combate corpo a corpo.

Evans aprovou a ideia que Briant tivera de ter amontoado no interior as pedras necessárias para impedir que as duas portas pudessem ser arrombadas. Se, da parte de dentro, os defensores eram relativamente fortes, de fora, seriam fracos.

É necessário não esquecer que eles eram apenas seis rapazes de treze a quinze anos contra sete homens vigorosos, habituados a manejar as armas e audaciosos até ao ponto de não recuarem perante o

assassínio.

— Considera-os então como malfeitores temíveis, mestre Evans? — perguntou Gordon.

— Sim, Sr. Gordon, e muito temíveis.

— Exceto um deles, que talvez não esteja perdido de todo! — declarou Kate —, esse Forbes que me salvou a vida...

— Forbes? — voltou Evans. — Eh! Com mil diabos! Quer ele tenha sido levado por maus conselhos, quer por medo dos seus companheiros, é certo que não deixou de cooperar no morticínio do Severn! Além disso, não foi esse patife que se lançou em minha perseguição, juntamente com Rock? Não foi ele que atirou sobre mim como se eu fora um animal feroz? Não foi ele que se felicitou por julgar que eu me tinha afogado no rio? Não, minha boa Kate, receio bem que ele não valha mais do que os outros! Se a poupou, é porque bem sabia que esses velhacos tinham ainda necessidade dos seus serviços, e não ficará atrás quando se tratar da marcha contra French-den!

Entretanto, passaram-se alguns dias. Nada de suspeito tinha sido notado pelos moços colonos que observavam os arredores do alto de Auckland-hill. Não deixava isto de surpreender Evans. Conhecendo os projetos de Walston e sabendo o interesse que ele tinha em se apressar, perguntava a si mesmo a razão por que desde 27 de novembro nenhuma demonstração tinha sido ainda feita.

Veio-lhe então à ideia que Walston procuraria, sem dúvida, empregar a astúcia em lugar da força, a fim de penetrar dentro de French-den. E disso preveniu Briant, Gordon, Doniphan e Baxter, com os quais mais frequentemente conferenciava.

— Enquanto estivermos encerrados em French-den — ponderou ele —, Walston não poderá forçar esta ou aquela porta se ninguém lhas abrir! Pode, portanto, tentar os meios astuciosos...

— E como?... — inquiriu Gordon.

— Talvez do modo que me veio à ideia — respondeu Evans. — Bem sabem, meus rapazes, que só Kate e eu é que podíamos denunciar Walston como sendo o chefe de um bando de salteadores, cujos ataques a pequena colônia teria de recear. Ora, Walston não duvida de que Kate tenha morrido no naufrágio. A meu respeito, julga ele que eu me afoguei no rio, depois dos tiros de Rock e de Forbes — e não ignoram que até o ouvi felicitar-se por tal motivo. Walston deve, pois, julgar que de nada estão prevenidos — nem mesmo da presença dos marinheiros do Severn nesta ilha, e que, se um deles se apresentasse em French-den, seria acolhido como qualquer náufrago. Ora, uma vez que o velhaco estivesse cá dentro, ser-lhe-ia muito fácil introduzir os seus companheiros — o que tornaria toda a resistência impossível!

— Pois bem — respondeu Briant —, se Walston ou qualquer outro do bando vier pedir-nos hospitalidade, recebê-los-emos a tiro!

— A não ser que seja de mais esperteza recebê-lo com cumprimentos! — observou Gordon.

— E talvez, Sr. Gordon — admitiu o mestre. — Talvez seja isso melhor! Astúcia contra astúcia. Por isso, no momento próprio, veremos o que se deve fazer!

Sim! Convinha proceder com a maior circunspeção. Com efeito, se as coisas levassem bom caminho, se Evans conseguisse apoderar-se da chalupa do Severn, podia-se julgar que não estava muito afastada a hora da libertação.

Mas quantos perigos havia ainda! E, além disso, estariam ainda vivos todos quando fossem a caminho da Nova Zelândia?

A manhã do dia seguinte passou-se sem novidade.

O mestre, acompanhado por Doniphon e Baxter, subiu durante meia milha na direção de Traps-woods, escondendo-se atrás das árvores agrupadas na base de Auckland-hill.

Nada viu, porém, de anormal, e Phann, que o seguia, não teve ocasião de o fazer desconfiar.

Pela tarde, contudo, um pouco antes do pôr do Sol, houve um alarme. Webb e Cross, que estavam de sentinela sobre o rochedo, tinham descido precipitadamente, indicando a aproximação de dois homens, que avançavam pela margem meridional do lago, do outro lado do rio Zealand.

Kate e Evans, não querendo ser reconhecidos, entraram sem demora em Store-room. Depois, olhando através de uma das seteiras, observaram os homens indicados. Eram dois dos companheiros de Walston — Rock e Forbes.

— Evidentemente — observou o mestre —, querem empregar a astúcia, e vão apresentar-se aqui como marinheiros que acabam de escapar a um naufrágio!

— Que devemos fazer? — perguntou Briant.

— Fazer-lhes bom acolhimento — aconselhou Evans.

— Bom acolhimento a esses miseráveis! — exclamou Briant. — Nunca poderei...

— Eu me encarrego disso — ofereceu-se Gordon.

— Muito bem, Sr. Gordon! — aprovou o mestre. — E, sobretudo, é necessário que eles não suspeitem da nossa presença. Kate e eu mostrar-nos-emos quando for oportuno!

Evans e a sua companheira foram, então, esconder-se no fundo de um dos redutos do corredor, cuja porta se fechou sobre eles.

Alguns instantes depois, Gordon, Briant, Doniphon e Baxter corriam à borda do rio Zealand.

Ao vê-los, os dois homens fingiram extrema surpresa, à qual Gordon correspondeu também com surpresa não menor.

Rock e Forbes pareciam estar cheios de fadiga; e logo que chegaram junto do rio trocaram-se, de uma a outra margem, as seguintes palavras:

— Quem são?

— Somos náufragos que acabamos de nos perder ao sul da ilha, com o navio Severn.

— São ingleses?

— Não; americanos.

— E os seus companheiros?

— Morreram! Só nós escapámos do naufrágio, e estamos extenuados de forças! Fazem-nos o favor de

dizer quem são?

— Os colonos da ilha Chairman.

— Pois tenham piedade de nós e façam-nos bom acolhimento, que estamos sem recursos.

— Os náufragos têm sempre direito ao auxílio dos seus semelhantes — respondeu Gordon. — Serão bem-vindos!

A um sinal de Gordon, Moko saltou para a canoa, que estava amarrada perto do pequeno dique, e, dentro em pouco, trouxe os dois marinheiros para a margem direita do rio Zealand.

É verdade que Walston não pudera escolher, mas é preciso confessar que a fisionomia de Rock não inspirava confiança — nem mesmo a crianças, por muito pouco habituadas que elas estivessem a decifrar uma fisionomia humana.

Apesar dos esforços para parecer um homem de bem, que tipo de bandido o deste Rock, com a fronte estreita, a parte de trás da cabeça larga e as mandíbulas inferiores muito pronunciadas! Forbes — aquele que possuía ainda alguns sentimentos de humanidade, segundo o que dissera Kate — apresentava melhor aspeto. Por esse motivo é que, provavelmente, Walston o mandara com o outro.

Ambos representaram então o seu papel de náufragos. Contudo, temendo provocar suspeitas, se tivessem de responder a perguntas muito precisas, fingiram-se mais exaustos de fadiga que de fome, e pediram que os deixassem descansar e passar a noite em French-den. Foram logo conduzidos para lá.

Quando entraram — o que não escapou a Gordon — não puderam deixar de dirigir olhares bastante investigadores para a disposição do hall. Pareceram até surpreendidos ao verem o material defensivo que a colónia possuía — sobretudo a peça assestada através da canhoneira.

Por consequência, os moços colonos — a quem isso repugnava muito — não tiveram de continuar o seu papel, visto que Rock e Forbes tinham pressa de se deitar depois de terem adiado para o dia seguinte a narração das suas aventuras.

— Não precisamos senão de um feixe de ervas — disse Rock. — Mas, como não queríamos incomodá-los, se tivessem outro quarto sem ser este...

— Temos — respondeu Gordon — o que nos serve de cozinha; podem instalar-se aí até amanhã!

Rock e o seu companheiro entraram em Store-room, cujo interior examinaram num relance de olhos, depois de terem verificado que a porta dava para o rio.

Realmente, o acolhimento feito aos pobres náufragos não podia ser melhor!

Os dois bandidos deviam pensar que, para se desembaraçarem daqueles inocentes, não era preciso grande esforço de imaginação!

Rock e Forbes estenderam-se num canto de Store-room. Não ficaram sós, é verdade, porque era aí que Moko dormia; mas eles não se preocupavam com o grumete, muito decididos a estrangulá-lo num segundo se ele se lembrasse de dormir só com um olho.

À hora combinada, Rock e Forbes abririam a porta de Store-room, e Walston, que rondava na praia com os seus quatro companheiros, tornar-se-ia logo senhor de French-den.

Cerca das nove horas, quando Rock e Forbes fingiam dormir, Moko entrou e deitou-se em cima da cama, pronto para dar sinal.

Briant e os outros tinham ficado no hall. Em seguida, depois de fecharem a porta do corredor, Evans e Kate foram ter com eles.

Tudo se passava como o mestre tinha previsto, e havia a certeza de Walston estar nas proximidades de French-den.

— É preciso estarmos acautelados! — disse ele.

Contudo, decorreram duas horas, e Moko perguntava a si mesmo se Rock e Forbes teriam adiado a sua maquinação para outra noite quando lhe chamou a atenção um leve ruído que se produzia no interior de Store-room.

À luz mortiça da lanterna suspensa da abóbada viu então Rock e Forbes deixarem o canto onde estavam estendidos e arrastarem-se para o lado da porta.

Essa porta estava fortalecida por um montão de pedras enormes — verdadeira barricada que seria difícil, para não dizer impossível, derrubar. Os dois marinheiros começaram a tirar as pedras, uma a uma, arrumando-as à parede da direita. Em alguns minutos a porta ficou completamente livre. Faltava só tirar a barra de ferro que a segurava pelo lado de dentro para que a entrada em French-den fosse a coisa mais fácil do mundo.

Mas no momento em que Rock, depois de tirar a dita barra, ia a abrir a porta, sentiu alguém segurar-lhe o braço. Voltou-se e reconheceu o mestre, em quem a luz da lanterna dava em cheio.

— Evans! — exclamou ele. — Evans aqui!

— Acudam, meus rapazes! — gritou o mestre.

Briant e os seus camaradas precipitaram-se imediatamente em Store-room. Aí, Forbes, agarrado pelos rapazes mais vigorosos, Baxter, Wilcox, Doniphan e Briant, ficou impossibilitado de fugir.

Quanto a Rock, repelira Evans com um movimento rápido, erguendo a faca, que feriu o mestre levemente no braço esquerdo. Em seguida, abriu a porta e correu para fora. Ainda não tinha dado vinte passos quando se ouviu uma detonação.

Era o mestre que acabava de disparar um tiro de espingarda sobre Rock. Mas, segundo todas as aparências, a bala não acertara no fugitivo, porque não se ouviu o mais pequeno grito.

— Com mil diabos! Errei o tiro! — exclamou Evans. — Quanto ao outro... sempre é um de menos!

E com a faca de mato na mão ergueu o braço para Forbes.

— Perdão!... — gritou o miserável, que os rapazes conservavam imóvel, no chão.

— Sim! Perdão, Evans! — repetiu Kate, lançando-se entre o mestre e Forbes. — Perdoe-lhe, porque ele salvou-me a vida!...

— Seja — respondeu Evans. — Perdoe-lhe, Kate, pelo menos nesta ocasião!

E Forbes, amarrado solidamente, foi depositado num dos armazéns do corredor.

Em seguida, a porta de Store-room foi fechada e barricada, e todos estiveram alerta até amanhecer.

Capítulo XIII

No dia seguinte, apesar da fadiga daquela noite sem sono, ninguém pensou em descansar, nem sequer um momento. Agora havia a certeza de Walston empregar a força, visto que a astúcia não dera bom resultado. Rock, em quem o tiro do mestre não acertara, devia ter ido encontrar-se com ele, e informá-lo de que os seus planos tinham sido descobertos e não podia entrar em French-den sem lhe arrombar as portas.

Logo ao amanhecer, Evans, Briant, Doniphan e Gordon saíram do hall com a maior cautela. Com o nascer do Sol, os nevoeiros matinais condensavam-se a pouco e pouco, descobrindo o lago enrugado por uma leve brisa de leste.

Nas proximidades de French-den tudo estava tranquilo, tanto do lado do rio Zealand como do lado de Traps-woods. No interior do cerrado os animais andavam de um lado para o outro, como de ordinário. Phann, que corria em Sport-terrace, não dava o mínimo sinal de inquietação.

Evans tratou de ver, primeiro que tudo, se o solo tinha vestígios de passos. Efetivamente, descobriu muitos — sobretudo perto de French-den. Cruzavam-se em sentidos diversos, e indicavam que, durante a noite, Walston e os seus companheiros tinham avançado até ao rio, esperando que lhes abrissem a porta de French-den.

Quanto a manchas de sangue, não viram nenhuma na areia — prova de que Rock não havia sido ferido pelo tiro do mestre.

Mas havia uma questão a decidir: Walston viera, como os falsos náufragos, pelo sul do Family-lake, ou chegara a French-den descendo pelo norte? Neste caso, Rock devia ter fugido para os lados de Traps-woods, a fim de ir ter com ele.

Ora, como era conveniente esclarecer este facto, decidiu-se que se interrogaria Forbes no intuito de se saber que caminho Walston tinha seguido. Forbes consentiria em falar, e, se falasse, diria a verdade? Despertaria nele algum sentimento bom, lembrando-se de que Kate lhe tinha salvo a vida? Esqueceria que tinha pedido hospitalidade aos habitantes de French-den unicamente para traí-los?

Querendo ele mesmo interrogá-lo, Evans entrou no hall, abriu a porta do armazém onde Forbes estava encerrado, alargou as cordas que o amarravam e conduziu-o para fora.

— Forbes — disse Evans —, o arдил que tu e Rock puseram em prática não teve bom resultado. Preciso saber quais são os projetos de Walston, e tu deves conhecê-los. Queres responder?

Forbes curvara a cabeça e, não se atrevendo a erguer os olhos para Evans, para Kate e para os rapazes que o cercavam, conservava-se silencioso.

Kate interveio.

— Forbes — disse ela —, já mostrou alguma compaixão impedindo que os seus companheiros me

matassem, por ocasião da mortandade do Severn. Não quer agora salvar estas crianças de morte ainda mais horrível?

Forbes não respondeu.

— Forbes — prosseguiu Kate —, eles perdoaram-lhe quando merecia a morte! Vamos, a humanidade não pode estar completamente extinta na sua alma! Depois de ter feito tanto mal, pode ainda fazer bem! Lembre-se do crime horrível de que ia ser cúmplice!

Forbes soltou um suspiro, meio abafado.

— Mas que posso eu fazer? — Respondeu ele confuso.

— Podes dizer-nos — replicou Evans — o que tencionavam fazer esta noite, e mais tarde. Esperavas Walston e os outros, que deviam introduzir-se aqui logo que uma das portas se abrisse?...

— É verdade! — Confessou Forbes.

— E estas crianças, que te receberam tão bem, deviam morrer?...

Forbes curvou ainda mais a cabeça, e, desta vez, não teve forças para responder.

— Por que lado vieram Walston e os outros ter aqui? — perguntou o mestre.

— Pelo norte do lago — respondeu Forbes.

— E Rock e tu vieram pelo sul?...

— Viemos!

— Visitaram a outra parte da ilha, a oeste?

— Ainda não.

— Onde devem estar agora?

— Não sei...

— Não podes dizer mais nada, Forbes?

— Não... Evans... não!...

— E julgas que Walston voltará?

— Parece-me que sim!

Era evidente que Walston e os seus, assustados pelo tiro do mestre, e compreendendo que o seu plano estava descoberto, tinham achado prudente conservar-se afastados, esperando alguma ocasião mais favorável. Evans, vendo que Forbes não sabia mais nada, conduziu-o para o armazém, cuja porta foi fechada pelo lado de fora.

A situação continuava a ser extremamente grave. Onde estava agora Walston? Estaria acampado debaixo das árvores de Traps-woods? Forbes não pudera ou não quisera dizê-lo. E, contudo, era importantíssimo saber a verdade. Por isso ocorreu ao mestre a ideia de fazer uma exploração para aqueles lados, apesar dos perigos que isso apresentava.

Perto do meio-dia, Moko foi levar algum alimento ao prisioneiro. Forbes, muito abatido, quase que não lhe tocou. Que se passava na alma deste desgraçado? A sua consciência ter-se-ia aberto ao remorso? Não se sabia.

Depois do almoço, Evans informou os moços colonos do seu Projeto de avançar até Traps-woods, tal era o desejo que tinha de saber se os malfeitores ainda estavam nos arredores de French-den. Esta proposta foi aprovada sem discussão, e tomaram-se precauções para prevenir qualquer eventualidade desagradável.

É certo que Walston e os seus companheiros eram apenas seis, depois da captura de Forbes, enquanto que a pequena colónia se compunha de quinze rapazes, sem contar Kate e Evans — ao todo dezassete. Mas deste número deviam eliminar-se os mais novos, que não podiam tomar parte diretamente em uma luta. Portanto, decidiu-se que, enquanto o mestre operasse o reconhecimento, Iverson, Jenkins, Dole e Costar ficariam no hall, com Kate, Moko e Jaime, protegidos por Baxter. Quanto aos maiores, Briant, Gordon, Doniphan, Cross, Service, Webb, Wilcox e Garnett, acompanhariam Evans. Oito rapazes para lutarem com seis homens na força da idade era uma partida desigual. É verdade que cada um deles tinha uma espingarda e um revólver, enquanto que Walston possuía apenas cinco espingardas, que pertenciam ao Severn. Por isso, nestas condições, um combate a distância parecia apresentar probabilidades mais favoráveis, visto Doniphan, Wilcox e Cross serem bons atiradores e muito superiores, nisto, aos marinheiros americanos. Além disso, as munições não lhes faltariam, e Walston, segundo dissera o mestre, devia estar reduzido a alguns cartuchos apenas.

Eram duas horas depois do meio-dia quando o pequeno exército se formou, dirigido por Evans. Baxter, Jaime, Moko, Kate e os pequenos entraram imediatamente para French-den, cujas portas fecharam; mas não as barricaram, a fim de que, sendo preciso, o mestre e os outros pudessem abrigar-se rapidamente.

Afinal não havia que temer do lado do sul, nem mesmo de oeste, pois para seguir essa direção era preciso que Walston chegasse a Sloughi-bay para subir o vale do rio Zealand — o que levaria muito tempo. Além disso, a julgar pela resposta de Forbes, ele descera pela margem oeste do lago e não conhecia essa parte da Ilha. Evans não devia, pois, recear ser surpreendido. Um ataque só podia vir do lado do Norte.

Os rapazes e o mestre avançaram prudentemente, costeando a base de Auckland-hill. Para diante do cerrado, as moitas e os grupos de árvores permitiam-lhes que alcançassem a floresta sem se descobrirem muito.

Evans caminhava na frente — depois de ter reprimido o ardor de Doniphan, sempre pronto para ir adiante. Quando passou o outeirinho que cobria os restos do naufrago francês, o mestre julgou oportuno cortar obliquamente, a fim de se aproximar da margem do Family-lake.

Phann, que Gordon diligenciava conter, mas em vão, parecia escutar, de orelha fita e o nariz no solo, e em breve pareceu ter achado uma pista.

— Atenção! — recomendou Briant.

— Sim — disse Gordon. — Não é a pista de um animal! Vejam as maneiras de Phann!

— Vamos devagar por entre as ervas — aconselhou Evans —, e o Sr. Doniphan, que é bom atirador,

se algum daqueles bandidos aparecer a distância conveniente não erre o tiro! Nunca uma bala seria tão bem empregada!

Alguns momentos depois todos tinham chegado aos primeiros grupos de árvores. Aí, no limite de Traps-woods, havia ainda vestígios de paragem recente, ramos meio consumidos, cinzas ainda quentes.

— Foi aqui, com certeza, que Walston passou esta noite — observou Gordon.

— E talvez estivesse aqui há poucas horas! — sugeriu Evans.

— Parece-me que é melhor descermos para a penedia...

Neste momento ouviu-se uma detonação, à direita. Pela cabeça de Briant roçou uma bala, que foi cravar-se na árvore à qual ele estava encostado.

Quase em seguida ouviu-se outro tiro, seguido por um grito, enquanto que uma massa disforme caía por detrás de uma das árvores, a cinquenta passos dali.

Era Doniphan que acabava de disparar na direção do fumo do primeiro tiro.

O cão precipitou-se então para aquele lado, ladrando furiosamente.

— Aqui, Phann, aqui! — gritou Gordon.

Mas o cão não obedeceu, e Doniphan, não podendo conter-se, correu atrás dele.

— Avante! — disse Evans. — Não podemos deixá-lo ir só!...

Um momento depois, tendo-se reunido a Doniphan, paravam todos diante de um corpo estendido no meio das ervas, e que já não dava sinal de vida.

— Este é Pike! — informou Evans. — Morreu, o patife. Não se perdeu nada. É um de menos!

— Os outros não podem estar longe! — observou Baxter.

— Não, decerto, meu rapaz! Por isso não nos descubramos!... De joelhos!... De joelhos!...

Ouviu-se terceira detonação, desta vez partindo da esquerda. Service, que não curvou a cabeça a tempo, sentiu uma bala roçar-lhe pela frente.

— Feriu-te?... — exclamou Gordon, correndo para ele.

— Não é nada, Gordon, não é nada! — respondeu Service. — É uma arranhadura!

Neste momento, era conveniente que não se separassem. Com a morte de Pike, restavam Walston e quatro dos seus companheiros, que deviam estar a pequena distância, atrás das árvores. Por isso, Evans e os outros, agachados entre as ervas, formavam um grupo compacto, pronto para a defensiva, de qualquer lado que partisse o ataque.

De repente, Garnett exclamou:

— Onde está Briant?

— Não o vejo — respondeu Wilcox.

Efetivamente, Briant tinha desaparecido, e como naquele momento Phann começou a ladrar com violência, era possível que o corajoso rapaz estivesse nas mãos de alguns homens do bando. — Briant!... Briant!... — gritou Doniphan.

E sem refletirem correram todos, seguindo as pegadas de Phann. Evans não pudera contê-los. Iam de

árvore em árvore, ganhando terreno.

— Cuidado, mestre, cuidado! — gritou de repente Cross, deitando-se de bruços no chão.

O mestre curvou a cabeça instintivamente, no momento em que uma bala passava algumas polegadas acima dele.

Em seguida, erguendo-se, avistou um dos companheiros de Walston, que fugia através do bosque.

Era exatamente Rock, o que lhe escapara na véspera.

— Sentido, Rock! — gritou ele.

Fez fogo, e Rock desapareceu, como se o solo se tivesse aberto, de repente, a seus pés.

— Erraria outra vez o tiro?... — exclamou Evans. — Com mil diabos! Já era infelicidade!

Tudo isto se passara em alguns segundos. Neste momento ouviu-se ladrar o cão perto dali. Quase em seguida ouviu-se a voz de Doniphan.

— Coragem, Briant!... Coragem! — gritava ele.

Evans e os seus amigos dirigiram-se para aquele lado e viram Briant lutando com Cope, a vinte passos dali.

O miserável deitara o rapaz por terra, e ia feri-lo com a faca de mato quando Doniphan, que chegou a tempo de desviar o golpe, se atirou a Cope, antes de ter podido agarrar no revólver.

A faca acertou-lhe em cheio no peito... O rapaz caiu sem soltar um grito.

Cope, vendo que Evans, Garnett e Webb procuravam cortar-lhe a retirada, fugiu na direção do norte, perseguido por muitos tiros, que foram disparados simultaneamente. Desapareceu, e Phann voltou sem ter podido alcançá-lo.

Logo que pôde erguer-se, Briant correu para Doniphan, amparando-lhe a cabeça e tentando reanimá-lo...

Evans e os outros tinham ido ter com eles, depois de tornarem a carregar as armas.

Realmente a luta começara com desvantagem para Walston, visto que Pike estava morto, e provavelmente Cope e Rock deviam estar fora de combate.

Infelizmente, Doniphan tinha sido ferido, e mortalmente, segundo parecia. Com os olhos fechados, o rosto branco como a cera, não fazia um movimento, nem ouvia Briant, que o chamava.

Entretanto, Evans curvara-se sobre o corpo do pobre rapaz. Desabotoou-lhe o casaco e rasgou-lhe a camisa, que estava banhada em sangue. Uma ferida triangular vertia sangue, na altura da quarta costela, do lado direito.

A ponta da faca tocara-lhe no coração? Não, visto que Doniphan ainda respirava. Mas devia-se rezear que tivesse chegado ao pulmão, porque a respiração do ferido era extremamente fraca.

— Transportemo-lo para French-den! — disse Gordon. — Só aí é que podemos tratá-lo...

— E salvá-lo! — exclamou Briant. — Ah! meu pobre camarada!... Foi por mim que expuseste a vida!

Evans aprovou a proposta de levarem Doniphan para French-den — mesmo porque naquele momento a luta parecia ter um intervalo. Provavelmente, Walston, vendo que as coisas corriam mal, tomara o

partido de bater em retirada para as profundezas de Traps-woods.

Contudo, o que inquietava Evans era ele não ter avistado Walston, nem Brandt, nem Cook, e estes não eram os menos temíveis do bando.

O estado de Doniphan exigia que o transportassem sem o agitarem. Assim, Baxter e Service formaram rapidamente uma padiola de ramos, onde estenderam o ferido, que não tornara a si. Depois, quatro dos seus camaradas ergueram-no suavemente, enquanto os outros o rodeavam, de espingarda armada e revólver em punho.

O cortejo seguiu diretamente a base de Auckland-hill. Era melhor do que seguir a margem do lago. Costeando os rochedos, não era preciso tomar sentido senão no lado esquerdo e no de trás. Esta marcha penosa não foi perturbada pelo mínimo incidente. Às vezes, Doniphan soltava um suspiro tão doloroso que Gordon fazia sinal para suspenderem a marcha a fim de lhe escutar a respiração, e, um momento depois, continuavam a caminhar.

Três partes do caminho foram feitas nestas condições. Restavam apenas oitocentos ou novecentos passos para chegarem a French-den, cuja porta ainda não se podia avistar, oculta como estava por uma saliência de rochedos.

De repente, ouviram-se gritos do lado do rio Zealand. Phann correu nessa direção.

Era evidente que French-den estava sendo atacada por Walston e pelos seus dois companheiros.

Efetivamente, eis o que se passara — como se soube depois.

Enquanto Rock, Cope e Pike, emboscados detrás das árvores de Traps-woods, entretinham o pequeno bando do mestre, Walston, Brandt e Cook tinham subido Auckland-hill, atravessando o leito seco da corrente de Dick-creek. Em seguida, depois de percorrerem rapidamente o planalto superior, desceram pela garganta que ia ter à margem do rio, perto da entrada de Store-room.

Chegando aí, conseguiram arrombar a porta, que não estava barricada, e invadiram French-den.

E, agora, Evans chegaria a tempo de evitar uma catástrofe?

O mestre tomou o seu partido rapidamente. Enquanto Cross, Webb e Garnett ficavam junto de Doniphan, que não se podia deixar só, Briant, Gordon, Service, Wilcox e ele precipitaram-se na direção de French-den, pelo caminho mais curto.

Alguns minutos mais tarde, logo que puderam avistar Sport-terrace, o que viram tirou-lhes toda a esperança!

Walston saía, naquele momento, pela porta do hall, arrastando uma criança para o rio.

Esta criança era Jaime. Kate, que se precipitara sobre Walston, diligenciava, debalde, tirar-lha.

Um momento depois aparecia o segundo companheiro de Walston, Brandt, que se apoderara do pequeno Costar, levando-o para o mesmo lado.

Baxter correu para Brandt; mas, repellido violentamente, caiu no solo.

Quanto às outras crianças, Dole, Jenkins, Iverson, não apareciam, da mesma maneira que Moko. Já teriam sucumbido no interior de French-den?

Entretanto, Walston e Brandt dirigiram-se rapidamente para o rio. Podê-lo-iam atravessar sem ser a nado?

Decerto, pois Cook estava lá, junto da canoa, que tinha ido buscar a Store-room.

Logo que chegassem à margem esquerda estavam livres de perigo.

Antes que pudessem cortar-lhes a retirada, chegariam ao acampamento de Bear-rock, com Jaime e Costar, que serviriam de reféns!

Evans, Briant, Gordon, Cross e Wilcox corriam sem tomar fôlego, esperando chegar a Sport-terrace antes que Walston, Cook e Brandt estivessem em segurança do outro lado do rio. Não podiam servir-se das espingardas porque isso seria exporem-se a ferir Jaime e Costar ao mesmo tempo.

Mas Phann estava lá. Acabava de se atirar a Brandt e agarrava-o pela garganta. Este, não podendo defender-se, teve de largar Costar, enquanto Walston arrastava Jaime para a canoa.

De repente, um homem saiu precipitadamente do hall.

Era Forbes.

Iria juntar-se aos seus antigos companheiros de crime, depois de ter arrombado a porta do armazém? Foi o que Walston pensou.

— Ajuda-me, Forbes!... Depressa!... Depressa!... — gritou ele.

Evans parou e ia fazer pontaria quando viu Forbes atirar-se a Walston.

Walston, surpreendido por esta agressão inesperada, foi obrigado a deixar Jaime, e, voltando-se, deu uma facada em Forbes.

Este caiu aos pés de Walston.

Isto passou-se em tão pouco tempo que, neste momento, Evans, Briant, Gordon, Service e Wilcox estavam ainda a uns cem passos de Sport-terrace.

Walston quis tornar a apoderar-se de Jaime, a fim de o levar até à canoa, onde Cook o esperava, com Brandt, que conseguira desembaraçar-se do cão., Não teve tempo para isso. Jaime, que tinha um revólver na mão, descarregou-lho no peito. Walston, ferido gravemente, arrastou-se com muito custo para junto dos seus dois companheiros, que lhe pegaram e embarcaram, impelindo vigorosamente a canoa.

Nesse momento ouviu-se uma detonação violenta. As águas do rio foram açoutadas por uma descarga de metralha.

Era a peça, que o grumete acabava de disparar através da canhoneira do Store-room.

E agora, à exceção dos dois miseráveis que tinham desaparecido debaixo dos maciços de Traps-woods, a ilha Chairman estava livre dos assassinos do Severn, arrastados para o mar pela corrente do rio Zealand.

Capítulo XIV

Agora começava uma era nova para os moços colonos da ilha Chairman. Depois de terem lutado para defenderem a existência em condições muito críticas, iam trabalhar com a ideia de saírem dali e tornarem a ver as suas famílias e o seu país.

Depois da excitação causada pelos incidentes da luta, produzia-se neles uma reação muito natural. Estavam fatigados pelo sucesso, no qual não podiam acreditar. O perigo parecia-lhes ainda maior do que quando andavam excitados pela luta. É certo que, depois do primeiro encontro à entrada de Traps-woods, tinham mais probabilidades a seu favor. Mas sem a intervenção de Forbes, Walston, Cook e Brandt ter-lhes-iam escapado! Moko não se atreveria a enviar aquela descarga que teria morto Jaime e Costar ao mesmo tempo que os seus raptos!... Que se teria passado depois disso?... O que seria necessário fazer para salvar as duas crianças?

Assim, quando Briant e os seus camaradas puderam encarar friamente aquela situação, sentiram-se dominados por uma espécie de terror retrospectivo, que durou pouco, apesar de não saberem o que era feito de Rock e de Cope.

Quanto aos heróis da batalha, tinham sido felicitados como mereciam; Moko, pelo seu tiro de canhão, disparado tanto a propósito através da canhoneira de Store-room; Jaime, pelo sangue-frio que mostrara disparando o revólver sobre Walston, e Costar, enfim, que «teria feito o mesmo», disse ele, «se tivesse uma pistola!» Mas não a tinha! Até Phann recebeu uma boa parte das carícias, sem contar um magnífico osso com tutano que Moko lhe deu como gratificação por ele ter atacado às dentadas o celerado que arrastava o rapazinho.

É inútil dizer que Briant, depois do tiro de canhão de Moko, voltara a toda a pressa para o lugar onde os seus camaradas guardavam a padiola. Alguns minutos depois, Doniphan tinha sido depositado no hall, sem ter recuperado os sentidos, enquanto Forbes, erguido por Evans, era estendido na cama de Store-room. Durante toda a noite, Kate, Gordon, Briant, Wilcox e o mestre velaram à cabeceira dos dois feridos.

Doniphan estava ferido muito gravemente, não havia que duvidar. Contudo, como ele respirava com muita regularidade, era porque a faca de Cope não lhe perfurara o pulmão. Para lhe pensar a ferida, Kate recorreu então a certas folhas muito usadas no Far-West, e que foram tiradas de alguns arbustos das margens do rio Zealand. Eram folhas de amieiro, as quais, esfregadas e dispostas em compressas, são muito eficazes para impedir a supuração interna, pois todo o perigo estava nisso. Mas não se dava o mesmo caso com Forbes, que Walston ferira no ventre. Ele sabia que a ferida era mortal, e quando voltou a si, enquanto Kate curvada sobre a cama lhe prodigalizava cuidados, murmurou:

— Obrigado, boa Kate! Obrigado!... É inútil!... Estou perdido!

E as lágrimas corriam-lhe dos olhos.

O remorso tinha então despertado o que havia ainda de bom no coração daquele desgraçado!... Sim! Arrastado, sobretudo, pelos maus conselhos e os maus exemplos, se tomara parte nos crimes do Severn todo o seu ser se revoltara perante a sorte horrível que ameaçava os moços colonos, e arriscara a vida por eles.

— Tem esperança, Forbes! — disse-lhe Evans. — Resgataste os teus crimes... hás de viver...

Não! O desgraçado devia morrer! Apesar dos cuidados de que o cercaram, o agravamento do mal tornava-se mais visível de hora para hora. Durante os poucos momentos de descanso que a dor lhe concedia, dirigia o olhar inquieto para Kate, para Evans!... Derramara sangue, e o dele corria para expiar a sua existência passada...

Cerca das quatro horas da manhã Forbes expirou. Morreu arrependido, com o perdão dos homens e o de Deus, que lhe evitou uma agonia demorada, e foi quase sem sofrimento que exalou o último suspiro.

Enterraram-no no dia seguinte numa cova aberta próximo do lugar onde repousava o naufrago francês, e duas cruzes indicam agora o lugar dos dois túmulos.

Contudo, a presença de Rock e de Cope constituía ainda um perigo, e a segurança não podia ser completa enquanto eles não estivessem impossibilitados de fazer mal.

Evans resolvera, portanto, acabar com eles antes de ir ao porto de Bear-rock.

Gordon, Briant, Baxter, Wilcox e ele partiram nesse mesmo dia, de espingarda ao ombro e revólver à cinta, acompanhados por Phann, pois era muito acertado confiarem no seu Instinto para descobrir uma pista.

As pesquisas não foram difíceis nem demoradas e, devemos acrescentar, nem perigosas. Já não havia nada a reear dos dois cúmplices de Walston. Cope, que tinha deixado sinais de sangue no meio dos arvoredos de Traps-woods, foi encontrado morto a uns cem passos do lugar onde lhe acertara uma bala. Achou-se também o cadáver de Pike, morto no princípio da luta. Quanto a Rock, que desaparecera tão inopinadamente como se a terra o engolisse, Evans obteve depressa a explicação desse facto: o miserável caíra numa das covas abertas por Wilcox, depois de ter sido ferido mortalmente. Os três cadáveres foram enterrados nessa cova, que serviu de túmulo. Em seguida, o mestre e os seus companheiros foram dar à colónia a boa notícia de que já não tinham nada a temer.

A alegria seria completa em French-den se Doniphan não estivesse ferido tão gravemente! Os corações, agora, abriam-se à esperança.

No dia seguinte, Evans, Gordon, Briant e Baxter discutiram os projetos que deviam ser realizados o mais cedo possível. O que convinha, primeiro que tudo, era entrar na posse da chalupa do Severn. Isso exigia uma viagem e até uma estada em Bear-rock, onde se procederia aos trabalhos que fossem necessários para pôr a chalupa em estado de aguentar o mar.

Assim, ficou decidido que Evans, Briant e Baxter iriam lá pelo caminho do lago e do East-river. Era o mais seguro e o mais curto ao mesmo tempo.

A canoa, que foi encontrada num remoinho do rio, não sofrera nada com a descarga de metralha, que lhe passara por cima. Meteram-lhe dentro as ferramentas para o conserto, provisões, munições, armas, e, com um bom vento largo, partiu, na manhã de 6 de dezembro, sob a direção de Evans.

A travessia do Family-lake fez-se rapidamente. Nem foi preciso alargar ou retesar a escota, tão igual e constante era a brisa. Antes das onze horas e meia, Briant indicava ao mestre a pequena enseada por onde as águas do lago desaguavam no leito do East-river, e a canoa, ajudada pela baixa-mar, desceu entre as duas margens do rio. Perto da embocadura, a chalupa, posta a secar, estava estendida na areia de Bear-rock.

Depois de um exame muito minucioso dos consertos que deviam ser feitos, Evans disse o seguinte:

— Meus rapazes, nós temos ferramentas, mas falta-nos com que consertar o cavername e as cintas do costado. Ora, em French-den há pranchas e curvas que provêm do casco do Sloughi, e se pudéssemos conduzir a embarcação para o rio Zealand...

— Era nisso que eu pensava — respondeu Briant. — É impossível, mestre Evans?

— Parece-me que não — replicou Evans. — Visto que a chalupa veio bem dos Severn-shores até Bear-rock, também pode ir de Bear-rock até ao rio Zealand. Aí, o trabalho podia fazer-se mais facilmente, e partiríamos de French-den em direção a Sloughi-bay, onde embarcaríamos.

Se este projeto fosse realizável, não se podia imaginar outro melhor. Assim, decidiu-se aproveitar a maré do dia seguinte para subir o East-river, rebocando a chalupa com a canoa.

Primeiro que tudo, Evans tratou de tapar as fendas da embarcação com rolhas de estopa, que trouxera de French-den, e este primeiro trabalho não terminou senão a horas muito adiantadas.

A noite passou-se tranquilamente no fundo da gruta, onde Doniphan e os seus companheiros tinham escolhido domicílio por ocasião da sua primeira visita a Deception-bay.

No dia seguinte, ao amanhecer, pôs-se a chalupa a reboque da canoa, e Evans, Briant e Baxter partiram com a maré a encher. Manejando os remos, enquanto a maré se fez sentir, foram andando menos mal. Mas logo que a vazante tomou força, a embarcação, tornando-se mais pesada por causa da água que lhe entrava dentro, foi rebocada com muito custo. Por isso, eram cinco horas e meia da tarde quando a canoa chegou à margem direita do Family-lake.

O mestre achou prudente não se exporem, nestas condições, a uma travessia noturna.

Além disso, o vento tendia a abrandar com a noite e, provavelmente, o que acontecia durante o bom tempo, a brisa tornava a refrescar com os primeiros raios do Sol.

Acamparam naquele sítio, comeram com apetite, dormiram profundamente, com a cabeça encostada ao tronco de uma faia enorme e os pés diante de uma fogueira, que esteve acesa até de madrugada.

— Embarquemos! — foi a primeira palavra que o mestre pronunciou logo que os clarões matinais iluminaram as águas do lago.

A brisa do nordeste voltara com o dia. O mestre não podia desejar um tempo mais favorável para se dirigirem a French-den.

A vela foi içada e a canoa, arrastando a pesada embarcação, que estava cheia de água até à amurada, seguiu em direção a oeste.

Não houve incidente algum durante esta travessia do Family-lake. Evans, por prudência, ia sempre pronto para cortar a corda que prendia a canoa à chalupa, no caso de esta ir a pique, porque arrastaria a canoa consigo. Grave apreensão, esta! Efetivamente, se a embarcação se submergisse, a partida ficava adiada indefinidamente, e talvez se vissem obrigados a estar ainda muito tempo na ilha Chairman!

Os cumes de Auckland-hill apareceram finalmente a oeste pelas três horas da tarde. Às cinco horas, a canoa e a chalupa entravam no rio Zealand e ancoravam ao abrigo da pequena enseada. Evans e os seus companheiros, que não eram esperados tão cedo, foram recebidos por hurras.

Durante a sua ausência, o estado de Doniphan melhorara um pouco. O corajoso rapaz pôde corresponder aos apertos de mão do seu camarada Briant. Respirava mais livremente, porque o pulmão não tinha sido atacado. Apesar de ter uma dieta muito severa, as forças começavam a voltar-lhe, e com as compressas de ervas, que Kate renovava de duas em duas horas, a ferida não tardaria a fechar. É verdade que a convalescença devia ser muito demorada; mas Doniphan tinha tanta vitalidade que a cura completa era apenas questão de tempo.

No dia seguinte empreenderam-se os trabalhos do conserto da embarcação. Primeiro foi preciso empregarem grande esforço a fim de trazerem a chalupa para terra. Com trinta pés de comprimento e seis de largo na viga mestra, devia chegar para os dezassete passageiros de que se compunha então a colónia, contando com Kate e o mestre.

Terminada esta operação, os trabalhos seguiram o seu curso regularmente. Evans, tão bom carpinteiro como marinheiro, entendia-se com o negócio, e pôde apreciar a habilidade de Baxter. Os materiais não faltavam, nem tão-pouco as ferramentas. Com os restos do casco da escuna puderam consertar-se as curvas, as cintas do costado desunidas e as barras quebradas; finalmente, a estopa velha, molhada em seiva de pinheiro, permitiu que as costuras do casco ficassem hermeticamente fechadas.

A chalupa, que tinha cobertura na proa, recebeu-a então até aos dois terços, pouco mais ou menos — o que era um abrigo contra o mau tempo, pouco temível durante aquele segundo período do verão. Os passageiros podiam estar debaixo dessa ponte, ou em cima dela — conforme quisessem. O mastro da gávea do Sloughi serviu de mastro grande, e Kate, com as indicações de Evans, conseguiu formar um traquete com a carangueja sobressalente do iate, assim como uma rebeca para a ré e um cutelo para a proa. Com este aparelho ficava a embarcação mais equilibrada e aproveitava todos os ventos.

Estes trabalhos, que durariam trinta dias, não ficaram concluídos antes do dia 8 de janeiro. Restava apenas terminar algumas particularidades de apropriação.

O mestre quis que tudo fosse feito com o maior cuidado. Era preciso que a chalupa ficasse em estado de navegar através dos canais do arquipélago magalânico, percorrer, sendo necessário, algumas centenas de milhas, e no caso de ser preciso descer até Punta Arena, na costa oriental da península de Brunswick.

Deve-se mencionar que, neste lapso de tempo, o Natal fora celebrado com certo aparato, assim como

o primeiro de janeiro daquele ano de 1862—que os moços colonos esperavam não acabar na ilha.

Nesta época, a convalescença de Doniphan estava bastante adiantada para ele poder sair do Hall apesar de estar ainda muito fraco. O ar livre e um alimento mais substancial restituíram-lhe as forças. No entanto os seus camaradas não tencionavam partir enquanto ele não estivesse capaz de suportar uma travessia de algumas semanas sem ter de recluir uma recaída.

Entretanto, a vida habitual, interrompida pela aparição de Walston e dos outros, continuava agora em French-den.

As lições e as conferências é que foram mais ou menos abandonadas. Pois Jenkins, Iverson, Dole e Costar não se consideravam em férias? Wilcox, Cross e Webb continuaram as suas caçadas, ou nas margens dos South-moors ou nos arvoredos de Traps-woods. Agora desprezavam as armadilhas e os laços, apesar dos conselhos de Gordon, económico em munições. Por isso, ouviam-se detonações de diferentes lados, e a despensa de Moko enchia-se de caça fresca — o que permitia que guardassem as conservas para a viagem.

Realmente, se Doniphan pudesse continuar as suas funções de primeiro caçador da colónia, com que ardor ele perseguiria aquela caça de pelo e de pena sem ter de economizar os tiros!

Era um desgosto profundo, o dele, por não poder juntar-se com os seus camaradas! Mas era preciso resignar-se e não cometer imprudências.

Finalmente, durante os últimos dez dias de janeiro, Evans procedeu ao carregamento da embarcação. Briant e os outros tinham vontade de levar tudo o que se salvara do naufrágio do Sloughi... Era impossível, por falta de lugar, e foi necessário fazer uma escolha.

Em primeiro lugar, Gordon pôs de parte o dinheiro que fora recolhido a bordo do iate, e que talvez fosse preciso aos moços colonos para voltarem à pátria. Em seguida, Moko embarcou provisões de boca em quantidade suficiente para o sustento de dezassete passageiros, não só prevendo uma travessia de três semanas, ou mais, como também para o caso de serem obrigados por algum acidente marítimo a desembarcar em uma das ilhas do arquipélago, antes de chegarem a Punta Arena, Porto Galante ou Porto Tamar.

Depois, o resto das munições foi colocado nos cofres da chalupa, assim como as espingardas e os revólveres de French-den. Doniphan pediu que não abandonassem os dois canhões pequenos do iate. Se carregassem muito a embarcação, podiam desfazer-se deles no caminho.

Briant embarcou também a roupa, a maior parte dos livros da biblioteca, os principais utensílios que haviam de servir na cozinha de bordo — entre outros, um dos fogões de Store-room — e os instrumentos necessários para a navegação, relógios marítimos, óculos, bússolas, barquinhas, faróis, sem esquecer o *halkett-boat*. Wilcox escolheu, entre as redes e as linhas, os aparelhos que podiam servir para a pesca durante o caminho.

Quanto à água doce, depois de a tirarem do rio Zealand, Gordon mandou-a meter numa dúzia de barris pequenos, que foram dispostos regularmente ao longo da sobrequilha, no fundo da embarcação,

sem esquecer o resto de brandy, de gin e de outros licores fabricados com os frutos do trulca e da alfarroba.

No dia 3 de fevereiro tudo estava pronto. Faltava só marcar o dia da partida, se Doniphan se sentisse em estado de suportar a viagem.

Sim! O valente rapaz respondia por si mesmo! A ferida cicatrizara completamente e o apetite voltara, não tendo de se acautelar senão em evitar comer de mais. Agora, apoiado ao braço de Briant ou ao de Kate, passeava em Sport-terrace durante algumas horas.

— Vamos!... Vamos!... — disse ele. — Tenho pressa de embarcar!... O mar há de curar-me de todo!

Marcou-se definitivamente o dia 5 de fevereiro para a partida.

Gordon, na véspera, dera liberdade aos animais domésticos. Guanacos, vicunhas, abetardas e toda a família de pena, pouco reconhecidos pelos cuidados que lhe tinham prodigalizado, fugiram, uns correndo à desfilada, outros voando, tão irresistível é o instinto da liberdade.

— Ingratos! — exclamou Garnett. — Depois das atenções que tivemos com eles!

— O mundo é assim! — respondeu Service com tanta seriedade que esta reflexão filosófica foi recebida com uma gargalhada geral.

No dia seguinte, os moços passageiros embarcaram na chalupa, que levava a canoa a reboque.

Mas antes de largar a amarra, Briant e os seus camaradas quiseram reunir-se mais uma vez defronte das sepulturas de Francisco Baudoin e de Forbes. Ajoelharam e rezaram com recolhimento em memória daqueles desgraçados.

Doniphan colocara-se na ré da embarcação, junto de Evans, encarregado de governar. Na proa, Briant e Moko iam nas costas das velas, apesar de se dever contar mais com a corrente para descer o rio Zealand do que com a brisa, cuja direção era muito incerta por causa do maciço de Auckland-hill.

Os restantes, assim como Phann, tomaram lugar na parte anterior da ponte, onde ficaram perfeitamente à vontade.

Desatou-se a amarra e os remos bateram na água.

Três hurras saudaram então aquela morada hospitaleira que, durante tantos meses, oferecera um abrigo tão seguro aos moços colonos, e não foi sem comoção — principalmente da parte de Gordon, que ia muito triste por deixar a sua ilha — que viram Auckland-hill desaparecer por detrás das árvores da praia.

A chalupa, descendo o rio Zealand, não podia ir mais depressa do que a corrente, que não era muito rápida. E além disso, cerca do meio-dia, à altura do pântano de Bog-woods, Evans teve de ancorar.

Efetivamente, naquele ponto do rio o leito era pouco profundo, e a embarcação, muito carregada, corria o risco de encalhar. Era melhor esperar e partirem quando a maré começasse a vazar.

A paragem durou seis horas pouco mais ou menos. Os passageiros aproveitaram-na para comer com apetite, indo depois Wilcox e Cross atirar a algumas narcejas, à entrada dos South-moors.

Mesmo de dentro da chalupa, na ré, Doniphan pôde matar dois tinamus soberbos, que esvoaçavam

por cima da margem direita. Decididamente, estava curado.

Era muito tarde quando a embarcação chegou à embocadura do rio. Por isso, como a escuridão não permitia que se distinguisse por entre os canais do recife, Evans, como marinheiro prudente, quis esperar pelo dia seguinte para continuar a viagem.

A noite foi o mais serena possível. O vento caía com a noite, e quando as aves marinhas, as procelárias e as gaivotas entraram nos buracos dos rochedos, reinou um silêncio absoluto em Sloughi-bay.

No dia seguinte, como a brisa vinha de terra, o mar devia estar bom até à extremidade dos South-moors. Era preciso aproveitar essa circunstância para transpor umas vinte milhas, durante as quais a ressaca seria dura se o vento viesse do largo.

Evans, logo ao amanhecer, fez içar a vela de mezena, o cutelo e a bujarrona. Em seguida, a chalupa, dirigida pela mão segura do mestre, saiu do rio Zealand!

Nesse momento, todos os olhares se dirigiram para o cume de Auckland-hill, e, depois, para os últimos rochedos de Sloughi-bay, que desapareceram ao voltar o American-cape. Então disparou-se um tiro de canhão, seguido de três hurras, enquanto o pavilhão do Reino Unido se desenrolava no topo da embarcação.

Oito horas depois, a chalupa chegava ao canal cercado pelas praias da ilha Cambridge, dobrava South-cape e seguia os contornos da ilha Adelaide.

A extremidade da ilha Chairman acabava de desaparecer no horizonte do norte.

Capítulo XV

É inútil relatar minuciosamente esta viagem através dos canais do arquipélago magalânico. Não houve incidente algum importante. O tempo conservou-se sempre bom. Além disso, naqueles canais, de seis a sete milhas de largura, o mar não teria tempo de se erguer ao sopro de uma tempestade.

Todos esses canais estavam desertos, e, de mais a mais, era melhor não encontrarem os indígenas daquelas paragens, os quais nem sempre são de génio hospitaleiro. Durante a noite viam-se clarões de fogueiras no interior das Ilhas, mas não apareceu nenhum Indígena nas praias.

No dia 11 de fevereiro, a chalupa, que sempre tivera vento favorável, desembocava no estreito de Magalhães pelo canal de Smith, entre a costa oeste da ilha da Rainha Adelaide e as elevações da Terra do Rei Guilherme.

À direita erguia-se o pico Sant'Ana. À esquerda, no fundo da baía de Beau-fort, viam-se algumas dessas geleiras magníficas, a mais elevada das quais tinha sido avistada por Briant a leste da ilha Hanovre — à qual os moços colonos davam sempre o nome da ilha Chairman.

A bordo tudo ia bem, e parece que o ar, carregado de perfumes marinhos, era excelente para Doniphan, porque ele comia e sentia-se com força para desembarcar se se apresentasse ocasião de continuar com os seus camaradas a sua vida de Robinsons.

No dia 12, a chalupa chegou em frente da ilha Tamar, na Terra do Rei Guilherme, cujo porto ou, antes, a enseada, estava deserta naquele momento. Assim, sem parar, depois de ter dobrado o cabo Tamar, Evans tomou a direção do sudoeste através do estreito de Magalhães.

De um lado, a Terra da Desolação desenrolava as suas costas planas e áridas desprovidas da vegetação verdejante que revestia a ilha Chairman. Do outro, desenhavam-se os dentes da serra, caprichosamente recortados, da península Crooker. Era por aí que Evans tencionava procurar os canais do sul, a fim de dobrar o cabo Forward e subir a costa leste da península de Brunswick até ao estabelecimento de Punta Arena.

Não foi preciso ir tão longe.

Na manhã do dia 13, Service, que estava de pé na proa, exclamou:

— Fumo a estibordo!

— Fumo de alguma fogueira de pescadores? — perguntou Gordon.

— Não!... Parece-me que é fumo de vapor! — replicou Evans.

Efetivamente, naquela direção as terras estavam muito afastadas para se poder ver o fumo de um acampamento de pesca.

Briant subiu imediatamente aos aparelhos do mastro de traquete, chegou ao cimo e, alegremente, exclamou também:

— Navio!... Navio!...

A embarcação não tardou a aparecer. Era um paquete de oitocentas a novecentas toneladas, caminhando com uma velocidade de onze a doze milhas por hora.

Da chalupa partiram hurras e tiros de espingarda.

A chalupa fora avistada, e dez minutos depois chegava junto do paquete Grafton, que se dirigia para a Austrália.

O capitão do Grafton, Tom Long, foi posto ao facto das aventuras do Sloughi, Além disso, a perda da escuna tinha dado que falar, tanto em Inglaterra como na América. Tom Long recebeu logo a bordo os passageiros da chalupa: Ofereceu-se até para os conduzir directamente á Auckland — o que o desviava um pouco do seu caminho, visto que o Grafton ia com destino a Melbourne, capital da província de Adelaide, ao sul das terras australianas.

A travessia foi rápida, e o Grafton foi ancorar na enseada de Auckland, no dia 24 de fevereiro.

Tinham decorrido dois anos, mais dia menos dia, desde que os discípulos do Colégio Chairman tinham sido arrastados a mil e oitocentas léguas da Nova Zelândia.

Devemos renunciar a descrever a alegria daquelas famílias, vendo as crianças que todos julgavam tragadas pelo Pacífico. Não faltava nem um dos que a tempestade levara até às paragens da América do Sul.

A notícia de que o Grafton trazia os moços náufragos espalhou-se com rapidez por toda a cidade. A população correu a aclamá-los quando eles caíram nos braços das famílias.

Todos queriam saber minuciosamente o que se passara na ilha Chairman! A curiosidade foi, em breve, satisfeita. Primeiro, Doniphan fez algumas conferências a esse respeito — conferências que obtiveram verdadeiro sucesso, com que o rapaz ficou um pouco orgulhoso. Depois, o jornal de Frenchden, escrito por Baxter, foi impresso, e foram precisos milhares de exemplares para contentar os leitores da Nova Zelândia. Os jornais dos dois mundos reproduziram-no em todas as línguas, pois não havia ninguém que não se interessasse pela catástrofe do Sloughi. A prudência de Gordon, a dedicação de Briant, a coragem de Doniphan, a resignação de todos, pequenos e grandes, tudo foi igualmente admirado.

É inútil insistir na recepção feita a Kate e ao mestre Evans. Não se tinham ambos consagrado à salvação daquelas crianças? Por isso fez-se uma subscrição pública para dar ao corajoso Evans um navio de comércio, o Chairman, do qual foi capitão e proprietário ao mesmo tempo, com a condição de ter o porto de partida em Auckland. E quando as viagens o traziam à Nova Zelândia era sempre recebido com a maior cordialidade pelas famílias dos rapazes.

Quanto à boa Kate, foi solicitada, disputada pelos Briant, pelos Garnett, pelos Wilcox e por muitos outros. Afinal fixou-se em casa de Doniphan, a quem salvara a vida com os seus cuidados.

E como conclusão moral, eis o que se deve deduzir desta narração que justifica, parece-nos, o seu título de *Dois Anos de Férias*.

Os alunos de um colégio nunca, decerto, estarão expostos a passarem as férias em tais condições.

Mas — é bom que as crianças o saibam — com ordem, zelo e coragem não há situações de que se não possa sair. E não esqueçam, sobretudo, quando pensarem nos moços náufragos do Sloughi, experimentados pela dura aprendizagem da existência, que, à volta, os pequenos eram quase grandes e os grandes quase homens.